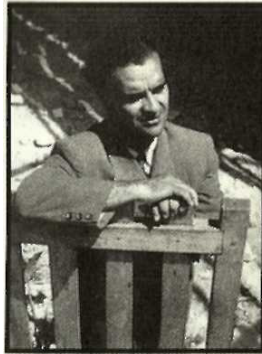


A photograph of two men walking towards the camera through a long, narrow tunnel formed by the arching branches of trees. The scene is bathed in a warm, golden light, creating a sense of depth and nostalgia. The man on the left is wearing a white shirt and dark trousers, while the man on the right is wearing a light-colored suit. The ground is covered in fallen leaves or twigs.

Chico,
Diálogos e Recordações...

Carlos Alberto Braga Costa

Chico, Diálogos e Recordações



Histórias Inesquecíveis

CARLOS ALBERTO BRAGA COSTA
RELATOS DE ARNALDO ROCHA

Chico, Diálogos e Recordações...
Histórias Inesquecíveis

Direitos reservados

União Espírita Mineira

Rua Guarani, 315
Caixa Postal 61
Telefone: (31) 3201-3038
30120-040 – Belo Horizonte
Tiragem: 3.000 exemplares

Tiragem
3a edição, 2008

9.001 a 12.000

Revisada e Ampliada

“Pelo nosso passado, somos simples sombras, mas se o nosso presente procura imantar-se com o Cristo, nossa bússola indicará os horizontes da verdadeira luz em nosso favor.”¹

¹ EMMANUEL (Espírito) *Levantar e Seguir*. Psicografia de Francisco Cândido Xavier, São Bernardo do Campo: GEEM. Lição: Questão de Valor, p.83.

Copyright © 2006 by
Carlos Alberto Braga Costa

Coordenação Editorial
Setor Editorial da União Espírita Mineira
Vicente Amaro da Silva

Criação da Capa
Fernando Braga Costa

Editoração Eletrônica
Cleusa Maria Soares
Fernanda de Souza Maia

Capa
Arnaldo Rocha e Francisco C. Xavier
(1952) Pedro Leopoldo
Entrada da Fazenda Modelo
Fotografias de Época: José Góes e Geraldo Leão
Carlos Alberto B Costa e Arnaldo Rocha
Praça da Liberdade em Belo Horizonte
Fotografias: Fernando Braga Costa

Revisão
Honório Onofre de Abreu
Maria do Carmo J. Avelar
Daniella Arreguy M da Rocha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, MG, Brasil)

Costa, Carlos Alberto Braga
Chico, diálogos e recordações -- : histórias
inesquecíveis / Carlos Alberto Braga Costa. -
Belo Horizonte, MG : União Espírita Mineira,
2006.

Bibliografia.

1. Espíritas - Biografia 2. Xavier, Francisco
Cândido, 1910-2002 I. Título.

06-4116

CDD-133.9092

índices para catálogo sistemático:

1. Espíritas : Biografia e obra

133.9092

3a Edição
2008

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
AO AMIGO LEITOR.....	13
HOMENAGEM AOS AMIGOS.....	17
RECORDAÇÕES DO AMIGO.....	25
CAPÍTULO I.....	31
Reencontro Inesquecível	
CAPÍTULO II.....	37
Oportunidades e Mudanças	
CAPÍTULO III.....	41
Trabalho e Aprendizado	
CAPÍTULO IV.....	47
Sempre Adiante	
CAPÍTULO V.....	57
Uma História de Natal	
CAPÍTULO VI.....	65
Vivendo em Família	
CAPÍTULO VII.....	85
Aprendendo com a Simplicidade	
CAPÍTULO VIII.....	93
Contribuição e Simplicidade	
CAPÍTULO IX.....	105
Paz no Mundo e Paz do Cristo	
CAPÍTULO X.....	115
Crônica na Hora do Adeus	
CAPÍTULO XI.....	127
Há 2000 Anos... – Servir e Marchar	

CAPÍTULO XII.....	145
Progresso e Transformação	
CAPÍTULO XIII.....	155
As Forças do Amanhã	
CAPÍTULO XIV.....	177
No Serviço Redentor	
CAPÍTULO XV.....	193
A Luz Segue Sempre	
CAPÍTULO XVI.....	205
Ante o Poder do Amor	
CAPÍTULO XVII.....	225
A Coroa da Vida	
CAPÍTULO XVIII.....	245
Renúncia e Construção	
CAPÍTULO XIX.....	263
Horizontes da Regeneração	
CAPÍTULO XX.....	283
Alma e Coração	
CAPÍTULO XXI.....	301
Riqueza no Céu	

Pedro Leopoldo



Década de 50

*Este era o local preferido de
Chico para suas meditações*



Casa onde Chico morou em Pedro Leopoldo

Apresentação

A bondade Superior, desde os primeiros passos da presente reencarnação, felicitou-nos com o conhecimento do Espiritismo, abrindo-nos importantes perspectivas para uma nova visão mais clara e melhor fundamentada da própria vida.

Sem dúvida, seus ensinamentos, de expressivas ressonâncias renovadoras, apontam com autoridade à mente sincera e determinada, respostas corretas às indagações milenares, equacionando, ainda, questões da maior complexidade nos territórios da alma. Apontando, com autenticidade e correção, o papel das experiências vivenciadas nas engrenagens do destino, sinaliza, nos fundamentos do Evangelho, o melhor caminho a ser trilhado na elaboração de uma existência mais segura, mais feliz, em foro de imortalidade.

Por sua característica dinâmica, derrama luzes inesgotáveis garantindo a contemporaneidade do ser com a marcha do progresso, canalizando, nos campos espirituais, valores suficientes, ajustados com sabedoria ao avanço científico e filosófico da Humanidade.

Inteiramo-nos dos primeiros registros da Doutrina de Allan Kardec, nos limites de nossos diminutos recursos, num momento em que cada livro de Chico Xavier, que vinha a lume, adentrava o nosso espírito como um ente querido que chegava de “terras longínquas” com inestimáveis preciosidades. Suprindo nossos mais autênticos anseios, eram tais obras acolhidas como preciosas pérolas elaboradas na química do amor através dos séculos.

Integrados a um grupo de estudos na Capital mineira, recolhíamos não só o conteúdo de sua abençoada literatura, mas, também, notícias de importantes fatos vivenciados em Pedro Leopoldo, por muitos que, naquela época, julgávamos privilegiados. Tais relatos nos chegavam não só dos que acompanhavam o trabalho de Chico Xavier, mas, principalmente, de outros que dele participavam, com euforia, na moldura da responsabilidade.

Arnaldo Rocha, que usufruiu da convivência com o querido médium em atividades espirituais e mesmo fora delas, com quem, ao lado de Ênnio Santos, tivemos a feliz oportunidade de estudar por algum tempo na sede da União Espírita Mineira, é o artífice desta obra. Seus apontamentos chegam até nós com simplicidade, sem arroubos sensacionalistas, suprimindo-nos de parcelas dos júbilos por ele experimentados, já que quaisquer fatos conduzidos, vivenciados e registrados no alicerce da verdade e da lealdade não perdem suas ressonâncias educacionais e imortalistas, projetando-se como luzes para o futuro.

O nosso querido Carlos Alberto soube, com paciência e sensibilidade, reunir e dar forma segura e agradável a todo esse acervo, depositado nos escaninhos profundos da alma do ex-consorte de Meimei. Não deixou o redator, também, de anotar como vigoroso atestado de autenticidade das narrativas, grafado com as vibrações do sentimento saudoso e agradecido, as lágrimas e emoções que emergiam do coração desse companheiro todas as vezes que sua memória requisitada, decorrido cerca de meio século das experiências ao lado do querido Chico, resolvia abrir suas comportas, para que viessem à tona novas revelações a premiarem nossas almas empenhadas no aprendizado que prossegue no rumo do porvir.

Aos espíritas ou não, especialmente aos que acompanharam ou vêm estudando os caminhos luminosos trilhados pelo querido médium de Pedro Leopoldo e Uberaba e, principalmente, num preito

de reconhecimento e gratidão por seu carinho e dedicação à União Espírita Mineira, entregamos estes relatos, na certeza de que poderão auxiliá-los, não apenas em seus estudos e pesquisas, mas, também, em suas lutas redentoras.

Sob a inspiração dele que em cada episódio de sua vida, plena e abundante, deixou sempre a marca de um coração consciente de seus deveres no seio da Doutrina dos Espíritos e de fidelidade ao Evangelho, esperamos poder caminhar com coragem, ao influxo do Plano Maior que tutela, em todos os momentos, os nossos corações, no serviço do bem eterno, em permanente ascensão.

Belo Horizonte, 8 de junho de 2006

Honório Onofre de Abreu

“Não se pode pregar a “Doutrina Espírita na sua pureza e transparência inigualáveis, sem referências à fidelidade do médium Francisco Cândido Xavier para com a mesma, assim como à sua extraordinária contribuição oriunda do Mundo Espiritual Superior de que ele se faz dócil e lídimo instrumento”.²

² FRANCO, Divaldo Pereira. IN: *De Amigos para Chico Xavier*. MATTOS, Divaldinho.

Ao amigo leitor

*“Quem ajunta amigos, amontoa amor. Quem amontoa amor, acumula poder”.*³

Este trabalho tem por objetivo brindá-lo com narrativas de Arnaldo Rocha, companheiro que usufruiu da oportunidade de conviver intimamente com o médium Francisco Cândido Xavier, na inesquecível Pedro Leopoldo.

Durante as revelações dos casos, aqui apresentados, muitos ainda inéditos, vivenciamos momentos de grande aprendizado e, portanto, memoráveis para nossa alma, indelevelmente marcada por essa rica experiência.

Chico, Diálogos e Recordações... oferece indícios ao leitor do modo como foi construído, tendo em Chico Xavier a figura central de todas as recordações do narrador e amigo Arnaldo Rocha. Foram exatos quatro anos de trabalho que exigiram, de nossa parte, dedicação para anotar, pesquisar, memorizar, reescrever e transformar as dádivas auferidas em 21 capítulos inesquecíveis, que apresentam a caminhada de luz, desses baluartes da fé cristã.

³ EMMANUEL (Espírito). *Fonte Viva*. Psicografia de Francisco Cândido Xavier. Rio de Janeiro: FEB. Lição 150.

Conforme certificou Arnaldo Rocha, o próprio Chico já sabia que, após seu desenlace do mundo corpóreo, muito se iria especular sobre suas reencarnações em sua trajetória pelo planeta. Transcrevemos aqui as palavras proferidas pelo médium de Pedro Leopoldo ao amigo Rocha:

– Naldinho, quando vier a minha desencarnação, muitos pontos controversos serão levantados e discutidos. Rogarei a Deus para que, em Sua Infinita Misericórdia, permita-me, então, escrever minha própria história, marcada pela luta íntima para vencer a mim mesmo.

Se você, meu generoso amigo, quiser contá-la, não hesite, faça-o. Mas, peça-lhe, conte, com amor, a nossa Doutrina Espírita.

Arnaldo Rocha, atendendo ao amigo, remexeu o passado que, como um oceano de experiências esquecidas no subsolo de ‘suas vidas’, trouxe tristezas, alegrias e tantas outras emoções inesquecíveis de almas queridas e amigos para sempre com os quais não conseguimos deixar de envolvermo-nos.

Com muita simplicidade, convidamos você a abrir estas páginas, sem a intenção de oferecer-lhe uma obra suntuosa ou uma literatura clássica; tencionamos apenas apontar-lhe uma estrela que possa guiá-lo, assim como a nós mesmos, ao encontro de uma manjedoura que guarde em seu interior a expressão da mais pura verdade, aqui apresentada por nosso querido Arnaldo Rocha.

Incansavelmente agradecemos a Deus, ao Mestre Jesus e à Espiritualidade que sempre tutela carinhosamente nossas vidas, pela oportunidade de ter sido instrumento para que *Chico, Diálogos e Recordações... Histórias Inesquecíveis* viesse a lume, como uma singela publicação, oferecendo a todos um pouco mais de informações das vidas desse que se dispôs a seguir o Cristo, incondicionalmente, Chico Xavier.

Esperamos que, próximo do momento de fechar estas páginas, seu coração esteja ainda mais enternecido com os cânticos da Boa Nova; que sua voz esteja pronta para dizer “Glória a Deus nas Alturas” e que, logo em seguida, sua alma possa adormecer tranqüila, qual se estivesse aconchegada a um colo de mãe, entendido aqui como bênçãos de paz.

Carlos Alberto Braga Costa

As páginas em branco foram retiradas desta versão eletrônica.

Homenagem aos amigos

Iniciamos o trabalho homenageando Clóvis Tavares, hoje no mundo espiritual. Clóvis é um dos Amigos para Sempre, muito citado por Arnaldo Rocha, em suas recordações.

Reeditando a sua escrita poética, temos a certeza de que, de onde ele está, as suas vibrações de eterno carinho auxiliarão a reabrir os portais da eterna Pedro Leopoldo para todos nós.

“Em nosso pequenino círculo de estudos, junto ao coração amorável e iluminado de nosso querido Chico, um dos temas muitas vezes debatidos foi justamente esse, o da palingenesia, em correlação com os demais ensinamentos da Codificação Kardequiana. (...)

No estudo desses vários aspectos do carma e da reencarnação, devo consignar aqui: nunca se desviaram nossos colóquios e comentários para a vã curiosidade ou para pesquisas de vidas anteriores, tão ao gosto de confrades desavisados e médiuns inexperientes, em juvenil incensação de vaidades mortas...

Assim como tem acontecido com a mediunidade em geral, o problema da difusão da verdade reencarnacionista tem sofrido o impacto dessa irresponsabilidade que, infelizmente, ainda persiste em certos ambientes doutrinários.

Mas, já é universal esta pergunta: De que é que não se tem abusado neste pobre inundo? (...)

Do mesmo modo, em nossos singelos estudos, sob a orientação do Alto, analisávamos vários problemas ligados à etiologia das quedas e recidivas espirituais e suas seqüelas no transcurso das vidas múltiplas.

O que sempre e muito admirávamos, então, – meus companheiros e eu – era a impressionante e variadíssima seqüência de citações, de referências ilustrativas, de aspectos biográficos, de ilações e deduções, tendo como maravilhoso background a História da Humanidade, desde as eras mais remotas, das primeiras civilizações orientais, até nossos dias...

Os raciocínios, os exemplos, as exposições, se tinham muitas vezes a emoldurá-los os mais belos conceitos filosóficos ou doces recordações do Evangelho, eram, às vezes, verdadeiras ressurreições do passado histórico, remoto ou recente...

Toda a problemática do carma e da reencarnação nos era desvelada e explicada pelos Amigos Espirituais, como que através de singular televisor de imagens viventes... Telas panorâmicas como que se formavam ante nossos olhos extasiados, enquanto a palavra sábia dos queridos Instrutores nos caía nos corações qual brando consolo, ou luminoso esclarecimento, ou advertência paternal. O interessante é que, não raramente, os exemplos ou fatos cronologicamente mais distantes se interligavam a outros mais recentes e sentíamos, assim, a conexão de todas as coisas neste maravilhoso Universo de Deus: Ciro, o Grande, o Presbítero Ario, Fouquier-Tinville, a par de acontecimentos do Egito faraônico, do culto fenício de Moloque ou das lutas do Sacro Império Romano-Germânico... Uma lenda hindu pré-ariana e, logo após, um episódio da vida de Quéops, ou de Aníbal, de Judas Iscariotes ou de Desmoulins, a par de um evento no templo de Delfos ou na Espanha dos Reis Católicos. Passávamos de uma notícia sobre a França Carolíngia, sobre Solimão, o Magnífico ou o Duque d'Alba para uma observação sobre os fatores que concorreram para a formação do carma, examinando a tragédia de Bajazé ou a personalidade do Cardeal Frei Francisco Jiménez de Cisneros, aspectos da vida do filósofo Anaximandro ou do Bispo de Mondonedo, de Catarina, a Grande ou de Frei Tomás de Villanueva, o santo Arcebispo de Valência...

Quantas lições preciosas sobre ‘carma acumulado’, ‘carma atual’, ‘carma nascente’ em nossos estudos no inesquecível “home circle” de Pedro Leopoldo!...

E assim desfilavam, ante nossos espíritos deslumbrados, os mais luminosos conceitos filosóficos, sábias elucidações evangélicas, exposições a respeito da complexidade da Evolução, sobre o fundamento vivo da experiência milenar da raça humana. A História se nos revelava verdadeiramente como aquela “magistra vitae”, “mestra da vida”, da definição de Cícero.

Heróis sem nome e faraós menfitas, mártires anônimos da fé cristã e vaidosos imperadores romanos, tragédias merovíngias e profetas da Bíblia, almas angélicas e valorosas missionárias em obscuras existências de penúria e dor, grandezas humanas e quedas espirituais, orgulhosos coroados e expiações dolorosas, tronos e misérias – tudo víamos, ouvíamos, sentíamos, aprendíamos, sensibilizados, atônitos muitas vezes, agradecidos sempre...

Em lágrimas do coração, compartilhávamos dos sofrimentos de Inácio de Antioquia e de Simão Pedro, sofriamos a incompreensão de que foi vítima o grande Ario, presbítero de Alexandria, ou assistíamos ao desfecho, nos nossos dias, em panorama de extrema renúncia e sublime humildade, de uma história dolorosa do Ducado de Parma, iniciada no longínquo século XVI...

Ao recebermos – os de nosso humilde grupo – tão grandes bênçãos, não as tínhamos por privilégios injustificáveis. Recebíamos esses favores Espirituais como abençoadas concessões, no melhor sentido jurídico do termo, isto é, a fim de que as exercêssemos ‘por nossa conta e risco, mas no interesse geral’.

Ah! Pedro Leopoldo... quantas saudades!!!

Dessa época em diante, e sempre mais, Pedro Leopoldo se transmudou, na sintonia de sua bonançosa paisagem, para alguns companheiros queridos e para mim, num verdadeiro centro de estudos espirituais, qual modesta Sagres, oculta e abençoada, onde nos preparávamos humildemente, não para glórias de grandes navegações, mas para a descoberta do verdadeiro caminho da evolução, através do exame e da vivência dos sagrados roteiros e dos experimentados portulanos do Evangelho. (...)

Pedro Leopoldo se tornou, para minha alma, qual segunda pátria espiritual. Amei-a e ainda a amo hoje, imensamente, recordando o afetuoso convívio com Inteligências sublimadas e amigas do Mundo Maior em noites consteladas de luzes da Eternidade. E doce ao coração recordar tudo isso: “patriae memória dulcis”...

Com o querido Chico, percorria suas ruas ou meditávamos em recantos tranqüilos, junto ao Ribeirão da Mata ou nas proximidades da Represa.

– Aqui, junto ao Açude, em fins de 1931 – dizia-me o Chico – foi que eu vi Emmanuel pela primeira vez. (...) Foi ali que nosso querido médium se comprometeu com o grande Benfeitor Espiritual a aceitar as três condições exigidas pelo Alto em troca do apoio em favor de sua missão: disciplina, disciplina, disciplina.

Nas noites frias de julho ou nas cálidas noites de verão, as pedras das ruas, as abas dos montes, o marulhoso Ribeirão da Mata, os concretos do Açude, ouviam nossas confidências amigas e eram testemunhas mudas de nossas palestras ou das instruções que, através da inspiração mediúnica de Chico, nos esclareciam ou confortavam... Tudo era poesia, amizade, comunhão espiritual, imaculada alegria. (...)

Reuníamos-nos em casa de André, irmão de Chico, que nos oferecia, após os estudos ou preces, um ‘lanche da madrugada’. Ou na antiga sede do “Luiz Gonzaga”, onde Geni, a viúva de José Xavier (também hoje desencarnada) com muito carinho preparava a mesa da reunião, com a bilha de água que seria magnetizada, papel em abundância e vários lápis devidamente apontados...

Em companhia de Chico, sempre visitávamos enfermos ou lares humildes, onde a chegada do querido médium era festejada com intraduzível alegria. As vezes, demandávamos locais distantes da cidade, como a Lapinha, onde em penúria total vivia aquela sofredora Maria da Conceição que, mais tarde, já desencarnada, em mensagem psicofônica recebida no Grupo Meimei (de Pedro Leopoldo) relataria sua dolorosa experiência, remontando à faustosa corte de Felipe II de Espanha.

Minha alma se transporta a Pedro Leopoldo e tudo recorda: a cidadezinha cercada de montes, as ruas movimentadas ou singelas, as pequeninas praças, a Fábrica de Tecidos, ao lado de modestas residências de operários,

com o pátio fronteiro coberto de fiapos de lã e algodão; a ponte Cachoeira Grande sobre o Ribeirão da Mata; os bairros distantes como o Cauê; o Correio de D. Miloca e de D. Cefisa; a entrada arquitetural da Fazenda Modelo, onde os eucaliptos, formando magníficas ogivas, sombreiam a estrada; o lar hospitaleiro de Dr. Rômulo Joviano...

Grande número de pequenos bares em quase todas as ruas. E nosso Chico, grande amigo do café, sempre a parar conosco, muitas vezes atendendo a gentis convites, para saborear o bom cafezinho mineiro...

Impossível esquecer o lar do querido José Cândido, onde funcionou, durante muitos anos, o “Luiz Gonzaga”. O ambiente acolhedor do Grupo Meimei, sob a cuidadosa direção de Arnaldo Rocha, queridíssimo amigo... A nova sede do Grupo Espírita Luiz Gonzaga... construída no local onde se erguia antigamente (e que cheguei a conhecer) a casinha de Maria João de Deus, a bondosa genitora de nosso Chico. Foi nesse lar humilde, modestíssimo, que nasceu Francisco Cândido Xavier. Mais tarde, sob a presidência do Dr. Rômulo Joviano, o Grupo Luiz Gonzaga adquiriu o terreno em que se situava a singela casinha e ali edificou sua nova sede. Numa de suas dependências, uma sala de oração para os médiuns, encontra-se o famoso retrato mediúnico de Emmanuel, trabalho do conceituado pintor mineiro Delpino Filho. Esse compartimento foi, outrora, na velha casinha de João Cândido e Maria João de Deus, o humilde quarto onde, a 2 de abril de 1910, nasceu Francisco Cândido Xavier... E nosso querido Chico, na maravilhosa potencialidade de sua memória mediúnica, qual se fora misterioso ‘arquivo de microfilmes’, recorda-se dos preparativos de sua atual reencarnação, quando era trazido pelos Benfeitores Espirituais, muitas vezes, ao lar humílimo da inesquecível autora de “Cartas de uma Morta”, a bondosa Maria João de Deus...

Perdoe-me o leitor essa evocação sentimental da terra querida onde tantas bênçãos recebeu minha alma... Sinto que para prosseguir no retrospecto dos sublimes tesouros do Alto – meu testemunho da mediunidade de Francisco Cândido Xavier – preciso, à semelhança de Chopin, encontrar também a minha ‘nota azul’. E esta é a lembrança da paisagem querida, moldura espiritual que ornou um quadro de divina misericórdia em favor de minha alma

pobre: o painel de Pedro Leopoldo com seus verdes montes e as águas encachoeiradas de seu ribeirão... Suas estradas, seus bosques, seus passarinhos, suas flores...

E um desfile de almas queridas, na órbita de tantas bênçãos, a começar pela alma boa de Chico Xavier e pela visão agradecida dos Benfeitores Espirituais: o velho João Cândido, José, André, Bitá, Luísa, Zina, Maria, Mundico, Geralda, Lucila, Neusa, Cidália, Dorinha, Joãozinho... Professor Cícero Pereira e D. Guiomar, José e Joffre Lellis, Arnaldo Rocha, Oscar Coelho dos Santos e D. Lola, Joaquim Alves, Gonçalves Pereira, Lindolfo Ferreira, Zeca Machado, Geni, Pachequinho, Manuel Ferreira Diniz, “José do S”, os dois Martins, Isaltino Silveira, César Burnier, Rodrigo Antunes, Efigênio Vítor, Dr. Camilo Chaves, Nelson Sbampatto, Jacques Aboab, José Paulo Virgílio...

*Em minha retina espiritual entrelaçam-se almas, mensagens e flores... Eucaliptos coroados a silhueta das colinas, algodão de nuvens no céu intensamente azul, e laranjeiras em flor, e ciprestes e magnólias nas estradas... E para todas essas **almas queridas**, que estão longe e que estão perto, no Céu ou na Terra, um pensamento de amor e um ósculo de gratidão, entre as lágrimas de saudade de Pedro Leopoldo...”*

Do Amigo para sempre

Clóvis Tavares.⁴

⁴ TAVARES, Clóvis. *Trinta Anos com Chico Xavier*. IDE, 5a ed. pág. 92 a 96 e 181 a 184.



Dedicatória de Chico para
Wallace L. V. Rodrigues:
*Um grupo de irmãos seus. De pé –
Manoel Joaquim Pereira e eu.
Sentados – J. Martins Peralva e Arnaldo Rocha.
Pedro Leopoldo, 18-06-1952
Chico*

*Para Wallace, um grupo de
irmãos seus.
Chico*

*De pé - Manoel Joaquim Pereira
e eu.*

*Sentados - J. Martins Peralva e
Arnaldo Rocha.*

*Pedro Leopoldo,
18-6-52*



Meimei noiva

Recordações do Amigo

“E, entrando o anjo onde ela estava, disse: Salve, agraciada; o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres. E, vendo-o ela, turbou-se muito com aquelas palavras e considerava que saudação seria esta. Disse-lhe, então, o anjo: Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus”.⁵

⁵ JESUS. In: LUCAS, 1:28-30.

Anotaremos, a seguir, uma narrativa da alma querida, Chico Xavier, sobre o seu primeiro trabalho mediúnico:

“Tinha eu dezessete anos em 1927 quando, na noite de 8 de julho do referido ano, em uma reunião de preces, escutei, através de uma senhora presente, D. Carmem Penna Perácio, já falecida, a recomendação de um amigo espiritual aconselhando-me a tomar papel e lápis a fim de escrever mediunicamente. Eu não possuía conhecimento algum do assunto em que estava entrando, mesmo porque ali comparecia acompanhando uma irmã doente que recorria aos passes curativos daquele círculo íntimo, formado por pessoas dignas e humildes, todas elas de meu conhecimento pessoal. Do ponto de vista espiritual, apesar de muito jovem, era fervoroso católico que me confessava e recebia a Sagrada Comunhão, desde 1917, aos sete janeiros de idade. Ignorando se me achava transgredindo algum preceito da igreja, que eu considerava minha mãe espiritual, tomei o lápis que um amigo me estendera com algumas folhas de papel em branco e meu braço, qual se estivesse desligado de meu corpo, passou a escrever, sob os meus olhos cerrados, certa mensagem que nos exortava a trabalhar, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo. A mensagem era constituída de dezessete páginas e veio assinada por um mensageiro que se declarava ‘Um amigo espiritual’, que somente conheceria depois. Nenhuma das pessoas presentes se interessou em conservar o comunicado, inclusive eu mesmo, pois nenhum de nós, os companheiros que formavam o círculo de orações, poderia prever que a tarefa de escrever mediunicamente se desdobraria para mim, através de vários decênios.

No dia seguinte, após a missa da manhã, procurei o Padre Sebastião Scarzelli, que era meu confessor e protetor, e contei-lhe o sucedido, pedindo-lhe me aconselhasse quanto ao que me caberia fazer. Ele era um padre moço, creio que de

origem italiana. O querido sacerdote, que muitas vezes fora o meu apoio nas dificuldades psicológicas e mediúnicas, que eu periodicamente atravessava, me falou com bondade que ele mesmo nunca lera livros espíritas, mas, se eu me sentia bem no círculo de preces a que comparecia, seria justo buscar a paz que me faltava, já que o nome de Jesus presidia aquele grupo de pessoas honestas e ainda me afirmou que eu poderia freqüentá-lo, mas lembrando a minha devoção a Nossa Senhora, pois ele acreditava que a nossa Mãe Santíssima intercederia em meu benefício em qualquer circunstância. Depois desse entendimento, não mais vi o Padre Scarzelli, que fora removido para a cidade de Joinville, no Estado de Santa Catarina, onde faleceu, há poucos anos, na condição de monsenhor e onde se pode ver a obra imensa de benemerência que realizou em favor da comunidade.

Sem a presença daquele apóstolo do Bem, dediquei-me ao grupo espírita, com a mesma fé com a qual comparecia às atividades católicas.

Tudo seguia em ordem, quando na noite de 10 de julho referido, dois dias depois de haver recebido a primeira mensagem, quando eu fazia as orações da noite, vi o meu quarto pobre se iluminar, de repente. As paredes refletiam a luz de um prateado lilás. Eu estava de joelhos, conforme os meus hábitos católicos, e descerrei os olhos, tentando ver o que se passava. Vi, então, perto de mim uma senhora de admirável presença, que irradiava a luz que se espraiava pelo quarto. Tentei levantar-me para demonstrar-lhe respeito e cortesia, mas não consegui permanecer de pé e dobrei, involuntariamente, os joelhos diante dela. A dama iluminada fitou uma imagem de Nossa Senhora do Pilar que eu mantinha em meu quarto e, em seguida, falou em castelhano que eu compreendi, embora sabendo que eu ignorava o idioma, em que ela facilmente se expressava:

– Francisco – disse-me pausadamente – em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, venho solicitar o seu auxílio em favor dos pobres, nossos irmãos.

A emoção me possuía a alma toda, mas pude

perguntar-lhe, embora as lágrimas que me cobriam o rosto:

– Senhora, quem sois vós? Ela me respondeu:

– Você não se lembra agora de mim, no entanto eu sou Isabel, Isabel de Aragão.

Eu não conhecia senhora alguma que tivesse este nome e estranhei o que ela dizia, entretanto uma força interior me continha e calei qualquer comentário, em torno de minha ignorância. Mas o diálogo estava iniciando e indaguei:

– Senhora, sou pobre e nada tenho para dar. Que auxílio poderei prestar aos mais pobres do que eu mesmo?

Ela disse:

– Você nos auxiliará a repartir pães com os necessitados.

Clamei com pesar:

– Senhora, quase sempre não tenho pão para mim. Como poderei repartir pães com os outros?

A dama sorriu e me esclareceu:

– Chegará o tempo em que você disporá de recursos. Você vai escrever para as nossas gentes peninsulares e, trabalhando por Jesus, não poderá receber vantagem material alguma pelas páginas que você produzir, mas vamos providenciar para que os Mensageiros do Bem lhe tragam recursos para iniciar a tarefa. Confiemos na Bondade do Senhor.

Em seguida a estas palavras que anotei em 1927, a dama se afastou deixando o meu quarto em pleno escuro. Chorei sob emoção para mim inexplicável até o amanhecer do dia imediato. Não tinha mais o Padre Scarzelli para consultar e notei que os meus novos companheiros não poderiam me auxiliar, porque eu não sabia o que vinha a ser a expressão “gentes peninsulares” ouvidas por mim; quanto a estas duas palavras, nenhum deles conseguiu fornecer qualquer explicação. Sentindo-me a sós com a lembrança da inesquecível visão, passei a orar, todas as noites, pedindo a Nossa Senhora para que alguém me socorresse com as informações que eu julgava precisas. Duas semanas

após a ocorrência, estando eu nas preces da noite, apareceu-me um senhor vestido em roupa branca que, por intuição, notei tratar-se de um sacerdote.

Saudei-o com muito respeito e ele me respondeu com bondade, explicando-se:

– Irmão Francisco, fui no século XIV um dos confessores da Rainha Santa, D. Isabel de Aragão, que se fez esposa do Rei de Portugal, D. Dinis. Ela desenvolveu elevadas iniciativas de beneficência e instrução nos dois reinos que formam a Península, conhecida na Europa, e voltou ao Mundo Espiritual em 4 de julho de 1336. Desde então, ela protege todas as obras de caridade e educação na Espanha e Portugal. Foi ela que o visitou, há alguns dias, nas preces da noite, e prometeu-lhe assistência. Ela me recomenda dizer-lhe que não lhe faltarão recursos para a distribuição de pães com os necessitados. Meu nome em 1336 era Fernão Mendes. Confiemos em Jesus e trabalhemos na sementeira do bem.

Fiquei calado porque tinha um nó na garganta.

O padre retirou-se, e senti a premência do que desejava a nobre senhora, que eu não sabia ter sido, na Terra, tão amada e tão ilustre Rainha. No primeiro sábado que se seguiu às ocorrências que descrevo, fui com minha irmã Luíza (atualmente desencarnada) até uma ponte muito pobre, até hoje existente e reformada, na cidade Pedro Leopoldo, Minas, onde nasci, conduzindo um pequeno cesto com oito pães. Ali estavam refugiados alguns indigentes; parti os pães, a fim de que cada um tivesse um pedaço, e assim foi iniciado o nosso serviço de assistência que perdura até hoje.”⁶

⁶ MONTEIRO, C. Eduardo. *Chico Xavier e Isabel, a Rainha Santa de Portugal*. Editora Madras.

Apêndice



Rainha Isabel Santa de Portugal
1271 a 1336

I

Reencontro Inesquecível

Os Espíritos são bons ou maus por natureza, ou são eles mesmos que se melhoram?

“São os próprios Espíritos que se melhoram e, melhorando-se, passam de uma ordem inferior para outra mais elevada”.⁷

*“Assim é que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo”*⁸

⁷ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, pergunta 114.

⁸ PAULO. In: II Coríntios, 5:17.

Querido leitor, esse primeiro capítulo é uma reedição de parte do livro *Mandato de Amor*, lançado pela União Espírita Mineira. Sua transcrição é, sem dúvida alguma, o início do que se seguirá o nesse novo trabalho.

Recordações de Arnaldo Rocha

“Estas páginas não são fruto de veleidade literária. Posso classificá-las, primeiramente, como registros de uma profunda e humilde gratidão a um amigo que, com amor, caridade e toda a beleza que enaltece seu espírito, houve por bem me amparar e me orientar em momentos de tristeza e inquietudes.

Arnaldo Rocha conhece Chico Xavier

Um simples e fortuito encontro de rua. Um esbarrão, para ser sincero.

Foi na tardezinha de 22 de outubro de 1946.

Subia apressadamente a Avenida Santos Dumont, em direção contrária à Estação Ferroviária. Ia triste, angustiado e acabrunhado. Havia perdido minha esposa vinte e um dias antes e, desde então, estabelecera-se em minha cabeça uma infinidade de pensamentos e reflexões díspares, desconexas. Meus conceitos materialistas e ateus digladiavam-se violenta e brutalmente com uma verdade insofismável: a sobrevivência do ser, a vida além da morte física. Uma verdade constatada casualmente, certa noite.

Buscando abrigar-me de forte temporal, bati à porta da casa de meu irmão Geraldo, no momento exato de iniciar-se uma reunião de intercâmbio espiritual. Convidado a entrar, fiquei diante de um impasse: ou enfrentava a chuva fria e torrencial ou ficava para a reunião. As questões fé, religião e Doutrina Espírita não me interessavam. Porém, contrariado, optei por ficar, sendo acomodado não longe da mesa de orações, próximo à Dona Eny Fassanelo, uma amiga de longa data, vinda da Itália, que, mesmo residindo no Brasil há mais de trinta ou quarenta anos, ainda conservava um falar bem “macarrônico”.

Atento aos acontecimentos, notei que as luzes

foram diminuídas e as leituras e preces iniciadas. Pouco tempo depois, percebi mudanças em D. Eny que, subitamente, tornara-se fremente, estuante. Um estremecimento a fazia sofrer, parecia aflita, como se vomitasse substância grossa, viscosa, pegajosa.

Meu irmão Geraldo, defrontando com a ingerência – que para mim não passava de estultice – dirigiu-se a ela com palavras ternas e carinhosas, acalmando-a, inspirando-a a relatar o que estava a lhe acontecer.

Um silêncio longo e inquietante foi logo quebrado pelo som claro, bonito e musical de uma voz que me era muitíssimo familiar. Tal voz fazia-me evocar doces recordações e a identifiquei como sendo de minha esposa Irma, desencarnada havia poucos dias.

Estupefato, ouvi minha cunhada Luiza chamando-lhe de Naná – seu apelido – pedindo-lhe notícias, portando-se como se nada tivesse acontecido. Agindo tão naturalmente como se Meimei estivesse ali, em carne e osso, ainda que apresentando um corpo e rosto bem diferentes dos seus.

Aumentavam ali minhas perturbações e questionamentos. As elucidações de Geraldo foram insuficientes e, em minha ignorância, revoltei-me, reneguei o fato presenciado, veementemente.

Pois bem: esvaí-me em desesperos e angústias noite e dia e, até que se verificasse meu encontro casual com Chico Xavier, vinte e dois dias se passaram. Vinte e dois dias vividos numa intensa comburência mentopsíquica e emocional.

Eu caminhava taciturno e distraído quando, inadvertidamente, fui de encontro a um senhor, derrubando ao chão sua pequena pasta. Desculpei-me de imediato, entregando-lhe o objeto, reparando em suas maneiras simples e modestas, demorando-me em seu olhar de imensa bondade e candura. Reconheci, naquele homem, o personagem de reportagens lidas, há pouco tempo, na revista “O Cruzeiro”. Sim! O homem simples, modestamente

trajado, alvo de meu descuido no andar, era, incontestavelmente, o Sr. Francisco Cândido Xavier, o médium de Pedro Leopoldo!

Indizível emoção envolveu-me. Queria falar-lhe, apresentar-me, mas perdera a voz. Pus-me a chorar em plena via pública. Situação desconcertante; nós dois ali parados, atrapalhando os outros, dificultando o fluir normal dos transeuntes!...

– Escute, Naldinho... Não é assim que Meimei lhe falava? Ela está aqui, conosco, radiante de alegria pelos seus vinte e quatro janeiros, ou melhor, ela diz vinte e quatro primaveras de amor! Hoje não seria o dia de seu aniversário? Deixe-me ver o retrato dela, guardado em sua carteira.

Fiquei estupefato, siderado mesmo! Nada lhe falara, a não ser o pedido de desculpas! Como sabia meu nome? Que sabia de Meimei ou de seu aniversário? Tentava controlar o choro, suave e frio, envergonhado de mim mesmo. Inerme, mostrei-lhe a fotografia.

O médium pegou-a delicadamente. Pousou nela os olhos marejados de lágrimas e com um belo e reconfortante sorriso, segredou-me:

– Nossa querida princesa Meimei quer muito lhe falar. E hoje, em comemoração do seu aniversário; podíamos fazer uma prece. Vamos à casa de Geraldo?

E para lá seguimos. Eu continuava mudo, lívido, assustado. (...) Não compreendia, na essência, o que ocorria, não sabia que estava na companhia de um excelente clarividente.

Meu interlocutor discorria alegremente sobre Meimei, como se de muito a conhecesse. Falou-me de sua alegria de viver, de sua jovialidade, poesias, leituras, sonhos e de sua doença.

Aos poucos, o mutismo e o espanto deram lugar a um encantamento e, mais à vontade, pus-me a conversar, absorvendo atentamente tudo o que aquele homem estava me revelando.

Em casa de Geraldo, preparamos uma reunião íntima e, através da Psicofonia Sonambúlica, por mais de uma hora, Meimei falou-nos de sua nova vida, da amizade dos amigos espirituais. (...)

A todo momento, exclamava, jubilosa: – “Meu Meimei, aqui tudo é lindo! Sou tratada como se fosse uma princesa! Todos são fraternos, tão joviais e gentis’....Aceite um conselho: leia, estude, trabalhe, e sirva sempre.”⁹

Em meio a lágrimas, este repórter ficou imaginando as emoções vividas por essas Almas Amigas nesse encontro “casual”.



Irma de Castro Rocha – Meimei. Praça Raul Soares,
Belo Horizonte/MG, em 1946

⁹ UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA. *Mandato de Amor*, 4ª Ed. 1997. Pág. 39.



A esquerda, Francisco Cândido Xavier
acompanhado de Arnaldo Rocha.

Pedro Leopoldo, 5-10-52

Quando Walfred, a presenté a você, a quem
um grande e abençoado espírito. É o nome
inter Arnaldo Rocha, a quem muito
devo. Hoje sou B. Henrique e tem vindo
para mim um apoio vivo. Meus, a
benção espiritual, que sempre se somu
nica por meu intermédio, era a para
dele e ambos, ele na Terra e ele, na vida
espiritual, são meus singulares benfeitores.
Abriga-me mil bênçãos.

II

Oportunidades e Mudanças

“Qual o caráter do verdadeiro profeta? O verdadeiro profeta é um homem de bem, inspirado por Deus. Podeis reconhecê-lo pelas suas palavras e pelos seus atos. Impossível é que Deus se sirva da boca do mentiroso para ensinar a verdade”.¹⁰

“E, com muitas parábolas semelhantes, lhes dirigia a palavra, segundo o que podiam compreender”.¹¹

¹⁰ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, pergunta 624.

¹¹ JESUS. In: MARCOS, 4:33.

Após um dia de trabalho, rumamos à União Espírita Mineira para o encontro tão esperado, das noites de quartas-feiras, com o amigo Arnaldo Rocha. Como de costume, aguardávamos sua chegada e eis que ele surge subindo as escadarias da querida instituição espírita, que nos irmana nas Gerais.

– Como está o senhor?

Resposta incisiva:

– O Senhor Jesus está bem e esta “besta” aqui, também.

Em seguida, o companheiro começou a discorrer naturalmente sobre a sua ida aos rincões de Pedro Leopoldo, a fim de participar da festa comemorativa dos cinquenta anos do *Grupo Meimei*. Emoções inevitáveis, os painéis se abriram, reportando aos idos anos 50 que jazem gravados nos pilares espirituais daquela Casa que ele viu nascer!

Ao receber algumas homenagens relativas à fundação da casa, que muitos pensavam ter sido o nome definido por ele, a negativa foi categórica:

– Foi Chico quem definiu o nome Meimei. Fato é que, por mim, o Grupo se chamaria Casa dos Espíritos; nome que Clóvis Tavares também achou interessante. No entanto, Chico não concordou, devido às procissões da igreja que sempre paravam em frente ao grupo, e este nome, Casa dos Espíritos, poderia gerar um constrangimento aos irmãos católicos. Posteriormente, sugeri Centro Espírita Allan Kardec, mas o restante do grupo não concordou, após escutar Chico sugerir o nome Meimei. Como foi o Chico (risos), fazer o quê, né? Até o Chico achou engraçado!

Na segunda parte deste bate-papo, Arnaldo nos brindou, espontaneamente, com uma narrativa de um caso que envolvia sua querida mãe, com a participação do jovem Chico Xavier.

Contou-nos que sua genitora, Dona Maria José de São Domingos Ramalho Rocha, católico-apostólico-romana, tinha o

hábito de fazer orações envolvendo parentes, amigos, enfermos, etc., sempre às dezoito horas, conhecida como a hora do Ângelus. Disse o Arnaldo que aquilo para ele, materialista convicto, representava apenas um ato religioso, e ele sentia verdadeiro ranço quando necessitava da mãe e a encontrava envolvida naquela prática.

Sua mãe desencarnou no dia 18 de outubro de 1950. Um mês após o fato, Arnaldo, já havendo abraçado a Doutrina Espírita, estava esperando o Chico terminar de se aprontar para darem uma volta pela cidade; era um fim de tarde, exatamente dezoito horas, e ele começou a sentir uma saudade profunda da mãezinha querida.

Lembrou seu santo hábito de orar a Maria pelos sofredores, o que para ele, ateu e materialista, era um ranço religioso. Intuitivamente, sentiu uma brisa a lhe soprar no fundo do coração, como a convidá-lo: “Vamos orar?”.

Assim o fez. Durante a oração, Arnaldo sentiu como se alguém lhe desse um caloroso abraço e, ao terminar, observou Chico deslizando pelo corredor em sua direção, característica harmoniosa do seu caminhar, e confidenciou-lhe:

– *Chico, após sentir uma profunda saudade de minha mãezinha, tive vontade de orar e, ao fazê-lo, senti um abraço caloroso, como se fosse a minha própria mãe! Que bom se ela estivesse aqui!*

Nesse momento da narrativa, Arnaldo põe a mão direita em nosso joelho, dá um sorriso maroto e relembra o que Chico (*Alma Querida*) lhe respondeu:

– *Arnaldo, observei você orando e não quis lhe interromper; mas – disse o médium com um sorriso carinhoso – além da presença e do abraço amoroso e saudoso de sua mãe, ela pede para que eu lhe diga: “Tudo isso, meu filho, é verdade, apesar do antigo ranço religioso”.*

É válido ressaltar que apenas o Arnaldo e a mãe sabiam do “ranço religioso”, por tanto mais uma vez a clarividência de Chico Xavier foi autêntica.

A narrativa se encerrou com os risos deste repórter e os do Arnaldo; e, na tela mental, visualizamos os sorrisos das almas Amigas para Sempre.¹²



Foto de Meimei na década de 40

¹² Arnaldo relatou que, três meses após esse fato, sua mãe se materializou e foi possível um diálogo por longos e inesquecíveis instantes.

III

Trabalho e Aprendizado

A todos os homens facultou Deus os meios de
conhecerem sua lei?

“Todos podem conhecê-la, mas nem todos a
compreendem. Os homens de bem e os
que se decidem a investigá-la são os que
melhor a compreendem. Todos, entretan-
to, a compreenderão um dia, porquanto
forçoso é que o progresso se efetue”.¹³

*“Porque este é o concerto que depois daqueles dias farei
com a casa de Israel, diz o Senhor: porei as
minhas leis no seu entendimento, e em seu coração
as escreverei; e eu lhes serei por Deus, e eles me
serão por povo”*¹⁴

¹³ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, pergunta 619.

¹⁴ PAULO. In: Hebreus, 8:10.

Realizando esse trabalho, reflexionamos em como a Misericórdia é infinita e em como ela se manifesta através das coisas mais simples. Diante disso, sentimo-nos um grão de areia na praia o abundante da vida. Talvez boa parte da família espírita desse tudo para poder retroceder no tempo e participar dessas histórias tão ricas de espiritualidade.

“Puxando o assunto”, como falamos aqui em Minas, perguntamos ao *amigo* Arnaldo Rocha:

– Arnaldo, escuto uma voz no fundo do coração, como se o próprio cândido Chico estivesse dizendo para prepararmos este trabalho, com o mesmo cuidado com o qual foi realizado o livro *Instruções Psicofônicas*, editado pela FEB.

A resposta veio envolvida por uma “aura” de nostalgia, facilmente percebida no súbito olhar que Arnaldo deixou vagar na escuridão do tempo, em busca da lucificação da verdade arquivada na alma, nos idos de 1951, ano da elaboração dessa obra:

– Meu filho, quando relembro esse período de minha vida, sinto muitas saudades dos *Amigos*, dos estudos doutrinários, das experiências vividas com a dor do semelhante. Enfim, quanto cresci!

Recordo a própria escolha do título do livro, pois tivemos a oportunidade de sugerir, a partir do pensamento do mestre Allan Kardec, a palavra *psicofonia*. Em *O Livro dos Médiuns*, o codificador, ao classificar a mediunidade, lançou, por exemplo, a palavra psicografia, que traduz o próprio mecanismo mediúnico, mecanismo este que tem em sua estrutura básica a mente (psique) e a sua “corporificação”, entendida através da junção perispírito e corpo físico – e que, manifestando-se pela grafia, temos a psicografia. No caso da fala dos espíritos, o mecanismo é muito parecido, apenas diferindo na sua manifestação, se assim podemos dizer. Em lugar da escrita (grafia), dá-se a fala (fonia). Pelo fato de Allan Kardec desaconselhar o uso do termo “incorporação”, uma vez que dois corpos não podem ocupar o mesmo

espaço, o termo mais ajustado ao pensamento magistral do Codificador, até então encontrado, é o da psicofonia.

Sendo assim, entendemos aquele livro como um somatório das instruções dos espíritos; e, dessa maneira, chegamos ao título *Instruções Psicofônicas* (“Instruções” – advindas dos espíritos – e “Psicofônicas” – referência ao modo pelo qual as mensagens foram recebidas, ou seja, pela via da psicofonia). Esse título faz, inclusive, uma ligação importantíssima com *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, no qual temos a manifestação da Espiritualidade Superior através das “Instruções dos Espíritos”, logo ao término das explicações de Kardec.

Quando o livro foi enviado para a Federação, em 1955, Emmanuel nos alertou sobre os embates naturais da inovação, que deveriam ser, sobretudo, doutrinários, pois os seus efeitos sobre nós atestariam que novos empreendimentos seriam preparados. Tal fato acabou comprovando-se com a continuação da obra, sob o título *Vozes do Grande Além*. Dialogando com o Chico sobre o novo trabalho, entramos em uma discussão muito interessante sobre o título da obra. Expressamos o pensamento a partir do trabalho anterior e aí o Chico sugeriu que esse título fosse “Vozes do Céu”. Repliquei, fraternalmente, dizendo: “Chico, assim está com um cheiro de sacristia...”.

Confessamos, como repórter, que não nos contivemos e sorrimos alegremente, junto com Arnaldo. Falamos-lhe, em seguida, que o Chico, possivelmente, também deu belas risadas. Arnaldo, vibrando, responde:

– Sim. O Chico, em meio a sorrisos, disse que Emmanuel comentou: *Bem pensado!*

Arnaldo concluiu o pensamento inicial, dizendo que o presente trabalho deve, antes de tudo, ser também doutrinário sem características personalistas.

Após isso, ainda envoltos nesse clima de respeito e alegria, Arnaldo se lembrou da médium Zilda Gama, possuidora de uma faculdade límpida e de notáveis possibilidades no campo do desdobramento e da psicometria. Ela foi a primeira médium romancista do Brasil. Em uma noite, no ano de 1952, ele e o Chico foram visitá-la em sua residência. Ao serem recebidos, Zilda Gama, em meio à surpresa, disse ao Chico:

– Que surpresa! Isso é um verdadeiro presente de Jesus!

Logo o jovem de Pedro Leopoldo se esquivou na sua simplicidade: – *Que é isso, irmã! Só está acontecendo um reencontro amigo.*

Veio o rebate, no mesmo instante:

– *Presente, sim. É um presente de Jesus, reencontrá-lo logo no dia do meu aniversário!*

Arnaldo encerrou o diálogo resgatando, do escaninho de sua alma, as doces palavras que a Alma Querida acabou por confidenciar a ele num pequeno intervalo da agradável visita: “*Arnaldo, o espírito Victor Hugo tem um imenso carinho para com a nossa querida Zilda Gama*”.

Após vinte minutos que, apesar de curtos, tomaram-se grandiosos em sua vivência, a conversa agradável de sempre terminava. Chegava a hora de iniciar mais uma reunião mediúnica, coordenada por Arnaldo Rocha, trabalho este iniciado com o estímulo do Chico, em 1951.

À medida que subíamos as escadarias da União Espírita Mineira, para participar de uma reunião semanal sobre a Unificação, sentimos o coração cheio de emoção e agradecemos a Jesus e a nossa Mãe Santíssima por ter a oportunidade de ser o repórter de tão lindos diálogos e recordações.

Apêndice

Achamos por bem, para maior esclarecimento e comodidade Heitor amigo, transcrevermos, aqui, resumida biografia da médium e amiga de Chico Xavier e Arnaldo Rocha.

“Zilda Gama foi uma das mais celebradas médiuns do Brasil.

Nasceu em 11 de março de 1878, em Três Ilhas, Município de Juiz de Fora – MG, e desencarnou em 10 de janeiro de 1969, no Rio de Janeiro – RJ.

Zilda Gama viveu quase 91 anos, tornando-se paradigma para todos os que encaram a mediunidade como sacerdócio lídimo e autêntico.

Incontestavelmente, os grandes medianeiros que têm servido de ponte entre os mundos material e espiritual, no trabalho meritório de descortinar novos horizontes para a conturbada humanidade terrena, foram missionários, podendo-se mesmo afirmar que na constelação dos médiuns que brilharam na Terra, prodigalizando aos homens novos conhecimentos e preparando o terreno para a implantação da verdade, Zilda Gama brilhou de modo fulgurante, cabendo-lhe uma posição das mais proeminentes.

Ainda jovem, com apenas 24 anos, ficou órfã dos pais, tendo que assumir a direção da casa, cuidando de cinco irmãos menores e posteriormente de outros cinco sobrinhos órfãos.

Foi professora e diretora de escola, sendo agraciada em concursos promovidos pela Secretaria de Educação de Minas

Gerais.

Em 1931, quando no Brasil houve intenso movimento em prol dos direitos femininos, Zilda Gama foi autora da tese sobre o voto feminino, no Congresso. Essa tese foi aprovada oficialmente.

Escreveu contos e poesias para vários jornais, destacando-se o “Jornal do Brasil”, a “Gazeta de Notícias” e a “Revista da Semana”, todos da antiga capital federal.

Ainda jovem, Zilda Gama começou a perceber a presença dos Espíritos. Recebeu mediunicamente mensagens de seu pai e de sua irmã, já desencarnados, que a aconselhavam e a consolavam-nos momentos de provações difíceis pelos quais estava passando.

Em 1912 recebeu interessante mensagem assinada por Allan Kardec. Após essa manifestação, o Codificador propiciou-lhe outros

ensinamentos, os quais foram impressos no livro “Diário dos Invisíveis”, publicado em 1929.

Em 1916 os Benfeitores informaram-lhe que passaria a psicografar uma novela, fato que a deixou bastante perplexa.

O Espírito Victor Hugo passou, então a escrever por seu intermédio. Dentro de pouco tempo, a primeira obra “Na Sombra e na Luz” estava completa. Posteriormente, sob a tutela do mesmo Espírito, vieram os livros “Do Calvário ao Infinito”, “Redenção”, “Dor Suprema” e “Almas Crucificadas”, todas publicadas pela FEB.

Os livros mediúnicos de Zilda Gama fizeram época na literatura espírita, além de terem o mérito de suavizar muitas dores e estancar muitas lágrimas. Foi a pioneira, no Brasil, a receber tão vasta literatura do mundo espiritual.

Outras publicações foram produzidas pela sua mediunidade: “Solar de Apoio”, “Na Seara Bendita”, “Na Cruzada do Mestre” e “Elegias Douradas”.

Didata por excelência, organizou os seguintes livros: “O Livro das Crianças”, “Os Garotinhos”, “O Manual das Professoras” e “O Pensamento”.

Não obstante as grandes lutas morais que teve que sustentar, Zilda Gama se constituiu na orientadora de muitas criaturas.

Em 1959, após sofrer derrame cerebral, viveu numa cadeira de rodas, assistida pelo sobrinho Mário Ângelo de Pinho, que lhe fazia companhia.

Zilda Gama, alma de escol, dedicou toda sua longa existência ao propósito de difundir no Brasil a Consoladora Doutrina dos Espíritos”.¹⁵



Zilda Gama (1878-1969)

¹⁵ <http://www.espiritismogi.com.br/biografias/zilda.htm>

IV

Sempre Adiante

Qual a origem das faculdades extraordinárias dos indivíduos que, sem estudo prévio, parecem ter a intuição de certos conhecimentos, o das línguas, do cálculo, etc?

“Lembrança do passado; progresso anterior da alma, mas de que ela não tem consciência. (...)”¹⁶

“Porque de quem alguém é vencido, do tal faz-se também escravo”.¹⁷

¹⁶ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, pergunta 219.

¹⁷ PEDRO. In: II Pedro, 2:19.

Voltando aos nossos *diálogos e recordações*, reencontramos o querido amigo, cujos cabelos brancos ora apontam um ancião no esplendor da sabedoria, ora escondem o eterno jovem dos *Amigos para Sempre*.

– Como vai? – inquiri com a alegria de sempre. Vamos ao trabalho?

Resposta de soslaio:

– O tempo urge. Não percamos as oportunidades nas esquinas de pedra.

– Arnaldo, hoje estávamos relembando da viagem a Angra dos Reis, realizada por você, Chico e o Ennio Santos, em 1954. Você poderia nos contar mais detalhes sobre esta viagem?

– Bela lembrança! Quando relatei essa passagem no livro *Mandato de Amor*, acabei deixando um detalhe que pode ser apontado como mais um grande ensinamento em torno da mediunidade de Chico. Em um dos passeios que fizéramos, com muita alegria, passamos por uma grande dificuldade. Contratamos um barco que, na época, levava os turistas para conhecer uma parte do arquipélago de Angra dos Reis.

E aqui transcreveremos o trecho do livro *Mandato de Amor* com a finalidade de sermos fiéis à primeira amostra:

“A lancha levou-nos velozmente até a pequenina porção de terra macia. O azul do céu resplandecia nas águas cristalinas, o sol refletia seus raios quentes e estes pareciam milhares de diamantezinhos flutuantes. Despedimo-nos do condutor, obtendo dele a promessa de nos buscar algumas horas mais tarde.

Enquanto nadava, exercitando o meu corpo nas ondas espumantes, Chico e Ennio conversavam alegremente, com as calças dobradas até os joelhos, como duas crianças, patinando nas marolas. Foi uma tarde memorável, pois pude

ver Chico descansado e feliz, como há muito não via.¹⁸

Por volta das dezesseis horas, fomos surpreendidos por uma repentina mudança de tempo. Céu e mar confundiam-se num negrume assustador! O barqueiro demorava e as ondas gigantescas e espessas invadiam com fúria a pequena praia, antes tão serena. Um temporal desabou do mar querendo nos engolir e, ao longe, o som abafado do barco que tentava aproximar-se. Tive a impressão de ter vivido meio século, tamanha a demora, tamanho o esforço do homem para nos salvar de tão horrível situação.

Com muito custo, embarcamos. O barqueiro, aturdido, rezava. Desesperado, perdera o rumo, temia os recifes, as ondas, o vento! A pequena embarcação, frágil ante ao tormento, adernava violentamente, para todos os lados. O motor apresentou problemas, parando subitamente.

Chico, Ennio e eu, assentados juntos, os três, estávamos encharcados e nada dizíamos. O vento ululava freneticamente e só a nossa fé inabalável em Deus poderia ser o corolário de nossa salvação.”¹⁹

Tendo lembrado o incidente, Arnaldo continua sua narrativa dizendo que, no instante em que o barco dançava para todos os lados em um ritmo alucinante, Chico solicitou que ficássemos em prece, pois a situação espiritual era complicada. Arnaldo prosseguiu:

– Conseguindo chegar ao destino, o marinheiro nos relatou que aquele era o ponto mais crítico da viagem, lugar cheio de recifes. Muitos acidentes aconteciam pelas circunstâncias adversas do tempo e, como consequência, muitas vidas eram ceifadas. Em função daquilo, Chico temeu por todos nós.

Este episódio fez com que uma cena ficasse gravada na tela mental de Arnaldo: os *Amigos para Sempre*, reunidos na praia, no continente, ensopados, assustados; no entanto, salvos.

Não perdendo o bom humor, nosso amigo conta que deu logo uma de esperto, falando para o Chico e Ennio: “*Os Benfeitores devem ter tido muito trabalho conosco!*”.

¹⁸ Arnaldo relata que foi muito engraçado o fato do Ennio não ter tirado a gravata e o blazer (nota do autor).

¹⁹ UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA. *Mandato de Amor*, 4a ed. BH. 1997, pag59.

– Foi então que o Chico logo nos brindou com mais uma lição: *“Nossos Benfeitores auxiliaram em muito a nossa viagem de retorno, mas não se limitaram aos quatro encarnados. Beneficiaram uma quantidade enorme de entidades espirituais, que se agarravam ao barco, num frenesi incrível. Eram espíritos que buscavam, como os viajantes encarnados, vencer a tempestade como se estivessem à deriva e o naufrágio fosse inevitável. Eles são algumas daquelas almas a que se referiu o marinheiro e que desencarnaram afogados naquele ponto dos recifes, não tendo a consciência do fato, enquanto outros Espíritos, que estavam a bordo, tentavam afundar a embarcação por ódio aos navegantes. Por isso, Emmanuel nos orientou ficássemos vigilantes, em oração, para que a fé acalmasse a tempestade interior; e ainda nos apontou que, acima dos valores transitórios da vida terrena, deve reinar o principado do espírito, consciente das suas responsabilidades ainda por sobre as águas da vida”*. Mesmo compreendendo o alcance do ensino, objetei que *“Na hora de um aperto, como o de hoje, só você, seu Chico, para pensar em espíritos!”*.

Neste momento, recordei-me do Evangelho quando Jesus orientou os discípulos que passavam por dificuldades:

“E ele disse-lhes: Por que temeis, homens de pouca fé? Então, levantando-se, repreendeu os ventos e o mar, e seguiu-se uma grande bonança”.²⁰

– Aprendemos muito, finalizou o narrador, em nossas viagens para Angra dos Reis e também para Petrópolis. Muitos anos se passaram para que eu pudesse avaliar melhor o aprendizado que obtivemos, bem como a nossa ligação com o patrono espiritual da cidade de Petrópolis e do nosso Brasil, o Senhor Pedro de

²⁰ JESUS. In: Mateus, 8:26

Alcântara. Uma visão abalou muito meu coração, quando adentramos a catedral de Petrópolis: no altar-mor, uma estátua de São Pedro de Alcântara e, à esquerda da entrada, um belo vitral com uma imagem de Francisco de Assis e, à direita, uma de Tereza de Ávila.

– Meus olhos procuraram os de Chico e, então, ele calou o meu coração com uma singela frase: – *Naldinho, aguardemos o futuro que, por certo, nos revelará a ligação espiritual existente entre essas almas que viveram dignamente o Evangelho do Senhor.*

Ainda refletindo sobre os lances da vida, comentamos com Arnaldo:

– Arnaldo, que maravilha de ensinamento! O Chico sempre tinha um “coelho na cartola”, você não acha?

– Sim, respondeu com bondade, a prudência e o equilíbrio sempre lhe foram marcas registradas, mas vale dizer que não podemos fantasiar os fatos para não criar uma idéia surrealista. Por exemplo, certa feita, Chico estava fazendo sua barba numa barbearia. No transcurso do fato, ele percebeu que o “barbeiro” – antigamente esse era o nome da profissão – estava com uma expressão muito esquisita. Apresentava a face avermelhada, leves contorções e até mesmo espasmos. Chico visualizou, então, uma entidade sombria envolvendo o barbeiro no intuito de que ele lhe cortasse sua veia aorta²¹ com a navalha.

Caro amigo, Chico me contou ter ficado perplexo. Ele não sabia se levantava da cadeira abruptamente, se ficava quieto ou se orava. Interessante notar que, nos momentos de aperto, a oração sempre fica por último, não é mesmo?

– Sim – arrematei – concordo que existem situações em que nós vacilamos.

– Então, meu jovem – continuou Arnaldo sua

²¹ Artéria carótida.

narrativa – Chico me disse que orou com tanto fervor pois temia estar próximo da desencarnação – que, passados alguns minutos, adentrou na barbearia uma entidade muito alta, com uma voz forte e com o sotaque dos companheiros do sul do país. Esta entidade dirigiu-se ao obsessor de navalha e fez-se viril: “*Vê, chê! O que fazes aqui? Perdendo tempo com esses homens de saia?*” – referia-se aos trajes do barbeiro, e à alma cândida de Chico – “*Vamos embora já daqui, pois muitas raparigas nos esperam*”. Quando os espíritos se afastaram do ambiente, após alguns minutos, o barbeiro, voltando a si do pequeno transe, desculpou-se com o Chico, afirmando que tivera um mal súbito, além de ter “*se sentido possuído por uma força descomunal, que ansiava rasgar-lhe a pobre garganta*”.

“*Coitado do barbeiro!*” disse o Chico. Emmanuel se fez presente e lhe confabulou sobre as preces ouvidas e prontamente atendidas por um espírito que, se ainda não se engajara totalmente no bem, apesar de seus hábitos ainda comprometidos, acabou sendo um instrumento para livrar a garganta do Chico de uma navalha escorregadia.

Esse fato demonstra que nem tudo são flores nos jardins da imaginação do grande público. Nossa *Alma Querida* era um ser tão humano como todos nós e passava seus apertos também.

Encerramos nossa entrevista devido a uma emergência que solicitou a presença do nosso amigo Arnaldo: uma irmã necessitada adentrou os portais da União Espírita Mineira em busca de auxílio. Esse acontecimento fez ressoar, do fundo do coração de Arnaldo, uma melodia que encantaria até mesmo o coração mais embrutecido:

– Meu filho, aprendi com Chico a nunca dizer não ao irmão que está em busca do pão... da vida.

Despedimos contentes, por receber, da Providência Divina, estes tesouros em forma de trabalho e lições da paz.

A seguir transcreveremos alguns registros acerca de Pedro de Alcântara, personalidade que, nos capítulos futuros deste trabalho, revelar-se-á profundamente ligada aos *Amigos para Sempre*.

“Pedro Garavito, que futuramente passaria a ser conhecido como “Pedro de Alcântara”, nasceu em 1499, naturalmente em Alcântara, na Estremadura, fronteira com Portugal. Era filho de Dom Pedro de Garavito, governador da cidade e homem de origem nobre e de Maria de Sanabria y Maldonado, também de origem nobre e senhora de peregrinas virtudes. Em 1524, aos vinte e cinco anos, foi ordenado sacerdote, não sem antes opor grande resistência a tal fato que, aliás, só aceitou por obediência.

Apesar disso, tão logo o exercício de seus deveres religiosos conquistou a admiração e o respeito de seus irmãos de hábito, isso em função de seus exemplos de oração e penitência, por seus santos ensinamentos e, sobretudo, pela prudência com que procurava guiá-los. Sua fama chegou até o reino de Portugal; Dom João III o chama a Lisboa e, conforme nos informa Frei Justo Perez de Urbel, “o reino inteiro cai embalsamado com o hálito de suas virtudes”.

Tornou-se conselheiro do Rei Dom João III, do Príncipe Dom Luís e da infanta Dona Maria. Esta última testemunhou sua gratidão a São Pedro de Alcântara ao abrir, em Lisboa, um mosteiro para as Clarissas e também ao construir o Hospital da Misericórdia. Acostumado ao recolhimento e à mais completa austeridade, tinha dificuldades em suportar as honrarias que lhe eram tributadas pela Corte Portuguesa, já que preferia viver desconhecido, dedicando-se à oração, à penitência e à contemplação.

A essa sua característica atribui-se o fato de ter recusado o convite do Imperador Carlos V para ser seu confessor, quando este se retirou para o Convento de São Justo, após sua abdicação; o mesmo ocorreu com a Princesa Joana da Áustria que, igualmente, queria torná-lo seu diretor espiritual.

Também ficou conhecido pelo seu trabalho de reformas monásticas junto de outra alma benemérita, a Carmelita Teresa d Ávila, ou a “Santa de Ávila”.

Dom Pedro de Alcântara foi beatificado pelo Papa

Gregório XV em 18 de abril de 1622, canonizado pelo Papa Clemente IX em 28 de abril de 1669 e, em 31 de maio de 1826, proclamado como “Padroeiro Principal do Brasil” pelo Papa Leão XII, em atendimento a uma solicitação do Imperador Dom Pedro I.

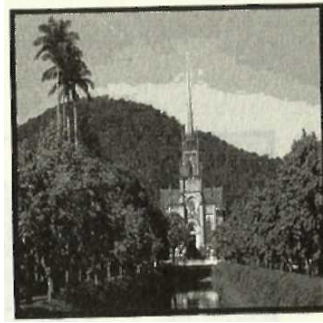
Ficaram famosos os dois sermões proferidos pelo Frei Francisco de Monte Alverne, ambos na então Capela Imperial, sendo o primeiro em outubro de 1829, na celebração, inauguração e beatificação da imagem do Padroeiro do Brasil e o segundo, vinte e cinco anos mais tarde, sob a insistência de D. Pedro II, em que o franciscano ressaltou as excelsas virtudes de Dom Pedro de Alcântara. Esse segundo sermão, aliás, foi considerado, na época, como o “acontecimento literário do ano”. Vale ressaltar que o Frei Francisco, nesta oportunidade, encontrava-se cego e muito doente.

Foi D. Pedro II quem, em março de 1843, fundou Petrópolis, determinando a demarcação “de um terreno para nele se edificar uma igreja com a invocação de São Pedro de Alcântara...”.

Apesar da pedra fundamental da igreja de São Pedro de Alcântara ter sido lançada nos solos de Petrópolis em 1876, somente em 1925 ela foi inaugurada, mesmo que ainda incompleta, vindo afirmar-se como Catedral em abril de 1946. Para os petropolitanos, a famosa cidade serrana “nasceu e cresceu sob o signo da celestial proteção desse extraordinário santo”. Nele, tem-se um espelho fiel de Cristo.

Porém, não foram as honrarias em vida ou póstumas prestadas a Dom Pedro de Alcântara, que o tornaram um homem notável; o que o tornou um dos mais virtuosos (e legítimos) santos da Igreja foram sua pureza angélica, sua paixão pela pobreza, sua vida de penitente, sua completa dependência do Senhor, sua aplicação e zelo a serviço da Igreja, bem como sua “intimidade” com o Cristo.”²²

²² 1. Jeronymo Ferreira Alves Netto – site I-H-P– www.ihp.org.br/docs/ifanl9991027.htm



Igreja de Pedro de Alcântara – Petrópolis RJ



Frei Pedro de Alcântara



Arnaldo, Chico e Ennio Santos, 1954, no retorno da viagem a Angra dos Reis, Petrópolis, RJ.

V

Uma História de Natal

A felicidade terrestre é relativa à posição de cada um. O que basta para a felicidade de um, constitui a desgraça de outro. Haverá, contudo, alguma soma de felicidade comum a todos os homens?

“Com relação à vida material, é a posse do necessário. Com relação à vida moral, a consciência tranqüila e a fé no futuro”.²³

*“Glória a Deus nas Alturas, paz na Terra e boa-vontade para com os homens...”*²⁴

²³ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, pergunta 922.

²⁴ JESUS. Lucas, 2: 14.

Diante do computador, resolvemos dar uma olhadinha nos textos guardados no arquivo *Amigos para Sempre*. Confessamos que sentimos um frio na espinha, seguido de um vazio profundo no coração. Afinal, lembramos que não iríamos à União Espírita Mineira naqueles dias devido à suspensão dos trabalhos em função do recesso de fim-de-ano, e entendemos o que aquilo significava: não teríamos as sessões dos *Diálogos e Recordações*.

Não poder estar com os amigos é algo muito triste para aqueles que buscam no relacionamento um fator de aprendizado através das trocas.

Este ano que se finda foi riquíssimo para este pobre repórter que se arriscou pela senda da pesquisa, em reportagens inebriantes através do tempo. Hoje entendemos porque vibrávamos tanto com um seriado dos anos 70, *Túnel do Tempo*, em que dois personagens, Dr. Douglas Philips – estrelado por Robert Colbert – e Dr. Tony Newman – estrelado por James Darren, iniciaram, através de uma máquina extremamente sofisticada, uma viagem no tempo que acabou se transformando em experiência sem volta, porque os cientistas que lideravam o projeto perderam o controle sobre a máquina. Sentimos como se fôssemos um daqueles personagens, quando o amigo Arnaldo aciona o botão do tempo e abre os pergaminhos da história dos *Amigos para Sempre*.

Envolvido nessas sensações, não resistimos. Buscamos o telefone e ligamos para Arnaldo Rocha.

– Alô! Arnaldo? Como vai o Senhor?

– Que prazer em falar com você, meu jovem! Como vai a família?

Sem rodeios, entramos logo na nossa “proza” costumeira.

– Desculpe ligar, mas como não iremos à União hoje, aproveitei para me despedir, já que entraremos em férias.

E, após os informativos pertinentes às festividades, arguimos:

– Arnaldo, você passou muitos natais com o Chico; gostaria de nos oferecer alguma recordação para o livro?

– Engraçado, pois eu estava justamente pensando nisso mais cedo, respondeu-me Arnaldo imediatamente.

– Isso é porque estamos sintonizados com o trabalho da Espiritualidade! – repliquei.

– Como este trabalho tem por objetivo narrar os aspectos da mais pura simplicidade de nossas vidas – continuou Arnaldo – vem-me à lembrança uma experiência marcante, junto com o Chico, que para alguns pode parecer pueril.

Chico havia comprado uma vitrola e, ao chegar o Natal, resolvemos presentear nossa *Alma Querida*. Sendo assim, rumamos à loja de um amigo, situada na Rua Espírito Santo, e escolhemos um disco – que, naquela época, pesava uma “tonelada” e rodava em 78 rotações por minuto, as famosas rpm – de canções natalinas, gravado por cantores brasileiros.

Cheguei a Pedro Leopoldo por volta das vinte horas, debaixo de um temporal (de novo!). Estava difícil enxergar as poucas luzes da cidade.

Assim que entreguei o presente ao Chico, depois de agradecer, ele me pediu para colocar o disco na vitrola. Depois de algumas canções, Chico começou a chorar copiosamente. Ele tirou os óculos e ficou por longo tempo chorando, sem expressão direcionada para mim. Como já havia me habituado a esperar, respeitosamente, o que vinha do Chico, fiquei aguardando. Vez por outra, ia até a vitrola e virava o disco. Depois de algum tempo, Chico se voltou para mim e falou: “*Arnaldo, algumas dessas canções minha mãezinha me ensinou a cantar*”.

Confesso que nunca tinha presenciado o Chico tão nostálgico. De repente, ele se levantou e me deu um longo abraço. Senti uma sensação indescritível de carinho paterno pela *Alma Amiga* que bradava por arrimo e consolo. Posso dizer, com toda pujança que a nossa amizade outorgava, que senti o lado humano e frágil do meu amigo Chico.

Ele, então, falou: “*Acabo de receber o presente mais bonito de minha vida*”. Em seguida, saímos para a casa de André, Lucila e Luiza para fazermos a prece, falar de Jesus, comermos algumas guloseimas e esperar o dia seguinte, no qual faríamos nossa tarefa de distribuição do “óbolo da viúva”.

Assim que desligamos o telefone, logo visualizamos, à nossa frente, o livro *Fonte Viva*, ditado por Emmanuel. Como de costume, abrimo-lo ao “acaso” e a página a nós descerrada foi exatamente o último capítulo da obra, intitulado “Natal”, do qual transcrevemos um breve trecho:

“(...) Jesus trazia consigo a mensagem da verdadeira fraternidade e, revelando-a, transitou vitorioso, do berço de palha ao madeiro sanguinolento.

Irmão, que ouves no Natal os ecos suaves do cântico milagroso dos anjos, recorda que o Mestre veio até nós para que nos amemos uns aos outros.

Natal! Boa Nova! Boa-Vontade!...

Estendamos a simpatia para com todos e comecemos a viver realmente com Jesus, sob os esplendores de um novo dia”²⁵

Refletindo sobre a vida dos *Amigos para Sempre*, que buscaram continuamente, através da própria vivência, legar-nos os ensinamentos do Evangelho, lembramo-nos da singela cidade situada a 35 Km de Belo Horizonte. Pedro Leopoldo simboliza, para muitos de nós, a manjedoura de lições inesquecíveis que podemos colher, agora, nos dias atuais.

Chico se foi para os “vivos”. Nos próximos Natais não teremos mais aquelas singelas comemorações com ele; no entanto, seu Espírito amigo nos concita a buscar o ideal que ele tanto amou.

É natural, para aqueles que ainda não entendem a essência da mensagem da Doutrina Espírita, bem como do Evangelho, questionarem acerca de quem será o substituto de Francisco Cândido Xavier. Apesar da comparação ser exagerada, mas com o intuito de refletirmos sobre essa questão, poderíamos, então, também questionar: quem foi o substituto de Jesus até o presente momento? Não houve substituto para Ele, ser imaculado e único a pisar nesse mundo de provas e expiações, assim como não haverá quem substitua qualquer um que faça de sua vida um testemunho

²⁵ EMMANUEL (Espírito), *Fonte Viva*; Psicografia de Francisco Cândido Xavier. Pelo espírito Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, lição 180.

vivo do Evangelho. Chico, com certeza, incluiu-se entre estes. Ele nos mostrou que a fé, raciocinada e operante, deve ser vivida em Espírito e Verdade, por todos.

Não teremos mais “Chico”. O convite é que nós sejamos os “Chicos”.

Não é mais tempo de líderes isolados, e sim de equipes de trabalhadores do Cristo. Foi por isso que Jesus orientou aos discípulos que eles fossem de dois em dois²⁶, após a formação do colégio apostolar.

Em muitos momentos vividos por Chico, é notório o auxílio que o médium recebeu dos *Amigos para Sempre*; no entanto, ele mais doou à comunidade Espírita, e às pessoas que o procuravam, do que recebeu delas o apoio de que necessitava. Algumas vezes, o possível apoio oferecia, em sua essência, bajulatórios ou exaltação desmedida, que o incomodavam profundamente.

“*Chico sempre nos alertou sobre esse perigo*”, segundo nos contou o próprio Arnaldo Rocha. Um episódio ilustrativo de tal alerta ocorreu em uma reunião na presença de Chico e Arnaldo. Nessa reunião, um companheiro havia recebido a incumbência de falar sobre a “Doutrina Espírita” enquanto Chico psicografava. Contudo, ao invés de abordar o tema proposto, o expositor utilizou todo o tempo de sua fala exaltando o trabalho do Chico, como se fosse uma “missa de corpo presente”. Ao final da reunião, Chico carinhosamente se esquivou dos elogios em público e Arnaldo contou que ainda teve a oportunidade de ver o famoso “sabão fraterno” sendo aplicado, em separado, para amaciar o coração do confrade.

Arnaldo Rocha sempre ressalta a posição contrária e veemente de Chico Xavier ao ser elogiado. Este sempre transferiu, aos Espíritos, qualquer exaltação à sua personalidade.

Nesse novo milênio, todos somos convidados a perceber e a sentir, através dos exemplos de Francisco de Paula Cândido (nome de batismo de Chico Xavier), que a Luz da Doutrina Espírita continua a guiar-nos pelo caminho apresentado por Jesus há dois mil anos.

Que, nessas bases, a ceia dos próximos Natais possa oferecer o Pão da Vida, dando sustentação aos nobres ideais de renovação e redenção de nossos espíritos.

Ofertemos, através da boa vontade, o incenso da caridade, a mirra da fraternidade e o ouro do amor, a fim de que o Filho do Homem nasça, como uma criança, no meio da palhoça e dos animais. Se os reis dão “glória a Deus nas alturas”, a Divina Mãe se rejubila pelos filhos que passam a ter o coração puro, vendo o novo Reino de Deus.

Este é mais um sonho do repórter que trouxe, em singelas letras, o que pode se tornar o Natal dos *Amigos para Sempre*.

²⁶ JESUS. Marcos, 6:7.



Chico Xavier na década de 40 com Pedro Leopoldo.
Este era o meio de transporte para o seu trabalho na Fazenda Modelo.

*Jesus, Mestre da Verdade e do Bem, da Humildade e
do Amor, permite que o astro sublime de teu
Natal brilhe, ainda, na noite de nossas
almas e estende-nos caridosas mãos para que
nos livremos de velhas feridas, marchando ao
teu encontro na verdadeira senda de
redenção.²⁷*

²⁷ IRMÃO X (Espírito). *Antologia Mediúnica do Natal*; (psicografia de Francisco Cândido Xavier), pelo espírito Irmão X. Rio de Janeiro: FEB, lição 180.

VI

Vivendo em Família

“Formam famílias os Espíritos que a analogia dos gostos, a identidade do progresso moral e a afeição induzem a reunir-se”²⁸

*“Eis aqui minha mãe e meus irmãos; porque, qualquer que fizer a vontade de meu Pai, que está nos céus, este é meu irmão, e irmã e mãe”.*²⁹

²⁸ KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo. Rio de Janeiro: FEB, cap. xiv, item 9.

²⁹ JESUS. In: Mateus, 12:49-50.

Este capítulo dos diálogos e recordações tem por fim prestar singela homenagem à família Xavier. Dividi-lo-emos em duas partes, para que você possa compreender como as “coincidências” marcaram o desenrolar dos acontecimentos.

1ª Parte:

Atendendo a um convite feito pela amiga Valéria Martarelli, para visitarmos uma exposição doutrinário-Evangélica na cidade de Sabará, quis o destino promover mais um capítulo de reencontros dos *Amigos para Sempre*. Faremos uma pequena narrativa para que você, leitor amigo, possa se projetar nessa singela história em torno da família dos Xavier.

Quando nos preparávamos para percorrer, de carro, uma estrada velha das Minas Sabarenses, ouvíamos um disco em que a doce voz do Chico nos brindava com notas sublimes do Evangelho. Lembramo-nos de que Chico, sempre auxiliado pela Espiritualidade Superior, divulgava a Boa Nova através da psicografia de frases que nos traziam luz e nos convidavam à vivenciação do amor. Quantas vidas, quantas trilhas!

Desde o momento em que deixamos nossa casa, sob o influxo da voz de Chico, fomos sendo, pouco a pouco, envolvidos por cariciosas sensações que nos fizeram lembrar de Maria João de Deus, mãe do médium de Pedro Leopoldo, aquela lavadeira nascida em Santa Luzia, interior de Minas e ofertada pelos céus para lavar as fraldinhas do menino Chiquinho. Tomados por essas lembranças, recordamos, ainda, algumas das famosas histórias desse anjo feito mulher, adocicadas pela genuína simplicidade.

Quando chegamos ao Centro Espírita de Sabará, Casa do Caminho, gratas surpresas surgiram. Descobrimos que os responsáveis pela recepção daquele evento, tipicamente sabarense, eram o senhor Cornélio e sua esposa Dona Sidália Xavier Pena Silva, sobrinha do Chico, filha de Maria Xavier Pena. Detalhe interessante é que, até então, não sabíamos que eles eram da família do Chico.

Logo que chegamos à recepção do centro espírita, deparamos com três retratos que nos chamaram a atenção e, por isso, indagamos aos frequentadores da casa:

– Perdoem-me, senhores, mas essa companheira do quadro me parece conhecida. Por acaso é fundadora da casa?

A resposta não poderia ter nos causado maior impacto:

– Esta é minha mãe, Maria Xavier Pena – acabava de responder-me o senhor Paulo Pedro, sobrinho de Chico Xavier.

Naquele instante, ficamos extáticos, prestando atenção naquela gente simples e humilde de coração que demonstrava, com lágrimas nos olhos, o agradecimento e, ao mesmo tempo, as saudades, da mãe há muito desencarnada, e do tio Chico, que há tão pouco tempo havia partido para o reencontro com alguns dos *Amigos para Sempre*.

Relembramos que foi através de um processo obsessivo, sofrido por Dona Maria Xavier, que o Senhor João Cândido, acompanhado de seus filhos Chico e José Xavier, foi buscar auxílio emergencial junto ao casal Perácio, como tentativa de cura para tão dolorosa experiência.

Logo em seguida, no mês de maio do ano de 1927, o Senhor Hermínio Perácio e sua esposa, Dona Carmem Pena Perácio, passaram a realizar o culto no lar da família Xavier. Dona Maria João de Deus, mãe de Chico, já desencarnada, comparece e grafa, através da psicografia da senhora Perácio, uma significativa mensagem endereçada, especialmente, ao filho Chico: “Chico, meu filho, eis que nos achamos mais juntos, novamente. Os livros à nossa frente são dois tesouros de luz. Estude-os, cumpra os seus deveres e, em breve, a Bondade Divina nos permitirá mostrar a você os seus novos caminhos”.

Através desse acontecimento, as portas do mundo invisível começaram a se abrir para Chico Xavier, incitando-o a um grandioso trabalho que, arrimado na disciplina e na vivência evangélica, só teria seu término na Terra com o seu desencarne, no dia 30 de junho de 2002.

Todavia, retomando o episódio nas terras sabarenses, relatou-nos o senhor Paulo Pedro, filho de Dona Maria Xavier Pena, que, depois de muito sofrimento causado pela obsessão, sua jovem mãe se casou e, a conselho de Chico, mudou-se para a cidade de Sabará.

A nova família passou por muitas dificuldades financeiras, superando-as por intermédio dos conselhos vindos de Pedro Leopoldo e da sustentação advinda do estudo permanente de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Nessa luta, a família cresceu e se estabeleceu. Eram eles: Jacy Pena (pai), Maria Xavier Pena (mãe) e os filhos David, Sidália, Paulo Pedro, Amauri, Francisco, Cláudio, Ismael e Sálvio.

Chico sempre teve um papel importante na vida da família. Depois dos incansáveis conselhos do irmão, residente em Pedro Leopoldo, Maria Xavier resolveu, em conjunto com alguns amigos, fundar a primeira casa espírita de Sabará. Os filhos são unânimes em dizer que Dona Maria Xavier Pena foi uma heroína, tomando-se um instrumento da divindade para o nascente movimento espírita naquelas paragens, além de demonstrar testemunhos nobilitantes em favor de sua prole, composta de tantos filhos.

Episódio marcante, narrado pelos amigos que nos recepcionaram calorosamente, foi a inauguração deste centro espírita “Casa do Caminho”, no dia 3 de outubro de 1941, inauguração que contou com a presença ilustre de Chico Xavier, fato que culminou em uma verdadeira festa espiritual na cidade.

Outra nota que vale registro: em razão da profunda tristeza que sentiam, após o desencarne de Dona Maria Xavier Pena, seus filhos suspenderam os encontros de sábado, nos quais se realizava uma cantoria, a tradicional seresta. Após algum tempo, auxiliados pela tarefa espírita, chegaram à conclusão de que a vida prosseguia e que eles, também, precisavam do convívio familiar para encontrar o estímulo imprescindível à continuidade da existência.

Marcaram, então, a data e fizeram a festa. Em meio à cantoria, resolveram buscar um gravador a fim de verificarem a qualidade da apresentação. Enquanto um dos irmãos saiu para buscar o aparelho, comentou-se, na roda, que a voz de Dona Maria fazia muita falta entre eles.

Para não dar asas à tristeza, a música e o cantar foram reiniciados, bem como principiada a respectiva gravação. Depois da entoada, ligou-se o gravador e todos silenciaram para escutar o registro. Para espanto geral, no meio de tantas vozes gravadas, uma se destacava, como sempre: era a voz de Dona Maria Xavier Pena, presente ali, entre todos os seus rebentos do coração e que, exalando a energia magnética necessária para a realização do fenômeno de efeito físico, deixou mais um testemunho estóico de fé e de amor.

A senhora Sidália ainda nos relatou, nos poucos instantes que antecederam o início da palestra, que na noite anterior ela havia sonhado com o seu tio Chico. Nesse sonho, o tio expressava um sorriso silencioso e jovial, e ela lhe falou que gostaria muito de trabalhar pela doutrina como ele o fez, até o último dia de sua jornada terrena.

Durante o estudo, sentimo-nos parte da família Xavier, dado o enorme carinho recebido. Registramos seus familiares espirituais presentes naquele salão tão antigo da Casa do Caminho. Iniciamos a palestra na qual falaríamos acerca da “Imortalidade da Alma” e, naquele instante, pensávamos conosco mesmo: “Era só isso o que faltava! Com tanta gente desencarnada presente, falar desse tema!”.

Tomou-se impossível não falar da vida do Chico. No entanto, procuramos imprimir um tom de alegria trazido pelo Evangelho, no intuito de que não ficássemos saudosos demais. Ao lembrar casos pitorescos da secular família, trouxemos à baila boas risadas da platéia, encarnada e desencarnada, e esse foi o maior presente da noite!

Dentro dos casos citados, por exemplo, contamos um já bastante conhecido no meio espírita: Chico, ao ser abordado por seu pai, João Cândido Xavier, sobre o provável nome de Jesus Cristo, caso Ele voltasse à Terra, a resposta do jovem Chico se fez inesquecível naquela noite de tantos sorrisos: “Alegria, meu pai. Sendo Ele o amparo aos tristes, pão para os famintos, médico dos estropiados e apoio para os que lutam pelo amor, Seu nome só poderia ser Alegria”.

E, assim, terminou o estudo de uma noite inesquecível.

Abraços, já saudosos, na despedida dos Amigos Xavier.

Agradecemos a Deus essa viagem tão singela, e tão especial, que ficará guardada em nosso coração com ares de nostalgia até o dia (quem sabe) em que esta família nos convide para voltar, não só para o estudo, mas, se der tempo, para tomar um café e saborear a famosa quitanda mineira na casa da Dona Sidália.

Através da mesma estradinha velha de curvas sinuosas e asfalto desgastado, viajávamos de regresso. Inspirados pelo brilho das estrelas a circundarem a lua, por sua vez a clarificar essa velha estrada, lembramos a estrela que guiou os reis magos ao encontro do Menino Jesus que, para nós, é “O caminho, e a Verdade e a Vida”.



Chico Xavier, em visita a Sabará na década de 70,
junto à sobrinha Sidália Xavier Pena, na fundação do Abrigo das Crianças.

2ª Parte:

No dia seguinte a esta marcante experiência que acabamos de narrar, rumamos à União Espírita Mineira para o encontro com o querido amigo Arnaldo Rocha, a fim de colhermos mais lições nos *diálogos e recordações*.

Adentrando os portais luminosos da instituição, sentimos uma pressão muito forte a anestesiá-los o coração, antevendo o episódio que nos aguardava. A cada passo foram-se abrindo, na nossa memória, cenas que ficarão indelevelmente gravadas em nossa alma. Quantas horas dedicadas junto ao amigo Arnaldo Rocha para, posteriormente, grafarmos, em diminutas letras, as experiências vivenciadas pelos *Amigos para Sempre*, que o tempo soube reunir em nome do amor do nosso Pai Celestial!

Na sala que nos servia de abrigo durante aqueles inesquecíveis momentos, encontramos Arnaldo Rocha em agradável bate-papo com o senhor Dulmar Garcia de Carvalho e sua esposa, senhora Marília Carvalho, sobre mais um caso que envolvia o querido Chico Xavier, seu amigo eterno.

Após a entrada desse repórter, Arnaldo expandiu o seu costumeiro tom de voz para nos cumprimentar:

– Olá, meu jovem amigo! Como tens passado? Chegastes numa hora boa. Estávamos relembando um caso em que o espírito criterioso e alegre de Chico nos legou mais um valioso ensinamento.

E com o mesmo tom alegre, continuou:

– Numa noite muito fria lá em Pedro Leopoldo, eu ensinava um exercício muito bom e simples com o objetivo de auxiliar no descongestionamento das vias respiratórias a uma companheira. O exercício, na realidade, é um tipo de “autopasse”: consiste, basicamente, em abrir o coração, realizar uma prece, estender os braços para frente e abri-los, em seguida, num movimento de dentro para fora, ritmado, aspirando oxigênio e expirando gás carbônico.

O Chico adorava me ver ensinando essa técnica, que aprendi nos belos tempos de natação, pois ele sabia que os resultados eram positivos.

Nesse caso específico, a pessoa ficou tão agradecida por obter resultado sobre uma bronquite feroz que, quando reencontrou conosco, depois de dar o seu “testemunho”, voltou-se para o Chico e fez uma pergunta que, até hoje, não sei se foi mesmo para o Chico ou para o além: “*Chico, qual espírito influenciou Arnaldo em meu benefício?*”. A resposta da Alma Querida não tardou: “*O espírito de solidariedade*”. Nessa hora, todos os que estávamos reunidos naquele lugar demos belas gargalhadas, inclusive a própria companheira que fez a pergunta.

Após alguns alegres comentários que tecemos em tomo do caso, Arnaldo concluiu sua explanação de forma emocionada:

– Quantas saudades dos momentos vividos entre os amigos que se tornaram mais do que familiares!

Nesse ponto do diálogo, recordamo-nos da viagem da noite anterior e, movido por uma saudosa inspiração, endereçamos uma pergunta a Arnaldo que, acreditamos, seja até possível ao leitor presumir:

– Arnaldo, você tocou na palavra família. Toda vez que você fala nos *Amigos para Sempre*, transmite uma carga vibratória de muito amor e sinceridade. O que você gostaria de contar, especificamente, sobre a família do Chico Xavier?

– Ah, meu filho! – exclamou levantando os olhos para o infinito. Escreveríamos vários livros se a memória permitisse. São nada mais, nada menos, que cinco décadas de convivência que se foram e, com elas, muita coisa se perdeu na memória.

Insistimos na questão, incisivamente, a fim de não perder a conexão da pergunta.

– Além de Chico, quais eram os outros médiuns da família?

– Sempre que iniciamos uma história sobre a vida do Chico, lembramo-nos de sua mãe, Maria João de Deus, da mediunidade do garoto, depois do desencarne dela e do início do mandato, a partir do processo obsessivo vivido por sua irmã Maria Xavier Pena que, posteriormente, veio a ser médium e boa oradora. Os familiares afirmavam que a avó de Chico era clarividente.

Sua irmã Dália era médium psicofônica de excelentes dotes. Em algumas oportunidades, o fenômeno da transfiguração, percebido nas manifestações dos espíritos enfermos, mostrava-se mais contundente por seu intermédio do que através do próprio Chico. Em uma reunião no Meimei, com presença de Chico, ela recebeu uma entidade no processo de zooantropia, em que o espírito estava hipnotizado no plano espiritual na forma de uma cobra. Foram longos minutos que, para nós, se transformaram em horas de muito trabalho.

Mudando levemente o enfoque dado à pergunta, mas permanecendo dentro do assunto, Arnaldo prosseguiu:

– Outro caso interessante aconteceu com outra irmã, cujo nome não preciso declinar, que integrava o grupo mediúnico. Era boa médium, mas apresentava um problema sério de assiduidade, problema este já percebido em muitos outros medianeiros. Numa tarde de sexta-feira, fui buscar as correspondências para o Chico e, no regresso, resolvi passar na casa daquela médium, que eu julgava ser inexperiente, para lhe dar alguns conselhos. Depois de várias horas de conversa, consegui convencê-la a retornar ao trabalho. Quando encerramos o bate-papo, tomei o caminho de volta para encontrar-me com Chico e André, seu irmão no Meimei. Após entregar as cartas ao Chico, ele começou a separá-las.

Diga-se de passagem, a forma utilizada na separação das cartas atendia a três situações: na primeira, eram encaminhadas as correspondências destinadas ao receituário homeopático ou orientador; na segunda, Chico respondia cada uma em particular; e, na última situação, as cartas eram devolvidas com uma mensagem evangélica. O mais interessante era a técnica empregada

na separação dessas correspondências. Chico ficava conversando com a gente e, sem abrir os envelopes, pelo simples toque – ou melhor, utilizando-se da mediunidade de psicometria –, ele identificava as necessidades das pessoas que escreviam e direcionava as correspondências, para que cada uma recebesse individualmente os recursos terapêuticos e consoladores de que necessitavam.

Especificamente naquele dia, ao separá-las, ele ficou em silêncio por alguns instantes e, de repente, olhou majestoso em minha direção e proferiu uma lição que, confesso, fez-me perder o rumo de Belo Horizonte, mas da qual nunca mais me esquecerei. Perguntou-me o Chico: “*Arnaldo, o que você foi fazer na casa da nossa companheira?*”. Eu não havia tocado no assunto! Eu ainda estava assombrado quando o Chico, então, continuou: “*Você fez um grande mal, pois envaideceu tanto a nossa irmã que ela vai, na brisa da euforia, até voltar para a reunião, mas como o vento não tem sustentação própria, aqui simbolizando o desejo real, ela vai se afastar novamente logo que a brisa suave e encantadora passe*”.

Arnaldo, olhando em nossos olhos, deu belo sorriso e nos lançou uma simples, mas muito significativa, pergunta:

– Adivinhem o que aconteceu com a nossa amiga?

Mesmo observando que ainda estávamos sob o impacto do caso recém-contado, Arnaldo retomou o “fio da meada” da pergunta que lhe havíamos formulado, sobre os outros médiuns da família do Chico.

– Outro irmão que marcou muito a vida de nossa *Alma Querida*, apesar de não ser médium ostensivo, foi o José Xavier, seu irmão falecido. Chico sempre falava nos educadores que muito o auxiliaram no início de sua trajetória mediúnica. Foram eles o professor Cícero Pereira, Rômulo Joviano e o parceiro/irmão José Xavier. Clóvis Tavares, por exemplo, era fã da simplicidade de José Xavier; basta ler o seu livro *Trinta anos com Chico*

Xavier, para constatar este fato.

Chico nos contou, na época em que psicografava o romance *Ave, Cristo!* que José Xavier e sua esposa, Geni Pena, eram também personagens desta história. Para mim, um dos capítulos mais marcantes é o de número V, intitulado “Reencontro”. Taciano, este mísero que vos narra, um dos personagens principais do romance, avesso ao Cristianismo e no auge de sua insanidade mental, manda o serviçal, Epípedo, trazer um cão selvagem para, em seguida, lançá-lo sobre o garoto cristão Silvano, após este fazer prece ao Divino Mestre Jesus. Esse garoto veio a desencarnar, em seguida, nos braços do pai do próprio Taciano, Quinto Varro, também cristão e que se ocultava sob o nome de Corvino.

Só de pronunciar o nome dele, sinto um aperto no coração!

Aliás, Chico me confidenciou, certa feita, que Ápio Corvino, aquele cristão que se tornou o Benfeitor de Quinto Varro, até a ponto de lhe ceder o nome, é uma das reencarnações do venerando Bezerra de Menezes.

Mas, retomando, neste mesmo capítulo, é digna a lembrança de Rufo, o velho escravo da quinta (contemporaneamente reencarnado como nosso querido Benfeitor de Sacramento, o Eurípedes Barsanulfo) que, após o tenebroso fato acima citado, resolveu também dar o seu testemunho cristão e, com isso, acabou por ser flagelado por ordem do cruel Taciano.

– Arnaldo – interrompi entusiasmado –, grande parte dos personagens deste livro estavam reencarnados naquela época de Pedro Leopoldo e, pelo que nos parece, alguns bem próximos. Deveria ser muito interessante o aproveitamento das revelações por parte de vocês.

– Meu jovem – ponderou com seriedade e cuidado –, poucos da equipe de trabalhadores recebiam essas confidências. Nessa época, o inconsciente do Chico estava deliberadamente aberto em face dos trabalhos que realizava.

Nesse instante, o amigo Arnaldo deu um longo suspiro e, com muita emoção, recordou que ele e o Clóvis Tavares, por orientação do Chico, anotavam os nomes dos personagens na última

página do romance e, à medida que Chico percebia os “painéis” das cenas do livro, as anotações não se faziam tardar. Um belo dia, Arnaldo emprestou esse material a um companheiro que lamentavelmente nunca mais o devolveu...

– Para finalizar a recordação – voltou a narrar –, citaremos um casal de mordomos das quintas de Taciano, cujos nomes eram Alésio e Pontimiana. Eram cristãos também, mas compelidos pelo medo, negaram perante o patrão serem discípulos do carpinteiro; seus nomes na última romagem terrena: José Xavier e sua esposa Geni. Coincidência? Fica a pergunta no ar – concluiu Arnaldo, enigmático.

Em seguida, continuou:

– Registreí muitas conversas entre Chico e Geni, pois muito a estimava. Ela tinha uma capacidade de reviver fatos passados que encantava a todos. Como ela, só encontrei a mediunidade de Wallace Leal e, obviamente, a do Chico, que dispensa comentários.

Abri esse espaço todo, na verdade, para falar de José Xavier, não pela sua ostensividade mediúnica que, como já disse, não existia, mas pelo fato dele ter sido o primeiro parceiro de Chico no “Luiz Gonzaga” e, posteriormente, passista, orador e doutrinador. Depois do seu desencarne, Chico só voltou ao trabalho de desobsessão com a minha acanhada presença, na qual ele dizia se sentir tranqüilo para a sua entrega aos irmãos em sofrimento.

Depois do desencarne de José, sua esposa Geni foi acometida por um processo obsessivo insidioso, o que na época obrigou a família a interná-la no Instituto Raul Soares, aqui em Belo Horizonte. No dia da internação, Chico, em meio ao desconforto e às lágrimas, foi questionado por Emmanuel sobre o porquê daquele desespero. Depois de breve conversa, o “Senador” fala ao Chico que nunca havia visto o médium chorar pelas outras duzentas irmãs que estavam internadas naquela casa de Deus e que a dor dos Xavier não era maior do que a dos Pires, Almeida, Silva, etc. Assim, ele mandou Chico voltar para casa e fazer as vezes de mãe, cuidando

do sobrinho Emmanuel Luiz.

Por falar nessa criança, sei que era disforme, cega e surda. Chico, sempre que se referia a ela, fazia-o com uma tristeza muito grande. Contou-me, certa feita, que era a reencarnação do cruel Fouquier Touville, líder nos tribunais da Revolução Francesa.

Aproveitando a pausa feita por Arnaldo, comentamos com outros três amigos presentes que já havíamos lido a respeito desse fato, o qual Chico afirmava ter sido um dos mais marcantes da sua vida. Durante muitas noites, enquanto ele psicografava com uma mão, a outra era utilizada para balançar o bercinho da criança indefesa. Recordamos, ainda, que, no momento do desencarne da criança, por volta dos doze anos, ela conseguiu abrir os olhos em demonstração de lucidez e, em meio a um choro convulsivo, agradeceu ao Chico por tudo, mas, principalmente, por lhe ter sido uma mãe de verdade.

Arnaldo, nesse instante, interveio e, com muita sensibilidade, finalizou:

– Gostaria de lembrar apenas mais uma pequena história, já que um assunto acaba puxando outro. Por termos falado do *Ave, Cristo!*, que é também parte de minha triste história, lembrei-me de uma noite em que saímos do Meimei. Era uma sexta-feira, por volta das vinte e duas horas. Ennio, Chico, eu e André, irmão de Chico, havíamos sido convidados para lanchar na casa deste último e de sua esposa Edith, pais de Ademir e Angela, e para lá rumamos.

Enquanto esperávamos o lanche, conversávamos alegremente sobre a reunião. De repente, o Chico pediu que eu fosse à “radiola” e colocasse uma boa música clássica. Ao mesmo tempo pediu a André que buscasse lápis e papel. Passados alguns instantes e como André demorava, Chico pediu-nos que não o interrompêssemos naqueles próximos minutos. Pegou um pedaço de papel e foi para a sala ao lado onde iniciou uma escrita. Quando André finalmente voltou com o papel, eu só fiz um gesto para que ele não interrompesse o Chico ao que ele, em ato contínuo, anuiu, vindo a assentar-se conosco para continuarmos nosso bate-papo, agora inspirados pelo som da música.

– Arnaldo – interpelei intempestivamente, sem conseguir conter-me –, mas vocês não ficaram em prece, apoiando o Chico durante a psicografia?

– Meu filho, existem tabus que são mais atos “louvaminheiros” do que expediente de trabalho. Quando Chico entrava em contato com os espíritos, nós o sabíamos pelo brilho ou pelos giros do seu olho problemático. Em tais situações, nossa postura era de respeito e recolhimento, mas nem sempre o momento definia necessidade de fechar as portas do mundo material. A presença dos Benfeitores se fazia, primeiramente, por misericórdia deles, arrimada pela imprescindível conduta moral, pelos próprios assuntos elevados, ou seja, por uma imperiosa sintonia com o bem.

Para muitos médiuns, o ambiente deve ser específico, como, por exemplo, o Centro Espírita, o que concordamos plenamente, principalmente pela dificuldade de se manter um bom padrão vibratório em outros lugares, em virtude do tumulto interior ainda vigente nos corações. Com isso, os companheiros de tarefas doutrinárias que acompanham esses médiuns se “postam de joelhos”, achando que com práticas exteriores é possível atrair entidades superiores. São hábitos que só o tempo dedicado ao estudo da Codificação Kardequiana e a prática no labor doutrinário nos farão compreender, principalmente quanto ao futuro da mediunidade que nos espera. Digo tudo isso não por mim, que nada signifique, mas pela simplicidade com que Chico aplicava os ensinamentos de seu mestre Allan Kardec em seu dia-a-dia, do qual faziam parte, também os nossos instantes de convivência.

Aprendida a lição, mas sem que nós conseguíssemos conter a ansiedade, questionamos:

– Continue, Arnaldo, o que aconteceu, então?

– Depois de uns quarenta minutos, ficamos admirados com a cena que se desenrolou. Chico, enquanto escrevia, “chorava de molhar lençol”. Por fim, levantou-se e veio ao nosso encontro, dizendo: “*É o final... o último capítulo do livro de Emmanuel: Ave, Cristo!*”.

Arnaldo relanceou o olhar para mim e proferiu mais uma de suas frases soltas:

– É, meu filho... Quantas vidas! Quantas idas e vindas! Em um pedaço singelo de papel acabava de ser grafada uma página inesquecível da história de amigos eternos. Poucas pessoas sabem que Emmanuel suprimiu um capítulo inteiro do livro, por entender que este ficaria cansativo. Que pena! Teríamos mais um belo episódio para reflexões. Posteriormente, solicitei as páginas ao Chico, mas ele não as concedeu a mim, pois tinha que destruí-las.

Nesse instante do diálogo, percebemos que aquele aperto de coração, anteriormente sentido, quando da entrada na União Espírita Mineira, crescia enormemente dentro do peito, pois pudemos claramente notar, através dos olhos de Arnaldo Rocha, que ele se perdia em recordações do passado. Todavia, dentro da característica que marcava nossos encontros, interviemos com mais uma brincadeira a senhora Marília, o senhor Dulmar, o próprio Arnaldo e, por certo, todo o grupo espiritual que certamente acompanhava o desfecho de mais um capítulo do trabalho.

Após as despedidas habituais, voltamos para casa quase a atropelar o próprio tempo, no intuito de escrever a você, leitor amigo, como tem acontecido durante esses encontros com Arnaldo Rocha. Mas a Lei de Circunstância não permitiu. Em verdade, demoramos por volta de quatro semanas para termos coragem de engrinaldar essas letras que agora, como já esperávamos, encontram-se manchadas pelas lágrimas deste aprendiz de repórter que aqui se despede com uma simples frase, como singelo é este trabalho:

Até breve!



Chico psicografando em 1948

Nota do autor: Ao final deste capítulo, que particularmente nos tocou profundamente, inserimos trechos da palestra proferida por Maria Xavier Pena, em 20 de outubro de 1973, no Centro Espírita Oriente, em Belo Horizonte, por ocasião do aniversário da Mocidade Espírita daquela Casa que tem, por mentora espiritual, a venerável Maria João de Deus, mãe de Chico Xavier.

“Caros companheiros! Que a silenciosa paz do Mestre esteja conosco, para que possamos recordar algo de quem nos foi e ainda é tão querida e tão lembrada em todos os instantes da vida.

Não deixou de ser uma surpresa para mim, o honroso convite de vir até vocês falar sobre Maria João de Deus, esse humilde espírito do qual tive a felicidade de ser também filha nesta encarnação.

Maria João de Deus nasceu em Santa Luzia em 1881, no Hospital João de Deus, o que deu origem ao seu nome. Esse Hospital ainda existe nessa cidade. Era filha única e só conheceu a mãe, que se chamava Francelina.

Eu não conheci a minha avó materna, mas minhas irmãs sempre contavam que ela ouvia vozes e discutia muito, falando sozinha; brigava com alguém invisível e custava muito a dormir à noite, vigiando nosso sono. Hoje é que nós sabemos o que acontecia. Viveu com mamãe até desencarnar.

Maria João de Deus casou-se aos 13 anos de idade com João Cândido Xavier. Nessa época trabalhavam ambos na Fábrica de Marzagânia, distrito de Sabará.

Mamãe deixou uma semente de amor no coração de cada filho, pelas suas expressões de bondade e de simplicidade. (...)

Me vem à lembrança uma época em que papai lutava com muitas dificuldades para manter a família e mamãe sempre acatava com um sorriso, ainda que fosse triste, as idéias e a vontade do chefe da casa. Tínhamos um pequeno armazém, que naquele tempo chamávamos venda. Para nós, na nossa ingenuidade, papai tinha uma venda e era negociante! E todo mundo ficava tranqüilo, sem sequer pensar com seriedade nos compromissos que teríamos que assumir mais tarde.

Bem! Não vão acreditar muito em mim, pois, eu já disse antes que contava com oito anos de idade. Estava na escola; quando chegava, comia, brincava, tinha muitas colegas e lá em casa todo mundo tinha uma obrigação que precisava cumprir. Enquanto não cumprisse a tarefa marcada por mamãe, não podia brincar. As tarefas eram simples, fáceis de realizar porque o lar era muito pobre, materialmente falando, mas sempre eu notei na minha infantilidade e mesmo agora eu me lembro que havia muita paz e nós todos tínhamos um respeito que era até veneração por Maria João de Deus!

Era ela calada, tinha uma fisionomia serena e muito tranqüila; nunca vi mamãe reclamando, nem chorando, nem discutindo com papai e com minhas irmãs maiores. Nos ensinava mais com exemplos do que com palavras. (...)

Mas, o que eu quero relatar mesmo é que papai resolveu mudar-se de Pedro Leopoldo, incentivado por um amigo, para um lugar chamado Lapinha e ninguém recusou, apesar das saudades que sentimos de Pedro Leopoldo. Lá ficamos apenas seis meses. Papai ampliou um pouco a vendinha num cômodo maior e a casa era também grande e arranjamos alguns amigos. Lembro-me de que papai, nesse curto tempo, foi festeiro do mês de Maria e à noite saíamos todos para a Igreja, ficando mamãe sozinha tomando conta da venda. Uma noite, foram chamar papai às pressas na Igreja, pois mamãe tinha sido vítima de um grande desgosto por parte de um freguês e estava quase desmaiada. Nossa casa era iluminada por lampião e velas, pois no lugar não existia luz elétrica. Amigos socorreram mamãe, fecharam a venda, mas o abalo foi tão forte, que no outro dia papai começou arranjando as coisas para voltarmos para Pedro Leopoldo.

Desta data para cá, mamãe foi adoecendo devagar; ainda viveu muito tempo, porém sempre doente e tristonha. Desencarnou aos 34 anos de idade, no dia 29/9/1915, deixando nove filhos.

Mamãe nos ensinou a orar e amar a Deus da forma que ela amava: trabalhando, sofrendo sem reclamar, cultivando o amor em nossos corações. Ela procurava ser compreensiva com todos; tinha muitas amigas, concordava com os vizinhos e nossa casa era sempre procurada por pessoas que gostavam de conversar com ela, pedir conselhos, ajuda, as mais das vezes espirituais. Conforme os conselhos

que ela ia dar, eu recordo que gostava de ficar a sós, com a pessoa, não consentindo que nós ouvíssemos os particulares que as amigas lhe falavam, pedindo ajuda, Nos pedia um copo d' água e quem estivesse na sala devia entrar e não voltar com quem trouxesse a água. Ao levar o copo para dentro, devia ficar também o filho que tinha se desincumbido do encargo. (...)

Tenho uma irmã que mora aqui em Belo Horizonte, ela chama-se Carmozina e nós a chamamos de Zina. Quando mamãe desencarnou, ela arcou com as responsabilidades da casa, razão porque não pôde fazer nem o 4o ano de Grupo. Cozinhava, lavava a roupa toda da casa, enquanto nós não fomos repartidos com os padrinhos.

Enquanto deliberava tudo, Zina foi uma carinhosa irmã para todos nós; sofreu muito, era pequena, tinha 11 anos. Era fraca e doente. Uma tarde, todo mundo estava muito triste e Zina disse para nós: “vamos rezar, porque ao meio-dia mamãe vem aqui em casa e eu vou provar a vocês que ela veio. Vou pôr um copo com água na mesa, um forro bem branquinho e nós ficamos na cozinha rezando baixinho, que ela vai beber um pouquinho de água “. Arrumamos uma choradeira, com medo da alma da mamãe aparecer. Zina, apertada, falava: “vocês não vão ver mamãe, eu só é que vou ver, fiquem perto de mim”. Aí deu o meio-dia, o coração da gente batia que até sacudia a roupa. Então começamos a ouvir lentamente um rastejar de chinelos no corredor! Ninguém tinha voz. Cada qual se aproximava mais do outro e Zina falava baixinho: “vocês estão ouvindo? E ela”. Todo mundo estava arrepiado, tremendo, mãos frias e ficamos uns dez minutos na expectativa. Fomos olhar o copo e de fato a água tinha diminuído um pouco. Em casa nesse dia estavam: eu, Chico, Mundico, José e Zina, os outros estavam na fábrica trabalhando, e a menor de todas foi para a casa da irmã mais velha, que já era casada.

(...) Nossa casa era alegre muitas vezes! Minha irmã mais velha estudou música e tocava bandolim muito bem. As companheiras também tocavam outros instrumentos, reuniam-se lá em casa e toda semana a gente ouvia uma orquestra que fazia gosto. (...)

Eu agradeço de coração o que ela, papai, e o Espiritismo fizeram por mim. Pensando nela e no papai, procuro sempre o lado melhor das coisas. Tenho lutado muito comigo mesma, para ver se a gente consegue algum progresso. Tenho inúmeros cirineus na Terra e no plano espiritual.

Um abraço em nome de Maria João de Deus para vocês e que esta Mocidade continue identificando-se cada vez mais com a sua Mentora Espiritual.³⁰



Chico presenteou sua irmã Cidália com esta fotografia nos anos 70. Em nossa visita em 2004, junto com Arnaldo Rocha, fomos brindados com este presente, que dividimos com os *Amigos para Sempre*.

³⁰ RANIERE, R. A. *Prisioneiro do Cristo*. 1 ed. Editora Lake, 1978.

VII

Aprendendo com a Simplicidade

**Qual o verdadeiro sentido da palavra
caridade, como a entendia Jesus?**

“Benevolência para com todos,
indulgência para as imperfeições dos outros, perdão
das ofensas”.³¹

“A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é
esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas
tribulações, e guardar-se da corrupção do
mundo.”³²

³¹ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, pergunta 886.

³² TIAGO. In: Epístola, 1:27.

Movidos pela expectativa de mais um encontro com um dos *Amigos para Sempre*, subimos as escadarias da União Espírita Mineira refletindo sobre muitas coisas, dentre as quais a partida de Chico Xavier para o mundo dos espíritos. Quantos corações já trabalharam pela causa do Espiritismo por essas bandas das Gerais e que hoje perfazem as fileiras dos Amigos Benfeitores que tutelam os trabalhos da Unificação dos Espíritas! Eles representam uma verdadeira família de espíritos que cumpriram, cada qual com seu quinhão, o mandato outorgado por Jesus na divulgação da Doutrina Espírita entre os homens, no século que findou.

Ao encontrarmos Arnaldo Rocha na saleta que semanalmente nos abrigava, logo exclamamos:

– Olá, meu nobre amigo!

Em seguida, ouvimos sua voz eloqüente e retumbante:

– Oh! Meu jovem, que prazer! Como vai a família?

Após os cumprimentos, adentramos os edificantes relatos do passado. A cada encontro com o amigo, íamos percebendo que a janela do tempo é tão real e presente que seria um grande desperdício não registrá-la para a posteridade.

– Arnaldo, folheando o livro *Instruções Psicofônicas*, encontrei o relato de uma reunião que me chamou muito a atenção, não só pela significativa visita espiritual, como também pelo mecanismo da comunicação mediúnica através do notável Chico. Refiro-me à reunião em que Teresa de Ávila se manifestou por “teledinamismo”. Você se recorda dos detalhes?

– Meu amigo – carinhosamente respondeu –, sempre fico emocionado ao lembrar da obra citada, por ser ela um trabalho muito rico. Não me detenho no livro em si, mas exorto-o todo, pois as reuniões a que ele se refere – como todas as reuniões mediúnicas – têm aspectos que envolvem desde a preparação, os encontros após as atividades para avaliação e aprendizado, bem como a redação colhida através da escuta do antigo gravador, doado pelo amigo Carlos Torres Pastorino, até

às correções. Foi um marco para nossas vidas! Depois de o livro ter sido lançado pela Federação, Ennio Santos, Clóvis Tavares e outros amigos afirmaram que eu poderia ter escrito muito mais coisas. Entendendo, todavia, que a simplicidade deva ser sempre nossa meta prioritária para todos os empreendimentos, a primeira coisa que fiz, com o aval de Chico, foi tirar o meu nome da capa. Tendo eu a função de apenas compilar, já que, na realidade, eram os Benfeitores Espirituais os verdadeiros autores, não justificaria constar na capa a minha autoria. Definiu-se que o nome de Chico caberia melhor, pois foi através da sua psicofonia que o trabalho aconteceu.

Decorrido muito tempo após a primeira edição e, já morando em Brasília, Thiesen, o então presidente da Federação, procurou-me para explicar que já se fazia necessário o lançamento da segunda edição. Indagou, nesse caso, se eu não gostaria de reescrever ou fazer algumas inserções que passaram em branco no primeiro trabalho. Fui obrigado, meio a contra-gosto e por dificuldades pessoais, a lhe dizer: Meu index da memória já não funciona tão bem quanto antes e, além disso, o tempo açambarcou as fitas e as anotações. Pode reeditar como o primeiro.

Ao retomarmos o assunto da manifestação de Tereza de Ávila, Arnaldo lembrou um fato que merece ser relatado para a posteridade.

Para melhor entendimento, transcrevemos o assunto suscintamente comentado na introdução do capítulo 32 do livro *Instruções Psicofônicas*:

“Grande júbilo marcou para nós a noite de 14 de outubro de 1954. Na fase terminal de nossas tarefas, o Espírito de José Xavier, através dos canais psicofônicos, avisou-nos fraternalmente:

– Esforcemo-nos por entrelaçar pensamentos e preces, por alguns minutos, pois receberemos, na noite de hoje, a palavra, distanciada embora, de quem há sido, para muitos de nós, um anjo e uma benfeitora. Nosso grupo, em sua feição espiritual, deve permanecer atento. Neste instante, aproximar-se-á de nós, tanto quanto possível, a grande Teresa

d' Ávila e, assim como um grão de areia pode, em certas situações, refletir a luz de uma estrela, nosso conjunto receber-lhe-á a mensagem de carinho e encorajamento, através de fluidos teledinâmicos. A mente do Chico está preparada agora, qual se fosse um receptor radiofônico. Repetirá, automaticamente, com certa zona cerebral mergulhada em absoluta amnésia, as palavras de luz da grande alma, cujo nome não ousarei repetir. Rogamos aos companheiros se mantenham em oração e silêncio, por mais dois a três minutos.”³³

Arnaldo relatou, com entusiasmo:

– Logo atrás do Grupo *Meimei*, quase parede-e-meia com a sala mediúnica, havia uma pocilga que, na época de calor, emanava um odor insuportável (risos). Quando o Espírito José Xavier avisou, já nos instantes finais da reunião, que seria necessário permanecermos em prece, pois receberíamos uma ilustre visita, o ambiente físico-espiritual se transubstanciou: um perfume de rosas invadiu de tal maneira o recinto, que eu, na minha insignificante percepção, logo indaguei aos demais companheiros presentes se eles também registravam o fenômeno. Fomos todos unânimes em confirmá-lo, espantadiços. A manifestação comoveu a todos pela sua exuberância espiritual!

– Meu filho – continuou Arnaldo, sem pestanejar –, quando o assunto é Teresa de Ávila, sinto um borbulhar de emoções como se estivesse diante de um ser muito querido. No livro *Mandato de Amor* consta um caso narrado por Chico, que ilustra muito bem o nosso diálogo.

Sendo fiel a primeira narrativa, a seguir brindaremos o leitor amigo com o texto do livro citado:

“Certa vez, buscando a colaboração de um senhor de terras, muito rico, que lhe havia prometido auxílio, Teresa de Ávila, seguindo a pé pelos caminhos do campo, viu que uma tempestade se anunciava. Nuvens carregadas se aproximavam ameaçadoras.

³³ XAVIER, Francisco Cândido. *Instruções Psicofônicas*. FEB. Capítulo 32.

Apressou o passo, então, lembrando-se de que, para chegar à fazenda em questão, deveria atravessar caudaloso rio.

Infelizmente, porém, a chuva desabou, impiedosa. Teresa não se intimidou e, atingindo a margem do rio, procurou passar pelo vau, a fim de cumprir a travessia com segurança, pela parte mais rasa. A força da enxurrada, no entanto, foi maior e, num passo em falso, Teresa afundou em meio ao aguaceiro.

A força de sua extrema confiança em Jesus, Nosso Senhor, não lhe faltou. Extremamente concentrada, ela rogou auxílio ao Mais Alto.

Na luta desesperadora para vencer as águas e sobreviver, vislumbrou a presença excelsa de Jesus.

O Mestre Divino ofereceu-lhe o apoio de seus braços fortes, agarrando-a pela mão.

Tereza salvou-se. Profundamente agradecida pelo amparo celeste, exclamou: – Ah!, Senhor! Graças à Sua misericórdia, estou viva! Estou a salvo do perigo! Com o seu auxílio bondoso, venci a travessia do vau!

E Jesus, compassivo, retrucou-lhe:

– Você está vendo, Teresa? E assim, em meio aos perigos da estrada, que eu trato os meus discípulos e os meus amigos queridos!

Teresa de Ávila ouviu muito atentamente o Senhor. Logo após meditar um pouco, redarguiu ao Mestre, em tom curioso, revelando um lúcido senso de humor: – Oh, Senhor, compreendo! E por isso que os tendes tão poucos!³⁴

Arnaldo, voltando o olhar ao infinito, obtemperou:

– Teresa viveu entre os anos 1515 a 1582, na Espanha, época conhecida como o “século do ouro”. Nesse período, a península Ibérica, sob os reinados de Carlos V e Felipe II, elevava-se à categoria de potência mundial. Nessa fase, estivemos bem perto do seu coração amável, pelas veredas da reencarnação.³⁵

Mais conhecida por S. Teresa de Jesus, célebre mística espanhola, intitulada “Virgem Seráfica” pela

³⁴ UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA. *Mandato de Amor*, 4a edição 1997.

³⁵ Nesse trecho, Arnaldo nos confidenciou uma revelação feita por Chico: naquele século, tanto Arnaldo quanto Chico estavam reencarnados na Espanha. – (nota do autor).

Igreja Reformadora da Ordem dos Carmelitas. Seus escritos são singelos, humildes, cândidos, e tidos como os mais belos monumentos da Língua Castelhana. Êxtases, visões, levitações, transportes foram alguns dos fenômenos mediúnicos nela observados. Muitas vezes escrevia inconscientemente, tal como um psicógrafo automático.

Na trajetória da vivenciação cristã, é importante registrar a ligação de Teresa de Ávila com Frei ou São Pedro de Alcântara (1499-1562), o luminar da Espiritualidade Superior. Tal espírito, no século III, fora Quinto Varro – personagem do livro “*Ave, Cristo!*”, livro ditado por Emmanuel, através da psicografia do Chico. Por ser bastante respeitado junto ao clero da Espanha, muito auxiliou a irmã Teresa nos trabalhos que realizava. Como foi mencionado anteriormente, foi ele escolhido para ser patrono espiritual do Brasil; D.Pedro II, inclusive, tinha o nome Alcântara por causa do canonizado Frei.

Um fato marcante, inclusive, fora o de que Pedro de Alcântara e Teresa caminhavam dentro de uma igreja, na direção do altar, quando, de repente, começaram a levitar no espaço da capela. Sobre esse acontecimento, um autor católico, talvez, pudesse se expressar assim: “coisas sublimes do amor de Deus”.

Encontramos, ainda, outro episódio, também não registrado pela história, em que o grandioso vulto de Teresa nos brindou com uma mensagem, cujo conteúdo encontra-se no livro *Falando à Terra*.³⁶ Quando este livro estava em fase final de análise, alguns companheiros acharam muito simples a mensagem citada e acorreram ao Chico. A *Alma Querida*, como sempre criterioso, argüiu Emmanuel que, por sua vez, solicitou um prazo a fim de pedir um parecer da autora espiritual.

Passado algum tempo, Chico foi questionado sobre a resposta. Como ele não a possuía, pediu paciência aos

³⁶ A mensagem do Espírito Tereza de Ávila, à qual Arnaldo faz referência, pode ser lida ao final deste capítulo – (nota do autor).

confrades para que ele pudesse, novamente, perguntar a Emmanuel. Por fim, o benfeitor informou que Teresa de Ávila, por se encontrar muito ocupada no plano espiritual, tinha enviado uma simples e delicada resposta. Afirmava que a mensagem em pauta representava o que de melhor ela poderia oferecer, e que, como uma veleira, deixava os irmãos à vontade para desconsiderar o seu insignificante óbolo de amor e publicassem o referido livro sem a missiva.

Graças a Deus, os confrades da Federação, com a acuidade no trato das mensagens espirituais e com a aplicação do discernimento Kardequiano, entenderam a importância do ensinamento. Aceitando o alvitre do ex-Senador Públio Lentulus, publicaram a mensagem referida desse espírito que demonstrou uma grande capacidade de síntese, simplicidade, humildade e amor.

Despedimo-nos, fraternalmente, com a expectativa do próximo encontro dos *Amigos para Sempre*, registrando, em seguida, uma tela de Teresa de Ávila e a mensagem endereçada por ela, a todos nós, através da psicografia de Chico Xavier, conforme se referiu Arnaldo Rocha durante os inesquecíveis *diálogos e recordações*.



“O mundo é cerâmica sublime, em pleno cosmos.

A carne é o barro; o espírito é o oleiro. Cada homem plasma seu destino de acordo com a própria vontade.

Há quem fabrique ânforas para o vinho do Senhor, e há os que modelam crateras para a cicuta do espírito.

Companheiro da Terra, faze da existência um vaso sagrado, em que a Divina Bondade se mmundo é cnifeste.

*Na pobreza ou na abundância, na felicidade ou na desventura, não te esqueças de que a vida corpórea é divina argila em tuas mãos”.*³⁷

³⁷ XAVIER, Francisco Cândido. *Falando á Terra*. FEB. Capítulo Lembrete.

VIII

Contribuição e Simplicidade

**Qual o meio prático mais eficaz que tem o
homem de se melhorar nesta vida e
de resistir à atração do mal?**

“Um sábio da antigüidade vo-lo disse:
Conhece-te a ti mesmo”.³⁸

*“Cada um contribua, segundo propôs em seu coração;
não com tristeza ou por necessidade, porque
Deus ama o que dá com alegria”.³⁹*

³⁸ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, pergunta 919.

³⁹ PAULO. In: II Coríntios, 9: 7.

Proceder ao registro desses casos aqui relatados é extremamente gratificante, o que nos impressiona positivamente, quando analisamos o crescimento e a dinâmica que eles vão tomando. Envolvidos nesse clima, encontramos com o querido Arnaldo Rocha, na livraria da União Espírita Mineira e, em meio aos calorosos cumprimentos, abraçamo-nos efusivamente:

– Olá Arnaldo! Como está?

– Vamos caminhando! – resposta rotineira, mas sempre dita com simpatia. Caindo e levantando, mas vamos indo.

Havia centenas de livros enfileirados, à nossa volta, nas estantes da livraria. Esses livros constituíam verdadeiro acervo de luz, esperando que mãos operosas os adquirissem, clarificando, assim, a jornada futura de cada um. Ao fundo, um clássico musical brindava os acurados ouvidos daqueles que ali adentrassem. Tudo propiciava um belo início de trabalho, com o resgate dos velhos e dos novos registros que serão oferecidos aos futuros freqüentadores das livrarias espíritas. Envolvidos nessa atmosfera, perguntamos a Arnaldo:

– Arnaldo, o que você acha da “chuva” de livros espíritas que têm chegado em nossas livrarias?

– Falta de estudo da Codificação Kardequiana e das obras subsidiárias. Esse é o ponto capital do “fenômeno”.

– Como assim? – perguntei.

– É simples, meu filho — respondeu pesaroso. O número de médiuns tem se multiplicado e fica parecendo que, em proporção inversa, escasseia-se o número de dirigentes criteriosos no que diz respeito ao trato com os médiuns e com as produções espíritas, ou ditas mediúnicas.

Apreciar um belo livro espírita é um prazer indescritível; mas, ao mesmo tempo, é lastimável quando encontramos belas capas de livros com o respaldo da tecnologia avançada, no entanto, com pouco conteúdo literário e/ou nenhum doutrinário. Romances que comovem o mais endurecido coração, mas sem

apresentarem nenhuma sabedoria espiritual. Ressaltamos que o número crescente de “simpatizantes” do Espiritismo tem tornado as vendagens interessantes para aqueles que estão mais voltados para a lucratividade do que para a Causa, muitas vezes com a desculpa da necessidade de manutenção das instituições.

Percebemos que beber na “fonte das letras espíritas” é a necessidade do “simpatizante” da doutrina. Por isso, temos a obrigação de oferecer o bom caminho. O que não pode ocorrer é o Movimento Espírita deixar de discutir e trabalhar o assunto. Já existem livros atingindo a marca de dezenas de milhares de exemplares vendidos que apresentam erros doutrinários crassos, e que, em vez invés de ensinar Espiritismo, prestam um desserviço à causa.

Após significativa pausa, Arnaldo prosseguiu:

– Quanto à mediunidade, esta tem se mostrado um verdadeiro barateamento dos dons que podem ser lucificados pelo amor, pela simplicidade e pela lealdade à ética Kardequiana. Em mediunidade, ensina Allan Kardec, deve-se ter cuidado tanto no trato com as mensagens, quanto com o canal por ela veiculado, no caso os médiuns. Podemos utilizar uma comparação: maior importância deve ser dada à essência do perfume do que ao frasco que o contém; mas, quando o frasco não é bem preparado, ele pode oferecer resíduos ou mesmo impurezas ao conteúdo que irá transportar.

Chico falava muito da conduta irrepreensível da médium Yvonne do Amaral Pereira, desde quando seu primeiro livro, *Memórias de um Suicida*, chegou ao plano terreno por seus condutos psíquicos. Houve, da parte de muitos, segundo se pensou na época, um enorme rigorismo para a edição do livro, cerca de 30 anos! Muito tempo depois, os Benfeitores Espirituais expuseram que esse critério foi adotado em função da necessidade de amadurecimento do Movimento Espírita, que aconteceu, principalmente, com a chegada de uma parte da *Coleção André Luiz*, a partir do compêndio *Nosso Lar*, com as lições profundas legadas por ele. Aliás, parte dessa história é de domínio público e a detalharemos mais adiante. Os fatos já conhecidos têm a apresentação da.

própria – e notável – médium, na “Introdução” do referido livro, cujo respaldo foi dado pelo compilador espiritual, Léon Denis, conforme informações constantes do “Prefácio” da segunda edição desta obra.

Ainda com referência ao assunto desenvolvido, Arnaldo continuou seus sempre esclarecedores comentários:

– Um fato pouco conhecido é o de que esses apontamentos, aos quais Yvonne se refere, foram levados a Manoel Quintão, então presidente da Federação Espírita Brasileira que, por sua vez, devolveu-os, afirmando não ter tempo para analisar outro possível livro. A médium, então, buscou auxílio, através da prece, junto ao venerando Léon Denis, já que o mesmo havia afirmado, em vida, que após o seu desencarne gostaria muito de atender aos pedidos endereçados a ele no mundo espiritual. Aliás, foi o próprio Chico quem detalhou a primeira vez em que o seguidor de Allan Kardec se apresentou à médium, a fim de atender às suas preces. Inicialmente, ela não o reconheceu, pois ele se apresentou mais jovial, logo dizendo: “*Sou Léon Denis. Venho atender às suas preces, oferecendo uma pequena contribuição na análise e adaptações dos escritos que guardas com tanto desvelo*”.

Depois do diálogo – que permaneceu indelével na memória da médium fluminense – uma cena também ficou registrada através da mediunidade clarividente (ou retina psíquica) dela: nessa cena, o notável filósofo recolheu, simbolicamente, os primeiros apontamentos já escritos do livro e, logo em seguida, desapareceu da percepção de Yvonne, retornando à sua morada espiritual. Após o término do trabalho que o Espírito Léon Denis levou a efeito no plano espiritual, ele retornou, impoluto, com dois volumes em suas mãos e deixou, na escrivaninha do quarto de Yvonne, apenas o volume revisado e adaptado, conforme o interesse dos Benfeitores Espirituais.

Mais uma vez, vale a pena interrompermos os relatos vivos deste *Amigo para Sempre*, para citarmos a narrativa do próprio redator espiritual (Léon Denis), no prefácio da segunda edição:

Belo Horizonte, 4 de abril de 1957.

“Revisão criteriosa impunha-se nesta obra que há alguns anos me fora confiada para exame e compilação, em virtude das tarefas espiritualmente a mim subordinadas, como da ascendência adquirida sobre o instrumento mediúnico ao meu dispor.

Fi-lo, todavia, algo extemporaneamente, já que me não fora possível fazê-lo na data oportuna, por motivos afetos mais aos prejuízos das sociedades terrenas contra que o mesmo instrumento se debatia do que à minha vontade de operário atento no cumprimento do dever. E a revisão se impunha, tanto mais quanto, ao transmitir a obra, me fora necessário avolumar de tal sorte as vibrações ainda rudes do cérebro mediúnico, operando nele possibilidades psíquicas para a captação das visões indispensáveis ao feito, que, ativadas ao grau máximo que àquele seria possível comportar, tão excitadas se tornaram que seriam quais catadupas rebeldes nem sempre obedecendo com facilidade à pressão que lhes fazia, procurando evitar excessos de vocabulário, acúmulos de figuras representativas, os quais somente agora foram suprimidos. Nada se alterou, todavia, na feição doutrinária da obra, como no seu particular caráter revelatório. Entrego-a ao leitor, pela segunda vez, tal como foi recebida dos Maiores que me incumbiram da espinhosa tarefa de apresentá-la aos homens. E se, procurando esclarecer o público, por lhe facilitar o entendimento de fatos espirituais, nem sempre conservei a feitura literária dos originais que tinha sob os olhos; no entanto, não lhes alterei nem os informes preciosos nem as conclusões, que respeitei como labor sagrado de origem alheia.”⁴⁰

Arnaldo redireciona a conversa, enquanto manuseia um dos “livros-luz” que resplandecia ante a sua visão, e completa a narrativa:

– Meu jovem, outro fato importante foi a exclusão de um capítulo inteiro do livro, que o Benfeitor não aborda claramente, conforme o texto acima, por razões óbvias para a época. Não posso, depois de tantas décadas, precisar quantas páginas do livro foram suprimidas; mas

⁴⁰ PEREIRA, Yvonne do Amaral. *Memórias de um Suicida*. Rio de Janeiro: FEB. 20ª edição, p. 13.

se tratava da descrição de uma região localizada no vale dos suicidas, destinada às mulheres em sofrimentos decorrentes de ato insano. Em respeito às almas femininas, achou-se por bem não trazer aspectos tão contundentes que poderiam, em vez de esclarecer, oferecer prejuízos e, quiçá, até algum tipo de indução mental para futuras atitudes extremadas por parte das almas ainda incautas e vacilantes, sob determinados problemas *do ser, do destino e da dor*.

Depois de um suspiro, questionamo-lo, sem querer perder o ritmo da conversação:

– Arnaldo, podemos concluir, então, que os médiuns estão publicando obras afoitamente, haja vista, conforme já foi dito, essa obra ímpar da literatura espírita levou em torno de 30 anos para chegar às prateleiras?

– Não só os médiuns – resposta contundente – mas pior: os seus dirigentes. Partindo do pressuposto de que o médium necessita ser auxiliado, no plano terreno, por pessoas de bom senso e que tenham condições morais para tal mister, chega a ser lamentável encontrar dirigentes que se deixam conduzir no mesmo barco, no rio da vida, pelos ventos entusiastas da vaidade: vaidade dos espíritos, dos próprios médiuns, ou pior, pelas suas próprias veleidades.

E imprescindível que haja um trabalho de equipe. Com várias pessoas trabalhando voltadas para o mesmo objetivo, evitar-se-iam muitos erros doutrinários, “profetismos”, mensagens apócrifas, revelações advindas apenas de uma fonte, ataques às instituições. Além disso, a ansiedade referente à publicação poderia ser contida a partir do momento em que se tenha um maior cuidado com os fins a que a obra se destina. As mensagens seriam divulgadas em conformidade com as necessidades do Movimento Espírita como um todo.

Vale ressaltar que os médiuns possuem uma predisposição inerente e imprescindível à entrega psíquica a fim de que as comunicações se façam sem grandes prejuízos. Contudo, essa mesma predisposição pode deixá-los sujeitos a intercorrências de natureza

fascinadora, gerando atitudes equivocadas, uma vez que ainda não tenham superado determinados vícios de comportamento. Por isso, o acompanhamento por parte de pessoas amigas e isentas é muito importante. As Inteligências Superiores do Mais Alto sugerem uma proposta de trabalho aos encarnados: que eles busquem a vivência evangélica sem transferir responsabilidades para os desencarnados.

Acompanhei Chico revisando, sob a tutela de Emmanuel, várias obras que vieram a ser editadas. Chico falava que, no trabalho do livro, não basta psicografar; é necessário que haja revisão, análise doutrinária, critério na escolha da editora, enfim, acompanhamento até o lançamento. Observávamos o cuidado do médium, bem como as orientações que nos passava, para que funcionássemos como verdadeiras barreiras físicas e vibratórias na arte final. Sobre a parte editorial nem precisamos discorrer acerca da equipe que laborava na Federação. Também no que tange a essa questão, lembramo-nos agora do livro de Suelly Caldas Schubert, *Testemunhos de Chico Xavier* – do qual sugerimos a leitura, por conter um material de rara beleza e de um extremado cuidado de escrita e edição – que discorre sobre o processo de revisão pelo qual passavam os livros psicografados pelo Chico.

A postura do médium em todas as tarefas deve ser, em primeiro lugar, a de humildade; em segundo lugar, a de disciplina, a fim de que os Benfeitores encarnados e desencarnados possam sugerir o progresso do trabalho, bem como o do trabalhador.

Volto a lembrar Yvonne como um grande exemplo para todos os médiuns que buscam ser felizes no seu labor com Jesus. Veja só a despreensão e acuidade da médium falando sobre o livro *Memórias de um Suicida*:

“Não posso ajuizar quanto aos méritos desta obra. Proibi-me, durante muito tempo, levá-la ao conhecimento alheio, reconhecendo-me incapaz de analisá-la. Não me sinto sequer à altura de rejeitá-la, como não ousei também, aceitá-la. Vós o fareis por mim. De uma coisa, porém, estou bem certa: – é que estas páginas foram elaboradas, do princípio,

*ao fim, com o máximo respeito à Doutrina dos Espíritos e sob a invocação sincera do nome sacrossanto do Altíssimo”.*⁴¹

Arnaldo continuou:

– Fico nostálgico quando me recordo, por exemplo, do convite feito por Chico para que eu coordenasse as reuniões de desobsessão em Pedro Leopoldo, no Grupo *Meimei*. Confesso que não me sentia à altura do cometimento, mas a insistência e os argumentos do Chico, baseados principalmente na necessidade do estudo doutrinário permanente, ao qual, diga-se de passagem, atendíamos, acabaram, graças a Deus, por nos convencer. Outro ponto básico nas argumentações de Chico foi que o desencarne de José Xavier, seu irmão, companheiro e seu dirigente na seara espírita, havia deixado uma lacuna. Era necessário, portanto, encontrar um dirigente seguro e, aos olhos do amigo Chico, eu tinha condições de preencher tal lacuna.

Não relato isso por vaidade, mas pelo simples fato do trabalhador espírita necessitar desenvolver a sua fé raciocinada para poder operar com amor e qualidade nas empreitadas que se lhe descerram, seja como médium, colaborador ou como dirigente.

Após pigarrear, Arnaldo continua a narrativa com sobriedade conhecida.

– Narrada a história de Yvonne Pereira, podemos, mais uma vez, dissertar sobre a concordância de posturas do médium Chico com as dela.

Naquelas reuniões, nas quais contribuíamos na direção, ele (o Chico) apresentava sutilezas nas ações, cujas marcas serão inesquecíveis.

Alguns companheiros pensam que o Chico foi médium só dos Benfeitores Superiores ou dos espíritos chamados de mensageiros. Mas, ao contrário, da década de 50 em diante, isto não constituiu a tônica de seu trabalho. Ele era um médium como todos os outros e, por isto, era tratado nas tarefas como os demais membros. Tinha sim, como todos sabem, uma condição mediúnica

⁴¹ Idem, p. 12.

muito difícil de se encontrar; afinal, foram raros os apóstolos fiéis a Jesus em todos os tempos, na Terra. A configuração dada ai trabalho com os irmãos em sofrimento exaltava os sentidos pela sua legitimidade.

O que mais impressionava era sua postura nas reuniões. Sempre foi um colaborador e sua habilidade em orientar discretamente, quando se fazia necessário e sem aparentar qualquer ascendência sobre o grupo, ensinou-nos o valor da legítima humildade. Ao mesmo tempo em que se postava como instrumento receptor das orientações, criava um clima que estimulava os demais médiuns a confiarem nas próprias possibilidades. Dessa forma, todos os médiuns tinham a oportunidade de dar a sua cota de participação, tanto no trato com os espíritos em sofrimento, quanto no intercâmbio com os Orientadores Espirituais.

O painel de luzes oferecido naquele banquete de ensinamentos se abrihantou de tal forma que sentimos a necessidade de desligar o gravador psíquico e encerramos mais um encontro inesquecível dos *Amigos para Sempre* com Arnaldo Rocha. O equipamento não mais suportava tantas informações a nos induzirem uma verdadeira chuva de luzes emanadas do interior. Assim, despedimo-nos agradecidos.

Sentindo um aperto no coração, sem saber se já era manifestação de saudade ou de ansiedade pelo possível próximo encontro, fomos nos distanciando por entre as prateleiras de livros, embalados pelo som do Evangelho de Jesus através da narrativa de João:

*“Se eu quero que ele fique até que eu venha, que te importa a ti? Segue-me tu”.*⁴²

⁴² JESUS. In: João 21:22.



Léon Denis (Foug, Tours, 1 de janeiro de 1846 – Tours, 12 de março de 1927) foi um filósofo espírita e um dos principais continuadores do espiritismo após a morte de Allan Kardec, ao lado de Gabriel Delanne e Camille Flammarion. Fez conferências por toda a Europa em congressos internacionais espíritas e espiritualistas, defendendo ativamente a idéia da sobrevivência da alma e suas conseqüências no campo da ética nas relações humanas.

Já aos 18 anos trava contato com O Livro dos Espíritos, e torna-se convicto adepto do espiritismo.

Desempenha importante papel para a sua divulgação, enfrentando os acirrados inimigos daqueles tempos iniciais – o positivismo materialista, o ateísmo e a reação das religiões. Era ainda membro atuante da maçonaria.

Autodidata, dotado de rara inteligência, Denis produz escritos de grande percuciência e profundidade, revelando uma capacidade cognitiva incomum.

A partir de 1910 sua visão vai diminuindo. Mas isto não impediu que prosseguisse no trabalho de defesa da existência e sobrevivência da alma: Logo depois da I Guerra Mundial, aprende a linguagem em braile.

Sua grande produção na literatura espírita, bem como seu caráter afável e abnegado, valeram-lhe a alcunha de Apóstolo do Espiritismo.⁴³

⁴³ http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%A9on_Denis



Yvonne do Amaral Pereira (Rio das Flores, RJ, 24 de dezembro de 1900 – Rio de Janeiro, 9 de março de 1984) foi médium brasileira autora de diversos livros psicografados.

Dona Yvonne, conhecida pelos familiares e amigos como “Tuti”, foi uma das mais respeitadas médiuns brasileiras, foi autora de romances psicografados bastante conhecidos, dedicou-se por muitos anos à desobsessão e ao receituário mediúnico homeopático.

Filha de Manuel José Pereira Filho, um pequeno comerciante, e de Elizabeth do Amaral, foi a primeira de seis filhos do casal. A mãe já havia tido um filho de seu primeiro casamento.

Recém-nascida, com apenas 29 dias, teve um acesso de tosse que a sufocou, deixando-a em estado de catalepsia, em que se manteve por seis horas, tendo o médico e o farmacêutico da localidade chegado a atestar o óbito por sufocação. A família preparou o corpo da bebê para o velório (...) Nesse momento, a sua mãe, retirando-se para o interior da residência da família, endereçou uma fervorosa prece a Maria de Nazaré, solicitando-lhe a intervenção, uma vez que, no íntimo, não acreditava que a filha estivesse morta. Momentos depois, a bebê acordou, chorando. Décadas mais tarde, foi explicado que o fenômeno, vivido naquela idade, correspondera a um resgate da médium, suicida por afogamento em encarnação anterior.

Yvonne cresceu em lar espírita e modesto, visitado em diversas ocasiões pela pobreza. (...) Com quatro anos de idade, a menina já via e ouvia espíritos, os quais, por falta de conhecimento e maturidade, considerava como pessoas normais, encarnadas. Duas entidades lhe eram particularmente caras: o *espírito Charles*, a quem considerava o verdadeiro pai terreno, devido a vivas lembranças de uma encarnação passada, em que esta entidade fora o seu pai carnal. Este seria um seu orientador espiritual durante toda a sua vida e atividade mediúnica, o *espírito Roberto de Canalejas*, um médico espanhol em meados do século XIX, entidade pela qual nutria profundo afeto e com a qual mantinha estreitas ligações espirituais, com dívidas a saldar.

Os fenômenos que percebia perturbavam a jovem Yvonne, acometida de imensa saudade do ambiente familiar que desfrutara na encarnação anterior, na Espanha, que recordava com vivida clareza. Considerava os seus atuais familiares, principalmente o pai e os irmãos, como pessoas estranhas, assim como estranhava a casa e a cidade onde morava. Para a criança, o pai verdadeiro era o espírito Charles e a casa real, a da Espanha. Esses sentimentos conflituosos, assim como o afloramento das faculdades mediúnicas, faziam com que Yvonne apresentasse um comportamento considerado anormal por seus familiares, razão pela qual, até aos dez anos de idade passou a maior parte do tempo na casa da avó paterna.

Aos oito anos de idade, a menina viveu novo episódio de catalepsia, associado a desprendimento parcial. Certa noite, em desdobramento espiritual, percebeu-se diante de uma imagem do Senhor dos Passos, existente na igreja freqüentada pela família, pedindo socorro, pois sofria muito. A imagem, então, animando-se, dirigiu-lhe as palavras: *Vem comigo minha filha: será o único recurso que ter ás para suportar os sofrimentos que te esperam.* A menina, aceitando a mão que lhe era estendida pela imagem, subiu os degraus do altar e não se lembrou de mais nada.

Nessa idade teve o primeiro contato com um livro espírita. (...)

Yvonne teve como estudos apenas o antigo curso primário (atual primeiro segmento do ensino fundamental). Devido às dificuldades financeiras da família não conseguiu prosseguir nos estudos, o que lhe representou enorme provação, uma vez que amava o estudo e a leitura. (...) Tendo cultivado desde a infância o estudo e a leitura, completou a sua formação como autodidata.

A partir dessa idade, fase da adolescência, a mediunidade tornou-se um fenômeno comum para Yvonne, que recebia a maior parte dos informes de além-túmulo, crônicas e contos em desdobramento, no momento do sono noturno. A sua faculdade apresentava-se diversificada, tendo se dedicado à psicografia e ao receituário homeopático, à incorporação, à psicofonia e ao passe, e até mesmo, em algumas ocasiões, aos efeitos físicos de materialização. Dedicou-se à atividade de desobsessão, alimentando um particular carinho pelos suicidas: muitas das entidades que teve oportunidade de assistir tornaram-se suas amigas ao longo dos anos.

Foi assistida por entidades de grande reputação como o Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, Bittencourt Sampaio, Camilo Castelo Branco, Fredereic Chopin, Charles, Roberto de Canalejas e outras.

Esperantista atuante, trabalhou na sua propaganda e difusão, através de correspondência que mantinha com outros esperantistas, tanto no Brasil, quanto no exterior.⁴⁴

⁴⁴ http://pt.wikipedia.org/wiki/Yvonne_do_Amaral_Pereira

IX

Paz no Mundo e Paz do Cristo

**Como pode a alma, que não alcançou a
perfeição durante a vida corpórea,
acabar de depurar-se?
“Sofrendo a prova de uma nova existência”.**⁴⁵

*“Se alguém se purificar destas coisas, será vaso para
honra, santificado e idôneo para uso do
Senhor, e preparado para toda a boa obra.”*⁴⁶

⁴⁵ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, pergunta 166.

⁴⁶ PAULO. In: II Timóteo 2:21.

Estávamos no dia em que o calendário cristão registrava a data de 29 de agosto. Data na qual a comunidade espírita comemora o aniversário de nascimento de Adolfo Cavalcanti Bezerra de Menezes, alma Amiga para Sempre dos pobres e dos sofredores que necessitam da presença de Jesus a lhes oferecer o óbolo consolador pertinente às mazelas que carregam em seus corpos físicos ou espirituais. Também *Alma Amiga* de todos nós – os que ainda preferimos tropeçar nas pedras do orgulho e do egoísmo a o serem encontradas em abundância pelo caminho – que, com os seus exemplos de homem de bem, auxilia-nos a sermos um pouco melhores.

Antes de iniciarmos o reencontro semanal para os *diálogos e recordações*, fomos levados pelos Benfeitores Espirituais a folhear o livro *Meimei*. Ao deslizarmos os dedos pelas páginas perfumadas dessa obra de amor, deparamos com a data de nascimento de Arnaldo Rocha. Mais uma coincidência: dia 29 de agosto. Exatamente naquele dia ele estava completando 80 anos.

Que alegria sentimos ao percebermos que a Espiritualidade Amiga havia nos auxiliado a descobrir tão feliz coincidência! Foi-nos, verdadeiramente, um presente. Desta forma, nosso encontro com Arnaldo iniciou-se muito mais repleto do contentamento que sempre nos marcava.

– Arnaldo – disse o repórter dos pequenos minutos – que Deus, em Sua infinita bondade, possa lhe ofertar as bênçãos da Sua paz e de Seu amor, em mais uma primavera. Que Ele lhe conceda muitas comemorações nesta presente existência.

Ele, sorridente como sempre, respondeu:

– Será meu filho? Se pautar minha demora entre os vivos pela vontade do clã familiar, vamos ficar mais um pouco, mas nem sempre é a Vontade do Senhor. Entendo que preciso estar na Terra pela necessidade de melhoramento interior, pois esses cabelos brancos ainda não expressam o que deveriam: notas de experiências benfazejas. Brilham sem inebriarem as almas,

enternecem sem enaltecer os valores divinos. Gostaria muito de ser hoje o que intimamente sei que poderia ser. Sem pieguismo ou discurso hipócrita, falo em nome dessa insignificante pessoa que sei existir dentro de mim. Aliás, vou lhe contar uma história.

Quando me despedi de Meimei e comecei aquela apoteose de sofrimentos, para logo em seguida encontrar a *Alma Querida*, que tanto me auxiliou, vez por outra subia em um corcel de dúvidas que amotinava meu coração. Ao chegar a casa – numa noite, após um concerto espiritual em que as notas foram reveladas pela voz suave de Irma – comecei a orar. Fiz, talvez, a oração mais sentida de minha vida. Coloquei sobre a cômoda do meu quarto um retrato da amada e, em prece, enderecei-lhe este pedido: “Meimei, será que estou ficando louco? Será que tudo isso que está acontecendo é divagação sem fundamentação, ou será que estou sendo ludibriado?”. Logo em seguida, a janela do quarto começou a trepidar de tal forma que parecia um furacão a arrancar os vidros, tamanha a sua investida. Então, olhei para o quadro sobre a cômoda e uma luz muito intensa, como se fosse um efeito especial dos filmes de hoje, começou a resplandecer do rosto de Meimei, como se estivesse adentrando o meu pobre e indefeso coração. Senti, então, como eu era pequeno. Nunca mais duvidei das verdades do mundo espiritual que, por sua vez, só começavam a se descerrar sobre minha vida.

Ficamos emocionados com a humildade da narrativa do amigo Arnaldo. Logo depois, enquanto auxiliávamos, despreziosamente, na disposição do mobiliário da sala em que se realizaria mais uma reunião mediúnica dirigida pelo querido companheiro, recebemos uma visita inesperada que muito nos alegrou. Era a presença do distinto companheiro Marcelo Gardini, membro da atual diretoria da União Espírita Mineira.

Após os abraços calorosos destes *Amigos para Sempre*, iniciamos nossa conversa em tomo do aniversário do Arnaldo Rocha

e de temas pertinentes ao trabalho da instituição quase secular.

Em seguida, relembremos fatos ligados à história da União e de pessoas que deixaram, nas atas, os registros de verdadeiros testemunhos de humildade e de amor à causa espírita. Esses testemunhos, analisados com os olhos da alma, estimulam, sobretudo, o labor da renovação individual que a Doutrina Espírita, como fanal glorioso de ascensão, aponta-nos por roteiro divinal do Senhor.

– Agradeço sempre a esta Casa que me acolheu, nos anos 50, pois aqui foi um verdadeiro porto seguro para minha alma, concluiu Arnaldo.

– Concordo, inferi carinhosamente. Mas devo, também, muito a você, Arnaldo, a amizade e a paciência que você tem tido para o meu aprendizado. Não tenho como retribuir – concluí com sinceridade.

Com a afetividade costumeira, Arnaldo esquiva-se, brindando-nos com outro ensinamento.

– Vocês me fazem recordar um fato, que aconteceu em Pedro Leopoldo, que pode elucidar este elogio que você endereça a mim.

Houve momentos ao lado do Chico em que, após o trabalho, algumas pessoas nos procuravam para agradecer, outras para presentear, outras até mesmo oferecendo pagamentos pelas benesses recebidas. E como a integridade mediúnica do Chico se fazia veemente!

Um dia, uma senhora veio a mim, solicitando-me entregar um envelope ao Chico. Estávamos no Centro Espírita, para as atividades da noite, porém, Chico encontrava-se em outra sala. Naquele momento senti um cheiro de complicação no ar. Quando percebi o clima que se criava, tanto pelos encarnados como pelos desencarnados, fui incisivo e respondi, sem pestanejar: “*Se queres que o Chico receba o envelope, por favor, vai até ele, pois o Arnaldo Rocha não receberá o que não lhe pertence*”. Ao término dos trabalhos no Grupo Meimei, Chico me procurou, argüindo: “Os

Benfeitores me disseram que você estava muitíssimo correto em não receber o envelope, apesar da rudeza com que se expressou". Fiquei assustado com o alcance perceptivo de nosso querido médium, pois a referida senhora acabou por não presenteá-lo. Depois que a "ficha caiu" também não deixei passar: "*Prefiro errar na rudeza a acertar na vileza*".

Ainda dentro do clima de descontração que se havia formado em razão da narrativa, Arnaldo nos envolveu com seu sorriso jovial de sempre, e arrematou:

– Meus filhos, com Chico e com os amigos espirituais aprendi muito sobre Doutrina Espírita. No entanto, ainda tenho muito que domar nessa fera que existe dentro de mim. Mas lutar pela verdade sempre será o meu lema, pois, além disso, uma questão da qual tenho consciência é a da necessidade de burilamento interior.

Após essa fala, descerrou-se na tela mental deste repórter a lembrança de um grande ensinamento, deixado pelo espírito da mãe de Chico, Maria João de Deus, logo no início do mandato mediúnico de seu filho:

"Exerce o teu ministério, confiando na Providência Divina. Seja a tua mediunidade como harpa melodiosa; porém, no dia em que receberes os favores do mundo como se estivesses vendendo os seus acordes, ela se enferrujará para sempre. O dinheiro e o interesse seriam azinhavres nas suas cordas".⁴⁷

Marcelo Gardini, não escondendo seu entusiasmo, aproveitou o momento para argüir acerca de nossas vinculações espirituais:

– Arnaldo, desde minha juventude eu tenho sonhos com Chico Xavier. Será que nós temos algum tipo de vínculo espiritual?

– Marcelo – alfinetou Arnaldo –, qual de nós pode, em sã consciência, afirmar que está trabalhando pela

⁴⁷ DEUS, Maria João de (Espírito), *Cartas de uma Morta*; (psicografado por Francisco Cândido Xavier); pelo espírito Maria João de Deus. 13a edição. São Paulo. capítulo 98: Adeus; p. 144.

Doutrina Espírita por acaso? Tenho escutado muitos relatos de companheiros de ideal, em reuniões mediúnicas, afirmando sobre os motivos da formação da família espírita na Terra, sob a tutela do próprio Cristo, para os labores da Sua causa. Estamos nos reencontrando nas Casas Espíritas. Uns estão mais à frente, outros ainda necessitam de ajustes e também da ajuda daqueles que já trilharam os caminhos com mais sapiência. Vendo sob esta ótica, fica fácil compreendermos as simpatias e os desafetos, o amparo e o descaso, a fraternidade e a intolerância, a fieira doutrinária e a senda mística, a luz da caridade e a frieza científica, a reverência para a simplicidade e a exacerbação religiosa dentro da seara espírita.

Quantos companheiros vêm das esferas espirituais, em nossas reuniões de intercâmbio, para chorarem suas mazelas em função da não observância dos postulados evangélicos que a Doutrina nos revela e cujos objetivos residem no melhoramento íntimo de cada um! Posso dizer que já conversei com uma quantidade sem número de espíritas já desencarnados e foram poucos os que chegaram a nós em estado de equilíbrio, auxiliados pela verdade que sempre procuraram ensinar.

É por esse motivo que nos reunimos em família – encarnada e desencarnada – para que, através da convivência fraterna, o caminho a percorrer se faça mais suave. O que entendemos ser imperioso nesse momento de transição é conscientizar os espíritas de que os Benfeitores Espirituais não são semideuses. Eles também estão em luta, como todos nós, em busca de sua própria evolução e aperfeiçoamento. Assim, estaremos ampliando a visão do mundo espiritual e, por conseqüência, ajustando as nossas próprias metas pessoais de ascensão, cuidando de evitar as quedas naturais da senda.

Tecemos esses comentários para reafirmarmos as lutas ingentes de dois familiares, se assim podemos dizer, Emmanuel e Chico: verdadeiros ícones para toda a seara espírita. O próprio Chico relatou-nos sobre seus primeiros passos aqui na Terra, revelados a ele pela

Espiritualidade Amiga. Esses passos tiveram seu início no Egito Antigo, quando ele fora a faraó Hatshepsut.

Após breve pausa, Arnaldo prosseguiu:

– Há alguns registros que descrevem o perfil de uma mulher que chegou ao reinado por herdar o trono de Tuthmósis II, seu irmão e marido, cuja saúde frágil o fez perecer sem deixar herdeiros diretos.

Ela era filha da Rainha Ahmose e do Rei Tuthmósis I. *Hatshepsut* foi a primeira mulher faraó, conforme os textos ocidentais, ou, na pronúncia do Egito, a farâni. Usou uma Dupla Coroa que indicava soberania sobre o Alto e o Baixo Egito. Ela fez com que o país abandonasse a guerra e se voltasse para as atividades pacíficas; ergueu suntuosos monumentos e restaurou as rotas de comércio com o exterior que foram fechadas no governo dos Hicsos.

O seu nome teria sido escolhido pelo deus Amon e tem como significado “aquela que está à testa dos nobres.”

O espírito orgulhoso e imperial do pai dessa mulher acabou influenciando, positivamente, o seu caráter. Além de iniciá-la nos mistérios de Osíris e Ísis, seu pai - também a levava para assistir aos combates e às humilhações dos derrotados. Desta forma, o Faraó fazia com que *Hatshepsut* presenciasse cenas deprimentes de guerra no intuito de que, com isso, ela aprendesse a dominar os seus impulsos. No entanto, o que ela adquiriu foi uma forte repulsa a qualquer situação em que a animalidade aviltasse o ser humano.

Hatshepsut tornou-se uma faraó extremamente justa; e, tão logo chegou ao poder, libertou muitos ex-escravos de guerra, dentre os quais aquele que seria sua maior ameaça ao trono, o filho bastardo de seu pai que veio a se tornar o maior conquistador do Egito, Tuthmósis III. Tal atitude foi tomada em cumprimento ao último desejo de seu pai, que lhe confiou a guarda desse filho. A faraó vivia fielmente sua religiosidade no culto a Amon-rá e amava seu povo. Também adorava a lira. Recatada, pouco dada às festas da corte, gostava de madrugar para poder ler e meditar sobre as questões da vida. Tinha

uma filha, para a qual dava tudo de si a fim de fazê-la feliz – apesar das lutas que a filha trazia em seu interior.

Seu povo era feliz pela confiança que depositava em sua Faraó. Quando atacada pelos religiosos e adversários, dominava-os com uma perspicácia e com uma autoridade que fazia dobrar até os mais exaltados.

Hatshepsut era desde a adolescência apaixonada por Senmut, grande escultor e arquiteto, que nesta época ostentava mais de 80 títulos oficiais e que deve ter sido o seu assistente de maior confiança. Conspira-se, inclusive, que viveram juntos mesmo quando a rainha estava casada.

Hatshepsut governou como regente por 22 anos, em companhia de Senmut, que construiu em louvor a sua amada o mais belo monumento do Vale das Rainhas, o templo de Dier-el-Bahari. Seu nome pode ser lido em uma rara e formosa inscrição.

Durante o reinado de Hatshepsut, renasce a expressão artística, se produzem novos tipos de escultura e começa a prática de escrever os textos funerários (Livro dos Mortos) sobre papiros. Realizou expedições comerciais à terra de Punt, um país situado na costa da África, ao qual se chegava pelo Mar Vermelho, ao norte da Somália.

Há uma bela narrativa, contida no livro “*Romance de uma Rainha*” de J.W. Rochester, publicado pela FEB, que citamos a título de ilustração sobre a personalidade de *Hatshepsut*. A Faraó vai ao leito de sua filha, Neferure, gravemente adoentada, e encontra um sacerdote de nome Roma, orando ao Deus superior. A partir de então, a Faraó inicia-se em uma fé que viria a se despontar radiosa no futuro. Ela se curva para a impotência de seus sacrifícios e de seu próprio poder perante a morte. Quando estava prestes a perder o seu maior tesouro, ela, então, se posta de joelhos e também ora ao tal Deus, para, logo em seguida, ver um fenômeno que ficou gravado em seu coração por 3.500 anos: através das rogativas do sacerdote, sua filha é curada, como se fosse uma resposta desse Deus Superior, pela ação do plano espiritual.

Chico ainda nos contou sobre a presença de alguns Amigos nessa época, que a memória não permite descrever, só consigo registrar a minha caminhada ao seu lado, tendo o nome de Senmut.

Expressando contentamento, Arnaldo Rocha conclui:

– Marcelo, a Misericórdia de Deus nos reunirá sempre para que, ajudando-nos uns aos outros, venhamos a crescer em amor e sabedoria.

Diante de tantas revelações, só conseguíamos exclamar dentro de nossa intimidade: quantas lições as vidas passadas podem nos legar!

Despedimo-nos do amigo Arnaldo, novamente com mal disfarçadas lágrimas nos olhos, e em meio a uma festa de aniversário improvisada pelos companheiros da União Espírita Mineira, em sua homenagem. Seu abraço era dividido entre todos, pelos seus muitos anos de vida. Com isso, interrompera-se a narração agora grafada neste papiro moderno, chamado computador.

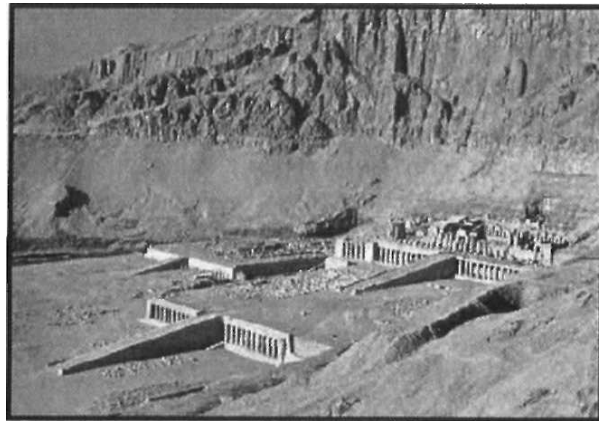
Estávamos, literalmente, sem palavras, perdidos em nossos próprios pensamentos.

À medida que fomos nos distanciando do ambiente, não nos sentíamos mais um repórter e, sim, um viajante em busca de destino, necessitado de um porto-seguro, a fim de que, após um justo repouso, pudesse continuar em busca de outras jornadas de luz.

Sentimos, ao finalizar essas páginas, que essa viagem não poderia ter outro rumo senão a Palestina de Jesus, para reencontrarmos o Divino Amigo, a fim de que Ele reúna, definitivamente, suas ovelhas em Seu aprisco de amor.



Foto da máscara mortuária da
mais poderosa das governantes:
Hatshepsut



Templo de Hatshepsut, em Deir El-Bahari

X

Crônica na Hora do Adeus

**Em que se torna a alma no instante da
morte?**

“Volta a ser Espírito, isto é, retorna o mundo
dos Espíritos, que havia deixado
momentaneamente”.⁴⁸

“... *Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que
são da Terra*”.⁴⁹

⁴⁸ KARDEC, Allan. O L.dos Espíritos. Edição 1 Com.Sequiscentenário.RJ:FEB, perg. 149.

⁴⁹ PAULO. In: Colossenses, 3:2.

Neste capítulo tentaremos descrever mais um episódio uma história marcada pelos sorrisos, lutas e lágrimas deste grupo de amigos que veio à Terra no intuito de oferecer um óbolo humanidade: a divulgação da Doutrina Espírita e a vivência do Evangelho de Jesus.

Após as notas de uma manhã ensolarada – na qual fomos prestar um “até breve” a querido tio, sepultado em dos cemitérios da cidade –, quando retornávamos para casa fomos colhidos por outra surpresa: sobre a mesa do computador havia um recado que registrava a desencarnação de Maria Philomena Aluotto Berutto, conhecida como “Dona Neném”, notável ex-presidente da União Espírita Mineira. O susto foi muito grande. Apesar de sabermos das dificuldades pelas quais ela passava, naturais da idade, não deixamos de sentir o peso da despedida.

Dona Neném foi uma grande representante da Doutrina Espírita, tanto em Minas Gerais, como no Brasil. Espírito nobre, exerceu o cargo de presidente da União Espírita Mineira por trinta e três anos de trabalhos ininterruptos, nos quais deixou grandes testemunhos de devoção à causa espírita.

Interrompendo nossa rotina de trabalhos, fomos prestar-lhe as últimas homenagens, pelo menos no que se refere à presente roupagem terrena. Chegando ao antigo cemitério, situado aqui, na capital das Gerais, encontramos muitos amigos que se reuniam ali com o mesmo intento de deixar-lhe um “até breve”. Lá se encontravam toda a Diretoria e o Conselho Deliberativo da União Espírita Mineira, companheiros dos mais variados setores da Federativa, além dos familiares e amigos.

Confessamos, nessas páginas amigas, que as lágrimas não ficaram contidas no celeiro do coração, pois fora uma das mais lindas despedidas de que já participamos. O ambiente estava impregnado por eflúvios de paz, harmonia e fraternidade. Todos aqueles que se aproximavam do ambiente percebiam o amparo que se fazia presente e que, por certo, estendia-se para os ambientes próximos, favorecendo também os mais necessitados.

Homenagens eram expressas em abraços, músicas, discursos e preces que evocavam a imortalidade da alma, num verdadeiro hino de consolo, de esperança e de fé para todos nós, que permanecemos nessa abençoada Terra, a viver a dinâmica da vida.

No turbilhão de reflexões que nos visitavam, acerca da importância dos próprios compromissos que necessitamos trilhar, eis que surge o *amigo* que tanto tem nos ajudado a compor essas notas, Arnaldo Rocha. Com seu jeito típico, abraça a todos sem perder um ensejo. Brinca com Manoel Alves, Marival Veloso, Honório Abreu, Pedro Valente, Earle, Wagner Paixão, Willian Marquez, Maria e Magda Abreu. Beija as irmãs de Dona Neném e as tantas confeitarias da Casa de Betânia e, por fim, nos encontramos.

– Olá, garotão!⁵⁰ Quanto tempo! Fomos nos reencontrar logo em um cemitério? Espero estar longe de me inscrever nestas paragens!

– Eu também – respondi em seguida – muito trabalho nos espera.

Arnaldo Rocha nos chama em separado e diz:

– Vamos beber um pouco de água, pois este aglomerado de pessoas me deixa sufocado.

Respondemos apenas com um gesto de concordância. Chegando à lanchonete, dissemos para ele:

– Permita-me pagar-lhe uma água mineral?

– Muito obrigado, replicou o ancião com benevolência, mas se você permitir eu pagarei. Aprendi com Chico Xavier não permitir dar qualquer trabalho, arrematou Arnaldo.

Percebia-se claramente que nosso amigo estava muito sensibilizado, apesar do seu desassombro.

⁵⁰ Vez por outra é a forma carinhosa por que nos trata.

– Meu filho, todas as vezes que o assunto é Neném, eu me recordo da amizade entre ela e o Chico Posso estar velho e a memória não ajudar, mas não m recordo de ver Chico Xavier elogiar tanto uma pesso quanto ele elogiava nossa amiga.

Neném teve um noivo que era piloto de avião que veio a falecer após sofrer um grave acidente. Fo por causa desse acidente que ela, inspirada por um amigo iniciou o envio de uma série de correspondências ao Chico. Esse foi o início da retomada de uma amizade referendada pela reencarnação, que só termina com própria eternidade. Ela havia sido amiga do Chico na última existência, quando se chamava *Yolanda* e residia na cidade de Barcelona.

Em toda minha vida, foi difícil encontrar mulher tão bonita como ela! Exclamo desse jeito para dizer da sua beleza física e da interior. No que se refere aos valores espirituais, chega a ser redundante dizer alguma coisa, visto que dirigir o Movimento Espírita como ela o fez não é tarefa simples, ainda mais por trinta e três anos. Digo com tranqüilidade que não foram poucos os homens de autoridade que se curvaram à sua mão-de-ferro nos momentos de decisão. Ela era dura para decidir e meiga para aplicar as decisões. Características dos grandes líderes.

Vale registrar que a sua ligação com o Chico lhe propiciava muita segurança para delinear os rumos da Federativa, sem titubeios. Os laços de amizade eram tão fortes que, ao receber pela televisão a notícia do desencarne de Chico, ela teve um derrame quase fulminante, culminando em seu desencarne, hoje, sete meses depois. (Janeiro 2003)

Arnaldo narrou-nos alguns momentos da intimidade de Chico e Neném, que infelizmente não podemos, a pedido do amigo, registrar. Depois de um breve silêncio, inspirado, Arnaldo, descerra mais uma recordação:

– Recordo-me de dois casos muito simples, mas cheios de fraternidade, e que se apresentam como mais uma manifestação da clarividência do médium. Estávamos, Chico e eu, em casa de sua irmã Luiza,

prontos para jantar, quando ela perguntou se podia nos servir à mesa. Chico logo retrucou: “Só depois que Neném chegar”. Ao dizer esta frase, convidou-nos a ir até ao alpendre e, sem entender nada, eu o acompanhei. Passado algum tempo, eis que surge um veículo trazendo a companheira. Foi uma visita sem o menor propósito, considerando que, na época, os meios de comunicação em relação à atualidade praticamente não existiam, e nós não sabíamos da sua chegada inesperada.

Nunca vi o Chico esquivar-se de recebê-la, mesmo nos tempos mais difíceis.

Antes de prosseguir com o outro caso, quero ressaltar como a amizade verdadeira é fundamental para o fortalecimento do médium em seu labor espiritual. Todos sabemos que a vida do médium é cheia de escolhos. Aqueles que entendem isso possuem uma chave importantíssima para vencer os aplausos, os interesses, as mesquinhas, os preconceitos e as incongruências de âmbito externo e interno. Em alguns momentos, o médium necessita estar só para estudar, meditar, harmonizar-se e orar, fato que nem sempre é possível. Por isso vem a disciplina como auxílio no processo de seleção dos valores, dos ambientes e da convivência para que a obra, questão prioritária, não se perca por veleidades. Quando se aproximam amigos de verdade, é maravilhoso recebê-los. E como beber de um verdadeiro néctar que alivia, alimenta e encoraja os corações, como era o caso de Dona Neném e Chico.

O outro fato aconteceu na segunda metade da década de 50, quando nascia a Bossa Nova. Chico Xavier me procurou e disse: “Arnaldo, o Espírito Dr. Camilo Chaves pede a você que promova uma reunião na casa da nossa amiga Neném, na próxima quarta-feira, no período da tarde”. Recordo-me do recado do querido amigo, solicitando que fossem convidados o Rubens Romanelli, o Ademar Duarte, o Bady Curi, e mais alguns companheiros de quem não me recordo agora, totalizando umas dez pessoas. Todos nós, membros da União Espírita Mineira.

Quando repassei o pedido para Neném Alluoto, a anfitriã do encontro, fui insistentemente questionado sobre o motivo da reunião. No entanto, eu lhe disse que

o Chico não havia revelado e resumi: “Diga a eles que motivo será importante e muito fraterno”.

O encontro se deu conforme o combinado. À exceção do Romanelli, que não pôde estar presente, vivemos o conhecido clima dos Amigos para Sempre com Jesus.

Foi aí que o Chico relatou a todos nós que o Dr. Camilo Chaves, notável presidente da União Espírita Mineira, estava presente e gostaria de falar-nos. A surpresa fez-se geral e uma prece foi sugerida para a preparação do ambiente. Dr. Camilo Chaves, através da psicofonia do Chico, congratulou a todos com o seu jeito nobre e amigo. Logo nos disse que os objetivos do Plano Espiritual para aquela reunião eram valiosos e reveladores e que, futuramente, todos compreenderíamos o seu alcance. Disse que não deveríamos olhar os fatos apenas com curiosidade, mas aproveitá-los para a recapitulação de encarnações anteriores, que pareciam definitivamente esquecidas, dizendo, ainda, para projetarmos, para o futuro, empreendimentos conscientes do trabalho renovador.

Relembrou ao grupo que, quando encarnado, sempre prometia revelar, um dia, os principais personagens da história do livro Semíramis em suas atuais encarnações. Entretanto, como o livro só foi publicado após sua desencarnação, essas revelações tiveram que esperar um pouco.

Ressaltou a valiosa experiência literária vivida por ele ao escrever este romance, num registro verdadeiro que a História oficial não consignou, ao apresentar uma essência moralizante. Citou a mediunidade de que foi investido e o seu mecanismo, que associava a pesquisa acurada dos fatos à visão dos quadros plasmados pelos Benfeitores, além da própria visão inconsciente, oportunizada pela sua participação direta nos fatos. E, finalmente, o muito que recebeu em bênçãos e estímulos espirituais.

Após esse bate-papo com o além-túmulo, nosso querido Camilo solicitou à anfitriã que buscasse um exemplar da obra para fazer algumas anotações em sua última página. Em seguida a um silêncio diminuto,

continuou a discorrer sobre apontamentos relativos a esse papiro aberto, escrito com tintas desconhecidas pela ciência moderna. Citou alguns personagens do livro, suas características principais e iniciou algumas revelações que marcaram profundamente o psiquismo de todos os presentes.

Disse que *Semíramis*, personagem principal do livro, era espírito de vastas aquisições espirituais e que hoje é muito atuante no mundo espiritual, apresentando-se atualmente, em nossas reuniões, como *Irmã Ritinha*. Revelou que *Simas* – o Grão-sacerdote do Egito que era reitor da escola de Tanis e pai de *Semíramis* – se tratava do Benfeitor *Emmanuel*. Carinhosamente, falou que *Mabi*, a princesa da Média que se apaixonou pelo general assírio *Beb Alib*, era a nossa querida Meimei. Falou sobre o personagem *Lecon*, tratado na história por sua amada *Semíramis* por “meu leão”, como sendo o próprio escritor *Camilo Rodrigues Chaves*. Relatou, ainda, sobre muitos outros presentes que a memória não me permite lembrar; mas no que me compete, apontou-me como o já citado general do império da Assíria, da Babilônia, do Sumer e Akad, de nome *Beb Alib*.

Por fim, lembrou *Chams*, faraó do Egito e muito amiga de *Semíramis* e *Mabi*, dizendo se tratar de nossa *Alma Querida*, Chico Xavier. Após a morte de *Mabi* (Meimei), *Chams* (Chico) ao assumir o trono, recebeu da rainha *Semíramis* (Irmã Ritinha) um presente: o próprio general *Beb Alib*, para que com ele se casasse. Aliás, a ascensão de *Chams* ao poder foi fruto de uma trama que envolveu seus irmãos, *Ramis* e *Saiad*, cujas mortes fizeram com que ela chegasse ao poder. *Chams* havia recebido uma educação de alta linhagem para sua época, além da iniciação nos mistérios de Isis e Osíris, o que vale ressaltar para futuras observações.

Já *Semíramis* construiu o maior império que o mundo já viu, tendo um dia gerado inveja no próprio Alexandre, chamado o Grande. Essas conquistas trouxeram ao mundo um fato inusitado: por terem sido amigas desde a infância, e pelo fato de *Semíramis* ser egípcia, foi possível unir o Ocidente ao Oriente em tomo do progresso e da paz, logo que *Chams* ascendeu ao poder.

A grande rainha Semírames voltou à lida terrena no século XIV e foi coroada depois de morta, como rainha de Portugal. Esse episódio ficou conhecido como o mais apaixonante romance, na Idade Média. Dom Pedro I (1320-1367) apaixonou-se por Ignez Pires de Castro, galega, apelidada pelos poetas de ‘colo de garça’, aia de sua futura esposa Constança, princesa de Castela. Ela, sua alma gêmea levou a desprezar as convenções cortesãs e a desafiar frontalmente tudo e todos. Em 1345, D. Constança deu à luz Fernando – único neto que o rei D. Afonso IV reconhecia, e que sucederia D. Pedro I, no trono de Portugal – e, desgostosa ante a traição do marido, veio a falecer em 1349, antes de D. Pedro subir ao trono português, não tendo sido, portanto, rainha de Portugal. Ignez, por sua influência na corte, devido ao envolvimento com Pedro, foi assassinada em 1355, a mando do Rei D. Afonso IV, que acreditava que, morta Ignez, o filho voltaria à sua influência. A trama aconteceu quando Pedro se ausentou para uma caçada. Ao retornar, encontra sua amada morta. Ele ficou desesperado e rompeu relações com o pai. Após assumir o trono, o que ocorreu em 1357, fê-la coroar como rainha, mesmo morta, resultando, daí, a famosa frase ‘não adianta chorar pois Ignez é morta’. Para nosso espanto, Camilo Chaves disse ainda que D. Pedro I, foi uma de suas encarnações mais marcantes.

As correlações que o Amigo Espiritual fez tiveram o objetivo de apresentar as oportunidades obtidas por todos, no passado, quanto à administração dos povos, vitórias pessoais e os compromissos assumidos na esteira do tempo – interrompeu o narrador.

O painel das recordações foi fechado nesse ponto da conversa, pois fomos convidados para os instantes de despedida final.

Pedro Valente, ex-presidente da União Espírita Mineira, que também secretariou Dona Neném durante seus trinta e três anos de gestão, fez breve discurso. O presidente do Conselho Deliberativo, Bady Curi, em comovente fala, contou sobre a influência que seu pai Bady teve sobre a aproximação de Dona Neném com o Espiritismo. Ressaltou, entretanto, que havia sido ela, por sua vez,

quem lhe havia posto para enfrentar as batalhas da vida.

Honório Abreu, atual presidente da União Espírita Mineira, agradeceu o carinho com que a família Abreu (Osvaldo, Lúcio e fie, ainda “meninos”) havia sido recebida e tratada por ela com a poesia do Evangelho. Em seguida leu para os presentes o manifesto. Em seguida leu para os presentes o manifesto da Diretoria da FEB na pessoa do Presidente Nestor Masotti.

Por fim, os jovens da mocidade “Precursor” – grupo de jovens espíritas fundado por ela – fizeram uma despedida musical com ajuda da dupla *Tim e Vanessa*, e, em seguida, vibramos com a prece proferida pelo presidente.

Até breve! é o que desejamos à nossa dama, a eterna Yolanda, *alma amiga para sempre* do querido Chico Xavier e de todos nós. Que Jesus a receba em Seus braços Amoráveis, inspirando-a e inspirando a todos os que aqui ficamos a fim de que continuemos a segui-Lo na senda da perfeição. Com a famosa poesia cristã, escutemo-Lo mais uma vez: “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.”⁵¹

O grupo saiu em direção ao sepultamento e abraçamos o amigo para sempre, sem pronunciar uma palavra sequer. Ao olhar para ele, não nos contivemos de alegria ao perceber sua perspicácia. Ele, então, falou sorrindo:

– No dia do meu velório, se tiver discurso, juro que pego no pé de quem o fizer!

Respondemos, contundente:

– Você está falando isso, afirmei com alegria, só porque eu já estava ensaiando o primeiro parágrafo.

Dizer “até breve”, num ambiente espiritualizante como aquele, é possibilidade que não devemos rejeitar. Portanto, até breve, leitor amigo!

⁵¹ JESUS. In: João, 13:35.

VOCÊ E O EVANGELHO

Em toda parte do caminho o Evangelho é a chave da libertação do espírito para a luz infinita.

Pondere que, se você acender a lâmpada evangélica no coração, encontrará, em todas as oportunidades da vida, possibilidades de colaborar na obra do bem e do amor, revertendo, para si próprio, as maiores somas dos sublimes benefícios do céu.

Com o Evangelho a iluminar-lhe a vida, você:

Não odiará – somente amará e perdoará;

Não invejará – mas apenas cooperará pelo bem do próximo;

Não ambicionará – será sóbrio e simples de coração;

Não ensinará – mas apenas será discípulo atento, em todo aprendizado;

Não exigirá – somente se contentará com o que receber;

Não julgará – apenas procurará amparar;

Não criticará – será indulgente face as fraquezas do irmão;

Não terá orgulho — procurará ser sempre o maior necessitado de luz.

Enfim, meu amigo, se você estiver com o Evangelho, a luz do Senhor guia-lo-á em toda a trilha do seu destino porque, com o Livro Divino no coração, você edificará, na Terra, a sucursal do Paraíso.

Lembre-se de que Jesus estabeleceu, no “amai-vos uns aos outros”, o preceito máximo de toda lei e a síntese de todos os profetas.

Resumindo tal ensinamento em suas ações em casa, entre os familiares, no serviço entre os colegas e no círculo da fé entre os companheiros, você estará edificando, no mundo, as fortalezas do céu onde poderão abrigar os anjos celestes.

A igreja cristã é o próprio corpo do homem e, dentro dele, acende-se a luz do espírito imortal.

Seja você, pois, essa luz brilhante e inextinguível, abrindo o Evangelho, ainda hoje, para as alegrias imarcescíveis de amanhã.

Ignez de Castro⁵²

⁵² Mensagem inédita psicografada por Francisco C. Xavier, 1949. Arquivo da UEM.



www.talis.art.br/babilonia.gif

Babilônia



<http://cachc.eb.com/eb/image?id=95790&rendTypeld=4>

SEMÍRAMIS

Semíramis foi uma bela rainha mitológica que segundo as lendas gregas e persas reinou sobre a Pérsia, Assíria, Armênia, Arábia, Egito e toda a Ásia, durante mais de 42 anos, foi fundadora da Babilônia e de seus jardins suspensos. Subiu ao céu transformada em pomba, após entregar a coroa ao seu filho, Tamuz. Entre as muitas lendas que a rodeiam uma afirma que foi filha de uma sacerdotisa que a abandonou à morte no deserto. Tê-la-ão encontrado pombas que cuidaram dela alimentando-a até que um pastor de nome Simas a encontrou. Provavelmente poderá identificar-se com Shammuramat, rainha da Assíria e que foi esposa de Shamshi-Adad Ve mãe de Adad-nirari III. A história de Semiramis foi tema de uma ópera de Gioacchino Rossini, e o escritor espanhol Alejandro Núñez Alonso fez uma série de novelas históricas em torno desta fascinante personagem.

Obtido em “<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sem%C3%ADramis>”



Ighes de Castro (Semíramis)



Camilo Rodrigues Chaves
23/1/1959



Maria Philomena
Aluotto Berutto

XI

Há 2000 Anos – Servir e Marchar

É lei da Natureza a destruição?

“Preciso é que tudo se destrua para renascer e se regenerar. Porque, o que chamais destruição não passa de uma transformação, que tem por fim a renovação e melhoria dos seres vivos”.⁵³

“Portanto, tornai a levantar as mãos cansadas, e os joelhos desconjuntados”.⁵⁴

⁵³ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, pergunta 728.

⁵⁴ PAULO. In: Hebreus, 12:12.

Reiniciando nossas atividades, após um curto período de férias, telefonamos ao querido amigo Arnaldo Rocha, para felicitá-lo pelo início de ano.

Após a recepção carinhosa de Dona Neuza Tófani de Macedo Rocha, sua querida esposa, fomos agraciados com mais este singelo registro. Em nossa conversa sem formalidades, Dona Neuza disse que Arnaldo acabava de chegar das compras. Brincando, ela arrematou: “Não pense, meu filho, que eu sou gastadeira! Muitas das vezes em que você liga e Arnaldo não está em casa, tenho lhe dado sempre a mesma justificativa de que ele foi às compras. Saiba você, meu filho, que o Arnaldo é quem gosta de bater as pernas e inventa necessidades. Ele é *“muito agitadinho”* !

Com muita ternura, Dona Neuza terminou por dizer que seu marido tem um coração de ouro. Continuando a palestra agradável confidenciou-me:

– Sou uma mulher de muita sorte. Deus atendeu aos meus sonhos de juventude colocando o Arnaldo em minha vida. Não posso deixar de lhe confessar que sou muita grata à nossa Meimei, pois, como diz o Arnaldo, ela o educou para o amor e para a vida. Acerca desse assunto, recorro-me da ocasião em que conheci o Chico Xavier. Quando Arnaldo lhe contou a novidade do nosso namoro, ele fez questão de vir a Belo Horizonte para me conhecer; isto por conta de toda consideração que tinha pelo Arnaldo. Fizemos uma bela amizade, sendo que, quando a intimidade expressou-se singela e autêntica entre nós, brinquei com o Chico utilizando essa expressão: ‘Meimei consertou (o Arnaldo) e depois me entregou’. Com isso, as gargalhadas do Chico não tardaram.

Um detalhe interessante do nosso casamento foi o de que, pelo fato de eu freqüentar a Igreja Católica, por influência de meu pai, Godofredo José de Macedo, e ao mesmo tempo, a igreja protestante, por causa de minha mãe Ruth Tofani Macedo, fiquei muito dividida na escolha do culto para a sonhada celebração; tudo isso, sem contar o detalhe em tomo da religião do meu

meu noivo: espírita. Numa conversa com o Chico, depois de expressar minhas dúvidas, disse a ele sobre a felicidade que sentiria em recebê-lo no casamento, mas que entenderia caso ele optasse por não vir, devido à religião que professava ser a espírita. A resposta do querido Chico foi um grande alento para mim: “*Faço questão de estar presente nesta data tão importante e, se você me permitir, gostaria de dar uma sugestão: entre cantando, na celebração, as cantigas que agradem a sua mãe e a seu pai*”. Eu cantava nos corais das duas igrejas, e confesso que tinha uma bela voz naquela época. Resultado da conversa: entrei na igreja com a gravação de uma música cantada por mim – gravei devido às emoções da noiva não permitirem qualquer aventura ou improviso. Por fim, além de sua presença inesquecível, Chico também aceitou ser nosso padrinho. Jamais me esquecerei do início de nossa amizade!

– Meu filho – disse Dona Neuza, finalizando a conversa – vou passar o telefone para o Arnaldo, pois vocês devem ter muito o que conversar.

Alegremente, despedimo-nos com a promessa de novos diálogos. Em seguida, Arnaldo, com sua conhecida voz grave, atendeu-nos mais uma vez com delicada presteza:

– Meu querido amigo, paz para você e toda a sua família nesse ano que inicia.

Começamos nossa conversa comentando sobre as festividades, até que o assunto foi direcionado para os ensinamentos que inspiraram este capítulo.

– Arnaldo, terminei de ler o livro *Um Pilar de Ferro*, da escritora Taylor Caldwell. Tem algo a dizer sobre esse livro?

– Bela obra, respondeu com serenidade. A autora foi muito feliz na descrição da história sobre a República Romana e o início da ditadura imperial. A história se tomou muito envolvente por causa da riqueza dos detalhes romanceados pela escritora. Arrimado nas reflexões que esse livro suscitou ao meu pobre entendimento, fico perplexo quanto à crueldade empregada pelos homens, quando eles deixaram os interesses transitórios se sobrepujarem aos valores morais.

Lembro que conversei com o Chico sobre esta obra e ele nos informou que nós estávamos envolvidos na conspiração realizada por Lúcio Sérgio Catilina para derrubar o poder vigente, trama da qual participaram muitos companheiros nossos, junto dos conhecidos personagens da História, tais como o general Sila, Crasso, Júlio César, Clódio, Pompeu, Públio Lentulus Sura, Cetego, Marco Antônio, Otávio, e o mais significativa personagem daquela época: Marco Túlio Cícero.

– Durante a leitura – comentei, interrompendo a narrativa de Arnaldo –, vibrei tanto com o perfil psicológico de Cícero, que indaguei a mim mesmo sobre uma possível encarnação dessa bela alma. Você chegou a conversar esse assunto com Chico?

– Claro meu amigo! Perguntei ao Chico se ele teria alguma informação sobre Cícero. Ele se limitou a referir-se às nossas experiências. Eu fui o general Tito Livônio, sobrinho de Públio Lentulus Sura – nosso Emmanuel. E, de sobrinho do senador, tornei-me também seu genro, ao me casar com Lucina, sua filha, que era nossa *Alma Querida*, Chico Xavier.

E importante lembrar que Públio Lentulus Sura foi o segundo esposo de Júlia, mãe do conhecido general Marco Antônio, famoso por participar do segundo triunvirato romano junto com Lépido e Otávio e por ter vivido o tumultuado romance com Cleópatra, a rainha do Egito.

Voltando, entretanto, à história de Cícero e sua luta pela democracia e pela justiça – oito décadas antecedentes à vinda de Jesus – entendemos que foi um feito tão nobre que só um apóstolo teria condições para tal mister. Ele viveu o futuro do homem, em um tempo de terríveis quedas morais. Interessante notar a amizade registrada, pela história, entre Marco Túlio Cícero e Júlio César. Apesar do caráter dúbio e mesquinho de Júlio César, a conduta de Cícero com ele era tão sincera e paternal, que me vi obrigado a abordar este assunto com Chico. Recordando-me de outra obra, *Cartas e Crônicas*, especificamente a página intitulada “Kardec

e Napoleão”, na qual Humberto de Campos, através da mediunidade de Chico Xavier, registra uma das reencarnações anteriores de Napoleão na personalidade de Júlio César.

Na referida página, verifica-se a postura reverencial de Napoleão Bonaparte (Júlio César) diante do benfeitor paternal, em importante reunião realizada no plano espiritual com o objetivo de traçar o roteiro para o advento do Espiritismo. Posteriormente, Napoleão Bonaparte, o mesmo espírito que fora Júlio César do império romano, reincide nos mesmos erros que marcaram a sua trajetória orgulhosa no patriciado do poder temporal. Vejamos o trecho final deste episódio:

“(...) Dentro do novo século, começaremos a preparação do terceiro milênio do Cristianismo na Terra.

Novas concepções de liberdade surgirão para os homens, a Ciência erguer-se-á a indefiníveis culminâncias, as nações cultas abandonarão para sempre o cativo e o tráfico de criaturas livres, e a religião desatará os grilhões do pensamento que, até hoje, encarceram as melhores aspirações da alma no inferno sem perdão!...

Confiamos, pois, ao teu espírito valoroso a governança política dos novos eventos e que o Senhor te abençoe!

Cânticos de alegria e esperança anunciaram nos céus a chegada do século XIX e, enquanto o Espírito de Verdade, seguido por várias coortes resplandecentes, voltava para o Alto, a inolvidável assembléia se dissolvia...

O apóstolo que seria Allan Kardec, sustentando Napoleão nos braços, aconchegou-o de encontro ao peito e acompanhou-o, bondosamente, até religá-lo ao corpo de carne, no próprio leito.

Em 3 de outubro de 1804, o mensageiro da renovação renascia num abençoado lar de Lyon, mas o Primeiro-Cônsul da República Francesa, assim que se viu desembaraçado da influência benéfica e protetora do Espírito de Allan Kardec e de seus colaboradores que, pouco a pouco, retomavam a integração com a carne, confiantes e otimistas, engalanou-

se com a púrpura do mando e, embriagado de podei; proclamou-se Imperador, em 18 de maio de 1804, ordenando a Pio VII que viesse coroá-lo em Paris.

Napoleão, contudo, convertendo celestes concessões em aventuras sanguinolentas, foi apressadamente situado, por determinação do Alto, na solidão curativa de Santa Helena, onde esperou a morte, enquanto Allan Kardec, apagando a própria grandeza, na humildade de um mestre-escola, muita vez atormentado e desiludido, como simples homem do povo, deu integral cumprimento à divina missão que o trazia à Terra, inaugurando a era espírita-cristã, que, gradativamente, será considerada em todos os quadrantes do orbe com a sublime renascença da luz para o mundo inteiro.”⁵⁵

Arnaldo, após um breve intervalo, retomou o raciocínio inicial de nossa conversa:

– Podemos aprender muito analisando os fatos da época que precedeu o maior acontecimento da história da humanidade: a vinda de Jesus Cristo. Emmanuel registra-a, com riqueza de detalhes, em sua obra *Há 2000 Anos...*; este livro traz considerações acerca do Império Romano e seus costumes, época em que reinavam a prepotência, as conspirações, a falsidade e a escravidão augusta. Como costume me expressar: “*Que bela obra do senador!*”.

Por uma fração de segundo, viajamos no tempo, interrompendo, naquele instante, nossa conexão com a narrativa de Arnaldo. Relembramos alguns personagens do romance citado, dentre os quais o Senador Públio Lentulus Comelius, sua esposa Lívia, seus filhos Flávia e Marcus, a serva Ana, bem como a família Severus, composta pelo Senador Flamínio, sua esposa Calpúrnia, e seus filhos Plínio e Agripa.

Retomando, no entanto, nossa conversa, solicitamos a Arnaldo que discorresse um pouco mais sobre Públio Lentulus Comelius e sua esposa Lívia, já que, por certo, ele teria mais revelações sobre essas almas, confidenciadas por Chico Xavier, nos idos anos 50.

⁵⁵ X, Irmão (Espírito), *Cartas e Crônicas*; (psicografado por Francisco Cândido Xavier); pelo espírito Irmãos X. 7ª Ed. Rio de Janeiro, FEB. Capítulo 28: Kardec e Napoleão; p. 121.

– Meu amigo – respondeu prestimonioso –, as experiências do casal Lentulus podem, por si só, oferecer muitos recursos didáticos ao aprendizado do bom observador. Apropriando-nos de um pensamento de Paulo de Tarso, poderemos dizer que Lúvia escolheu as obras da Fé e o seu marido as obras da Lei.⁵⁶ Ela aplicou o seu livre-arbítrio em função do genuíno amor, ao contrário de Públio, que se enveredou pela vida sustentando um orgulho vil, e um profundo egoísmo que impediu uma visão clara do amor da sua amada.

Quando a filha do casal, Flávia, foi curada por Jesus, os dois receberam uma graça que marcaria suas jornadas pela eternidade. Todavia, enquanto Lúvia abriu o coração para Deus, sendo bem-aventurada nos céus, Públio Lentulus abriu mais ainda suas asas evolutivas para desferir um triste vôo, buscando as bem-aventuranças na Terra, bem como terríveis holocaustos no céu da consciência.

No início da obra citada, é interessante notar a conversa na qual o Senador relata uma série de conflitos existenciais para seu amigo, e também senador, Flamínio Severus. Discorre ainda sobre um sonho, no qual seu passado lhei foi descortinado e, diga-se de passagem, vinculando-o ao romance *Um Pilar de Ferro*, que você acaba de ler.

Antes de prosseguirmos com os relatos de Arnaldo, relembremos o episódio do sonho de Públio Lentulus, através da transcrição do texto original:

“– Tenho sacrificado aos deuses, segundo os nossos hábitos – respondeu Públio, compungida mente - e ninguém mais que eu se orgulha das gloriosas virtudes de nossas tradições familiares. Entretanto, minhas observações não surgem tão somente a propósito da filhinha. Há muitos dias, ando torturado com o espantoso enigma de um sonho.

– Um sonho? Como pode a fantasia abalar, desse modo, a fibra de um patrício?

Públio Lentulus recebeu a pergunta mergulhado em profundas cismas. Seus olhos parados presumiam devorar uma paisagem que o tempo distanciara no transcurso dos

⁵⁶ PAULO, In: Romanos, cap. 3

anos. (...) – Sonhos há – prosseguiu Públio – que se distinguem da fantasia, tal a sua expressão de realidade irretorquível Voltava eu de uma reunião no Senado, onde havíamos discutido um problema de profunda delicadeza moral, quando me senti presa de inexplicável abatimento.

(...) Realidade ou sonho, não o sei dizer, mas vi-me revestido das insígnias de cônsul, ao tempo da República. Parecia-me haver retrocedido à época de Lúcio Sergius Catilina, pois o via a meu lado, bem como a Cícero, que se me figuravam duas personificações, do mal e do bem. Sentia-me ligado ao primeiro por laços fortes e indestrutíveis, como se estivesse vivendo a época tenebrosa da sua conspiração contra o Senado, e participando, com ele, da trama ignominiosa que visava à mais íntima organização da República. Prestigiava-lhe as intenções criminosas, aderindo a todos os seus projetos com a minha autoridade administrativa, assumindo a direção de reuniões secretas, onde decretei assassinios nefandos... Num relâmpago, revivi toda a tragédia, sentindo que minhas mãos estavam nodoadas do sangue e das lágrimas dos inocentes. Contemplei, atemorizado, como se estivesse regressando involuntariamente a um pretérito obscuro e doloroso, a rede de infâmias perpetradas com a revolução, em boa hora esmagada pela influência de Cícero; e o detalhe mais terrível é que eu havia assumido um dos papéis mais importantes e salientes na ignomínia... Todos os quadros hediondos do tempo passaram, então, à frente dos meus olhos espantados...

Todavia, o que mais me humilhava nessas visões do passado culposo, como se a minha personalidade atual se envergonhasse de semelhantes reminiscências, é que me prevalecia da autoridade e do poder para, aproveitando a situação, exercer as mais acerbas vinganças contra inimigos pessoais, contra quem expedia ordens de prisão, sob as mais terríveis acusações. E ao meu coração desalmado não bastava o recolhimento dos inimigos aos calabouços infectos, com a conseqüente separação dos afetos mais caros e mais doces, da família. Ordenei a execução de muitos, na escuridão da noite, acrescendo a circunstância de que a muitos adversários políticos mandei arrancar os olhos, na minha presença, contemplando-lhes os tormentos com a frieza brutal das vinditas cruéis!... Ai de mim que espalhava a desolação e a desventura em tantas almas, porque, um dia, se lembraram de eliminar o verdugo cruel!

Depois de toda a série de escândalos que me afastaram do Consulado, senti o término dos meus atos infames e misérrimos, diante de carrascos inflexíveis que me condenaram ao terrível suplício do estrangulamento, experimentando, então, todos os tormentos e angústias da morte.

O mais interessante, porém, é que revi o inenarrável instante da minha passagem pelas águas escuras do Aqueronte, quando me parecia haver descido aos lugares sombrios do Averno, onde não penetram as claridades dos deuses. A grande multidão de vítimas acercou-se, então, de minha alma angustiada e sofredora, reclamando justiça e reparação e rebentando em clamores e soluços, que me pereciam no recôndito do coração.

Por quanto tempo estive, assim, prisioneiro desse martírio indefinível? Não sei dizê-lo. Apenas me recordo de haver lobbado a figura celeste de Lívia, que, no meio desse vértice de pavores, estendia-me as mãos fúlgidas e carinhosas.

Afigurava-se-me que minha esposa me era familiar de épocas remotíssimas, porque não hesitei um instante em lhe tomar as mãos suaves, que me conduziram a um tribunal, onde se alinhavam figuras estranhas e venerandas. Cãs respeitáveis aureolavam o semblante sereno desses juizes do Céu, emissários dos deuses para julgamento dos homens da Terra. A atmosfera caracterizava-se por estranha leveza, cheia de luzes caridosas que iluminavam, perante todos os presentes, os meus pensamentos mais secretos.

Lívia devia ser o meu anjo-tutelar nesse conselho de magistrados intangíveis, porque sua destra pairava sobre minha cabeça, como a impor-me resignação e serenidade, a fim de ouvir as sentenças supremas. (...)

Públio Lentulus tinha os olhos úmidos e a voz trêmula, como se profundas emoções o dominassem naquelas circunstâncias. Aproximando-se de uma imagem de cera, entre as muitas que ali se enfileiravam, chamou a atenção de Flamínio, com uma simples palavra:

– Reconheces?

– Sim – respondeu o amigo, estremecendo –, reconheço esta efígie. Trata-se de Públio Lentulus Sura, teu bisavô paterno, estrangulado há quase um século, na revolução de Catilina.”⁵⁷

⁵⁷ EMMANUEL (Espírito). *Há 2000 Anos...* (psicografia de Francisco Cândido Xavier); pelo espírito de Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 30ª edição páginas 21-24 e 28.

Enquanto nos sentíamos profundamente emocionados, o narrador, certamente inspirado pelos Benfeitores que protagonizaram este belo romance, discorria sobre os acontecimentos que tanto marcaram a trajetória-luz daqueles espíritos.

– Nesse episódio do sonho, a Espiritualidade Superior preparava o ilustre Senador para os momentos em que ele colocaria em “xeque” os compromissos assumidos no Mundo Maior, no tocante à encarnação da qual o livro *Há 2000 Anos...* trata.

Pelo fato da filha do senador romano, Flávia, encontrar-se enferma, Flamínio Severus, como amigo de Públio, incentiva-o a realizar uma viagem à Palestina em busca do restabelecimento da saúde de sua filha; essa viagem resultou no encontro de Públio Lentulus com Jesus.

“Das águas mansas do lago de Genesaré parecia-lhe emanarem suavíssimos perfumes, casando-se deliciosamente ao aroma agreste da folhagem.

Foi nesse instante que, com o espírito como se estivesse sob o império de estranho e suave magnetismo, ouviu passos brandos de alguém que buscava aquele sítio.

Diante de seus olhos ansiosos, estacara personalidade inconfundível e única. Tratava-se de um homem ainda moço, que deixava transparecer nos olhos, profundamente misericordiosos, uma beleza suave e indefinível. Longos e sedosos cabelos molduravam-lhe o semblante compassivo, como se fossem fios castanhos, levemente dourados por luz desconhecida. Sorriso divino, revelando ao mesmo tempo bondade imensa e singular energia, irradiava da sua melancólica e majestosa figura uma fascinação irresistível. (...) – Senador, por que me procuras? (...) Fora melhor que me procurasses publicamente e na hora mais clara do dia, para que pudesse adquirir, de uma só vez e para toda a vida, a lição sublime da fé e da humildade...

(...) Depois de longos anos de desvio do bom caminho, pelo sendal dos erros clamorosos, encontras, hoje, um ponto de referência para a regeneração de toda a tua vida.

Está, porém, no teu querer o aproveitá-lo agora, ou

daqui a alguns milênios... Se o desdobramento da vida humana está subordinado às circunstâncias, és obrigado a considerar que elas existem de toda a natureza, cumprindo às criaturas a obrigação de exercitar o poder da vontade e do sentimento, buscando aproximar seus destinos das correntes do bem e do amor aos semelhantes.

Soa para teu espírito, neste momento, um minuto glorioso, se conseguires utilizar tua liberdade para que seja ele, em teu coração, doravante, um cântico de amor, de humildade e de fé, na hora indeterminável da redenção, dentro da eternidade...

Mas, ninguém poderá agir contra a tua própria consciência, se quiseres desprezar indefinidamente este minuto ditoso!

Pastor das almas humanas, desde a formação deste planeta, há muitos milênios venho procurando reunir as ovelhas tresmalhadas, tentando trazer-lhes ao coração as alegrias eternas do reinado de Deus e de sua justiça...

(...) Todos os poderes do teu império são bem fracos e todas as suas riquezas bem miseráveis...

As magnificências dos césores são ilusões efêmeras de um dia, porque todos os sábios, como todos os guerreiros, são chamados no momento oportuno aos tribunais da justiça de meu Pai que está no Céu. Um dia, deixarão de existir as suas águias poderosas, sob um punhado de cinzas misérrimas. Suas ciências se transformarão ao sopro dos esforços de outros trabalhadores mais dignos do progresso, suas leis iníquas serão tragadas no abismo tenebroso destes séculos de impiedade, porque só uma lei existe e sobreviverá aos escombros da inquietação do homem – a lei do amor, instituída por meu Pai, desde o princípio da criação...

Agora, volta ao lar, consciente das responsabilidades do teu destino...

Se a fé institui na tua casa o que consideras a alegria com o restabelecimento de tua filha, não te esqueças que isso representa um agravo de deveres para o teu coração, diante de nosso, Pai, Todo-Poderoso!...”⁵⁸

Após a narrativa desse encontro, Arnaldo segue contando suas lembranças:

⁵⁸ Idem, páginas 84-88

– Mesmo sendo presenteado com tão inesquecível ensinamento, o senador olvida o chamado e faz sua opção pelo vôo da “águia” – símbolo do poder romano – que veio a se transformar na queda do “abutre” a dilapidar todos os seus sonhos de ventura e amor. O séquito amigo começa a ser desguarnecido com o rapto de seu filho Marcus. As trevas caluniosas lhe inspiram abandonai por 25 anos a mulher de sua alma. Seu querido amigo Flamínio Severus deixa o mundo dos encarnados – seguido em breve por sua esposa Calpúrnia – e perpassa o vale dos mortos arrependido por ter incentivado Públio a impor tão injusta reprimenda a Lívvia. A eterna esposa do senador Públio, após marcantes testemunhos de autêntica fé cristã, é convidada pelas hostes superiores a deixar Roma, pelos portais do martírio no circo máximo. Em sua própria casa, o filho de Flamínio, Agripa Severus, cuja tutela espiritual fora confiada a ele, é brutalmente assassinado. O outro filho de Flamínio, Plínio Severus, há algum tempo casado com Flávia Lentúlia, opta por seguir vida dissoluta nos braços de uma amante, mergulhando ainda mais nos jogos e vícios, trazendo amargura ao coração de sogro e de pai. Flávia, sua filha, é levada à cegueira por ignóbil trama. Públio ainda experimenta o dissabor da própria prisão durante a invasão de Tito a Jerusalém, bem como o reencontro com um inimigo adquirido logo em sua chegada à Palestina, André Gioras, responsável por muitos dos seus dissabores – inclusive pelo rapto de Marcus – e que manda um escravo romano queimar-lhe os olhos, no intuito de vingar sua desdita de ter sido privado de seu filho, Saul de Gioras, lançado às galeras em virtude de um ato inconstante por ele praticado.

Por fim, o fardo maior ficou reservado para os seus últimos dias, com a revelação de toda a verdade sobre seus dramas que, aliás, atingiu os mínimos detalhes. Além de tomar conhecimento do real motivo das dores morais de sua mulher, injustamente caluniada – dores essas compartilhadas por ele na solidão de seu orgulho –, veio à tona a armação obscura por detrás do ato que definiu a sua cegueira física. O maior golpe havia sido desferido por seu próprio filho raptado, Marcus! Públio

Lentulus vem a conhecer que, por tramas inescrupulosas, Marcus – tido como morto – na verdade havia sido criado como escravo romano pelo seu mencionado inimigo, o judeu André de Gioras. Essa última revelação foi dada pelo próprio Gioras, mandante do crime, ao senador inimigo, pouco antes do vingativo homem ser levado à morte. O orgulhoso senador passou, então, o resto dos seus dias tateando pelas sombras criadas, na realidade, por seus próprios feitos. Estava, portanto, escrita mais uma página da trajetória do mesmo senador Públio Lentulus Sura, que havia voltado a gens Cornélia no sagrado intuito de se redimir, mas que, infelizmente e apesar de tantos avisos, optou por escutar, por milênios, os rugidos dos “leões” na arena da própria existência. Tendo escrito com sangue e escravidão a Lei no livro da vida, só teria, então, um caminho: viver os ensinamentos de Jesus Cristo, como outrora lhe fora aconselhado, pessoalmente, pelo Divino Pastor, com o objetivo de empreender no imo de sua alma o vôo da própria redenção.

Em determinada ocasião, perguntei a Chico como foi, para ele, lidar com a percepção espiritual desse encontro entre o senador e Jesus. Chico me disse que ficou muito emocionado e que só lhe foi possível a visão devido ao fato de Emmanuel ter-lhe ampliado o campo mental. Depois de ler várias vezes o registro, Chico perguntou ao autor espiritual – Emmanuel – por que grafou, com tanta simplicidade, o espetáculo de luzes e vibrações superiores que ele havia registrado e a resposta não tardou: “*A riqueza foi em decorrência do amor genuíno de Jesus para com o impiedoso senador romano*”. Disse ainda: “*Os Benfeitores espirituais outorgaram publicar apenas o encontro entre dois homens. Por isso procuramos dar uma conotação mais singela para o leitor*”.

Estávamos hipnotizados diante de tantos ensinamentos, mas inquirimos uma singela questão:

– E Lívia?

– Cumpru fielmente os compromissos assumidos com o nosso amigo senador – respondeu Arnaldo com um sorriso maroto que, mesmo pelo telefone, foi

claramente perceptível. Venceu o mundo íntimo, amando e perdoando. Não permitiu que as convenções humanas estivessem acima de sua busca pelo Cristo. Quantos de nós recebemos as dádivas dos amigos espirituais e, em vez de investir com confiança no Caminho, na Verdade e na Vida, enveredamos pela Via Ápia da ilusão, que nos conduz ao cadafalso da dor!

Argüimos, novamente, Arnaldo:

– Poderemos, a título de ilustração, identificar na atualidade alguns personagens do romance *Há 2000 Anos...*?

– O tempo, meu jovem, apagou muitas conversas entre os amigos e o Chico. Buscando ser mais preciso, deveria reler a obra, mas como o nosso tempo não pára, relembro-me, nesse ínterim de registros sobre este assunto que ainda permanecem nítidos em nossa mente, inclusive alguns que fomos brindados pela psicofonia do saudoso médium. Por exemplo: Públio Lentulus Sura bisavô e Públio L. Comélio é o nosso querido Emmanuel. Ana, a serva de Lívia, foi Maria João de Deus – mãe de Chico Xavier, em sua última reencarnação. Pompílio Crasso – o mesmo Helvídio Lucius do livro *50 Anos Depois* –, Godofredo de Bouillon – o líder da primeira cruzada –, Fernando de Aragão (casado com Isabel de Castela), Cirilo Danveport do livro *Renúncia* –, e em sua última romagem terrena, o nosso inesquecível Rômulo Joviano, chefe e amigo de Chico na Fazenda Modelo. Flamínio Severus, senador e amigo de Publio, é um líder espírita muito conhecido na atualidade. André de Gioras foi Lindolfo Ferreira, cunhado de Chico Xavier. Flávia Lentulus, o próprio Chico Xavier e Plínio Severus o errante militar que dialoga, com você, na atualidade.

Aliás, por falar em Flávia, sempre é oportuno lembrar seu perfil psicológico, apresentado pelo próprio pai, encontrado também no já referido romance:

“No esplendor dos seus vinte e dois anos, ostentava o fruto da educação que o pai lhe dera, com a forte expressão pessoal do seu caráter e da sua formação espiritual.

A filha do senador era Lúvia, na encantadora graça dos seus dotes físicos, e era Públio Lentulus, pelo coração. Educada por professores eminentes, que se sucederam no curso dos anos, na escolha dos Severus, que jamais se descuidaram dos seus amigos distantes, sabia o idioma pátrio a fundo, manejando o grego com a mesma facilidade e mantendo-se em contato com os autores mais célebres, em virtude do seu constante convívio com a intelectualidade paterna.

A educação intelectual de uma jovem romana, nessa época, era sem dúvida secundária e deficiente. Os espetáculos empolgantes dos anfiteatros, bem como a ausência de uma ocupação séria, para as mulheres do tempo, em face da incessante multiplicação e barateamento dos escravos, prejudicaram sensivelmente a cultura da mulher romana, no fastígio do Império, quando o espírito feminino rastejava no escândalo, na depravação moral e na vida dissoluta.

O senador, porém, fazia questão de ser um homem antigo. Não perdera de vista as virtudes heróicas e sublimadas das matronas inesquecíveis (grifo nosso), das suas tradições familiares, e foi por isso que, fugindo à época, buscou aparelhar a filha para a vida social, com a cultura mais aprimorada possível, embora lhe enchesse igualmente o coração de orgulho e vaidade, com todos os preconceitos do tempo.

A jovem amava a mãe com extrema ternura, mas à vista das ordens do pai, que a conservava invariavelmente junto dele, nos seus gabinetes de estudo ou nas pequenas viagens costumeiras, não fazia mistério da sua predileção pelo espírito paterno, de quem presumia haver herdado as qualidades mais fulgurantes e mais nobres, sem conseguir entender a doce humildade e a resignação heróica da mãe, tão digna e tão desventurada.

O senador buscava desenvolver-lhe as tendências literárias, possibilitando-lhe as melhores aquisições de ordem intelectual, admirando-lhe a facilidade de expressão, principalmente na arte poética, tão exaltada naquela época.”⁵⁹

Quando Arnaldo citou o casal, recordamo-nos da passagem, do mesmo livro, na qual é registrado um diálogo entre Fúlvia Comélia

⁵⁹ Ibidem, página 228.

e sua filha, Aurélia, com um “feiticeiro” de nome Araxes, no qual ele alerta as duas patrícias romanas sobre o perigo de tentar separar Flávia Cornelia de Plínio Severus, pois eles eram duas “almas gêmeas” que vinham caminhando juntas ao longo das eras. Tal trecho cita, ainda, uma reencarnação dos dois em Atenas. Em função dessa recordação, aventamos uma pergunta:

– Arnaldo, Chico detalhou esse fato (acima descrito) para vocês?

– Sim, mas confesso, nesse instante, não me recordar dos detalhes; apenas afirmo com convicção que, nessa época (da reencarnação em Atenas), Chico foi uma sacerdotisa, em Delfos.

Como já se fazia tarde e tencionávamos encerrar, interrompemos o amigo de Chico com mais uma pergunta:

– Você gostaria de falar mais um pouco sobre Lívia, Arnaldo?

– Sobre Lívia, gostaria de ressaltar dois pontos. O amor que une Emmanuel ao seu coração e o respeito de Chico quando o assunto é a sua santa mãe.

Para discorrer sobre o segundo ponto acerca de Lívia, usarei uma história para homenagear esse coração inesquecível. Quando surgiu o problema do glaucoma nos olhos de Chico, ele passou por momentos bem difíceis. Em uma tarde, quando saía do hospital em direção à casa de sua irmã, Zina, residente, naquela época, no bairro Floresta, aqui em Belo Horizonte, Chico passou pelo conhecido viaduto da Floresta e resolveu parar ali, para contemplar o pôr-do-sol. Como suas dores estavam intensas, resolveu orar e o fez com tanta fé, que o resultado não tardou. Chico viu-se envolvido por uma vibração amorosa e revitalizante. Por conseqüência, suas dores diminuíram sensivelmente. Em seguida, contemplou uma estrela que despontava no firmamento, ao cair daquela tarde. Tal estrela tinha um brilho intenso e diferente em relação às outras. Por fim, o amigo médium viu a figura de Emmanuel que, sorrindo, disse a ele: *“Essa estrela é a irradiação de sua mãe Lívia, que atendeu, em nome de Maria Santíssima, suas rogativas, permanecendo em seu peito de amor e luz”*.

Com a voz embargada pela emoção, sentimo-nos confrangidos em estender ainda mais o telefonema através do qual obtivemos, mais uma vez, a certeza de que a ligação dos amigos que se elegem pelos laços santificantes do amor não se interrompe com o passar irremediável do tempo.

Quando sugerimos a despedida, Arnaldo, sempre jovial em sua expressão, soltou outra de suas alegres frases:

– Calma, meu jovem, que ainda não acabei! Chico ficou tão emocionado que, retirando o seu chapéu da cabeça, chorou por longo tempo no viaduto da Floresta, contrastando com o mais belo horizonte. Ao chegar à casa de sua irmã, enorme foi a surpresa dos seus familiares, pois o bojo do chapéu que usava irradiava muita luz, devido às diversas pratas ali depositadas pelos caridosos transeuntes. Quando Chico nos contou esse terno episódio, imediatamente soltei uma frase singular para os sorrisos dos amigos: “Quem não se comove com um ceguinho chorão?”.



Chico Xavier na década de 50.

XII

Progresso e Transformação

**Segue sempre marcha progressiva e lenta o
aperfeiçoamento da Humanidade?**

“Há o progresso regular e lento, que resulta da
força das coisas. Quando, porém, um
povo não progride tão depressa quanto
devera, Deus o sujeita, de tempos a
tempos, a um abalo físico ou moral que o
transforma”⁶⁰

*“Ele é pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores, a
qual foi posta por cabeça de esquina”.*⁶¹

⁶⁰ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, pergunta 783.

⁶¹ Atos, 4:11.

Este episódio nos oferecerá a oportunidade de aprofundarmos na ciência da reencarnação, a partir dos *diálogos e recordações* de Arnaldo Rocha. Como repórter, confessamos descobrir, a cada capítulo, o tesouro guardado na inesquecível cidade de Pedro Leopoldo, deixado pela vivência cristã de Chico Xavier e pela luta daqueles que o cercavam. Sendo assim, temos rogado ao Mais Alto sua inspiração para conseguirmos ser o mais fiel possível na transposição dos relatos deste *Amigo para Sempre* de Chico.

Estávamos envolvidos nessas reflexões quando chegou Arnaldo Rocha na União Espírita Mineira trazendo sua tradicional sacola cheia de livros.

– Querido amigo, inicia o diálogo, tenho pensado muito em você. Por isso resolvi trazer um livro para conversarmos sobre um grande companheiro, Clóvis Tavares.

Nesse instante ele retira da algibeira um livro e repassa às nossas mãos. Fiquei admirado com o material, editado em 1877, tendo o título “Heróis Católicos” – Cenas históricas do século V. Autor Henri Consciene. Versão por Cunha Vianna.

Enquanto apreciávamos a relíquia, ele inicia o diálogo amistosamente.

– Ganhei este presente de Clovis Tavares, em julho de 1952. Clovis foi um dos melhores e mais generosos amigos que a Providência Divina colocou em meu caminho. Conhecemo-nos através do amigo Chico, em 1946. Desde então, fizemos uma bela parceria nos diálogos com Chico e com os Benfeitores Espirituais: enquanto eu “apertava” nosso amigo médium com perguntas que nos esclarecessem acerca dos acontecimentos decorridos durante os trabalhos doutrinários, Clovis se encarregava de anotar as respostas.

Clóvis era uma pessoa de vasta cultura acadêmica e doutrinária, além de ser um gentleman. Era um educador de primeira linha, excelente pai de família.

Recordo-me ainda da sua invejável biblioteca e de seus cadernos de brochuras. Todos os assuntos mencionados em nossos encontros eram objeto de profundas pesquisas, cujas impressões eram apresentadas e compartilhadas com todos nós.

Veza por outra, quando tínhamos dúvidas históricas sobre determinado acontecimento, Chico sempre me falava: “Calma, Naldinho, Clóvis irá nos oferecer informações valiosas em torno dessa temática”. Passava-se algum tempo e lá chegava, eufórico, o querido amigo, com instruções que nos possibilitavam novos diálogos com os Benfeitores Espirituais. Como afirmava o Clóvis: “*Belos tempos... Quantas saudades das aulas de Evangelho e de vida que recebíamos do Mais Alto*”. Hoje em dia eu me arrependo de não ter anotado as revelações do mundo espiritual, como Clóvis acabou fazendo, pois se o tivesse feito, teria mais a oferecer aos leitores.

Agora fico dependendo do débil acesso aos arquivos de minha memória e, por isso, peço desculpas por não poder satisfazer às suas indagações sobre as entrelinhas históricas que nos foram trazidas pelos Benfeitores Espirituais, através da incomparável mediunidade de Chico Xavier.

– Arnaldo, Chico relatou para alguns amigos que Clóvis Tavares esteve vinculado ao Cristianismo por mais de mil anos. Você gostaria de ilustrar um pouco mais nossa narrativa com alguma história de Clóvis?

– Não lembro de muita coisa sobre Clóvis agora, respondeu taciturno. Entretanto, recordo-me que a resposta se inicia no romance *50 Anos Depois*, no personagem Rufio Propércio. Este amigo retorna no século V, em solo francês, reencontrando-se com muitos amigos, dentre eles com Aureliano (Oscar Santos), e que teve uma passagem muito importante para a arregimentação da fé do companheiro Clovis. Neste século V, Aureliano reencontra o ilustre amigo Clovis Tavares como sendo o grande conquistador Clodovil, também conhecido como Clodoveu, cuja liderança definiu novos rumos para a história do Ocidente. Clodovil ficou conhecido, em latim, após sua conversão ao catolicismo, como Clóvis, aquele que uniu os franco-pagãos e os

gauleses-cristãos, promovendo a libertação do Sacro Império Romano-Germânico, após uma sangrenta e inesquecível batalha. Aureliano era o braço direito de Clóvis e teve uma significativa importância na aproximação entre ele e aquela que se tornaria a rainha Clotilde, Espírito este que, muitos séculos mais tarde, seria beatificado pela Igreja Católica, tornando-se conhecida como Santa Clotilde de França.

– Arnaldo, certamente vocês obtiveram informações sobre essa rainha através da mediunidade de Chico, não é mesmo?

– Sim, meu jovem. Clotilde foi na última existência Nina Arueira, ex-noiva de Clóvis Tavares. Quando de sua desencarnação, esse espírito nos trouxe belas páginas através do mecanismo da psicografia. Como rainha, sua atuação junto ao coração indiferente do rei Clóvis fez com que ele aceitasse a fé cristã, após dolorosos testemunhos à frente de um povo insensível e pagão. A ação mais importante deste rei – o primeiro rei da França – foi a oficialização da fé cristã no ocidente, fato acontecido após uma carnificina contra o povo germânico, na qual muitos fenômenos mediúnicos aconteceram, auxiliando no encaminhamento e planejamento espiritual do planeta. Esse foi o episódio no qual nosso querido amigo iniciou oficialmente sua trajetória no catolicismo.⁶²

Nosso Emmanuel, nesse episódio, foi o venerando bispo Remígio, inclusive canonizado pela igreja. São Remígio (439 a janeiro de 535), que converteu o Rei Clóvis, registrou o fato assim: *“No dia de Natal do ano 496, Clóvis, com três mil de seus mais valentes guerreiros, ingressaram pelo batismo na milícia do Deus de Clotilde. Receberam-no igualmente suas duas irmãs e seu filho bastardo, Thierry”*. Ao entrar o rei dos francos, com o Bispo de Reims, no batistério, ouviu deste as palavras que se tornaram famosas: *“Curva a cabeça, altivo Sicambro; adora o que queimaste e queima o que adoraste”*.

Clovis conquista Paris e morre, em 27 de novembro de 511, aos 45 anos de idade, 30 anos desde que subira ao trono e 20 depois do casamento com

⁶² No final deste capítulo, transcreveremos o epílogo de um romance que narra essa importante trajetória do amigo de Chico Xavier e Arnaldo Rocha.

Clotilde. E na sua morte, a santa rainha, após copioso pranto, exclamou como verdadeira cristã: “*Senhor, de Vós eu o recebi pagão; por vossa misericórdia, eu vo-lo entrego cristão. Que vossa vontade seja feita!*”

Durante a narrativa de Arnaldo, lembramo-nos de uma riquíssima biografia de Nina Arueira, recentemente lançada por Flavio Mussa Tavares, intitulada “*Novos Céus e Nova Terra*”. O detalhe que nos chamou a atenção é a aproximação de Clóvis Tavares ao Espiritismo, graças ao estímulo de sua noiva amada, repetindo o feito do século VI na conversão de Clóvis ao catolicismo.

– Arnaldo, convém lembrar que nós, seres humanos, fomos os responsáveis pela deturpação da mensagem cristã, deixada por Jesus; sendo assim, podemos perceber que os fatos ocorridos ao longo dos tempos possuem, apesar de tudo, algo de positivo que 0 nos levam ao crescimento.

– Sim, “*os escândalos são necessários, mas ai de quem os pratique*”, ensina o Evangelho. Por um lado, o homem vem se perdendo em numerosas encarnações por causa do orgulho e do egoísmo, por outro, sabemos que o progresso é lei soberana na arregimentação dos valores que são imprescindíveis para nosso aperfeiçoamento.

Sendo assim, sabemos que Deus envia os í mensageiros celestiais para emularem o progresso moral, e os servidores para promoverem, com a ajuda dos Benfeitores Espirituais, o progresso intelectual e social da humanidade. Tenho repetido, ao longo de nossas conversas, que são inúmeras as oportunidades recebidas do Mais Alto mas, na maioria das vezes, nós nos perdemos por causa do culto que, ainda hoje, dispensamos aos nossos próprios bezerros de ouro.

Temos notícias de que abalizados espíritos vêm trabalhando pelo progresso do orbe terreno. Pensemos, por exemplo, na significativa contribuição de Joanna d’Arc, no século XV. Escutando a voz dos Espíritos, dentre os quais estava São Luiz, guiava os homens em meio à carnificina da guerra dos *cem anos*, entre França e Inglaterra. Promovia debates com os inimigos com vistas a minimizar os massacres, guiava os soldados com

bravura empunhando o estandarte do Senhor. Auxiliava, ainda, os feridos franceses e ingleses na defesa dos tratos humanistas das batalhas. Recordo-me do filósofo Léon Denis aludir à vida dessa inesquecível virgem, que salvou a França de terríveis assaltos quando a conhecida guerra já era dada por perdida. Como foi majestosa sua missão!⁶³

Em um de nossos diálogos, Chico confidenciou que Joana d'Arc, retomando ao solo europeu no século XV, legou testemunhos em prol da evolução da civilização, além de ter resgatado débitos contraídos ainda no episódio da crucificação de Jesus de Nazaré.

Para entendermos melhor essa trajetória de Joana d'Arc, traremos para o deleite do leitor, uma resposta de Chico Xavier a uma indagação feita sobre a missão da Virgem de Orléans.

“– Por que Joana d'Arc fez a guerra e foi considerada santa? – Naquela época, os Espíritos encarregados da evolução do Planeta estavam selecionando os gens que viriam a servir na formação do corpo da plêiade de entidades nobres que reencarnariam para ampliar o desenvolvimento geral da Terra, através do chamado Iluminismo Francês. Era preciso cuidado para que os corpos pudessem suportar a dinâmica das inteligências que surgiriam. Se a França fosse invadida, perder-se-ia o trabalho de muitos séculos. Então Joana d'Arc foi convocada para que impedisse a invasão, a fim de que se preservassem as sementes genitais, para a formação de instrumentalidade destinada aos gênios da cultura e do progresso que renasceriam na França do século XIX, que preparou, no mundo, a organização da era tecnológica que estamos vivendo no século XX.”⁶⁴

– Esta resposta de Chico, concluiu Arnaldo, mostra-nos a beleza do planejamento dos destinos do mundo. Nossa *Alma Querida* contou-nos que Joana d'Arc é o mesmo espírito de Judas Iscariotes, o discípulo que traiu Jesus. A caminhada da virgem francesa expressa a beleza do resgate espiritual dessa alma, perante o seu Divino Mestre.

⁶³ Arnaldo se refere à obra de Léon Denis *Joana D'Arc (Médium)*, editada pela FEB.

⁶⁴ SILVEIRA, Adelino da. *Chico, de Francisco*. Cultura Espírita União, 1987.

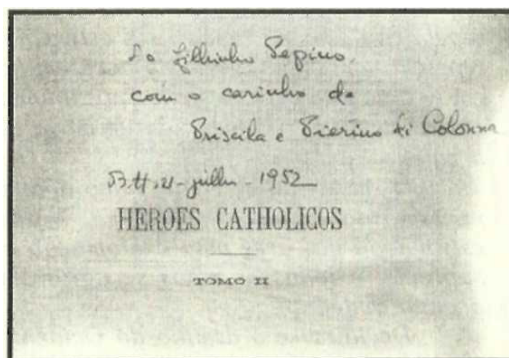
Despedimo-nos, sentindo já a saudade versar na intimidade do coração.

Antes de iniciar os registros contados por Arnaldo, resolvemos recolhermo-nos, a fim de continuarmos sonhando nos céus da consciência, que tanto necessita descobrir o caminho da realidade e do amor. Na seqüência, ao abriremos o pergaminho de ouro, emprestado pelo amigo, percebemos uma página introdutória que confessamos não haveremos notado anteriormente. Tombamos no sofá, estupefatos! Tratava-se de uma dedicatória de Clóvis Tavares para Arnaldo, que nos fez lembrar o século XIII, tempo em que viveu Francisco de Assis, e que poderá vir a ser objeto de novos diálogos e recordações.

Para finalizar este capítulo, transcrevemos abaixo essa singela brincadeira do “pai” Clovis, inspirado pela “mãe” – o espírito de Nina Arueira –, para o “filho” Arnaldo Rocha, depois de mais uma bela e instrutiva revelação do querido médium Chico Xavier, na esperança de que estas experiências sejam traduzidas em mais um capítulo dos *diálogos e recordações*.

“Ao meu filhinho Pepino, com o carinho da Priscila e Pierino di Colonna”.

Bhte, 21 julho de 1952



Fax símile do original

Transcrição de trecho do livro *Heróis Católicos*:

“Reinava de há muito silêncio profundo, quando o povo, como impelido por misterioso abalo, se levantou e fitou no templo um olhar cobiçoso.

No degrau mais alto, em frente do pórtico do templo, levantava Remigio os braços para o céu; antes, porém, que se pudesse saber o que o venerando bispo desejava anunciar, as trombetas ressoaram com pasmoso estrépito, entoando a marcha triunfante dos francos.

Compreendeu então a multidão que findara a cerimônia. Uma indizível explosão de gritos de alegria estalou nos ares, fazendo estremecer as casas próximas. Ao mesmo tempo, saíram por todas as portas do templo milhares de edeligen e de guerreiros que se precipitaram na praça, juntando os seus brados aos do povo e gritando com uma energia que dominou as aclamações dos gauleses:

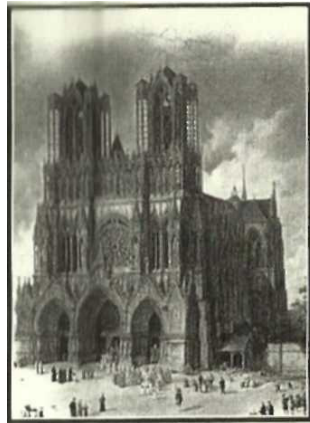
– Somos cristãos! Glória ao Cristo!

Neste momento supremo, neste momento de entusiasmo ardente, confundiram-se todos os grupos como um enxame ondeante; cada gaulês quis abraçar um franco, cada franco apertar afetosamente a mão de um gaulês. Trocavam-se beijos por toda parte, e davam-se parabéns entusiastas e ruidosos aos neófitos. Deslizavam lágrimas de júbilo por quase todas as faces; mil bocas repetiam: “Irmão! Irmão!”. E esta palavra, dita e repetida por todos, corria de boca em boca, de rua em rua, de praça em praça até aos últimos limites da cidade, como a revelação de um novo destino para o mundo...

O rei, a rainha e Aureliano apareceram logo no cimo da escada da basílica. Nesse momento estrondeou nos ares uma exclamação majestosa e suprema, e todas as mãos se agitaram como um oceano ondeante.

Decidira-se o destino do Ocidente! Erguera-se na curva do horizonte o sol de uma nova civilização!”⁶⁵

⁶⁵ CONSCIENCE, Henri. *Heróis Católicos*. Editora Livraria Internacional, 1877.



O batismo do Rei Clóvis em Reims
Natal do ano 496



Bispo Remígio (Emmanuel).



Chico Xavier e Clóvis Tavares na década de 30⁶⁶

⁶⁶ Foto gentilmente cedida pelo amigo Flávio Mussa Tavares, filho do ilustre Clóvis Tavares.

XIII

As Forças do Amanhã

Será substancialmente mau o princípio originário das paixões, embora esteja na natureza?

“Não; a paixão está no excesso de que se acresceu a vontade, visto que o princípio que lhe dá origem foi posto no homem para o bem, tanto que as paixões podem levá-lo à realização de grandes coisas. O abuso que delas se faz é que causa o mal”.⁶⁷

Porque amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus”.⁶⁸

⁶⁷ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro

⁶⁸ JESUS. In: João, 12:43.

Empolgados com as narrativas de Arnaldo, descritas no capítulo anterior, fomos ao seu encontro, no dia seguinte, para « esclarecer as dúvidas que se avolumaram nos instantes de passar para o papel as novas experiências dos *Amigos para Sempre*.

– Querido companheiro, como passou desde ontem? – inquiri, animado.

Resposta carregada de ternura:

– Quase não dormi, meu filho. Nossos amigos espirituais têm me envolvido com muita frequência e, nesta noite, especificamente, fui levado às plagas de Lyon, para reviver os tormentos da desencarnação de Taciano Varro, personagem do livro *Ave, Cristo!*, no século III d. C. Não se assuste, mas tenho aprendido, nesses últimos cinquenta janeiros, a conviver com os grandes dramas da História, principalmente com aqueles que protagonizei.

– Sendo assim, Arnaldo, eu pediria que você nos contasse algo mais sobre essas experiências, para que também nós possamos aprender a não recalitrar nos mesmos erros do passado.

Arnaldo Rocha iniciou, portanto, uma grandiosa descrição de cenas que foram tão bem transmitidas a nós através da incomparável literatura trazida por Emmanuel, no clássico e já citado livro, *Ave, Cristo!*:

“As feras esfaimadas abocanhavam corpos e estraçalhavam vísceras humanas, aqui e ali, mas, como se vivesse agora tão-somente para a fé que o iluminava à última hora, Taciano, genuflexo, repetia a comovedora oração: Pai nosso, que estás no Céu, santificado (...). Taciano ia erguer a voz, quando patas irresistíveis rojaram-no ao saibro argenteado da arena. Turvou-se-lhe o cérebro, mas, em seguida ao choque rápido, qual se o Cristo lhe enviasse milagrosa claridade às pupilas mortas, recuperou a visão e identificou-se ao lado do seu próprio corpo, que jazia imóvel numa poça de areia sanguinolenta.”⁶⁹

Após a narrativa desses quadros, Arnaldo continua o relato:

⁶⁹ EMMANUEL (Espírito). *Ave, Cristo!*, (psicografado por Francisco C. Xavier); pelo Espírito Emmanuel. FEB. 21ª edição. Rio de Janeiro. Capítulo VII: Fim de Luta; p.437.

– Tenho muitas dificuldades quando o assunto é a trajetória do cruel Taciano Varro. Chico Xavier confidenciou-nos, em um de nossos encontros no campo de futebol ao lado da casa de Dália, em Pedro Leopoldo – local das reuniões de domingo – que, nesse episódio, Taciano iniciava o seu processo de mudança, pela via do sofrimento, depois de muitas quedas, como faraó, sultão, duque, general, plebeu, patrício e tantos outros personagens. Os apelos de seu amorável benfeitor começavam a ser ouvidos pelo incauto aprendiz, conforme introdução do referido livro.

Abro um parêntese para citar a presença, em nosso círculo de amizades, do insubstituível Wallace Leal V. Rodrigues, já que sua imagem me vem à memória nesse instante, e também devido ao fato de sua mediunidade ter-nos trazido o romance *Esquina de Pedra*, já citado inicialmente em nossos relatos. Chico me incentivou a ler essa obra, e jamais esquecerei uma frase dita por ele: “*Naldinho, Taciano Varro não se sentia digno de desencarnar entre os cristãos de Lyon, no século III, mas em sua posterior reencarnação, no século IV, na antiga Capadócia, ele aceitou, de bom alvitre, o martírio. Leia as lembranças de Wallace que você compreenderá*”.

Nesse romance de Wallace, vamos encontrar os cristãos novamente vivendo seus testemunhos da fé ante o poder temporal de César, além de detalhes curiosos acerca dos martírios. Nessa narrativa, o martírio raiou o inconcebível, pois os seguidores de Jesus eram mergulhados em um lago de gelo e só eram retirados de lá, e levados às fogueiras para se aquecerem do frio tremendo, se abjurassem a fé cristã. Como não o faziam, a desencarnação ocorria em massa. Um dos personagens desse drama se chamava Licínio Prisco, este mísero que vos narra. Ele era soldado da XII Legião Romana naquelas paragens, região atualmente conhecida por Turquia. O romano apaixonara-se por uma cristã, de nome Gala, e curvou-se com as atitudes com as quais os seguidores de Jesus enfrentavam o suplício, imposto por seus legionários romanos, ao serem levados para a morte lenta, nas águas geladas do lago. A cena foi muito forte para esse soldado, a ponto de trazer-lhe reminiscências

de décadas anteriores, na antiga Gália, em pregressa reencarnação, fato que fez eclodirem conflitos existenciais de sua vida romana. Por fim, não suportando o braseiro interior, ofereceu-se para morrer junto aos cristãos que tanto aprendera a admirar, principalmente pela vivência do legítimo amor e pela lealdade ao Mestre carpinteiro. O ex-patrício romano, agora o legionário de César, surpreendeu a todos invertendo o enfoque da sua lealdade e da sua fé, integrando-se ao agrupamento cristão e mergulhando sua insensibilidade de outrora nas águas geladas do lago, buscando o Reino dos céus no qual o Amor de Jesus fulgura como o Sol de uma Nova Era.

Após essa impressionante narrativa de Arnaldo, exclamamos:

– Quinto Varro, por ser mentor de Taciano, deve ter ficado feliz assistindo ao crescimento do seu filho espiritual!

– Talvez. Julgo, em minhas ínfimas possibilidades, que Quinto Varro ainda aguarda por essa felicidade – respondeu Arnaldo, um pouco triste – pois o futuro reservaria outras quedas.

– Nessa história narrada por Wallace, quais outros *Amigos* viveram esse episódio?

– Foram reveladas as presenças de Quinto Varro, Emmanuel (revelaremos a sua identidade em futuro livro), Meimei e Wallace.

Taciano fora degredado do grupo afim, por misericórdia e como verdadeira medida educativa. Emmanuel nos disse que para fixação de novos componentes da fé, nessa fase da História, marcada por muito sofrimento e também por verdadeiros testemunhos cristãos. Meimei, neste período, foi mãe do patrício Licínio Prisco e desencarnou quando ele era jovem. Wallace, por sua vez, participou desse drama, bem próximo de Prisco, fato que fez com que o médium pudesse narrar o pensamento dos Espíritos, que ditaram a obra, com tanta propriedade. Por fim, nosso Benfeitor Quinto Varro (Pedro de Alcântara) foi mais um vez pai de Licínio Prisco.

Ao final de uma de nossas reuniões no Meimei, Emmanuel, nosso inestimável benfeitor espiritual,

discorreu maravilhosamente sobre a reencarnação, aproveitando as tristes experiências de Taciano. Revelou sobre o retorno dessa alma às Gálias, alguns séculos à frente, para viver uma experiência expiatória. Foi abandonado na infância, teve muitos problemas de pele, além da perda da visão em um dos olhos. Pela Misericórdia Divina, foi acolhido novamente por um agrupamento cristão, vivendo poucos decênios a cuidar de crianças carentes nessa comunidade que tinha por Mestre o Senhor da Vida. Após essa revelação, o amável benfeitor Emmanuel nos orientou sobre a lógica dos efeitos psíquicos: as ações que desenvolvemos, de forma recalcitrante, geram em nós mazelas, doenças, psicopatias, obsessões, expressões de comportamentos e hábitos. Quando positivas, emulam bons pensamentos, qualificando os sentimentos e as virtudes, revelando, naturalmente, os efeitos inderrogáveis na construção interior. Tomemos como exemplo a reencarnação de Taciano (século III). Por permanecer deliberadamente cego aos apelos do pai, acabou por desencarnar sem os recursos da visão e reencarnou, posteriormente, também sem a visão física, trazendo uma marca indelével em seu perispírito. Semeou ainda tantos sofrimentos em corações indefesos, que seu martírio culminou em uma desencarnação sob o gáudio do fogo e da fúria dos leões. Ao reencarnar, Taciano vê-se abandonado em tenra infância, sofrendo pelas incúrias anteriores.

Emmanuel relatou ainda que, dentre os sofrimentos promovidos pela insensatez desse personagem, aquele que mais marcou seu psiquismo foi, sem dúvida, o desencarne do garoto Silvano (Joaquim Alves), estraçalhado pelo cão selvagem, após uma festividade realizada por seu pai, Quinto Varro. Foi preciso que o tempo, através das reencarnações, lhe trouxesse a oportunidade de retornar à lide cuidando de crianças e flores, como fazia o seu pai, tendo por um de seus pupilos o menino Silvano.

Esses são os pontos mais claros de que me recordo, no momento; mas, por certo, encontraremos outros. O que mais me tem chamado a atenção na trajetória desse espírito, no entanto, é sua procura pelo próprio soerguimento, seja em Prisco ou no jovem anônimo, pela mesma *via crucis* de seu triste passado,

manchado pela rebeldia diante de tantas belezas advindas do Pai Maior.

Como Arnaldo fizera uma pausa, entrevistamos fraternalmente:

– Arnaldo, pelo que temos depreendido, a evolução não se dá em linha reta e cada reencarnação é riquíssima de experiências. O que você gostaria de trazer como reflexão, a partir de suas experiências com Chico, Clóvis e os demais amigos de Pedro Leopoldo, além dos ensinamentos dos Espíritos?

– “Recordar é viver”, fraseou sensibilizado. O Espírito de André Luiz, em seus livros, para demonstrar a evolução do espírito, utiliza o simbolismo de uma espiral. Essa figura didática aponta o processo natural de crescimento interior, a partir da subida mental do espírito em busca do aprendizado, e de sua descida na aplicabilidade do ensinamento assimilado, como fundamentação da essência do conteúdo apreendido. Como o amor é a essência divina do espírito, as laçadas evolutivas vão, constantemente, se abrindo, para que a consciência desenvolva em si as potencialidades com vistas a um futuro feliz. Jesus, nosso educador por excelência, em Suas parábolas, oferecia lições no tempo para que o educando pudesse sempre voltar seus olhos para o Alto, em busca da verdade. Por isso, o retorno do aprendiz ao seu patamar evolutivo é inevitável pois, assim, ele vai, gradativamente, definindo outros lances de ascensão e descida, na plenitude da própria vida. O assunto não é fácil, meu jovem. Nesse processo maravilhoso da vida, a Lei de Justiça tem regulado o destino de todos nós, aproximando os seres, através das circunstâncias, para o devido ressarcimento de seus débitos perante a contabilidade divina, emulando o ser a transformar seus vícios em virtudes.

– Arnaldo, seu grande amigo Clóvis Tavares, nos livros *Amor e Sabedoria de Emmanuel* e *Trinta Anos com Chico Xavier*, desenvolve essa mesma linha de pensamento em torno da evolução, bem como da lei de causa e efeito. Parece-me que você traz de volta o pensamento desse autor.

– Clóvis Tavares expressou com fidelidade, nesses livros, o nosso aprendizado nas reuniões de Pedro

Leopoldo. Jamais me esquecerei das lições trazidas por Emmanuel, através da mediunidade de Chico, explicando a beleza da reencarnação. Nosso benfeitor utilizava experiências de diversos amigos, inclusive as suas próprias peregrinações no solo terreno, para ilustrar os sábios ensinamentos. Clóvis anotava tudo e, por isso, tinha material para belos livros. Nós ficávamos tristes por ele não poder publicar, talvez, uns setenta por cento do que anotava.

Acrescentamos, aqui, um trecho do livro *Amor e Sabedoria de Emmanuel*, de Clóvis Tavares, no qual o Benfeitor solicita a não divulgação de suas encarnações:

“Não é somente a respeito de sua última peregrinação terrena que Emmanuel se eximiu de identificar-se.

Também sobre várias outras existências de nosso grande Amigo devo silenciar. Soube delas, por bondade do próprio Emmanuel, em nossos informais “círculos de estudos”, junto ao coração e a mediunidade de Chico.

Como já disse várias vezes, essas “revelações”, como habitualmente as chamamos, sempre espontâneas, tiveram nobre objetivo, no desdobramento de nossas reflexões evangélicas.

E com tristeza, humana tristeza, que declaro não poder trazer essas notícias espirituais para estas páginas. Razões igualmente particulares e respeitáveis levaram nosso caro médium a pedir-me silenciasse sobre o assunto.

Foram de tal modo justos os argumentos, que os aceitei de coração. E um simples dever de minha parte respeitar a humildade do generoso Benfeitor.

Naturalmente, com isso, este livro fica mais pobre, entretanto, permanece comigo a alegria de obedecer.”⁷⁰

Após esse esclarecimento, Arnaldo Rocha continua sua narrativa:

– Meu filho, Clóvis continuará sendo, para mim, o *repórter do desconhecido*. Esse título foi-lhe dado por nós, seus amigos, não nos esquecendo de citar, porém, que Humberto de Campos era o *repórter do além*. Frases como essas inspiravam belos sorrisos entre os *Amigos para Sempre*.

⁷⁰ TAVARES, Clóvis. *Amor e Sabedoria de Emmanuel*. IDE, 4a Ed., pág. 23.

Apesar da brincadeira, percebemos um pouco de melancolia na fala do amigo, como se a saudade falasse mais forte.

– Arnaldo, não se entristeça. Se a tarefa do Clóvis foi a de escrever os registros de forma velada, conforme vimos, coube a você a missão de revelá-los.

O interlocutor, concordando, deu um profundo suspiro e continuou o relato das recordações:

– Você está correto. Recordei-me agora que, na década de 90, quando a União Espírita Mineira preparava o lançamento do livro *Mandato de Amor*, recebi um recado de Chico que, confesso, não havia entendido até hoje. Ele me disse: “*Naldinho, aproxima-se o tempo em que você precisará recordar de ‘nossas coisas’*”. Os tempos serão dialogados e reunidos em um papiro educativo. Das terras bascas do século XIX aos tempos da revolução francesa; dos reis católicos ao martírio dos cátaros; do longínquo Oriente à batalha franca com os visigodos; da Roma imperial aos templos gregos; e da grande Babilônia aos túmulos faraônicos⁷¹”.

– Arnaldo, Chico fez, então, uma previsão desse trabalho que agora tentamos registrar?

– Meu jovem, fatos como esse eram constantes no relacionamento com o nosso querido médium. Confesso que realmente havia me esquecido disso.

Relendo o texto do Clóvis, agora com o enfoque das nossas recordações e registros, sinto o reconforto de estar realizando o que Chico delegou. Agora compreendo o porquê de nossa *Alma Querida* ter endereçado tão valioso recado. Como já lhe disse, pelo fato de nossas confidências terem sido tão veladas, jamais imaginei revelá-las a alguém. Ainda mais em formato de um livro. Para você ter uma idéia, em uma noite, após nossa reunião no Meimei, Chico, Clóvis, Ennio e eu lanchávamos em casa de Luiza. Quando ela se recolheu, Chico abaixou a voz e iniciou uma descrição fantástica sobre a Revolução Francesa. Diga-se de passagem: quando Chico resolvia abrir a “caixa preta” do passado para nos ensinar lições de vida, ficávamos embasbacados. O gostoso era que esses fatos

⁷¹ Reencarnações de Chico e Arnaldo Rocha.

aconteciam naturalmente. O médium querido sempre se esquivava de perguntas fora de hora ou de assuntos descontextualizados. Mas, nessa noite, ele situou vários amigos na história francesa, inclusive nosso Senador, (Emmanuel) na personalidade de Jean Jacques Turville, um educador da nobreza. Já lhe adianto que Chico era uma mocinha e vivia na cidade de Arras, seu nome Jeanne d’Arencourt. Durante o terror, fugiu para a cidade de Barcelona, vindo a desencarnar com tuberculose por volta de 1810. Um detalhe interessante é a causalidade dos fatos que vinculam a data da conhecida Batalha de Waterloo com a fundação de Pedro Leopoldo. Se Deus nos permitir voltaremos a essa ‘coincidência’.

– Você está ficando treinado com minhas perguntas – brinquei para suavizar um pouco a conversa.

– Meu filho, não se esqueça de que, na época do aprendizado com Chico, em Pedro Leopoldo, nossas perguntas eram na mesma linha do seu pensamento, por isso, posso brincar com você afirmando: *você é quem está ficando treinado!*

Depois das boas risadas, Arnaldo retomou sua narrativa:

– Chico relatou que Emmanuel viveu na França até o princípio do período de terror. Ele foi um educador que envergava a batina e viveu no Norte da França, também fugiu para a Espanha, para escapar da ferocidade da revolução.

As vidas do Senador sempre foram o ponto máximo de nossas análises, pelo alto valor educativo e pelo magnetismo que elas encerram.

Sou apaixonado pelo livro de Clóvis, *Amor e Sabedoria de Emmanuel*, no qual nosso amigo oferece um verdadeiro show de concordâncias entre as diversas personagens do nobre Benfeitor.

Vejamos, então, caro leitor, trechos da apresentação de Emmanuel, feita por Clóvis Tavares:

“(...) Alma profundamente possuída de espírito evangélico, Emmanuel tem prodigalizado, através de inúmeras formas de amparo espiritual, conforto e esclarecimento a legiões de criaturas aflitas e torturadas.

Coração generoso, sabe repartir-se continuamente,

na ubiqüidade do amor e da simpatia, atendendo aos sofredores que o buscam.

Polígrafo admirável, aí estão seus esplêndidos livros – mais de três dezenas – que seu filho espiritual psicografou, sobre os mais variados temas, em feliz abordagem dos mais complexos e transcendentos assuntos, num estilo diáfano e comunicativo, entre belezas de simplicidade e sentimento (...)

A ele ainda, à sua esclarecida visão dos mais conturbadores ou silenciosos problemas humanos, é devido o atendimento a multidões de necessitados e a infundáveis fileiras de sofredores, beneficiados pela aproximação de laços afetuosos do Outro Lado da Vida, através de mensagens confortadoras e inconfundíveis de corações amigos, ou por socorros espirituais de vária espécie...

Foi esse o magnânimo e sábio Espírito que, apresentando-se com o nome de Emmanuel, apareceu numa tranqüila tarde dominical de Pedro Leopoldo, no ano de 1931, a um jovem de vinte anos – tímido, puro, sincero – para dar início visível a uma grande missão”.⁷²

Após breve pausa, Arnaldo retoma seu relato:

– Na época em que Clóvis trabalhava em seus livros, ele imaginava: “Ah! Se pudesse escrever sobre a linha evolutiva de Emmanuel! Seria uma beleza apontar os valores do general romano, do grão sacerdote Simas, do império de Semíramis; de um sacerdote de Delfos; do cristão Basílio; ou de suas várias experiências como presbítero, cardeal e no papado; na revolução francesa e em sua última romagem, novamente, sacerdote no Brasil (século XIX).⁷³ Graças ao planejamento Superior, Clóvis percorreu, a partir da autorização do próprio Emmanuel, sobre Públio Lentulus Sura, Públio Lentulus Comelius, o escravo grego Nestório, Padre Manuel da Nóbrega e Padre Damiano do livro *Renúncia*. Sinto uma enorme responsabilidade quando o assunto é falar sobre esse nobre espírito, que soube vencer as próprias dificuldades, doando a própria vida em favor de milhões de corações. A trajetória evolutiva de Emmanuel é, sem dúvida

⁷² TAVARES, Clovis. *Amor e Sabedoria de EMMANUEL*. IDE, 4a EDIÇÃO, p. 18-20.

⁷³ No apêndice inserimos o relato de Emmanuel sobre o desencarne desse sacerdote. Resolvemos não declinar algumas existências desse ilustre Benfeitor Espiritual, pois um novo trabalho já está sendo elaborado sobre a sua trajetória como um educador da fé.

alguma, muito bonita e profundamente marcada de muitos exemplos de soerguimento de uma alma, ante o tribunal da consciência. Há no livro *Amor e Sabedoria de Emmanuel* uma página ditada pelo espírito de Cnéio Lucius, no dia 3 de agosto de 1949, que abrilhanta os conceitos em torno do crescimento espiritual do nosso Benfeitor.

Vejamos, agora, esta mensagem, em sua íntegra, bem como a introdução de Clóvis Tavares:

Clovis Tavares *“De altíssimo valor e surpreendente beleza espiritual é a mensagem do venerando avô de Célia Lucius. Nela é traçado um confronto entre duas existências de nosso querido Emmanuel: a de Públio Lentulus, o legado de Tibério na Palestina, e a do Padre Manuel da Nóbrega, o primeiro apóstolo do Evangelho em nossa pátria. Ei-la:*

Néio Lúcio *“O Padre Nóbrega, indiscutivelmente, nos merece a melhor atenção e carinho. Aí, na esfera da carne, é muito difícil ao educador a fundamentação de princípios para transmitir à mente infanto-juvenil as tradições respeitáveis de quantos nos prepararam o ninho coletivo, na formação da Pátria.*

Quantas vezes, na minha condição de professor, fui defrontado por esses problemas torturantes dos hiatos históricos que impossibilitavam a pintura verbal dos grandes amigos da nacionalidade no pretérito distante.

Aqui, no entanto, restabelecemos o espírito de seqüência e confiando-nos às tarefas pedagógicas, libertos de muitas das convenções asfíxiantes que aí nos esterilizam os melhores propósitos de ensinar com fidelidade, podemos operar verdadeira transformação em nossos métodos de serviço, ligando existências (quando é possível) de muitas personagens importantes do mundo numa só linha de evolução e realização, quanto nos é dado reunir na Terra diversas contas diferentes num fio sempre igual; devidamente entendidos, é agradável comentar o esforço de Emmanuel, na vanguarda do serviço de evangelização pelo Espiritismo, nos domínios da língua portuguesa.

Vemos agora que a obra de qualquer natureza, quando merece a aprovação das autoridades superiores, cresce com o seu fundador. Nesse sentido, é importante meditar nos pontos de contato entre a vida de Manuel da Nóbrega e a de Públius Lentulus.

Pelo amor profundo, devotado por ele à inesquecível figura de Paulo, poderá você concluir as razões que levaram o esforçado jesuíta a dar o nome do grande apóstolo à cidade que lhe mereceu especiais cuidados no lançamento, a ponto de esperar o aniversário da conversão do doutor de Tarso, em janeiro, para iniciar os primórdios da grande metrópole brasileira, colocando-a sob a proteção do amigo da gentildade. É que também Paulo, na vida espiritual, jamais descansou. Quando o senador romano desencarnou, extremamente desiludido, em Pompéia, foi contemplado com os favores do sublime convertido. Paulo sempre se consagrou às grandes inteligências afastadas do Cristo, compreendendo-lhes as íntimas aflições e o menosprezo injusto de que se sentem objeto no mundo, ante os religiosos de todos os matizes, quase sempre especializados em regras de intolerância. Amparado pelo apóstolo dos gentios, conseguiu Públio Lentulus transitar nas avenidas escuras da carne, em existências várias, até encontrar uma posição em que pudesse servir ao Divino Mestre com o valor e com o heroísmo daquela que lhe fora companheira no início da era cristã. E assim, temos em Manuel da Nóbrega, o homem de raciocínio elevado, entregue a si mesmo em plena selva onde tudo se achava por fazer. Noutra tempo, os livros prontos e as tribunas construídas, os direitos de família preestabelecidos e o dinheiro fácil, a sociedade constituída e o pedestal do poder para brilhar. Aqui, porém, eram a improvisação necessária e o deserto, as inibições do corpo deficiente que lhe apagavam a voz de tribuno e a insolência dos selvagens recordando as feras do circo, à frente dos quais devia imolar-se, consumindo as próprias forças para doar-lhes uma vida nova... Surgiam, ainda, a devassidão e o crime, a ignorância e a audácia, os perigos e ameaças mil, que o hábil político transformado em missionário deveria vencer, exibindo não mais a toga do poder e as armas dos seus guardas pessoais, e sim o sinal da cruz, sem mais ninguém que não fosse a sua pertinácia nos compromissos assumidos.

Entretanto, superou os óbices de toda espécie, lutou, sofreu e venceu, não para estagnar-se, mas para prosseguir, séculos adentro, insculpindo com os poderes da idéia cristianizada, um povo diferente e um novo mundo dentro do mundo.

Você tem razão, emocionando-se, ante o contato revelador. Não é por acaso que isso acontece. Um trabalhador

nunca opera só, na continuidade dos serviços.

Nóbrega podia ter vivido isolado no seu tempo, contudo, desde cedo agregaram-se a ele multidões de amigos, exaustos de mando, de poder e dominação, e a teia dos destinos vai convertendo em trabalho para a coletividade tudo o que era cristalização do “eu”, em luz quanto era sombra, em libertação espiritual o que era cárcere físico.

Da rocha emerge o diamante, no curso dos milênios. Também a luz divina fluirá de nós outros, um dia, quando a escória estiver abandonada no carvão, que servirá de berço a outros diamantes no curso longo e paciente das eras.

O serviço do nosso amigo está longe de acabar. “E preciso criar espírito para o gigante” – costuma dizer. O gigante é a terra em que hoje nos situamos e o espírito é a luz com que devemos continuar erguendo os padrões de fraternidade mais alta e de mais avançado serviço com Jesus, no Brasil todo.

Prossigamos, marchando à frente... Anos e dias correrão. Estejamos certos da brevidade de tudo o que se movimenta sobre a Terra, para agirmos com segurança e paciência.

Para construir é preciso lutar. E para colher é indispensável haver semeado.⁷⁴

Arnaldo continua, dizendo:

– Meu coração se enche de júbilo, apreciando as exuberantes experiências legadas por esse amigo. Recordo-me, ainda, de Manuel da Nóbrega um século à frente, conforme a narrativa no livro *Renúncia*. Há um pequeno trecho, nos instantes finais de sua encarnação, em que o Padre Damiano aponta uma laçada maravilhosa aos religiosos tradicionais.⁷⁵

O ilustre Clóvis, ao terminar um capítulo de seu livro, repetiu as seguintes palavras de Montaigne: “fiz um ramalhete apenas, de flores colhidas, e nada acrescentei a não ser o fio que as reúne” e, para nós, coube a tarefa árdua e gratificante de acrescentar, com carinho e gratidão a Emmanuel, mais alguns pontos. Entenda bem que falamos de gratidão, e não do mergulho no cipoal da idolatria, pois sabemos residir, ali, a queda certa.

⁷⁴ TAVARES, Clóvis. *Amor e Sabedoria de EMMANUEL*. IDE, 4ª EDIÇÃO, p. 38 a 40.

⁷⁵ Ver trecho transcrito no final deste capítulo.

Podemos, sim, atrasar a hora vindoura da conquista.

No Evangelho de Jesus, no capítulo 12 de João, nosso Mestre, ao conversar com os discípulos, ensina: “*A luz ainda está convosco por um pouco de tempo; andai enquanto tendes luz, para que as trevas vos não apanhem; pois quem anda nas trevas não sabe para onde vai. Enquanto tendes luz, crede na luz, para que sejais filhos da luz*”.⁷⁶

A tendência do observador é associar, por exemplo, as quedas de Públio Lentulus ao soerguimento de Nestório; enaltecer o cristão Basílio; capitanear junto com o bandeirante do Evangelho Manuel da Nóbrega, nas florestas selvagens do Brasil colônia; falar dulçurosamente do Evangelho junto com o Padre Damiano; estudar a Codificação Espírita associada às lições do educador Emmanuel; e, por fim, sensibilizar-se na plenitude da exegese cristã, através do médium Chico Xavier. Essa não é, sem dúvida, uma trajetória vitoriosa? Para nós, que obtivemos dele mesmo, Emmanuel, a proteção para receber tão lindas lições, a revelação das intrincadas passagens pelo vale das lutas merecerá sempre uma análise criteriosa, sem a perda dos valores do sentimento.

Em 12 de janeiro de 1949, quando Emmanuel revelou para os amigos de Pedro Leopoldo a personalidade de Manuel da Nóbrega, apontou também as muitas reincidências do antigo senador Lentulus.

Acompanhemos, então, o relato do Arnaldo, feito pelo próprio benfeitor espiritual, conforme consta no livro *Amor e Sabedoria de Emmanuel*:

“O trabalho de cristianização, irradiando sob novos aspectos, do Brasil, não é novidade para nós.

Eu havia abandonado o corpo físico em dolorosos compromissos, no século XV, na Península, onde nos devotávamos ao “crê ou morre”, quando compreendi a grandeza do País que nos acolhe agora. Tinha meu espírito entediado de mandar e querer sem o Cristo. As experiências do dinheiro e da autoridade me haviam deixado a alma em

⁷⁶ JESUS. In: João, 12:35-36

profunda exaustão. Quinze séculos haviam decorrido sem que eu pudesse imolar-me por amor do Cordeiro Divino, como o fizera, um dia, em Roma, a companheira do coração.

Vi a floresta a perder-se de vista e o patrimônio extenso entregue ao desperdício, exigindo o retorno à humanidade civilizada e, entendendo as dificuldades do silvícola relegado à própria sorte, nos azares e aventuras da terra dadivosa que parecia sem fim, aceitei a sotaina, de novo, e por Padre Nóbrega conheci, de perto, as angústias dos simples e as aflições dos degredados. Intentava o sacrifício pessoal para esquecer o fastígio mundano e o desencanto de mim mesmo, todavia, quis o Senhor que, desde então, o serviço americano e, muito particularmente, o serviço ao Brasil não me saísse do coração.

A tarefa evangelizadora continua. A permuta de nomes não importa.

Creemos no Reino Divino e pugnamos pela ordem cristã. Desde que reconheçamos a governança e a tutela do Cristo, o nome de quem ensina ou de quem faz não altera o programa. Vale, acima de tudo, a execução...⁷⁷

Relembrado o texto de Emmanuel, Arnaldo comenta:

– Ao analisarmos esse texto, depreendemos como são sutis as laçadas da evolução! Se ficamos sensibilizados com as vidas de Nestório e Basílio, por exemplo, não devemos projetar esse espírito aos altiplanos da vida espiritual. O orgulhoso patrício romano, apesar de tantos testemunhos em nome da fé, volveu muitas vezes ao solo terreno, para arregimentar novas propostas de vida em busca da perfeição. No século XVIII, depois de ter apresentado um perfil espiritualizado em Damiano do século XVII, esse servidor do Cristo recebe o encargo de liderar almas na França. Ao comandar um movimento partidarista, expressa o interesse pessoal e, com isto, obtém como prêmio um novo momento de testemunhos.

Chico nos contou que Emmanuel foi um educador por excelência, mas, mesmo assim, ainda expressou uma pequena dose de interesse pessoal. Devido à forma a que nos adequamos à vida ou pelo modo com que nos

⁷⁷ TAVARES, Clovis. Amor e Sabedoria de Emmanuel. IDE, 4a Edição, Pág. 23.

deixamos ser ludibriados pela força da lei, encontramos naturalmente as respostas de nossas próprias ações: “*batei, e abri-se-vos-á*”⁷⁸, ensinou Jesus.

Fica para meu imprevidente coração o dever de buscar sempre as conquistas da alma, tendo como modelo Jesus, o sublime exemplo de evolução. Ele é o Filho do homem, nossa esperança e o futuro. “*Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida*”.⁷⁹ Busquemo-Lo na simplicidade da manjedoura para encontrar o Gólgota na hora certa. Subir, itinerantes, é a missão a nós confiada, tendo sempre a certeza de que os Benfeitores Espirituais, dentre eles Emmanuel, por certo nos ajudarão a carregar a nossa cruz e vencer nossos dissabores, na expectativa de chegarmos ao Reino de Deus sob os aplausos dos inesquecíveis Samaritanos da Luz.

Meu filho, analisando a história de Plínio Severus, Taciano, de Prisco e de tantos outros nomes que, por misericórdia, carreguei na esteira do tempo, tenho que reverenciar os espíritos que souberam aproveitar, como Emmanuel, o momento certo de se tornarem filhos da luz, pois não permitem, como a maioria de nós o faz, que a luz existente na intimidade se transforme em trevas.

Arnaldo assim se despediu, com a voz embargada pela emoção:

– Ave, Cristo!

⁷⁸ JESUS. In: Mateus, 7:7.

⁷⁹ JESUS. In: João, 14:6

Apêndice

Terminaremos mais um capítulo de nosso trabalho transcrevendo trechos dos livros *Há 2000Anos...*, *Renúncia*, de Emmanuel, nos quais encontramos singelas exposições do autor, obre o seu drama evolutivo, e uma mensagem narrando o seu desencarne no século XIX.

Acerca de Públio Lentulus – no livro *Há 2000 Anos...*:

“Em 7 de setembro de 1938, afirmava ele em pequena mensagem endereçada aos seus amigos encarnados:

Algum dia, se Deus mo permitir, falar-vos-ei do orgulhoso patricio Públio Lentulus, a fim de algo aprenderdes nas dolorosas experiências de uma alma indiferente e ingrata.

Esperemos o tempo e a proteção de Jesus.”⁸⁰

(...) em 24 de outubro ...(...)

Iniciamos, com o amparo de Jesus, mais um despretenso trabalho. Permita Deus que possamos levá-lo a bom termo.

Agora verificareis a extensão de minhas fraquezas no passado, sentindo-me, porém, confortado em aparecer com toda a sinceridade do meu coração, ante o plenário de vossas consciências. Oraí, comigo, pedindo a Jesus para que eu x possa completar esse esforço, de modo que o plenário se dilate além do vosso meio, a fim de que minha confissão seja um roteiro para todos.

(...) Em 30 de dezembro de 1938, comentava, em nova mensagem afetuosa:

Para mim essas recordações têm sido muito suaves, mas também muito amargas. Suaves pela rememoração das lembranças amigas, mas profundamente dolorosas, considerando meu coração empedernido, que não soube aproveitar o minuto radioso que soara no relógio da minha vida de espírito, há dois mil anos.

Permita Jesus que eu possa atingir os fins a que me propus, apresentando nesse trabalho, não uma lembrança interessante acerca de minha pobre personalidade, mas tão-

⁸⁰ EMMANUEL (Espírito). *Há 2000 Mil Anos...* (psicografia de Francisco Cândido Xavier); pelo espírito de Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, Prefácio.

somente uma experiência para os que hoje trabalham na semeadura e na seara do nosso Divino Mestre.

(...) No dia 4 de janeiro de 1939, grafava ele esta prece, ainda com respeito às suas memórias do passado remoto:

Jesus, Cordeiro Misericordioso do Pai de todas as graças, são passados dois mil anos e a minha pobre alma ainda revive os seus dias amargurados e tristes!...

Que são dois milênios, Senhor, no relógio da Eternidade?

(...) Diante de meus pobres olhos, desenha-se a velha Roma dos meus pesar es e das minhas quedas dolorosas... Sinto-me ainda envolto na miséria de minhas fraquezas e contemplo os monumentos das vaidades humanas... expressões políticas, variando nas suas características de liberdade e de força, detentores da autoridade e do poder, senhores da fortuna e da inteligência, grandezas efêmeras que perduraram apenas por um dia fugaz! ... Tronos e púrpuras, mantos preciosos das honrarias terrestres, todas da falha justiça humana, parlamentos e decretos supostos irrevogáveis!... Em silêncio, Senhor, viste a confusão que se estabelecera entre os homens inquietos e, com o mesmo desvelado amor, salvaste sempre as criaturas no instante doloroso das ruínas supremas... Deste a mão misericordiosa e imaculada aos povos mais humildes e mais frágeis, confundiste a ciência mentirosa de todos os tempos, humilhaste os que se consideravam grandes e poderosos!...

Sob o teu olhar compassivo, a morte abriu suas portas de sombra e as falsas glórias do mundo foram destruídas no torvelinho das ambições, reduzindo-se todas as vaidades a um acervo de cinzas...

Ante minh'alma surgem as reminiscências das construções elegantes das colinas maravilhosas; vejo o Tibre que passa, recolhendo os detritos da grande Babilônia imperial, os aquedutos, os mármores preciosos, as termas que pareciam indestrutíveis... Vejo ainda as ruas movimentadas, onde uma plebe miserável espera as graças dos grandes senhores, as esmolas de trigo, os fragmentos de pano para resguardarem do frio a nudez da carne.

Regurgitam os circos... Há uma aristocracia do patriciado observando as provas elegantes do Campo de Marte e, em tudo, nas vias mais humildes até os palácios

mais suntuosos, fala-se de César, o Augusto...

Dentro dessas recordações, eu passo, Senhor, entre farraparias e esplendores, com o meu orgulho miserável! Dos véus espessos de minhas sombras, também eu não te podia ver, no Alto, onde guardas o teu sólido de graças inesgotáveis...

(...) Bastou uma palavra tua, Senhor, para que os grandes senhores voltassem às margens do Tibre, como escravos misérrimos!... Perambulamos, assim, dentro da nossa noite, até o dia em que uma nova luz brotara em nossas consciências. Foi preciso que os séculos passassem para aprendermos as primeiras letras de tua ciência infinita, de perdão e de amor!...”⁸¹

Acerca do Padre Damiano – no livro Renúncia:

“– A moléstia incurável, Madalena, é um escoadouro bendito de nossas imperfeições. Que seria de minha alma se a moléstia do peito não me ajudasse a expungir os maus pensamentos? Quantos bens ficarei devendo à solidão e ao sofrimento? O Senhor, que nos deu lhes conhece o inestimável valor. Eu, que não chorava há muitos anos, alcancei novamente o benefício das lágrimas... Muitas vezes ensinei do púlpito, mas o leito me reservava lições muito maiores que as dos livros...”⁸²

Acerca do desencarne de Emmanuel – século XIX:

“Minha agonia não foi prolongada, apesar da moléstia física que me prostrou o organismo combalido na luta, por muitos dias; sacerdote católico que fui em minha derradeira existência, tive a felicidade de conservar integérrimos os meus sentimentos de fé, até ao supremo minuto.

A princípio experimentei a paralisia parcial dos meus órgãos, que se sentiam avassalados por uma onda de frio, e os meus padecimentos corporais localizavam-se em diversos pontos orgânicos, recrudescendo assustadoramente. Afigurava-se-me que todas as glândulas, mormente as sudoríferas, trabalhavam com excesso para eliminar algo

⁸¹ EMMANUEL (Espírito). *Há 2000 anos*. (psicografia de Francisco Cândido Xavier); pelo espírito de Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB. 44ª edição. Pág. 8 a 12.

⁸² EMMANUEL (Espírito). *Renúncia*. (psicografia de Francisco Cândido Xavier); pelo espírito de Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB. 30ª edição. Pág. 338.

de intoxicante e destruidor que se apossava dos meus centros de força; minha vontade dominadora enviava as suas últimas mensagens ao sistema nervoso e a fé, nesses martirizantes segundos, constituiu para mim uma alavanca prodigiosa de amparo e controle. Sentia que todas as minhas vísceras, todos os meus nervos desenvolviam uma atividade exortante para que se não apagasse a derradeira centelha de vida que os mantinha coesos, evitando assim a fuga de minh' alma. Notei, porém, que uma nuvem esbranquiçada ia-se formando ao meu lado, justaposta ao meu corpo e quando orava fervorosamente via aumentar-se com fragmentos da mesma matéria fluídica que me era desconhecida e que se me afigurava composta de infinitésimos átomos luminosos, distendendo-se aqueles fragmentos fantásticos que os meus olhos divisavam estupefatos, sem poder articular mais um vocábulo sentindo a glote coberta de intumescências, experimentei-me na posse de uma visão e audição extraordinárias, como se me encontrasse dentro de outra vida, perdurando esse estado com intermitências; senti, porém, que se passava em mim algo de superordinário. Uma sensação intraduzível de sofrimento me subjugava, todavia, simultaneamente, afigurava-se-me que muitas mãos pousavam sobre a minha epiderme, como se me submetessem a operações mesméricas.

Adormeci numa noite sem visões e sem sonhos; passada, porém, uma fração de tempo que não me é possível precisar, acordei-me sobre um leito alvíssimo como se fora obrigado a repousar em uma cama higiênica de hospital; rajadas de ar puro sutilíssimo inundavam o meu aposento, onde eu experimentava um inexprimível bem-estar. Curado? Como se operava o milagre? Sentia-me restabelecido, com a minha saúde integral, com serenidade invejável aliada a uma ótima disposição para a vida e para a atividade.

Onde estariam os meus familiares que não se abeiravam do meu leito para me felicitar pela obtenção de tão preciosa dádiva divina? Chamei-os nominalmente, empolgado pelo júbilo que fazia vibrar todas as fibras de minh' alma. Eis que se me apresentou alguém, trajado absoluto e absoluta serenidade de ânimo.

Inquiri-o sobre os seus miraculosos processos de tratamento; todavia o interpelado, alçando a destra para o Alto, respondeu com paciência e brandura: – “Tende calma. Não estais sendo tratado segundo a nosologia clássica”.

Prescreveu-me conselhos morais e salutareis advertências. Aí permaneci ainda por algum tempo e tive a oportunidade de notar, com admiração justificável, a atuação da minha vontade sobre todos os elementos que me cercavam; recordo-me firmemente do meu crucifixo de prata pendido constantemente sobre a minha cabeceira e eis que no local de minha preferência, atendendo ao meu desejo veemente, apareceu-me esse objeto de estima. Tomei-o admirado em minhas mãos, apalpando-lhe os contornos e inquirindo se não era vítima de um fenômeno alucinatório e, como inúmeros fatos semelhantes ocorreram, eles me obrigavam a meditar sobre a influência do meu pensamento nos fluidos e matérias circunstantes.

Pouco a pouco, entidades zelosas e protetoras encaminharam-me para o conhecimento do meu próprio “eu” no “post-mortem”, até que cheguei a compreender essa transformação da existência corporal como uma bênção divina.

*Pude então gozar de afetos ilibados que jamais deixara sob o pó do esquecimento, revendo seres bem amados e almas queridas”.*⁸³

*Maio de 1934
Emmanuel*

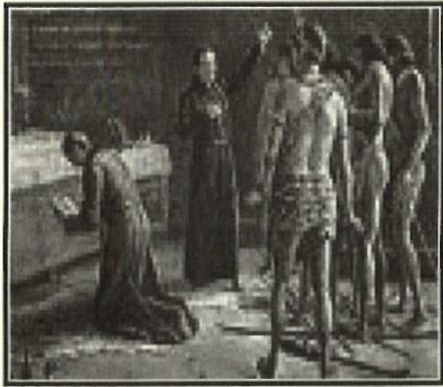
José de Anchieta, o apóstolo do Brasil,
amigo inseparável de Manuel da Nóbrega



⁸³ ARANTES, Hércio Marcos Cintra. *Notáveis Reportagens com Chico Xavier*. IDE. 1ª edição. Cap. 32 Noutro Mundo Também se Morre. Sacerdote Católico que fui. Págs. 183 e 184.



Emmanuel



Manoel da Nóbrega e Anchieta em Santa Cruz – Brasil

XIV

No Serviço Redentor

‘Por estas palavras: ‘Bem-aventurados os aflitos, pois que serão consolados’, Jesus aponta a compensação que hão de ter os que sofrem e a resignação que leva o padecente a bendizer do sofrimento, como prelúdio da cura’.⁸⁴

*‘Porque amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus’.*⁸⁵

⁸⁴ KARDEC. Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB; capítulo 5. item 12

⁸⁵ JESUS. In: João, 12:43.

Hoje é dia de festa!

No dia 24 de junho de 1908, sob a tutela dos Benfeitores Espirituais, foi fundada, na cidade que possui um dos mais belos horizontes do país, a instituição que viria a ser a União Espírita Mineira.

A comemoração desses laboriosos 95 anos felicita, por certo, as humanidades terrena e espiritual, pois a Casa *Mater* do Espiritismo nas Gerais vem cumprindo, com dignidade, o seu papel de ser a legítima representante da falange de Ismael nesses rincões.

É sempre bom observar os frutos de um trabalho edificante, principalmente quando este é claro em seus objetivos. No que se refere à União Espírita Mineira, a sua história teve como viga mestra a divulgação e a dinamização da Doutrina Espírita por entre essas montanhas, que simbolizam a pujança dos sentimentos a se projetarem para os planos superiores, nos fundamentos da caridade irrigadora das plagas brasileiras.



Antiga sede da U.E.M. na Av. Olegário Maciel

Naquele instante em que participávamos das comemorações MO plano espiritual deveriam estar acontecendo um verdadeiro reencontro das Almas que tutelam a Casa de João Batista; nessa comemoração, as notas de espiritualidade, por certo, atestavam a genuína fraternidade que irradiava pelos céus do nosso querido país, Conhecido no meio espírita como “coração do mundo”. Na capital das Minas Gerais, a festividade havia sido oficializada com uma “Semana Espírita” que contou, para sua realização, com a valiosa contribuição de diversos amigos: expositores ofertaram lenitivo esclarecedor através das exposições doutrinário-evangélicas; o coral do Grupo da Fraternidade Irmã Scheilla, de Belo Horizonte, encantou a platéia com músicas que nos enlevaram o espírito às culminâncias do insondável; por fim, as flores ofereceram um toque conclusivo, inspirando os corações destes novos representantes dos *Amigos para Sempre*, que não contiveram os abraços efusivos de fraternidade, por sua vez, reinante e soberana naquele momento.

Em meio aos reencontros, esse singelo repórter, que nem mesmo carrega um crachá de jornalista, postava-se de forma a não perder um lance sequer.

Dentre os amigos que representavam os Conselhos Regionais e as Casas Espíritas de Belo Horizonte estavam o nosso querido Altivo Ferreira, vice-presidente da Federação Espírita Brasileira que, no exato dia 24 de junho, discorreu brilhantemente sobre o tema “Unificação e Evangelho”. Lá estavam também os inestimáveis Honório Abreu e Marival Veloso – respectivamente, presidente e vice-presidente da instituição aniversariante –, demais membros da diretoria, o médium Wagner Paixão, Lenice Alves, William Incalado, Felipe Estabile, Jairo Franco, e ele, sempre ele, o nosso Amigo Arnaldo.

Enquanto o amigo Altivo abrilhantava a noite com uma rica exposição, na mesa diretora o médium Wagner psicografava celeremente, com Arnaldo Rocha a seu lado.

Tomado pela argúcia de repórter, imaginamos que Arnaldo, naquele instante, estaria sendo levado, pelo mecanismo da memória, aos idos anos 40, recordando-se, especialmente, de seu querido amigo Chico Xavier, eterno conselheiro da União Espírita Mineira.

Ao final da reunião, foi dada a palavra ao médium psicógrafo

para a leitura das missivas. A primeira delas estava assinada por Bezerra de Menezes; a segunda, por Cassimiro Cunha e a última, para surpresa geral, inclusive do próprio Arnaldo, por Chico Xavier.

A emoção tomou conta do auditório, mas a cena mais impressionante para mim foi o pranto incontrolável do *Amigo para Sempre* de Chico que, em vão, buscava o recurso do lenço para enxugar as inestancáveis lágrimas de saudade.

Aquele era o momento final da festividade, momento de despedirmo-nos e de guardarmos as emoções daquele dia. Aproximamo-nos de Arnaldo e, ao abraçá-lo, fomos logo arrematando:

– O Chico não deixa por menos, hein?

– É, meu filho! Quando me sentei à mesa, senti como se estivesse voltando ao passado, há cinco décadas... Assim que se iniciou a leitura das três mensagens, logo pela primeira linha pude identificar os estilos dos autores. Sempre me sinto feliz ao presenciar a seriedade na mediunidade, bem como o apoio dos Amigos Espirituais para os trabalhos realizados pelos encarnados com objetivos elevados.



Altivo Ferreira, vice-presidente da FEB, Honório Onofre de Abreu, Presidente da UEM e o médium Wagner G. da Paixão em 2004.

Enquanto discorria suas observações judiciosas, fomos-nos afastando do povo. A medida que descíamos a escadaria nonagenária, uma imagem retirada do tempo foi-se abrindo às lembranças de Arnaldo Rocha.

– Beto – disse, referindo-se carinhosamente a mim –, não me recordo o ano, mas ao término de uma reunião festiva aqui nesta casa, há muito tempo, descíamos, como fazemos agora, Chico, Ennio Santos, Carlinhos e eu. Após isso e em meio às despedidas, enquanto trancavam a porta, Chico nos disse que Emmanuel gostaria de fazer alguns apontamentos. Após breve pausa, nossa *Alma Querida* começou a repassar os apontamentos do

Benfeitor.

Disse-nos, então, o Emmanuel, através de nosso Chico que, no início do século X, os Benfeitores realizaram, no Plano Espiritual, grandes assembléias com o objetivo traçado pelo Cristo de auxiliar no encaminhamento da humanidade rumo a uma nova era.

Missionários reencarnariam para auxiliar na regeneração da coletividade terrena, dando novo direcionamento à política, à cultura, às artes, à ciência e à religião, esta última dilapidada em sua pureza nascente. Espíritos de escol candidataram-se para o enlevo, oferecendo os próprios testemunhos de amor à causa do Cristo, como Francisco de Assis, Joana d’Arc, Henrique de Sagres, Isabel de Aragão (A Rainha Santa de Portugal), Teresa de Ávila, Pedro de Alcântara, Padre Francisco Xavier, Padre Anchieta, Manoel da Nóbrega, John Huss, Jerônimo de Praga, John Wycliff, Lutero, e tantos outros.

No mesmo cometimento, espíritos de condição mediana, com muitos débitos na contabilidade divina, receberam a vênua de ingressarem nesse maravilhoso concerto, em função de apresentarem, através das experiências adquiridas ao longo do tempo, condições de lutarem no soerguimento pessoal, contribuindo com a coletividade em nosso berço de evolução: a Terra.

Este contingente de “almas em desfile” apresentava, em seus dramas, escândalos, perversidades e quedas recorrentes em peregrinações equivocadas. Sempre engrinaldadas pelo orgulho vil e pelo nepotismo

cristalizado, promoveram, por onde perpassaram, lágrimas em milhares de corações “indefesos” ao longo do tempo; para essa situação, nada melhor que o retorno à carne.

No alvorecer da Renascença, o planejamento foi levado a efeito pelas hostes superiores, em uma verdadeira “extrategênese”, ou seja, com tudo minuciosamente definido. Até que os fatos foram se projetando para que, no século XVI, muitos acontecimentos pudessem marcar o limiar de um novo tempo. Alterações substanciais se deram na política; movimentos nasceram na religião, como a reforma protestante e a contra-reforma; houve, também, o descobrimento do Novo Mundo; era a Renascença dos corações embrutecidos em busca de um novo tempo com o Cristo.

Apesar do sucesso alcançado em âmbito geral, inúmeras almas comprometidas com os Benfeitores do Cristo preferiram percorrer um trajeto contraditório, desviando-se do nobilitante tentame. Recalcitrando nos erros marcantes das fixações equivocadas, revitalizaram velhos e recorrentes conúbios espirituais no caos reinante da época.

Os acontecimentos seguiram o curso natural da evolução planetária e boa parte dessa falange, após longo período de sofrimento e reajustes com a Lei de Causa e Efeito, obteve novo ensejo de assumir compromissos imprescindíveis para que o Amor operante os reaproximasse dos ditames da paz e da felicidade real. Trabalhariam, sob a coordenação de Ismael, na implantação da árvore do Evangelho nas plagas brasileiras, divulgando a Doutrina Espírita, a partir do início do século XX.

Sem perder o fôlego, Arnaldo continuou:

– A orientação do Benfeitor tomou um direcionamento marcante através do médium amigo. Disse ele que todas as festividades que nos irmanam, em torno do ideal espírita, devem ser um alento para os corações e, ao mesmo tempo, um alerta quanto aos nossos compromissos com a humildade e a fé, para não recalcitrarmos novamente, perante a Bondade inigualável

do Cristo, que concedeu essa magnífica oportunidade de trabalho nesse grande momento de transformações que antecedem o terceiro milênio.

Em seguida à recordação desse recado da Espiritualidade, Arnaldo reassumiu a narrativa:

– Meu amigo, naqueles momentos inesquecíveis, ficamos perplexos. O Benfeitor Espiritual falava, através do médium, sobre a família espírita da qual uma ínfima parcela havia acabado de se reencontrar, naquela noite festiva. E nós acabávamos de receber uma revelação importantíssima para nossos destinos. Lembro-me da postura de Chico, com ar de preocupação. Logo em seguida, nosso querido médium nos esclareceu: “Essa família que nos irmana vem galgando patamares evolutivos desde a saída do povo Hebreu do Egito, sendo que alguns deles estão presentes nesse momento tão importante para nossos corações: Camilo Chaves, Maria Aluoto (Dona Neném), Cícero Pereira, Antônio Lima, Rômulo Joviano, Rubens Romanelli, Martins Peralva, César Bournier, Clóvis Tavares, bem como o médium que vos fala. Estávamos reencarnados no período muito marcante da história, no século XVI, sendo que alguns bem próximos, uns ligados por laços consangüíneos, outros por circunstâncias políticas ou religiosas e uma imensidão de amigos no plano espiritual vibrava pela vitória de todos”.

Arnaldo finalizou a conversa nesse ponto da narrativa, fazendo uma referência a outras informações já ditas pelo Chico em diversas reuniões íntimas sobre alguns dos Amigos para Sempre. Tais referências serão citadas abaixo.

– Emmanuel foi padre Manoel da Nóbrega, Jesuíta, fundador da Cidade de São Paulo; Camilo Rodrigues Chaves, Pontífice no século XVI; Maria Alluoto (D. Neném), estava na corte espanhola; professor Cícero Pereira, envolvido com a Inquisição (era amigo muito querido de Chico).

Rubens Romanelli, fidalgo espanhol que assumiu o movimento chamado “comuneiro”, cujo objetivo era o de libertar a Rainha Joanna de Castela da prisão no



Reunião pública, na sede antiga da UEM, na década de 40, presidida por Cícero Pereira, tendo a presença de Chico Xavier.

castelo de Tordesilhas e que acabou assassinado pela liderança do movimento.

César Bournier foi um cônsul de Carlos V, imperador no século XVI, nos países baixos. No século XI seu nome era Rodrigo Diaz, de Vivar, o El Cid, nasceu em 1049 em Vivar, Burgos, Espanha. Foi o revolucionário francês Danton. Outra personalidade Giuseppe Garibaldi (4 de Julho de 1807 a 2 de Junho de 1882), guerrilheiro italiano esteve no Brasil na guerra dos farroupilhas, tendo um romance com Anita Garibaldi.

Clóvis Tavares, frei Francisco Jiménez de Cisneros (1436 – 1517), Cardeal espanhol que iniciou a reforma da Igreja em Espanha, adiantando-se a que, anos depois, começaria o Concílio de Trento para toda a cristandade. Foram notórias a tempera e a energia do seu carácter. Regente do Trono de Espanha e confessor da Rainha Isabel, a Católica. Ele se esforçava por dar à Espanha uma estrutura interna que a convertesse na grande potência da Europa.

Em 1492 caiu o último baluarte dos mouros, a cidade de Granada. Nesse mesmo ano, Colombo chegou à América. Era uma época de mudanças, de descobrimentos e de invenções. A Idade Média chegava ao fim. Chico afirmou, ainda, que o nosso irmão Clóvis vinha reencarnando vinculado ao catolicismo há mil anos.

Foi também Rufo Propércio, amigo de Helvídio Lúcio no livro *50 Anos Depois* que lhe proporcionou o reencontro com a sua filha Célia. O Rei Clovis da França. Posteriormente foi o Padre Guilherme – Menandro, personagens do livro *Renúncia*.

Arnaldo Rocha, este que lhe fala, no século XIV, envergou a roupagem do sultão turco Otomano Bajazet, e no século XV, Filipe – *El Hermoso* (1478 – 1506), Duque de Flandres e de Borgonha, nascido em Bruges, Países Baixos, fundador da *casa dos Habsburgos* na Espanha. Filho de Maximiliano I e de Maria de Borgonha, assumiu o trono dos Países Baixos e casou-se com Joana *a Louca*, filha mais velha dos famosos *Reis Católicos* Isabel e Fernando de Aragão, da Espanha (1486). Com a morte de Isabel (1504), sua esposa herdou o *reino de Castela*, mas, devido à sua incapacidade mental, impedindo-a de assumir o trono, seu pai, Fernando, *o Católico*, foi declarado regente até a maioridade do príncipe Carlos, filho do casal real de Flandres. A resistência do sogro em lhe entregar o controle de Castela fez com que o Filipe viajasse de Flandres à Espanha (1506) para reivindicar a herança que cabia à esposa. Com o apoio da nobreza, reuniu um poderoso exército que obrigou Fernando a retirar-se para o reino de Aragão (1506). Com o agravamento do estado de saúde de Joana, ele assumiu o poder, mas reinou menos de um mês, pois morreu em Madri, quando organizava a administração do reino.

Após o desencarne de Filipe, este, reencarnou em seguida, na mesma Espanha. Seu nome era Fernando Alvarez de Toledo, foi auxiliar direto de Felipe II, seu próprio neto. Ficou conhecido como o Duque d' Alba.

Rômulo Joviano e sua esposa Dona Maria, respectivamente, Fernando de Aragão e Isabel, os Reis Católicos da Espanha.

Rômulo Joviano foi, na época de Jesus, o Senador Pompílio Crasso, amigo do também Senador Públio Lentulus, da invasão de Jerusalém, personagem do livro *Há Dois Mil Anos*. Retorna seis décadas a frente e essa história foi narrada por Emmanuel no livro *50 Anos Depois*, como o personagem Helvídio Lucius, pai de Célia. Dona Maria Joviano, sua esposa nesse romance

é Alba Lucínia. No século XI o cruzado Godofredo de Bouillon, já no século XVII Cirilo Davenport, pai de Alcione, história também descrita por Emmanuel no livro *Renúncia*. Encontramos novamente Dona Maria Joviano nesse romance como Madalena Vilamil. Sem perder o fio da família espiritual, recordo-me do pai de Rômulo Joviano, Sr Arthur Joviano, pois no romance *50 Anos Depois* é o personagem Cneio Lucius, e no livro *Renúncia* é Jaques Duchesne Davenport.

Chico Xavier foi Joanna de Castela (6/1/1479 a 12/ 04/1555), Rainha filha de Fernando e Isabel. Os laços que vinculavam na presente reencarnação do casal Joviano com Chico Xavier, na verdade, representam a reedição do lar de Aragão e Castela. Após o seu desencarne, a Rainha Joanna reencarna pouco tempo depois, na França, conforme descrito no livro do amigo Newton Boechat *O Espinho da Insatisfação*, tendo assistido, na fase da adolescência, à terrível noite de São Bartolomeu, protagonizada pelos fanáticos ligados a Catarina de Médicis. Viveu na corte francesa por muitas décadas.

Terminamos, aqui, os relatos deixados por Arnaldo Rocha no encontro daquele dia, mas guardando a certeza de que aquela conversa sobre os *Amigos para Sempre* não acabaria ali, nas escadas da União Espírita Mineira. Despedimo-nos, então, do amigo Arnaldo, carregando no coração a alegria e a expectativa do nosso próximo encontro.

Ao voltarmos para casa, revivemos o pensamento de quão construtivo deve ter sido o convívio entre aqueles amigos, com conversas sempre em tomo de temas que projetam a alma para o campo do saber. Através da mediunidade abençoada do Chico, aqueles companheiros se reuniam com objetivos ora de trabalho, ora de confraternização, sendo costumeira a obtenção de informações de alto teor espiritual nesses encontros. Hoje em dia, vemos que revelações como essas praticamente cessaram. Aliás, devemos estar muito atentos aos “falsos profetas”, porque é raro encontrarmos médiuns com a qualidade mediúnica e com a autoridade moral que Francisco Cândido Xavier adquiriu.

Por isso vamos, aqui e ali, escrevendo notas de amor para os amigos leitores, certos de que, algum dia, estaremos todos juntos, reunidos em torno da mediunidade com Jesus, o Cristo de Deus. Nessa caminhada, aprenderemos a garimpar diamantes sem desprezarmos as pedras brutas que, um dia, também resplandecerão a luz que lhes é própria.

OS REIS CATÓLICOS:



Fernando (1452-1516)



Isabel (1451-1504)



Filipe I, *El Hermoso* (22/6/1478 a 25/9/1506)



Joanna de Aragão e Castela (6/11/1478 a 11/4/1555)
1ª Rainha da Espanha



Encerraremos este capítulo com alguns trechos ditados por Emmanuel, através da psicografia do próprio Chico Xavier, contidos no livro *A Caminho da Luz*. Tais trechos referendam as narrativas de Arnaldo Rocha, no que concerne à caminhada evolutiva da família terrestre. Boa leitura!

“O século XX surgiu no horizonte do Globo, qual arena ampla de lutas renovadoras. As teorias sociais continuam seu caminho, tocando muitas vezes a curva tenebrosa do extremismo, mas as revelações do além-túmulo descem às almas, como orvalho imaterial, preludiando a paz e a luz de uma nova era.

Numerosas transformações são aguardadas e o Espiritismo esclarece os corações, renovando a personalidade espiritual das criaturas para o futuro que se aproxima.”(...)

“Um modesto esforço da História faz entrever os laços eternos que ligam todas as gerações nos surtos evolutivos do planeta.

Muita vez, o palco das civilizações foi modificado, sofrendo profundas renovações nos seus cenários, mas os atores são os mesmos, caminhando, nas lutas purificadoras, para a perfeição dAquele que é a luz do princípio. (...).

Nessa época, a vinda do Cristo ao planeta assinalaria o maior acontecimento para o mundo, de vez que o Evangelho seria a eterna mensagem do Céu, ligando a Terra ao reino luminoso de Jesus, na hipótese da assimilação do homem espiritual, com respeito aos ensinamentos divinos. Mas a pureza do Cristianismo não conseguiu manter-se intacta, tão logo regressaram ao plano invisível os auxiliar es do Senhor, reencarnados no globo terrestre para a glorificação dos tempos apostólicos.

O assédio das trevas avassalou o coração das criaturas.

Decorridos três séculos da lição santificante de Jesus, surgiram a falsidade e a má-fé adaptando-se às conveniências dos poderes políticos do mundo, desvirtuando-se-lhe todos os princípios, por favorecer doutrinas de violência oficializada.

Debalde enviou o Divino Mestre seus emissários e discípulos mais queridos ao ambiente das lutas planetárias.

Quando não foram trucidados pelas multidões delinquentes ou pelos verdugos das consciências, foram obrigados a capitular diante da ignorância, esperando o juízo longínquo da posteridade.

Desde essa época, em que a mensagem evangélica dilatava a esfera da liberdade humana, em virtude da sua maturidade para o entendimento das grandes e consoladoras verdades da existência, estacionou o homem espiritual em seus surtos de progresso, impossibilitado de acompanhar o homem físico na sua marcha pelas estradas do conhecimento. (...).

Mas é chegado o tempo de um reajustamento de todos os valores humanos. Se as dolorosas expiações coletivas prelidam a época dos últimos “ais” do Apocalipse, a espiritualidade tem de penetrar as realizações do homem físico, conduzindo-as para o bem de toda a Humanidade.

O Espiritismo, na sua missão de Consolador, é o amparo do mundo neste século de declives da sua História; só ele pode, na sua feição de Cristianismo redivivo, salvar as religiões que se apagam entre os choques da força e da ambição, do egoísmo e do domínio, apontando ao homem os seus verdadeiros caminhos. No seu manancial de esclarecimentos, poder-se-á beber a linfa cristalina das verdades consoladoras do Céu, preparando-se as almas para a nova era. São chegados os tempos em que as forças do mal serão compelidas a abandonar as suas derradeiras posições de domínio nos ambientes terrestres, e os seus últimos triunfos são bem o penhor de uma reação temerária e infeliz, apressando a realização dos vaticínios sombrios que pesam sobre o seu império perecível.

Ditadores, exércitos, hegemonias econômicas, massas versáteis e inconscientes, guerras inglórias, organizações seculares, passarão com a vertigem de um pesadelo.

A vitória da força é uma claridade de fogos de artifício.

Toda a realidade é a do Espírito e toda a paz é a do entendimento do reino de Deus e de sua justiça.

O século que passa efetuará a divisão das ovelhas do imenso rebanho. O cajado do pastor conduzirá o sofrimento na tarefa penosa da escolha e a dor se incumbirá do trabalho que os homens não aceitaram por amor.

*Uma tempestade de amarguras varrerá toda a Terra. Os filhos da Jerusalém de todos os séculos devem chorar, contemplando essas chuvas de lágrimas e de sangue que reventarão das nuvens pesadas de suas consciências enegrecidas.*⁸⁶

Condenada pelas sentenças irrevogáveis de seus erros sociais e políticos, a superioridade européia desaparecerá para sempre, como o Império Romano, entregando à América o fruto das suas experiências, com vistas à civilização do porvir.

Vive-se agora, na Terra, um crepúsculo, ao qual sucederá profunda noite; e ao século XX compete a missão do desfecho desses acontecimentos espantosos.

Todavia, operários humildes do Cristo ouçamos a sua voz no âmago de nossa alma:

‘Bem-aventurados os pobres, porque o reino de Deus lhes pertence! Bem-aventurados os que têm fome de justiça, porque serão saciados! Bem-aventurados os aflitos, porque chegará o dia da consolação! Bem-aventurados os pacíficos, porque irão a Deus!’

Sim, porque depois da treva surgirá uma nova aurora. Luzes consoladoras envolverão todo o orbe regenerado no batismo do sofrimento. O homem espiritual estará unido ao homem físico para a sua marcha gloriosa no Ilimitado, e o Espiritismo terá retirado dos seus escombros materiais a alma divina das religiões, que os homens perverteram, ligando-as no abraço acolhedoro Cristianismo restaurado.

Trabalhem por Jesus, ainda que a nossa oficina esteja localizada no deserto das consciências.

Todos somos dos chamados ao grande labor e o nosso mais sublime dever é responder aos apelos do Escolhido.

*Revedo os quadros da História do mundo, sentimos um frio cortante neste crepúsculo doloroso da civilização ocidental. Lembremos a misericórdia do Pai e façamos as nossas preces. A noite não tarda e, no bojo de suas sombras compactas, não nos esqueçamos de Jesus, cuja misericórdia infinita, como sempre, será a claridade imortal da alvorada futura, feita de paz, de fraternidade e de redenção.*⁸⁷

⁸⁶ Emmanuel se refere ao século XX, já que o livro foi escrito em 1938. Nota do autor.

⁸⁷ EMMANUEL (Espírito). *A Caminho da Luz*; (psicografia de Francisco Cândido Xavier); pelo espírito Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, capítulo XXV, O Futuro e o Evangelho.

BajazedI-Beyazid I (Arnaldo Rocha)



O nome aparece em outras formas como, por exemplo, Bajazet, Bayazid e Beyazit (guerreiro de Deus). Yildirim Beyazid I – O Raio, nasceu em 1347 e faleceu em 1403. Era filho e sucessor de Murad I.

Foi um Sultão Otomano, no período de 1389 a 1402, que combinou espetaculares sucessos militares com incontestável serviço de expansão do Islã. Beyazid I cercou o Imperador Bizantino Manuel II⁸⁸ em Constantinopla, em seguida conquistou os soberanos Turcos na Anatólia e, em 1396, derrotou um exército de cruzados liderados pelo Rei Sigismundo (mais tarde, Imperador Sigismundo) da Hungria⁸⁹, em Nikopol⁹⁰.

O Sultão Otomano Yildirim Beyezit encontrou seu fim após a batalha de Ankara, em julho de 1402, quando Tamerlão (ou Timur)⁹¹, conquistador turco-mongol, derrotou-o. As tropas de Beyazid consistiam apenas de c Sérvios e Janissaries⁹², desde que os Tártaros e a maior parte dos vassalos Turcos haviam-no abandonado. Seu exército foi derrotado e ele morreu como prisioneiro.⁹³

⁸⁸ Manuel II, ou Manuel Palaeologus (Paleólogo, 1350-1425, Imperador Bizantino (1391-1425), filho e sucessor de John V.

⁸⁹ Sigismundo (1368-1437), Imperador do Sacro Império Romano, Rei Germânoco, Rei da Hungria e da Boêmia, filho do Imperador do Santo Império Romano, Carlos IV.

⁹⁰ Cidade ao norte da Bulgária, porto no Rio Danúbio, fronteira com a Romênia, fundada em 629 pelo imperador Bizantino, Heraclius; chamou-se, depois, Nicopolis; tornou-se um centro cultural e de comércio florescente do segundo império Búlgaro.

⁹¹ **Timur ou Tamerlão**, 1336-1405, conquistador turco-mongol, nascido em kesh, perto de Samarkand. Ele é também chamado de Timur, o coxo (ou manco). Ele era filho de um líder tribal, e dizia-se descendente de Gêngis Khan.

⁹² **Janissares** [Turco=recrutas], corpo de elite a serviço do Império Otomano (Turquia). Era composto de cativos de guerra e jovens Cristãos forçados ao trabalho; todos os recrutados eram convertidos ao Islamismo e treinados sob a mais rigorosa disciplina. Foi originalmente organizado pelo Sultão Murad I. Os Janissaries conquistaram grande poder no Império Otomano e fizeram e desfizeram sultões. (http://www.learner.org/channel/courses/worldhistory/support/reading_23_3.pdf)

⁹³ www.hostgold.com.br/hospedagem_sites/A_queda_de_Constantinopla

XV

A Luz Segue Sempre

Nas existências corpóreas de natureza mais elevada do que a nossa, é mais clara a lembrança das anteriores?

“Sim, à medida que o corpo se torna menos material, com mais exatidão o homem se lembra do seu passado. Esta lembrança, os que habitam os mundos de ordem superior a têm mais nítida”⁹⁴

“Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus.”⁹⁵

⁹⁴ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, pergunta 397.

⁹⁵ JESUS. In: Mateus, 5:8.

Após breve pausa em nossos desprezíveis apontamentos, retornamos à União Espírita Mineira para mais um nostálgico encontro com o passado. Daí a alguns instantes chega Arnaldo Rocha, sempre muito cortês.

– Olá, meu jovem! Como está passando a família? – cumprimento relâmpago que me tirou do ensimesmamento em que me encontrava.

– Tudo bem! – respondi atordoado, pois, enquanto esperava por sua chegada, envolvi-me em muitos questionamentos sobre esse singelo trabalho dos *Amigos para Sempre*.

Logo em seguida, o amigo começou a abrir o escaninho da sua alma para falar das singelas reuniões mediúnicas do Grupo Meimei: “*Um verdadeiro curso de iniciação para mediunidade e para a vida!*” – exclamou Arnaldo.

Após aquela assertiva, lembrou os diálogos estabelecidos entre ele e as entidades espirituais, através dos médiuns, dentre os quais o eterno jovem Chico.

– Tornei-me um aprendiz dedicado na tarefa de intercâmbio espiritual que já está completando 60 anos. Posso afirmar, sem nenhuma pretensão, que assisti aos mais diversos tipos de transe mediúnicos e a lição, que ficou em meu coração, é que sabemos muito pouco dos mecanismos de interação entre as dimensões espirituais.

As manifestações mais ostensivas, sempre chamaram mais a atenção, – disse Arnaldo –, nas quais aconteciam alguns transe que envolviam entidades em processos zoantrópicos de difícil trato, além de transfiguração de médiuns, principalmente do Chico, que concitava o grupo a estar sempre em equilíbrio, a fim de que os tratamentos fossem levados a efeito.

Recordo-me, certa feita, de uma manifestação através do Chico em uma reunião de intercâmbio espiritual na qual ele se sentou fora da mesa, em uma cadeira de balanço, devido a um problema nas pernas. Para alguns, esse fato quebraria a corrente magnética. Nesta noite, entretanto, ocorreu um tratamento a uma entidade que vivia o processo de zoantropia; tal experiência nos brindou com um riquíssimo ensinamento.

Passávamos muitos apertos... Recordo-me de outro episódio em que a entidade apresentou seu sofrimento decorrente de muitas torturas que praticou, na Idade Média, em nome da Inquisição. No plano espiritual, ela se apresentou para o médium Chico Xavier apoiada na própria cabeça, pois essa era a forma que ela encontrou para amortecer, em parte, as dores que ainda sentia. “Na dolorosa fase dos tribunais inquisitoriais – dizia – costumava inserir substâncias ferventes dentro dos ouvidos e narinas do herege torturado, no intuito de derreter o seu cérebro e apagar as idéias demoníacas que insurgiam contra o Santo Ofício.” Como foi difícil auxiliá-la neste processo de fixação mento-espiritual!

Em uma outra oportunidade, o espírito de José Xavier, irmão de Chico, manifestou-se na reunião solicitando ao grupo muita vigilância, pois havia necessidade de sustentação para o que iria acontecer. Após alguns minutos, uma médium do grupo entrou em transe e uma entidade que se apresentava, também no plano espiritual, com a forma de uma serpente, ofereceu outro fenômeno de transfiguração facial do intermediário, o que muito nos chocou.

Para ilustrar o diálogo, recordo ainda outro atendimento em nossas atividades. Passando o dia com Chico, observei uma profunda melancolia em seu semblante. Ao lembrar que poderia ter algo a ver com a reunião de intercâmbio da noite, resolvi não questionar o problema do amigo. Manifesta-se, então, o espírito de uma irmã de caridade, que vivia uma depressão estigmatizante. Por não ter correspondido às insidiosas investidas de um sacerdote, este a emparedou a fim de evitar um escândalo. A sofredora estava presa, psiquicamente, ao mesmo ambiente, ao tempo da inquisição espanhola, sendo muito difícil movê-la do desespero. José Xavier, espírito amigo, no encerramento da reunião, brindou-nos com uma bela palestra sobre o doloroso drama. Por fim, direcionou a fala para a coordenação, explicando o abatimento do médium durante as horas que antecediam o transe. Disse ele, *‘Chico, em existência pregressa, tendo sido Joanna de Castela e Aragão, no século XVI (citações anteriores), conheceu de perto o sofrimento da*

companheira. Esse o motivo do profundo abatimento de que foi acometido. O ponto chave a ser observado é que não foi só uma ligação psíquica, base da comunicação mediúnica, mas um processo de reminiscência do próprio médium, fenômeno esse muito comum no atendimento a entidades, vinculando-o sentimentalmente ao sofridor.

A Lei de Causa e Efeito deve ser estudada por todos nós, principalmente por aqueles que mourejam na tarefa da desobsessão, a fim de lidar com equilíbrio nas terapêuticas mais intrincadas do intercâmbio mediúnico. A mediunidade, natural, meu filho, é um dom que necessita ser lapidado e o médium deve ser tratado com carinho humano e não como um robô parafusado a uma cadeira, com os parafusos da crítica ferina, ou com suplementos da morbidez de um grupo que desconhece o mecanismo das comunicações. O médium que não se sente integrado ao grupo ou que se sente sem confiança em seu dirigente “corta”, inconscientemente, as manifestações mais complicadas, pelo medo da crítica contumaz e anti-fraterna, tornando difícil, assim, o acesso dos próprios Benfeitores da Vida Maior, responsáveis pela terapêutica desobsessiva.

Arnaldo fez uma pequena pausa e, logo em seguida, continuou veemente:

– Emmanuel, através das faculdades mediúnicas da *Alma Querida*, um dia nos fez recordar o Evangelho, com a frase “*Mas esta casta de demônios não se expulsa senão pela oração e pelo jejum*”⁹⁶. Em seguida, o benfeitor completou, dizendo que “no trato com os médiuns e com os espíritos, necessitamos de amor, sinceridade evangélica, simplicidade e, acima de tudo, tolerância”.

Após mais essa aula de intercâmbio com o Mundo Maior, perguntei ao amigo:

– Arnaldo, o que você pensa sobre o delicado preparo do Chico para o seu mandato mediúnico?

⁹⁶ JESUS. In: Mateus, 17:21.

A resposta foi dada numa entonação de voz tema e paternal, convidando-nos a que abrissemos os ouvidos de nossa alma.

– Filho, conforme podemos depreender das reencarnações de nossa *Alma Querida*, relatadas anteriormente, Chico teve o seu labor iniciado no relógio do tempo, exatamente há alguns milênios (risos). Não podemos conceber um instrumento tão delicado sendo preparado de um lance para outro ou em pequenos momentos que antecedem uma reencarnação. Chico nos contava suas encarnações anteriores e sua vida íntima, associada à missão que lhe esperava, com o intuito de orientar-nos para o trabalho que nos esperava junto dele próprio.

Uma das primeiras experiências como médium, aconteceu na Grécia antiga, por volta de 600 a.C, precisamente no templo de Delfos. Nessa época era uma mulher e, quando adolescente, foi levada ao templo, para ser iniciada nos mistérios dos deuses, por um tio que era um sacerdote, nosso ilustre Emmanuel. Com o passar do tempo ela se tornou uma respeitável pitonisa, pois seus dons de prever o futuro e devassar o passado eram inigualáveis. Não esquecendo da trajetória no Egito, ao lado do faraó Quéops, na personalidade das rainhas Hatshepsut e Chams, já citadas anteriormente, onde a desenvoltura mística foi muito importante para a vivência em Delfos.

Perpassando o tempo, na velocidade dos séculos, vamos encontrar essa mesma pitonisa, com uma mediunidade exacerbada e, por isso, catalogada de louca, na Espanha dos Reis Católicos, Joanna de Castela e Aragão.

Recordo-me de uma tarde de domingo, após o almoço, estávamos em conversa íntima e Chico, o meigo médium, relatava algumas cenas da vida de Joanna de Aragão e Castela, rainha da Espanha. *“Vejo-a entre muitos livros. Ela não era muito sociável, devido a sua vasta cultura. Não tinha habilidades com as questões pueris da corte. Gostava das músicas de sua época e tocava alguns instrumentos. Tinha posicionamentos firmes sobre assuntos de política e história”*. São pontos convergentes com a personalidade relatada anteriormente no Egito.

Nesse instante Arnaldo fez uma pausa porque estava emocionado, e continuou a narrativa da história:

– Meu amigo, Joanna era filha da rainha Isabel I de Castela e do rei Fernando de Aragão, conhecidos na História, principalmente, por terem patrocinado a viagem do descobrimento das Américas. Sobre a rainha espanhola, encontramos registros históricos que a identificaram pela alcunha de “Juana, La Loca”, por ser ela uma mulher que muito amava seu marido e que, após a sua morte, vagava por Castela, seguindo o seu féretro, negando-se a enterrá-lo. Na realidade, Joana não era louca. Ela lutava pelo seu amor, acima das convenções políticas e religiosas, e tinha uma sensibilidade mediúnica muito ostensiva, por isto a sua visão psíquica lhe permitia ver o espírito de seu marido, o que reforçava a não aceitação de sua morte.

Essa história traz aspectos inesquecíveis. Tal drama foi traduzido em peças teatrais que fizeram muito sucesso, tornando-se, muito mais tarde, um filme intitulado *Loucuras de Amor*. Na época em que a fita chegou ao Brasil, Chico e eu nos encontramos por motivo de trabalho e, por ocasião da estréia, convidei o amigo para irmos ao cinema. Durante a exposição das cenas, ele chorava de descer lágrimas. Eu não sabia se consolava o Chico ou se assistia às cenas projetadas na tela. Fiz, então, uma brincadeira com ele: ‘Está se vendo aí, Chico?’. Obtive uma resposta amargurada: “Ao término do filme eu conto a história”. Foi nessa ocasião que ele iniciou as narrativas de suas recordações, que ensinaram muitas lições a todos os que o escutaram.

– Arnaldo – interrompi a narrativa – você relatou no último encontro que Filipe – El Hermoso, após o desencarne, retornou para a reencarnação logo em seguida na própria corte da Espanha, e que Joanna (Chico) também ficou pouquíssimo tempo no mundo espiritual voltando ao solo da França. Esclareça para nós se esse assunto foi debatido pelos amigos para sempre com Chico.

– Sua pergunta – respondeu com um sorriso – é muito apropriada à temática da evolução espiritual em nível individual e coletivo.

Fizemos, sim, essa pergunta ao Senador, nosso Benfeitor Emmanuel, que nos atendeu prontamente com a significativa resposta. *“A esteira do tempo vergastava propostas de imediata definição no ajuste do destino espiritual da coletividade. Aqueles momentos da história não permitiam à coletividade recalcitrante saborear as benesses do mundo espiritual; ao contrário, indicavam a necessidade do mergulho na carne para vivência dos ensinamentos, oferecidos pelo Divino Mestre Jesus, e que vinham sendo barateados nos evos da insensatez”*.

Há ainda outra passagem reencarnatória de Chico no século XIX retornando à Espanha e implementando, em si mesmo, através de uma vida no anonimato, os necessários valores morais. Após o seu desencarne, por volta de 1880, na cidade de Barcelona, iniciou uma delicada preparação para a reencarnação em Pedro Leopoldo.

Sua permanência no Plano Espiritual foi de intensas atividades que visaram à pavimentação da trajetória mediúnica, iniciada no dia 2 de abril de 1910. Chico matriculou-se em um Educandário Espiritual de aprendizes do Evangelho, integrando uma grande equipe de entidades espirituais que se preparavam para o advento do Espiritismo no Brasil.

Nesse magnífico processo educativo, o liceu enfocou diversas matérias do interesse evolutivo, tais como: história geral; dinâmica do Movimento Espírita; situação sócio-econômica planetária; conhecimento de existências pregressas; planejamento familiar e social. Se estudarmos, meu filho, cada ponto citado, depreenderemos a transcendência da Lei de Causa e Efeito, ajustando os destinos individuais e coletivos, na ordem do Amor.

André Luiz, no livro “Missionários da Luz”, ensina, com significativa lucidez, sobre o intrincado processo reencarnatório. Afirma o amigo espiritual que há, por parte dos Benfeitores Espirituais, um cuidado especial no preparo do perispírito, modelador do corpo físico, para que o espírito reencarnante tenha um equipamento adequado para alcançar os objetivos da encarnação que iniciará. No caso dos médiuns, o médico de Nosso Lar afirma ainda que aparte estrutural do corpo bioplasmático requer atenção muito maior.

Analisando o assunto à luz da Doutrina Espírita, imaginamos como deve ter sido o caso de Chico, pois o escopo da sua vida foi a mediunidade, que se dinamizou em um instrumento afinadíssimo, na mais diversificada classificação Kardequiana. Concomitante as diversas etapas de ensino, os Benfeitores Espirituais proveram a preparação magnético-espiritual da estrutura sutil perispírito da *Alma Querida*, revestindo o seu psiquismo com as Irradiações Superiores para facilitar o intrincado mecanismo das comunicações mediúnicas.

Não sei se consegui responder às questões levantadas. Mas, para concluir, podemos dizer que Chico, meu filho, teve, nos últimos séculos, uma vivência diuturna no Mundo Espiritual e na Terra. Trabalhou para resplandecer a mensagem dos Espíritos em luz inextinguível, conhecida hoje como a chama do Cândido Xavier. Se Deus permitir e a memória ajudar, teceremos ainda algumas considerações com o objetivo de esclarecer melhor sobre essas histórias, para que o leitor amigo possa refletir sobre a importância do tempo e das oportunidades que a Misericórdia oferece a todos nós.

Estudemos a Doutrina Espírita, para compreendermos a evolução. Agindo assim, evitar-se-ia a divinização do Chico Xavier, ao contrário, enalteceríamos os lídimos esforços de um discípulo do Cristo. Em fim, Chico fez da sua mediunidade uma lâmpada acesa, que iluminou a milhares de corações, e por certo continuará clarificando a senda daqueles que procuram resplandecer a própria luz.

Nesse instante, sensibilizados, abraçamos o amigo Arnaldo sem dizer palavra alguma. Sentimos que também fomos abraçados por um grupo muito grande de amigos do invisível que, do Mundo Espiritual, cantava “glória a Deus nas alturas e paz na Terra aos homens”.

Deixaremos, aqui, dois singelos registros, o primeiro com o propósito de ajudar o leitor a conhecer um pouco mais sobre Joanna de Castela, essa alma que um dia viveu entre nós e, o segundo, o de evidenciar uma experiência de retomo psíquico ao passado, narrada pelo próprio médium de Pedro Leopoldo.

“Rainha espanhola nascida na cidade de Toledo, em Castela, acometida de um desequilíbrio mental que a incapacitou de governar. Terceira dos filhos dos reis católicos, recebeu uma educação esmerada e casou-se em 1496 com o arquiduque Filipe, o Belo, filho do futuro imperador Maximiliano I do Sacro Império Romano-Germânico. Após o casamento, foi viver com o marido em Flandres. A morte de seus irmãos mais velhos, João e Isabel, tornou-a herdeira da coroa espanhola, fato que fez que ela e o marido regressassem à Espanha, em 1502. Com a morte de Isabel, em 1504, Joana assumiu formalmente o trono, porém houve uma disputa pelo poder entre Filipe e Fernando II, resolvida quando Fernando aceitou retirar-se para Aragão. Com a repentina morte de Filipe, em 1506, e com o agravamento da doença de Joana, Fernando regressou a Castela para assumir a regência do trono e a rainha, em completa loucura, viveu reclusa no castelo de Tordesilhas pelo resto da vida. Com a morte de Fernando, em 1516, foi sucedida no trono pelo filho, Carlos I, sendo ele, depois, aclamado o imperador Carlos V do Sacro Império, consolidando à Dinastia dos Habsburgos na Espanha, que se manteve no poder por dois séculos”⁹⁷.



Cortejo fúnebre de Filipe de Flandres, acompanhado por Joanna de Castela e Aragão.

⁹⁷ Retirado do site: www.ed-dolmen.com.



Rainha Joanna de Castela e Aragão

Passemos, agora, a narrativa do médium, com respeito à sua experiência de retorno psíquico ao passado, em uma reencarnação posterior à época da rainha Joana.

Chico estava diante do sofrimento de pessoas que participaram da Noite de São Bartolomeu:

“(...) minhas lágrimas se desataram e, com isso, notei que Emmanuel me arrebatou do aposento. Então, de volta, porque eu indagava sobre a causa de tamanho sofrimento, o nosso benfeitor espiritual, que se mostrava muito sereno, disse-me, paternal:

– Queres, então, saber?

Abricei-me a ele, como se eu fosse uma criança, e declarei que sim.

Ele pousou as mãos de leve na minha cabeça, como se me magnetizasse, e exclamou:

– Observa alguma cousa.

Senti como se uma força diferente me impulsionasse para cima, com um estalido que não posso descrever, e vi-me numa cidade enorme (Paris, século XVI), de ruas sombrias, em estranha noite. Vozes em algazarra me chegaram aos ouvidos. Eu estava também naquela cena em outro corpo, com 15 anos de idade, e, com horror, observava um povo desvairado a matar, com ruído e gargalhadas, os próprios irmãos. Incêndios aqui e ali mostravam quadros terríveis que as badaladas dos sinos no ar tornavam mais

impressionantes (Regressão de memória, provocada magneticamente por Emmanuel). De chofre, retomei uma lembrança que estava dentro de mim e que até então me parecia perdida. Lembrei-me e corri também para os acontecimentos. Era a Noite de São Bartolomeu, em Paris, em 1572...

Os gritos “massacrez! massacrez! O rei deseja! O rei deseja! Massacrez” me enchiam os ouvidos, e eu, em desespero, recordei alguém que talvez já estivesse nas sombras da morte e bati às portas de uma casa nobre, rogando socorro, reconhecendo aí muitas pessoas do nosso meio que se acham encarnadas. Não consegui o socorro almejado e pus-me a correr sem destino, mas a perturbação era enorme. As casas particulares eram invadidas por turbas de pessoas truculentas, e mulheres e crianças eram trazidas para morrer em praça pública. Muitos meninos eram atirados às águas do rio, depois de passarem na ponta dos sabres de homens embriagados. Muitas vítimas eram levadas às correntes do Sena, ainda vivas, para ali, encontrarem a morte. Por mais de uma vez, vi homens e mulheres, em grupos, atirando feridos às patas dos cavalos, os quais eram horrivelmente mutilados sob os carros que passavam, de quando em quando, em disparada. Depois de longa luta comigo mesmo, não mais suportei a situação e senti que a consciência de mim mesmo me faltava... Foi quando tornei a mim, sob o olhar de Emmanuel que me disse:

– Aí se encontram as nascentes da amargura de hoje. Bendigamos a dor que refaz o equilíbrio e reconstrói o destino”⁹⁸.

⁹⁸ BOECHAT, Newton. *O Espinho da Insatisfação*. FEB. 3ª edição. RJ Brasil



Noite de 23 para 24 de agosto de 1572: os sinos da catedral de Saint Germain-l'Auxerrois fazem o prenúncio do dia de São Bartolomeu

XVI

Ante o Poder do Amor

“Todos os Espíritos tendem para a perfeição e Deus lhes faculta os meios de alcançá-la, proporcionando-lhes as provações da vida corporal. Sua justiça, porém, lhes concede realizar, em novas existências, o que não puderam fazer ou concluir numa primeira prova”.⁹⁹

“E, se não há ressurreição de mortos, também Cristo não ressuscitou”.¹⁰⁰

⁹⁹ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, pergunta 171. Comentário de Allan Kardec.

¹⁰⁰ PAULO. In: I Coríntios, 15:13.

Iniciamos mais um episódio das experiências vividas pelo célebre grupo de Pedro Leopoldo na esperança de recebermos, da Augusta Misericórdia, bênçãos e ensinamentos que venham a engrandecer todos os corações sedentos de renovação e de luz.

São tantas as experiências arquivadas na gaveta do tempo que se faz necessário o seu registro nas páginas lustrais do Movimento Espírita. Percebemos, através das nossas pobres retinas psíquicas, o andar, o falar, o sorrir, os encontros e as dificuldades vividas por esses amigos, que tanto contribuíram para que o Movimento Espírita crescesse em qualidade e em harmonia.

Por maiores que tenham sido as dificuldades, é inegável a aquisição de conquistas na Seara Espírita, principalmente nos últimos decênios. Envolvidos por essas reflexões, reencontramo-nos com o filho da cidade de Tiradentes, nosso querido Arnaldo Rocha que, logo, saúda-nos, confiante:

– Como vai, meu jovem? Estudando a Doutrina Espírita cada vez mais?

Após os cumprimentos cordiais, Arnaldo, aproximando-se do balcão da livraria da União Espírita Mineira, estende as mãos em direção ao livro *Coragem*, depositado sobre ele e, desta maneira, inicia mais uma narrativa do passado trazido à tona.

– Vendo esse belo material recorde que, após a definição das lições por Emmanuel, Chico, como de costume, pediu minha singela opinião sobre o enfoque das mesmas. Escuto ainda hoje a entonação de sua voz na pergunta que se segue: “*O que você achou da coletânea de mensagens, meu filho?*”. Respondi, de imediato, que havia gostado muito da tônica dada pelo Senador. Como nossa *Alma Querida* sempre nos oferecia uma jóia no decorrer de nossas conversas, coloquei-me na condição de espera, e a oferta não se fez tardar: “*Se você tivesse que escolher o título qual seria o melhor para o livro?*” “*Meu filho, respondi cauteloso, por necessitar de muita força de vontade para enfrentar os desafios desta vida, o título que encaixa melhor para essas lições é “Coragem”*”. Para minha surpresa, depois de um sorriso fraterno,

característico de Chico, o amigo afirmou: “*Sua intuição foi acertada, pois Emmanuel já havia escolhido este título.*”.

Fiquei muito feliz pelo alvitre e penso que na verdade aquelas palavras representavam uma nota de incentivo às minhas lutas, que não eram fáceis. Ao mesmo tempo, senti que Chico havia empregado naquela conversa uma vibração carregada de saudades, em função da distância que havia entre as duas pontas da estrada que interligava Belo Horizonte a Uberaba, já que, naquele tempo, a distância se manifestava inclemente.¹⁰¹

Após uma pausa, em que Arnaldo percorria os olhos lúcidos pelo índice do livro, tentamos auscultar o sentido da lição. Fomos, em seguida, despertados da introspecção em que nos mantínhamos, ao sentir uma de suas mãos pousar sobre nosso ombro.

– Devo agradecer muito aos Benfeitores Espirituais por terem me auxiliado a encontrar a senda do bem, depois de errar deliberadamente no caminho do orgulho e do egoísmo.

Arnaldo Rocha, após um longo suspiro, trouxe mais ternura em sua narrativa.

– Jamais esquecerei a primeira reunião de intercâmbio espiritual, na qual tive a oportunidade de escutar a voz adocicada de minha ex-esposa, Irma de Castro Rocha, nossa Meimei.

Neste ponto, Arnaldo interrompeu a narrativa iniciada, para nos contar como Dona Eny Fassanello o ajudou no passado, após o desencarne de sua querida esposa.

Com o objetivo de sermos fidedignos a esta história, já contada anteriormente por Arnaldo a Wallace Leal Rodrigues, transcreveremos, do livro *Meimei – Vida e Mensagem*, o trecho que se refere a este episódio, em vez de contá-lo com as nossas deficientes palavras.

¹⁰¹ Arnaldo faz referência à mudança de Chico Xavier para Uberaba.

– *Toda a minha história se iniciou com o desencarne de Meimei em 1 de outubro de 1946. Em 11 de outubro do mesmo ano, numa noite de quarta-feira chuvosa e fria, procurava me esconder do temporal e aportei-me na residência de meu irmão Geraldo Benício Rocha*¹⁰²:

“Ao abrir-me a porta, deparei com cerca de seis ou oito pessoas, livros sobre a mesa... compreendi que iriam fazer reunião espírita. Quis retornar meus passos, mas começou a chover torrencialmente. Contrariado, mesmo assim resolvi ficar. Dos presentes, conhecidos somente ele, sua esposa, minha cunhada Luíza, e uma velha e querida amiga, Da. Eny Fassanello, velha e bem amada amiga de nossa família, italiana de origem, já de há muito residindo no Brasil, porém, falando muito deficientemente o português, sabe como é, tudo era um ‘imbróglio’. Como amo esta querida e sofredora criatura! Quanto lhe devo! Os demais, nunca os tinha visto. Apresentações rápidas. Uma senhora, de mais ou menos trinta anos, simpática, gorda, nunca mais a vi, parece-me que era do interior de Minas Gerais. O fato é que nunca mais foi às reuniões. Segurando-me as mãos, carinhosamente, olhou-me profundamente e começou a contar toda a vida de Meimei (Naná, como ela dizia, esse era o apelido familiar de Meimei), com detalhes impressionantes, coisas de nossa vida em comum que somente Meimei e eu sabíamos — nossos sonhos, esperanças, decepções. Finalizou falando de nossa casucha, dando local, os nossos sonhos para futuras modificações. (...). A segunda senhora a ser-me apresentada, jovem ainda, talvez entre uns vinte e três a vinte e oito anos, bonita criatura, palavra fluente, inteligente, olhar meigo e encantador -durante o período em que conversávamos, não sei explicar, parecia-me que algo indefinível e estranho ligava-me, bem como Meimei, a essa criatura. Essa senhora, também, nunca mais retornou às nossas reuniões. Falava-me com uma infinita ternura sobre Meimei, porém de uma forma que somente as

¹⁰² Vide capítulo 1 deste mesmo livro. – (nota do autor).

amizades muito lindas e sinceras possuem tais expressões, disse-me da vida íntima de Meimei, da forma com a qual ela foi vestida no caixão – em Minas é comum vestir os defuntos. Meimei, por sugestão de minha querida irmã Filute, foi vestida com as vestes de Nossa Senhora das Dores. Não sei lhe explicar isso, falou-me do local onde é sua sepultura, e, fato estranho, que Meimei, dias antes de se recolher ao leito, submeteu-se a um tratamento odontológico, sofreu uma apicectomia, dente incisivo, esquerdo, maxilar inferior e, por um acidente, o dentista quebrou-lhe a parte superior do dente. Ora, meu querido, quem sabia disto, apenas eu, Meimei e o dentista. Esta querida senhora deu-me muitos conselhos e reconfortou o meu pobre coração. Falou uma alma irmã, sem nenhuma preocupação de fazer-me acreditar no fenômeno, porém falou o verdadeiro espírito da caridade cristã. Aí, (...), aconteceu algo que me deixou profundamente abalado... segurando minhas mãos, olhou-me com profundo amor e ternura, e disse-me:

– Naldinho – era a primeira vez que eu via a tal criatura –, você não vai compreender agora, porém, alegre o seu coração, não permita que a tristeza o impeça de compreender a Bondade de nosso Pai Celestial; todavia, meu bom amigo, nossa Meimei está muito bem, ela retornou ao convívio de almas que muito a amam e que muito colaboraram para que ela pudesse levar avante e vencer uma série de provas e resgates. Não se assombre se eu lhe disser que você voltará a se casar: é preciso resgatar certas coisas. Ela, na época oportuna, buscará alguém a quem ambos muito devem, não retire suas mãos das minhas e ouça-me com humildade e paciência. Ela promoverá, se você quiser, o reencontro de muitos e muitos corações queridos, dos quais seu orgulho, fanatismo religioso e prepotência os separou.

(...), sinceramente, não sei explicar o porquê de me lembrar destas coisas depois de tantos e tantos anos, parece-me que isto ocorreu agora. Enquanto ela falava eu pensava com os meus botões: ‘Luiza deve ter contado o dia todo a estas senhoras minha vida e de Meimei, esse povo todo é completamente

fora de órbita! Pensam que me enganam, afivelemos a máscara da credibilidade e da bobice e fiquemos calados? E o melhor que podemos fazer’.

Muito bem, fez-se silêncio. Oraram, fizeram leituras. Apagaram-se as luzes. Para mim, na época, nada entendia do assunto, meu irmão pôs-se de pé e começou a falar, e, intimamente, eu pensava: ignorava que o mano possuísse tanta cultura, que lindas expressões de carinho e consolações, preendi-me à palavra do mano. Hoje sei que através de seus canais psicofônicos falava um velho e querido amigo de nossa família – na época já desencarnado havia mais de trinta anos – Dr. Cornélio Millowald, de nacionalidade inglesa, que residiu por muitos anos em Tiradentes. Bem, eu estava preso à palavra que ouvia. (...), qual não foi minha surpresa ao lado oposto à cabeceira da mesa, onde se encontrava de pé o mano, assentava-se a querida Da. Eny. Fazia frio, havia jogado em seus ombros um agasalho de lã, qual não foi minha surpresa quando Da. Eny, em um gesto que me era profundamente conhecido, com os polegares jogou para trás o casaquinho e pôs-se, como se estivesse a vomitar uma grande substância grossa, apresentando uma grande aflição. (...) Há muitos anos que eu não orava, deu-me uma vontade imensa de o fazer, porém algo estranho ocorria comigo, meu peito crescia como se fosse um imenso balão, queria orar mas não me lembrava das palavras. Somente comeci a pedir a Deus que se compadecesse de quem ali se encontrava. Mais terna, mais dulçorosa, mais linda e amorosa continuava a palavra através do mano; à medida em que ele falava à criatura, e não sei me explicar, meu pensamento foi então ficando calmo e tranqüilo, cessaram aquelas expressões de pavor e medo, não vomitava mais. Uma sensação de paz e tranqüilidade em seu rosto. Quanto tempo durou isto eu não sei dizer. Houve um interregno de alguns segundos, creio, e o mano dirigiu-se diretamente a Da. Eny, dizendo: – ‘Fale, minha querida amiga, diga o que seu coração ditar’ (eu, cá comigo: pensei: ‘isto é gaiato, ainda perguntam se a criatura quer bater um papo’). Bom, foi aí que minha querida e sempre

*lembrada amiga ‘entornou o caldo’. Nunca mais presenciei tal fenômeno, e hoje, sem nenhuma vaidade, posso lhe dizer que conheço o transe mediúnico em todas as suas mais variadas formas – pela primeira e única vez ouvi algo que me estarreceu. ‘Não, meu querido amigo, ‘rialmente’, nada posso dizer, o meu Sozinho não vai entender’. (...), a médium era sexagenária, falava horrivelmente o português, porém a voz que eu ouvi, a inflexão, o tom, o jeitinho de dizer errado “realmente” era de Meimei! Fiquei completamente transtornado. Daí a instantes a reunião terminou. Carinhosamente, todos vieram conversar comigo e eu, simplesmente, deixei-os falando sozinhos e enfrentei o temporal. Dentro de minha alma havia um temporal muito maior e muito mais avassalador”.*¹⁰³

Depois das emoções projetadas no painel do coração devido à narrativa do amigo, conseguimos formular uma pergunta singela.

– Arnaldo, apesar da tristeza que a narrativa suscita, a ligação existente entre Meimei e Naldinho emoldura o quadro dos corações mais apaixonados. Conte, um pouco, para nós, sobre esse romance e a participação de Chico Xavier, que se tornou, após a partida de Meimei, um legítimo portador das mais belas missivas entre a Terra e o Céu.

– Meu filho, o tempo reúne sempre os corações para os devidos ajustes na ordem da justiça e do amor. Todas as mensagens que recebi de Meimei, através de Chico, revolucionaram todos os meus conceitos de vida, pois expressavam o amor que continuava a nutrir os anseios de nossas almas, apresentando novas disposições para a eternidade que nos esperava. Meimei permanecia viva entre os “mortos”, e Chico Xavier, lidando com eles diuturnamente, ajudava-me a compreender os ensinamentos que não paravam de chegar do Alto, em uma interação quase perfeita.

Os Espíritos, dentre eles Meimei, descortinaram o passado para justificar as dores do presente, indicando os passos de Jesus como o Verdadeiro roteiro da

¹⁰³ RODRIGUES, Wallace L. V. *Meimei – Vida e Mensagem*. Casa Editora O Clarim, 1994. Matão: Casa Editora O Clarim. 3ª edição, pág. 54 a 58.

definitiva libertação espiritual. Nesse período é que aprendi a ser, na expressão popular, “um viúvo quase feliz”.

– Arnaldo, como você recebeu a primeira revelação das experiências passadas entre você e a sua inesquecível Irmã de Castro Rocha, Meimei?

– A primeira revelação sobre o nosso passado, veio através de uma carta de Meimei, em que ela descreve uma história do século XI, na qual formávamos uma bela família até que o esquecimento dos compromissos conjugais arregimentasse sofrimento para os nubentes. Devido a insistentes pedidos de Wallace Leal V. Rodrigues, resolvi entregar algumas dessas cartas e mensagens, até então inéditas, para a publicação pela Casa Editora O Clarim, no livro *Meimei, Vida e Mensagem*.

Para continuarmos a ser fidedignos ao texto original, interrompemos, novamente, a descrição de Arnaldo, para brindar o leitor amigo com uma bela missiva de Meimei ao seu querido Sozinho.

“Meu querido Naldinho, Jesus nos guarde sempre.

Partilhando a alegria e as promessas de nosso grupo, à frente de Jesus e do tempo, tenho estado desejosa de contar ao seu coração que li, há alguns dias, breves páginas do pretérito que nos diz respeito na zona espiritual, em que as raízes do passado protegem folhagens novas no solo do presente.

E vi, Naldinho, para não dizer que me reví, numa casa feudal, na Lorena do décimo primeiro século, uma casa cheia de beleza e poder, onde passamos, de corações menos ligados ao Cristo que pretendíamos procurar e defender. As guerras sucessivas e a mão implacável dos séculos destruíram o quadro, talaram os campos e modificaram a paisagem, mas o romance das almas é divino e imperecível e, segundo reconhecemos, nada se perde na economia da eternidade a que o Senhor destinou a alma, a vida.

Nesse castelo forte, justamente na fase ligeira que me foi permitido reexaminar, dominava Luiz de Bouillon, do círculo consangüíneo do famoso Godofredo, em cujas mãos repousaram as rédeas da primeira Cruzada. Luís desposara

Cecile e viviam relativamente felizes ao lado de uma filha abençoada (Gisela) que lhes transformava as penas em flores, acompanhados de servos numerosos, dentre os quais se destacava jovem eslava de nome Catarina. A luta na Ásia, toda de aventuras incontáveis, requisitou igualmente o castelão, que foi compelido a tomar posição junto de um seu irmão mais novo, de nome Carlos, que casara, no centro da França, aliando-se à família estranha aos seus. Viviam separados, porém mantinham os mesmos laços de carinho espiritual que os associavam desde a infância, quando os imperativos da educação os distanciaram um do outro. Juntos na guerra, serviram valorosamente a Godofredo, que se cobriu de glórias na Palestina, e voltaram aos seus domínios com íntima e acentuada renovação dos laços afetivos. Assim é que Luís reclama a visita de Carlos, a visita pessoal às suas propriedades situadas não longe de Nancy, para onde o irmão se dirige em companhia de Clara, a mulher que desposara. Na comunhão carinhosa da família, eis porém que o esposo de Cecile se sente atraído para a cunhada através de fios magnéticos que lhe parecem irresistíveis. Suas noites passaram a se povoar de angústia e não oculta o seu sentimento aos mais íntimos. Assim é que Catarina lhe percebe os intentos e, sentindo-se senhora do coração dele, cuja ternura partilhava no tálamo doméstico, sofria com dificuldade os ciúmes a lhe vicejarem no coração, como espinhos de fogo. E Luís que, a sentir-lhe, consegue sopitar as aflições da própria alma, induzido por hábil conselheiro – um sacerdote menos escrupuloso – permite que o irmão, em passeio no campo, seja surpreendido por um desastre de carruagem, intencionalmente preparado para subtrair-lhe a existência. Uma estrada obstruída com inteligência, uma disparada de cavalos e um trilho para o despenhadeiro completam a escura trama; entretanto, depois de sua morte, Catarina teme a presença de Clara e lhe propicia sutilmente uma taça envenenada, com a qual põe término à sua vida no corpo.

Luis de Bouillon, desesperado, não suporta o que considera um ultraje com que lhe fere o destino com implacável sentença, e Cecile, amargurada, não consegue sobreviver por muito tempo. Sozinho, Luis de Bouillon espera o casamento da filha única e não se demora no corpo carnal.

Em pleno Espaço, reúne-se vasta assembléia e a luta continua...

Temos, sem dúvida, muitas páginas do pretérito a reler, mas essa diz respeito aos dias de agora, de maneira muito especial. Na Cruzada, a pretexto de defender o Senhor, envenenamos muitas almas e corpos e hoje trabalhamos para socorrer enfermos, ignorantes e desesperados...

E se hoje, Naldinho, escrevo a você algo sobre o assunto, é para que vocês não tenham dificuldade em identificar os poucos personagens a que me referi, se amem com a beleza profunda dos sentimentos que buscamos, baseados na fraternidade perfeita, no caminho puro, na confiança plena. Temos vários problemas a solucionar, mas o maior de todos é o Amor, o Amor em cujo clima bendito precisamos respirar e viver. Mãos na caridade enos corações e ao coração Alto para que possamos encontrar a vida eterna.

Mais tarde escreverei novamente.

Meu afeto ao Carlos, Dorothy, Lucilla, Cleone e a todos os que se encontram mencionados em nossa história, sem me esquecer do Chico, a quem peço continue velando por nós com o afeto das Mães cuja ternura é o orvalho bendito, alentando-nos para viver, lutar e redimir.

Receba, Naldinho, já que não posso estender-me por mais tempo, os meus votos de confiança no trabalho incessante de Jesus, em cujo desdobramento não devemos descansar, e guarde no coração beijo de sua

Meimei.”¹⁰⁴

Recebemos, estuporados, a narrativa com tanta informação, perquirindo Arnaldo sobre os detalhes dessa história.

– Na época foi necessário restringir o detalhamento para não trazer desconforto a alguns amigos que não estavam preparados para conhecer o próprio passado. Wallace limitou-se a registrar no livro *Meimei* – apenas as cartas citadas, apesar de conhecer os detalhes revelados aos amigos em Pedro Leopoldo.

É interessante o encaminhamento dos acontecimentos pois, à medida que vamos recordando, alguns detalhes vão sendo apresentados ao meu consciente em uma velocidade assustadora. Por exemplo: vejo, de uma forma muito clara, uma cena em que

¹⁰⁴ RODRIGUES, Wallace Leal. V. *Meimei – Vida e Mensagem*. Matão: Casa Editora O Clarim. 3a edição, pág. 94 a 98.

estávamos Chico e eu, na casa de André. A princípio um acontecimento sem maiores proporções, mas na atualidade dos meus 80 janeiros passa a ter muita significação. Depois de conversarmos sobre diversos assuntos, nossa *Alma Querida* convidou-me a orar enquanto iria buscar lápis e papel. Achei um pouco estranho devido ao fato de não ser dia de atividades mediúnicas.

Depois de um instante de prece e concentração, ao som de uma melodia suave, Chico iniciou um texto que logo percebi ser dele mesmo, sem interferência direta dos espíritos, pois, além de conhecer sua caligrafia, percebi a ausência do transe sonambúlico. Então aguardei o escoar do tempo que durou mais ou menos 3 quartos de hora. Terminada a escrita, Chico volta-se para mim e explica o acontecido nos seguintes termos: “*Naldinho passaram em minha mente muitas cenas estranhas, que, de alguma forma, sabia serem revelações de um tempo distante. Era como se fosse um filme, em uma dimensão desconhecida. Analisando a experiência, recebi a permissão de Emmanuel, para transportá-la para o papel*”.

Analisar os fenômenos anímicos de Chico sempre suscitou profundas reflexões. Quando ele resolvia explicar as suas experiências, fazia-o com tanta simplicidade que nos levava às lágrimas. É importante ressaltar que o mediano tinha um jeito todo especial para se entregar às emoções, abrindo naturalmente o inconsciente para que sua mente perpassasse as veredas do passado distante.

Enfim, esse mecanismo, que tentamos humildemente explicar, na verdade é que nos auxiliou a compreender os detalhes contidos na carta (anteriormente citada) que expressa, nas entrelinhas, as enormes dificuldades que temos na vida atual, e as vinculações que enovelamos através do tempo.

– Arnaldo, você pode situar alguns personagens dessa história na atualidade, para facilitar nosso entendimento?

– Perfeitamente. Godofredo de Bouillon, o Cruzado, foi nosso dileto amigo Rômulo Joviano.¹⁰⁵ No

¹⁰⁵ Godofredo de Bouillon: já citado no Capítulo X.

meu caso específico, os passos de Luís de Bouillon deixaram rastros de sombra por onde trilharam. Nossa doce Meimei, por sua vez, sofreu na personalidade de Cecile os dissabores do marido infiel. Carlos cruelmente assassinado, nessa história, na atual encarnação foi meu irmão de sangue. Catarina, amante de Luís de Bouillon, em futura encarnação foi a Catarina II – rainha da Rússia, que repetindo erros passados, passou a ter muitos amantes, sendo um deles o próprio Luís de Bouillon, no século XVIII. Nessa futura encarnação, no século XVIII, Luiz teve o nome Gregório Ivanovitch Potemkin¹⁰⁶, este que é um mísero narrador. Por fim, Clara, a esposa de Carlos, cobiçada por Luiz de Bouillon, **a alma cândida de mãe** que se refere Meimei no final da carta, **Chico Xavier**. (grifos nosso)

Nesse instante da narrativa, percebemos as lágrimas iniciarem um discreto percurso sobre a face do ancião, que expressa em seus fartos bigodes e cabeleira esbranquiçada, a dor da ausência da sua ex-consorte.

– Arnaldo, você gostaria de falar um pouco mais sobre a personalidade de Meimei, principalmente para o leitor que não a conheceu?

– Apesar do pouco tempo de casados, respondeu solícito, Meimei e eu fomos muito felizes. Ela era uma pessoa muito especial. Fomos o casal mais apaixonado da história (risos). Ela tinha muito ciúme do seu “cigano”. Hoje compreendo mais esse sentimento pela própria significação da palavra cuidado. Ela adocicava os momentos mais difíceis e alegrava ainda mais os instantes de ventura. Era uma mulher muito simples, com uma grande capacidade mnemônica, carismática, carinhosa, prestativa, companheira, e bondosa por excelência. Para vocês terem uma idéia, na saída da cerimônia de nosso casamento, deparando-se com um mendigo que se arrastava na porta da Igreja São José, em Belo Horizonte, inclinou-se, beijou-lhe a testa e deu-lhe o seu buquê de

¹⁰⁶ Ao final deste capítulo uma pequena biografia sobre o militar russo.

noiva. Seus olhos ficaram marejados de lágrimas. Sua expressão física encantava os conceitos da beleza. Alta, 1,70m, cabelos pretos, lindos, sedosos, ondulados e compridos, abaixo dos ombros; olhos grandes e negros; expressivos, inteligentes; enfim era uma beleza incomum. Éramos amigos e dessa amizade um dia criamos coragem e fizemos juras de eterno amor. Nosso amor teve início nos tempos da Rainha Semíramis por volta do século VIII a.C. Um general do império Assírio e Babilônico, de nome Beb Alib, ficou conhecendo Mabi em um momento inusitado.¹⁰⁷ Ela era uma bela princesa que, passeando por uma floresta, se depara com um gigantesco e faminto leão, que passa a persegui-la, até que surge, do “nada”, um cavaleiro dos sonhos principescos. Este herói se utiliza de sua força e de sua experiência guerreira para conter a fúria do animal selvagem, salvando a mulher que veio a ser a musa inspiradora da sua trajetória espiritual.

– Esta história, perguntei ansioso, foi contada por quem?

– Meimei era católica, e eu, como já afirmei, ateu e materialista. Minha amada tinha a mediunidade clarividente. Diga-se de passagem, o assunto era totalmente desconhecido por nós. Ela conversava com os espíritos e lembrava cenas do passado. Eu julgava em silêncio que ela tinha alguma disfunção psíquica. Era comum ver Meimei, por exemplo, lendo um livro e de repente ficar com o olhar perdido no tempo; nesses instantes, eu olhava de soslaio e pensava “*está delirando*”. Algumas vezes ela afirmava: “*Naldinho vejo cenas e nós estamos dentro delas, aconteceu em determinada época na cidade...*”. Como eu não sabia lidar com esses assuntos, cortava o diálogo afirmando: deixa isso para o lado, pois quem morre deixa de existir. No caso da sua pergunta, foi Meimei quem descreveu a história, mas o futuro reservaria outra surpresa.

¹⁰⁷ História narrada no capítulo X.

Muito tempo depois, ocorreu um fato curioso que comprovou a narrativa de Meimei. Nosso amigo, Dr Camilo Chaves, quando estava escrevendo o livro *Semíramis*, vez por outra repassava alguns textos para minha análise. Lendo uma página do escritor amigo veio a agradável surpresa. O autor descreveu o mesmo encontro do general Beb Alib com Mabi, princesa loura da Média. Passada a surpresa, olhei para ele e disse: “*Desculpe, mas eu conheço essa história*”. Ele então afirmou: “*como, meu filho, se ninguém ainda leu o texto?*”. Respondi em seguida: “*Foi Meimei, quando encarnada, que me contou essa história, com a mesma riqueza de detalhes aqui apresentados*”. Levamos o assunto para Chico que, após analisar, olhou para nós e disse: “*o fato descrito é real. Um dia vocês compreenderão o porquê das coincidências*”.

Essas reminiscências de Meimei eram tão comuns que esse fato citado, quanto ao livro *Semíramis*, aconteceu também com referência ao livro *Ave, Cristo!*, relativo à personagem de Blandina. Chico me passou um determinado capítulo. À medida em que lia, as lágrimas escorriam aos borbulhões. Em seguida disse para Chico: “*já conheço esse trecho!*” Chico arrematou: “*Meimei lhe contou, né?*”.

– Fale mais sobre o papel de Chico intermediando os apaixonados da Terra e do Céu.

– Foi em Chico Xavier que viemos a nos reencontrar e o túmulo deixou de ser inviolável para o nosso amor.

Todas as manifestações de Meimei além de oferecer o consolo ao jovem incauto e materialista, incentivaram o meu respeito e a minha admiração à Doutrina Espírita pelas evidências do sobrenatural.

Certa feita, Chico, conversando com Clóvis Tavares, disse: “*Meimei tem auxiliado muito na trajetória evolutiva de Arnaldo, com um carinho inestimável*”. Esta frase me fez pensar sobre diversos aspectos do nosso casamento que, até então, a minha ignorância não permitia valorizar. Por exemplo, nos momentos de ternura entre o casal apaixonado, Meimei chamava-me: “*Sr. Duque*”, e pedia que lhe chamasse: “*minha Pilarzinha*”. Achando curioso o pedido

perguntei o motivo, e recebi a resposta que julguei ser mais uma fantasia: “*Naldinho, esse era o modo de tratamento de um casal que viveu na Espanha no século XVI. O esposo chamava Duque de Alba, e a sua esposa Maria Henriquez*”. Embevecido com a mente criativa na arte de teatralizar, da querida esposa, entrei na brincadeira deixando de lado as excessivas perquirições.

Mais tarde, em uma reunião de intercâmbio, foi atendido um espírito muito revoltado, que permanecia preso aos desmandos do poder de Felipe II e de seu braço direito, Fernando Álvares de Toledo – 3º Duque de Alba (1508-1582). Terminado o atendimento, o Espírito de José Xavier, irmão de Chico, veio descortinar os meandros de nosso triste passado. Depois de tecer uma breve palestra sobre a época, apontou a necessidade de nossa transformação moral, para que nossas atividades fossem coroadas de êxito. Então passamos a cobrir com mais amor a multidão de débitos contraídos na Contabilidade divina.

Nessa época, todas as revelações suscitavam, em nós, o espírito de pesquisa; com isso, viemos a descobrir as aventuras do “famoso” duque e, confesso, não foram nada agradáveis. Além de ser um déspota, vivia muitas ilusões fora do lar. Por isso, adquiriu graves responsabilidades com os corações afins que com ele se vincularam.

Você pode perguntar: por quê? A resposta é simples. Os Espíritos nos ensinam que toda ação é resultante da legítima manifestação do sentimento e do pensamento, repercutindo no universo de alguma forma. As mentes que procuram sintonizar com essas frequências criam afinidades, que ao longo do tempo trazem as respectivas repercussões. Se o indivíduo abandona seus compromissos para enveredar nos caminhos ilusórios, atrai os que com ele sintonizam criando vínculos, desejáveis ou não, que vão requerer, ao longo da caminhada, ajustes no concerto da harmonia e do legítimo amor.

Fernando Álvares de Toledo buscou, pela sua mente desarmonizada, aventuras fora do lar, e encontrou em outros corações campo de repasto para viver sórdidas ilusões.

Em uma dessas relações frutificou um rebento do qual sua esposa, Maria Henriquez, não demorou em ser informada. Limitar-nos-emos em dizer que a revolta não tardou em macerar o coração da mulher traída. Com isso, o ciúme pela traição foi endereçado, principalmente, ao filho bastardo, o que, em conseqüência, trouxe muitas dores ao coração da duquesa.

Muitos anos se passaram antes de Chico me dizer que Meimei se comprometera muito com as crianças devido a sua intolerância para com os filhos das aventuras do seu amado Duque. E esse um dos motivos pelos quais ela vem se dedicando com tanto amor à evangelização dos rebentos de outras mães.

– Arnaldo – interrompi, para organizar as idéias; apesar dos erros do Duque e de sua amante, a vida concedeu a eles um filho; como analisar, por exemplo, a chegada desse espírito?

– Os *Amigos para Sempre* discutiram o assunto e obtivemos uma bela explanação de Chico.

Não há endosso para os nossos erros com o semelhante. Por isso, Jesus nos ensina amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos.

A conseqüência da traição foi danosa na intimidade da esposa. Mas o ato em si não justifica a reação de Maria Henriquez, que poderia ter endireitado as veredas do sentimento, não se comprometendo com a traidora e muito menos com a criança que, em qualquer condição, necessita de arrimo e amor.

O Duque, que necessitava controlar o espírito aventureiro, permitiu-se embriagar com o vinho da ilusão, e por isto bebeu a duras penas o cálice do sofrimento.

Não entraremos na história da amante pela necessidade do silêncio, mas no que concerne ao filho bastardo, foi encaminhado pelos Benfeitores Espirituais para os necessários reajustes com o seu pai. O Duque no século III, na Gália, fez que essa criança sofresse bastante. O filho tinha o nome de Alésio e era mordomo da casa de seu patrão, chamado Taciano. Essa narrativa está contida no livro de Emmanuel, *Ave, Cristo!* Se a memória permitir um dia conto com detalhes.

Fiquei muito feliz em saber, ao final da reunião de intercâmbio, que José Xavier, o irmão querido de Chico,

foi esse meu filho e na época tinha o nome de Fradique Álvares de Toledo.

Para finalizar, em meio a tantas turbulências, a Bondade de Deus abençoou a mansão dos Alba com a presença de Tereza de Ávila, como parteira de um filho do casal.

Respiramos, profundamente, pensando como seria a formatação desse capítulo, estando diante de tantas informações. Então percebemos o semblante emocionado do Amigo que ensaiava o término da narrativa.



José Xavier, irmão de Chico

– Meu filho, quantas saudades dos tempos de convívio com minha adorada Meimei! O passado aflorava tão naturalmente na mente dela que certa feita, ao passarmos em frente à Igreja São José, em Belo Horizonte, ela me convidou para entrar e fazermos uma prece. Meio a contragosto aceitei. À esquerda, na entrada principal, existe um altar onde se situa a imagem de Cristo carregando a cruz, na hora de sua queda. Meimei pediu-me que fôssemos orar aos pés da imagem. Ela, com toda a fé e recolhimento, em voz baixa, fez um Pai Nosso rogando ao Senhor que nos abençoasse e que eu não fosse nunca mais um homem fanático e cruel, que aprendesse a ser humilde e, quem sabe um dia, eu

pudesse compreendê-Lo e amá-Lo. Tal fato chocou-me profundamente na hora, mas nada lhe disse. Porém, através dos anos, isso sempre ficou latente em minha memória, até que um dia os Benfeitores Espirituais falaram dos meus compromissos do passado, por causa da história narrada, e fizeram-me entender o motivo de sua súplica.

Recordo-me, ainda, que no último dia de sua encarnação cheguei do trabalho e escutei dela uma manifestação de carinho que depois compreendi ter sido nossa despedida. Frases que abordavam o nosso passado espiritual e prenunciavam a sua recepção no inundo espiritual.

“Hoje, Sr. Duque, a Da. Pilarzinha (apelido carinhoso dado pelo seu marido) resolveu esperá-lo toda enfeitada e bonita; pela alba eu irei viajar. Irei visitar o nosso país. Vovozinha disse-me que, pela madrugada, virá buscar-me”. (grifos nossos)

– Foram as últimas palavras, finalizou o Amigo Arnaldo, que escutei de minha querida esposa. Fico reconfortado quando sinto a sua presença nos momentos difíceis da vida. Sinto brotar uma rosa que significa, no jardim do meu coração, a felicidade em saber que ela é amada e respeitada por sua ininterrupta dedicação às almas que, como eu, necessitam conhecer e amar Jesus.

Arnaldo concedeu o derradeiro olhar para o repórter e concluiu objetivamente.

– Até breve!

– Até sempre! expressei, pensando nas almas que se amam pela eternidade.



Fernando Álvares de
Toledo – Duque de Alba



Grigori Aleksandrovich Potemkin nasceu em 13 de setembro de 1739 e faleceu em 16 de outubro de 1791, na estepe ucraniana, próximo a Jassy para onde se dirigia a fim de conduzir negociações de paz, como um chefe russo plenipotenciário, para encerrar a segunda guerra Russo-Turca.

Potemkin nasceu na vila Chizhovo, próxima a Smolensk, filho de um oficial inferior do exército. Depois de estudar na Universidade de Moscou, ele se alistou na cavalaria de guarda. Participou do golpe que, em 1762, depôs Pedro III e coroou Catarina II, como Imperatriz da Rússia¹⁰⁸. Assim, Catarina II veio a conhecê-lo e, como precisava de auxiliares confiáveis, percebeu a energia de Potemkin e suas habilidades de organização. Ele recebeu o posto de segundo tenente da Guarda.

Tendo se distinguido na primeira guerra de Catarina contra o Império Otomano (1768-74), ele foi sagrado Conde (1774). Durante os próximos 17 anos, ele se tomou o homem mais poderoso da Rússia. Sua correspondência com a Imperatriz foi ininterrupta. Os mais importantes documentos de estado passavam por suas mãos.

Ele é principalmente lembrado por seus esforços para colonizar as estepes selvagens e despovoadas ao sul da Ucrânia, que se tornaram russas através do Tratado de Kuchuk-Kainarji (1774). Além disso, ele é reconhecido por ter reformado o exército, criado a Frota do Mar Negro, conquistado a Criméia em 1783, desenvolvido o sul da Rússia, criado o arsenal de “o Kherson em 1788 (a primeira base naval Russa no Mar Negro) e fundado muitas novas cidades. Entre essas estão Kherson, Nikolaev (Mykolayiv), Sevastopol e Yekaterinoslav (agora Dnipropetrovsk).

Por ter levado a cabo o projeto de anexar a Criméia à Rússia, em 1783, recebeu o título *Vossa Alteza Sereníssima Knyaz Tavrichesh*, ou príncipe de Tauride, antigo nome da Crimeia.



¹⁰⁸ <http://pt.wikipedia.org/wiki>

Catarina II a 21 de abril de 1729, em Stettin, Prússia. Falecida em 6 de novembro 1796, em Tsarkoie Selo, próximo a São Petersburgo) foi imperatriz¹⁰⁹ da Rússia de 1762 a 1796.



Irma de Castro Rocha – Meimei
Nasceu em 22/10/1922 Mateus Leme/MG,
Desencarnando em 01/10/1946 BH/MG

¹⁰⁹ Imperatriz:têm, também, o mesmo significado os títulos czarina, tzarina ou tsarina.

XVII

A Coroa da Vida

Qual seria, para a sociedade, o resultado do relaxamento dos laços de família?
“Uma recrudescência do egoísmo”.¹¹⁰

*“Bem-aventurado o homem que suporta aprovação; porque, depois de provado, receberá a coroa da vida, que o Senhor prometeu aos que o amam”.*¹¹¹

¹¹⁰ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, pergunta 775.

¹¹¹ TIAGO. In: Tiago 1:12.

Gentilmente convidada, a União Espírita Mineira se fez presente na segunda “Semana Espírita Chico Xavier”, organizada pela Aliança Municipal Espírita de Pedro Leopoldo. Esse encontro objetivou oferecer um preito de amor e gratidão ao lúdimo representante da Doutrina Espírita, ao “Mineiro do Século” e ilustre filho da cidade, Francisco Cândido Xavier.

Dentre os integrantes da comitiva, que representou a União Espírita Mineira no encontro, destaca-se a presença de sua Diretoria e a figura singular de seu membro e conselheiro Arnaldo Rocha, o amigo íntimo de Chico Xavier que, com sua presença, tornou a visita à saudosa Pedro Leopoldo algo inesquecível. Bastou o reencontro fraternal com velhos amigos para que o passado aflorasse na memória de Arnaldo, fato que nos proporcionou o ensejo de registrar estes singelos momentos em mais um capítulo de nossos *Diálogos e Recordações*.

– Arnaldo, como é a emoção de retornar a Pedro Leopoldo, berço da simplicidade da família de Chico Xavier? – perguntei, iniciando nossa conversa.

– Meu filho, a emoção é muito grande – respondeu saudoso. A primeira vez que vim a Pedro Leopoldo foi a convite do próprio Chico. Recordo-me, como se fosse hoje, que era um fim-de-tarde de outono quando descemos na estação de trem. O pôr-do-sol estava belíssimo: céu azul, muito claro e com as nuvens pintadas de rosa pelos raios dourados do sol poente. Envolvido por aquele espetáculo da natureza, voltei-me para nossa *Alma Querida* e lhe disse que as nuvens, para mim, pareciam estar formando uma coroa. Em seguida, olhei para o Chico que, enquanto observava aquele cenário majestoso, completou o meu pensamento com uma pequena frase que só mais tarde pude compreender: “*É a coroa da vida*”.

Mais tarde, quando chegamos à casa de Luiza, irmã de Chico, fiquei impressionado com a recepção carinhosa e fraterna de seus familiares, especialmente naquele dia. Suas irmãs Dora, Cidália e Lucília estavam eufóricas. Tomamos leite queimado na panela, onde fora feito, anteriormente, o famoso angu da família. Comemos ainda bolo de fubá e pão de queijo, comidas típicas de

Minas Gerais. À noite, quando fomos passear pelas ruas da cidade, Chico confidenciou-me uma passagem que me surpreendeu: “Naldinho, não repare não. Essa alegria contagiante é fruto de um passado distante. Pelo menos em duas ocasiões, você foi pai de minhas atuais irmãs. Os Benfeitores Espirituais se reportam aos séculos XVI e XIX, em um país peninsular. E a Coroa da Vida, meu filho, que nos reúne sempre sob o império do amor”.

– Arnaldo, no momento em que você chegou ao *Luiz Gonzaga*, pude perceber algumas lágrimas furtivas a lhe escorrerem pela face, com certeza fruto das suas lembranças dos tempos vividos aqui. Você poderia contar-nos mais alguma dessas histórias?

– As construções e as pessoas daqui despertam reminiscências de muito valor para o meu pequeno coração. Olhar o *Centro Espírita Luiz Gonzaga* me fez recordar, a princípio, dois diletos amigos: Rômulo Joviano, antigo diretor da Fazenda Modelo, portanto chefe de Francisco Cândido Xavier, e de Lindolfo Ferreira, cunhado de Chico. Num determinado dia, quando estávamos construindo a nova sede, o Chico e eu presenciamos uma acalorada discussão entre esses dois confrades. Quando eles perceberam a presença de Chico, ficaram envergonhados e cessaram o embate. Naquele instante, Chico lhes disse fraternalmente: “*A discussão não é para destruir. Pelo contrário, deverá ser para construir o templo da fé*”. Posteriormente, Chico me confidenciou: “*Eles estão revivendo os tristes momentos da invasão de Tito em Jerusalém, quando os soldados romanos destruíram o grande templo dos judeus. O Rômulo, nesse episódio, era o senador Pompílio Crasso, amigo de Públio Lentulus; já o Lindolfo envergava a personalidade do judeu André de Gioras. Essa história – completou Chico – foi narrada por nosso querido Emmanuel no livro Há Dois Mil Anos*”.

Na época da construção dessa casa abençoada, vivíamos instantes marcantes no Grupo Meimei. Época das inesquecíveis reuniões de materializações luminosas, com o médium Peixotinho, nas quais conversamos com os espíritos Scheilla e Joseph Gleber. Vislumbramos, também, o Espírito José Grosso sair da parede e

responder a uma pergunta inesquecível: “*José Grosso, como foi isso?*”. “Sei lá – respondeu ele –. *Emmanuel mandou e eu fiz*” (risos de todos os presentes).

Já nas reuniões de materialização, realizadas na casa de André, irmão de Chico, este nosso amigo era o médium doador.

Não posso deixar de mencionar as materializações de Nina Ameira, de Meimei, de minha mãe, e a fantástica materialização de Emmanuel, de cujo episódio, aliás, gosto de citar um aspecto científico da manifestação espiritual: como todo mundo sabe, o Chico era um homem baixo, mas, no momento do transe, uma luz começou a projetar um vulto luminoso de um homem de mais ou menos uns um metro e oitenta centímetros de altura, de compleição atlética, bonito, com voz enérgica e doce ao mesmo tempo, a portar uma tocha incandescente na mão. Era Emmanuel. Porém, foi nesse mesmo dia que o Senador proibiu essa categoria de fenômeno, pois, segundo ele nos informou, o compromisso do médium (Chico) era materializar o livro. Você não imagina como Chico ficava desgastado depois dessas sessões! Sua roupa ficava ensopada e sua fisionomia apresentava uma palidez cadavérica. Cheguei a ombrear os passos de Chico até sua casa, tamanho o seu cansaço.

Aproveitando os aspectos nostálgicos da conversa, continuamos com as perguntas:

– Arnaldo Rocha, qual era a postura do médium depois de tais acontecimentos, realizados através de sua mediunidade evangelizada?

– O que mais impressionava em Chico não era propriamente o fenômeno, rico em qualidade e autenticidade científica, mas a sua simplicidade e naturalidade no trato com o mundo espiritual.

Citarei uma situação muito especial, vivida pela família de Chico e da qual eu fui testemunha: o desencarne de sua irmã Neuza. Um mês antes dela partir, Chico reuniu os irmãos e narrou seu encontro, no plano espiritual, com Maria João de Deus, sua mãe, e Dona Cidália, sua madrasta. Elas afirmaram que alguém da família iria desencarnar. Foi um espanto geral, pois ninguém estava doente. Após alguns dias, quando a

família já havia se esquecido daquela conversa, Chico pediu às irmãs que convidassem Neuza para um passeio a Pedro Leopoldo. Naquela época, ela morava na cidade de Sete Lagoas, mas, mesmo assim, atendeu ao convite recebido. Qual não foi a surpresa dos irmãos quando, uma semana depois de sua chegada, Neuza adoece. Muitas foram as dificuldades nas semanas posteriores, que perduraram até à noite que antecedeu o desencarne. Chico reuniu-nos – Lucília e seu marido Pacheco, e eu – em torno da cama de Neuza para lhe aplicarmos o passe magnético. Apagamos a luz e iniciamos a prece. Logo em seguida, comecei a sentir alguma coisa suave e úmida caindo sobre meus braços. Achei estranho, mas continuei em prece e no passe. Quando terminamos, acendemos a luz e o susto foi enorme, pois todo o quarto estava repleto de pétalas de rosas de variadas cores. O mais interessante é que todas as pétalas estavam envolvidas pelo orvalho da noite. Lembro-me, ainda, de Neuza dizendo, com lágrimas nos olhos: *“Eu vi as flores caindo da luz centrada no teto”*. Todos nós procuramos Chico em busca de explicações e ele, como sempre fazia, esquivou-se, dizendo: *“Agradeçamos o amor de Deus, pois não merecemos tantos presentes”*. Na manhã seguinte, nossa companheira partiu para o reino “das rosas” nos céus. Não me esquecerei jamais de partilhar das lágrimas do Chico, narrando para mim como foi o despreendimento da sua irmã e da presença das inesquecíveis mães espirituais.

Sabe, o que eu posso salientar, depois de tantos anos de reflexão, é que a alma cândida de Chico sempre esteve acima do médium Francisco Cândido Xavier, fiel instrumento dos Espíritos. Ele foi uma mãe para suas irmãs, na falta de Cidália Batista. Era confidente, orientador e colo nos momentos de aflição. Foi o filho da ternura de seu pai. Mas esteve presente, também, na alegria em família. Amigo dos homens e irmão dos que sofrem. Este foi, e sempre será, o amigo que modificou o meu errante coração.

Depois da conversa em frente ao Centro Espírita Luiz Gonzaga, adentramos a residência de Lucília, irmã de Chico – filha do segundo casamento do senhor João Cândido Xavier e de Dona Cidália Batista. E confessamos ao leitor, naquele momento, sentimo-nos comovidos quase às lágrimas, mesmo sem saber precisar o porquê e, também, por nos sentirmos indignos do cometimento. Contudo, era uma oportunidade ímpar de sentir a intimidade da família do Chico e, controlando as emoções, prosseguimos.

Após os cumprimentos, Arnaldo foi adentrando a singela casa de Lucília, pondo-se a apontar objetos e dependências da casa como se estivéssemos entrando em sua própria residência.

– Meu filho, foi aqui que encontrei minha felicidade. Era ateu e materialista, no entanto, ao conviver com esse povo, aprendi os caminhos da simplicidade e da alegria, bem como o valor da oração!

A solícita e agradável dona da casa alfinetou Arnaldo:

– Arnaldo, como nós fomos felizes, não é? Você nos fazia sorrir com suas brincadeiras fraternas e, com seu olhar de rapaz da cidade, encantava qualquer uma por aqui.

Gostasas gargalhadas nos acompanharam até o instante em que Lucília nos acomodou em sua cozinha, para o preparo do conhecido café da tarde. Lá divisamos uma placa pregada na parede, amarelada pelo tempo, e com os seguintes dizeres: “Aqui é proibido falar mal do próximo na minha frente”.

A alegre irmã de Chico, então, relatou-nos a enorme quantidade de pessoas que já tomaram café com ela naquela cozinha. A maioria buscava o mesmo que estávamos recebendo naquele instante: a alegria de conhecer a simplicidade de Chico. Lucília nos contou um episódio muito pitoresco sobre a mediunidade de seu irmão. Disse ela que, em certa ocasião, comentava com Dália, sua irmã, sobre as lutas da vida e a falta de tempo para cuidar dos afazeres domésticos, uma vez que elas trabalhavam na fábrica de tecelagem de Pedro Leopoldo. Sendo assim, propuseram-se a conversar com Chico sobre a possibilidade de contratarem uma

empregada para cuidar da casa. Mais tarde, quando Chico chegou do trabalho da Fazenda Modelo e depois de repassarem os casos do dia, o irmão voltou-se para elas e, carinhosamente, afirmou: *“Nós, que somos empregados, não devemos ter serviços. Cada um, em sua casa, deve cuidar dos seus afazeres de forma a manter a limpeza, o cuidado com as nossas coisas, o carinho com as nossas plantas e o amor entre nós”*. Naquele momento elas deram razão para o Chico, mas, foi só ele se retirar para os seus aposentos, para que Dália soltasse uma frase, típica das brincadeiras pessoais entre as duas, e da qual ela jamais se esqueceria: *“Tá certo, eu concordo com Chico, mas tem outra coisa: esses espíritos que andam com ele são todos uns fofoqueiros! Eles também deveriam cuidar dos seus afazeres domésticos, em vez de ficarem bisbilhotando a conversa dos outros”*.

Todos rimos gostosamente.

A partir daquele instante, Arnaldo e Lucília começaram a adentrar na intimidade de Chico com tanto carinho e gratidão que tivemos a certeza de podermos ficar conversando por muito tempo ainda. Como afirmava Chico: *“Falar do espírito, o papo é eterno”*.



Comitiva de amigos em visita a Pedro Leopoldo: da direita para esquerda Haroldo Dutra, Arnaldo Rocha, Mareei S Maior, Wagner Gomes e o autor.

Continuamos, então, a registrar a calorosa conversa entre essas duas almas ligadas a Chico:

– Arnaldo, falou Lucília, Chico foi como uma mãe para nós. Conversávamos com ele sobre tudo: desde o trabalho na fábrica até sobre nossos namoros. Era ele quem nos orientava sobre questões do período menstrual, aplicando-nos passes nos dias de eólicas, além de ser muito firme no processo educacional.

Arnaldo, empolgado pelas reminiscências, falou dos saraus, dos passeios na praça, das sessões de cinema e das reuniões no Luiz Gonzaga.

– Lucília, você se lembra do Chico tocando violão e cantando serenatas?

– Como poderia esquecer? – respondeu sorridente – Nossa casa era uma festa.

Arnaldo explicou que, em sua última existência, o Chico foi exímio violonista. E que, apesar de não ter podido exercitar tais faculdades na atual encarnação, ele teve todas as suas habilidades afloradas, incluindo a percepção musical, em decorrência de seu psiquismo ser mais dilatado devido ao trabalho mediúnico.



Da direita para esquerda: as irmãs de Chico: Lucília, Cidália; Arnaldo Rocha e Maryrose, filha de Cidália.

Mais tarde, ainda em companhia de Lucília, fomos à residência de Dália, para que essas almas se reencontrassem e, assim, pudessem trocar outras belas experiências. Assim sendo, pudemos escutar daqueles corações frases saudosas, que se perdiam por entre os quadros do irmão mais velho, na antiga parede, e pela sua partida que deixou em todos um grande vazio. Em um dos intervalos da conversa, Dália, também muito alegre, mostrou-nos um retrato de Chico de costas, e lembrou uma brincadeira do irmão: *“Dália, receba essa foto como um presente daquele que sabe que você o ama. Peço que toda vez que olhares para ela, você envie as energias do bem para o seu irmão distante. Não podemos minha filha, é virar as costas para o mal”*.

No caminho de volta, perguntamos ao nosso amigo dos diálogos e recordações:

– Arnaldo, na sala da casa de Dália havia um retrato de uma espanhola, assinado pela pintora Aida Fassanelo Guimarães. De quem é a fotografia?

– Lembrei-me agora – discorreu prestimoso – de uma experiência inicialmente muito simples, mas que, com o tempo, mostrou-se de grande importância para a vivenciação evangélica no cotidiano de nossas vidas. Essa lembrança irá responder a sua indagação.

Por volta de 1950, estávamos Chico e eu, em sua casa, organizando um material psicografado em nossas reuniões, quando fomos brindados com uma visita inesperada. Era nossa companheira Aida Fassanelo Guimarães, que morava, na época, na cidade do Rio de Janeiro e que buscava o auxílio de Chico em função de problemas de saúde de seu marido.

Chico tinha um jeito todo especial de solicitar para nós compreensão para seus diálogos íntimos com todos aqueles que necessitavam de sua palavra orientadora e amiga. Assim, os dois se retiraram para um quarto no interior da casa e por lá permaneceram por longo tempo.

Logo que a porta foi fechada, recordei-me de outra pessoa muito querida, Dona Eny Fassanello¹¹², mãe de Aida, guardada em minha memória principalmente por

¹¹² Vide Capítulo XVI.

ter sido a médium que me acolheu no momento mais difícil de minha vida, conforme narrado anteriormente.

Como se despertasse de uma doce lembrança, Arnaldo retomou o relato sobre Aida Fassanelo, do ponto em que havia parado:

– A visitante saiu do quarto com os olhos marejados de lágrimas. Após uma rápida despedida, Chico olhou vagamente para o material em estudo (as mensagens psicografadas) e, com a discrição habitual, disse: “*Ela é uma companheira muito antiga*”.

Meses se passaram e a Senhora Aida Fassanello voltou à casa de Chico, levando um presente para *Alma Querida*. Tratava-se de um quadro pintado a óleo, muito bonito, que retratava uma cena no mínimo curiosa, de três espanholas com roupas do século XIX. Sentada sobre uma mesa, a primeira tocava uma guitarra, enquanto as outras duas dançavam com suas castanholas.

Chico, muito emocionado com o presente, confidenciou-me: “*Ela conseguiu registrar, na tela do quadro, o que captou da história que lhe descrevi, sobre nossa amizade anteriormente vivida. Éramos três grandes amigas, (Chico revela que a outra personagem se chamava Maria Yolanda – referindo-se a Dona Neném), e vivemos na cidade de Barcelona no século XIX. Meu nome era Dolores del Sarte Hurquesa Hernandez.*”

Caro amigo – reticenciou o narrador –, muitas vezes encontrei Chico chorando diante dessa tela. Sempre respeitava sua intimidade, limitando-me, apenas, à admiração, no meu silêncio de amigo, porque *Alma Querida* se eximia, com maestria, dos assuntos impertinentes.

Certa vez, numa tarde muito bonita, Chico confidenciou-me espontaneamente alguns detalhes da história que muito sensibilizava o seu coração. Essa personagem – nesse instante Chico se referia à espanhola tocando violão – sofria muito, até que veio a conhecer um viticultor (vinhateiro) e com ele se casou. O nome de seu consorte era Pablo Hernandez, espírito que vem caminhando ao seu lado por muitas encarnações. Certo dia, toda a sua fazenda pegou fogo e eles tiveram que

reiniciar suas vidas para, depois de muita luta, conseguirem vencer. Pablo, este mísero que vos fala, se tornou um grande exportador de vinho na Espanha.

Meu filho – ressaltou de maneira significativa –, a história não pára por aí. Para minha surpresa, algum tempo depois, folheando o Almanaque Bertrand – não me recordo o fascículo – encontrei uma matéria sobre um famoso pintor espanhol do século XIX, na qual havia um retrato miniaturizado de um quadro que havia sido pintado por ele, no século XIX. Adivinha qual era a cena? A mesma cena registrada pela clarividência de Chico – recordação do passado – assimilada, através da ideoplastia que Chico plasmou no ambiente, por Aida Fassanello, e que agora era comprovada por esse mísero companheiro que reedita o passado nesta narrativa (sorrisos).

Sentindo que nossa conversa se aproximava do fim, perguntamos ao Arnaldo:

– Qual foi a reação de Chico quando você lhe mostrou o tal almanaque?

– Inicialmente – exclamou jubiloso – deu um belo sorriso para, em seguida, soltar um belo trocadilho: “Enquanto elas (as três amigas) cantavam e dançavam para a vida, hoje eu tento tocar a minha, seja lá como Deus quer!”

Depois de um longo silêncio, ainda ousamos formular uma última pergunta:

– Arnaldo, então Chico é um espírito feminino, se podemos assim nos expressar?

– Meu filho, busquemos a Codificação Espírita para nos auxiliar nas digressões.

Que Chico Xavier nos apresentou, nessa sua última reencarnação, um perfil feminino em essencialidade, não restam dúvidas. O que fica para nós é o desejo real de apreender com a Doutrina Espírita sobre o trâmite do espírito em suas polaridades sexuais. Tal compreensão é imprescindível para que não nos percamos em conjecturas que poderão nos fixar apenas na forma, esquecendo o conteúdo apresentado, não só através dessas despreziosas recordações mas, acima de tudo, na exuberância espiritual desse espírito

que entrou na galeria dos Espíritos de escol.

Nas questões 200 a 202 de *O Livro dos Espíritos*, bem como na página 141 de *Evolução em Dois Mundos*, ditado por André Luiz, além da página 9 do livro *Vida e Sexo*, ditado por nosso Senador (Emmanuel), encontramos esclarecimentos de muita transcendência para essas oportunas indagações.¹¹³

Nos nossos “*diálogos e recordações*”, Chico sempre confidenciava as dificuldades de sua presente roupagem; por isso, percebíamos que ele ficava muito à vontade na convivência com as nossas amigas da época, como Maria Alluoto já citada anteriormente.

Em uma das primeiras reuniões no Grupo Meimei, percebi a presença de uma entidade com trajes de monarca. No silêncio da reunião olhei para Chico que me orientou a continuar em silêncio, arrimado na prece. Passados alguns minutos, esse companheiro, um rei muito conhecido, manifestou-se pela psicofonia de Chico esbravejando um discurso desagradável, carregado de muito ódio, dizendo mais ou menos assim: “*Estou há séculos atrás dessa mulher*” – citando o próprio Chico – “*para lhe cobrar débitos contraídos comigo e veja o que vocês fizeram com ela; internaram-na nesse mísero corpo de homem. Vocês são magos e por acaso querem enganar-me?*” Depois de muito diálogo, graças a Deus, esse irmão – com quem muito aprendemos – abriu o seu coração para a luz do Evangelho e se tomou um amigo da nossa equipe. Seu nome é Cerinto. No livro *Vozes do Grande Além*, vamos encontrar uma bela comunicação desse companheiro já apresentando lucidez espiritual.

Estamos recordando esse episódio para que você, bem como o leitor amigo, analisem os fatos expostos. Foi por esse acontecimento, além de muitas outras experiências vivenciadas em trabalhos de intercâmbio com os amigos espirituais, que todos nós, inclusive o Chico, fomos levados ao encontro dos débitos contraídos junto à “Contabilidade Divina”.

¹¹³ Vide a transcrição destas questões, no apêndice anexo e posto ao final deste capítulo.

Recordo-me, ainda, de um fato que nos traz notas da profunda sensibilidade de nossa *Alma Querida*. Em uma de nossas reuniões, percebi que Chico passava por alguma dificuldade muito grande. Ao encerramento, com uma prece proferida por ele, notei no seu semblante marcas de tristeza e, então, enderecei-lhe, com certo tom de descontração, uma pergunta. E jamais me esquecerei da resposta ofertada... Lembro-me exatamente da frase com que ele finalizou a prece: “*..muito obrigado por tudo, Maria, Mãe Santíssima!*”

Envolvidos ainda pela emoção, perguntei a Chico: – Por que terminastes a oração agradecendo a nossa Senhora? – “*Arnaldo, porque só uma mãe para compreender um coração de mulher!*”

Mesmo entretido com a bonita paisagem da estrada mineira, Arnaldo finalizou mais um momento inesquecível dos *Amigos para Sempre* com o seguinte relato:

– Certa feita, enquanto aguardávamos o horário de uma consulta com o oftalmologista, Chico e eu caminhávamos pelas ruas do centro de Belo Horizonte. Em dado momento, paramos em frente a uma antiga loja de artigos femininos, da época, de nome “Slopper”. Chico, então, resolveu entrar. Depois de passar um período observando os artigos da loja, uma vendedora se aproximou de nós, logo reconhecendo nossa *Alma Querida*. Após os cumprimentos, e devido ao interesse de Chico, ela abriu a vitrine, retirou uma tiara da prateleira e, em seguida, entregou-a para Chico. Observei, então, uma cena que jamais pensei em contar a alguém. Chico, segurando a tiara, começou a chorar. Discretamente, ele devolve a tiara para a comerciante e despede-se. Saímos da loja. Eu tinha por hábito respeitar esses momentos do Chico com o meu silêncio. Mais tarde, depois da consulta, caminhávamos lado a lado, observando o pôr-do-sol, já estando, na inesquecível Pedro Leopoldo. Chico continuava comovido e, sem compreender o que estava acontecendo, perguntei ao amigo: “*Chico, meu filho, o que aconteceu a você na loja? Por que a emoção ao segurar a tiara?*” Ao que ele me respondeu: “*Naldinho, segurando aquele*

objeto, lembrei a tiara que usei em meu casamento, nos idos tempos da Espanha, no século XIX". Fiquei estupefado. Não sabia o que dizer. Então, o Chico, a olhar o belo horizonte, que se desenhava ao longe, arrematou: *"Meu filho, é a coroa da Vida"*.

Após as despedidas, uma verdade nasceu no céu da consciência. Devemos buscar, pelo trabalho no bem, a coroa dos testemunhos através da vivência plena do amor.

*"A vida, porém, é ciosa dos seus segredos e somente responde com segurança aos que lhe batem à porta com o esforço incessante do trabalhador que deseja para si a coroa resplendente do apostolado no serviço."*¹¹⁴



Espanhola

¹¹⁴ EMMANUEL (Espírito). *Roteiro*; (psicografia de Francisco Cândido Xavier); pelo espírito Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 9ª edição; capítulo 8: A Terra.

Apêndice

Achamos por bem, para maior esclarecimento e comodidade do leitor amigo, transcrevermos, aqui, as notas dos livros citados pelo querido Arnaldo Rocha que versam sobre as questões abordadas neste capítulo.

Questões de O Livro dos Espíritos¹¹⁵:

“– Têm sexos os Espíritos?

“*Não como o entendeis, pois que os sexos dependem da organização (...)*”.

– Em nova existência, pode o Espírito que animou o corpo de um homem animar o de uma mulher e vice-versa?

“*Decerto; são os mesmos os Espíritos que animam os homens e as mulheres*”.

– Quando errante, que prefere o Espírito; encarnar no corpo de um homem, ou no de uma mulher?

“*Isso pouco lhe importa. O que o guia na escolha são as provas por que haja de passar*”.

“Os Espíritos encarnam como homens ou como mulheres, porque não têm sexo. Visto que lhes cumpre progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, lhes proporciona proações e deveres especiais e, com isso, ensejo de ganharem experiência. Aquele que só como homem encarnasse só saberia o que sabem os homens”.

Trecho de Entrevista Realizada com Chico Xavier pelo Programa “Pinga Fogo” da Extinta Rede Tupi de Televisão¹¹⁶:

“*Entrevistador*: E muito comum a gente ouvir os espíritas falarem que em outra encarnação tal pessoa, quer dizer, no mesmo grupo familiar ou de convivência, fulana foi mãe de sicrano na outra encarnação ou beltrano foi irmão de não sei quem. Então tem-se a impressão de que as reencarnações se fazem no mesmo grupo familiar.

¹¹⁵ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, perguntas 200, 201, 202 e comentário de Kardec.

¹¹⁶ *Pinga Fogo com Chico Xavier*. Editora Edicel, 5a Edição. – (publicação da entrevista realizada na Rede Tupi).

Como a gente se aprimora na medida em que tem experiências mais variadas, eu queria saber se de fato existe essa limitação nas reencarnações a determinados grupos e, também, outra coisa: se o homem sempre nasce homem, mulher, mulher, porque é injusto, né? A gente precisa ter mais chance de experiência. Mas sempre se ouve falar de homem nascer sempre homem...

Chico Xavier: Isso não é propriamente uma limitação, porque pode acontecer fora dos grupos afins. A nossa reencarnação pode ocorrer à distância do nosso grupo eleito, mas, em geral, atendendo-se às ligações do amor que nos prende uns aos outros, renascemos naqueles grupos de ordem familiar a que nos vinculamos para continuar com o trabalho de assistência mútua. Muitas vezes nós queremos determinada conquista na Terra, seja nos domínios da atividade ou nos domínios culturais, e, às vezes, nós vamos encontrar proteção para isso junto de uma criatura que nos foi muito amada em outra existência, junto de um coração materno, de um pai amigo, capazes de compreender-nos e auxiliar-nos nessas empresas; então isso é muito comum, que voltemos no mesmo grupo, de ordem sentimental, dentro da mesma faixa de atividade. Agora, quanto ao fato da transposição de sexo, *O Livro dos Espíritos* nos ensina que isso pode acontecer muitas vezes. Muitas vezes nós renascemos com problemas de inversão, por efeito de provação educativa depois de determinados excessos praticados em outras vidas, seja na condição de homem, seja na condição de mulher. E, às vezes, nascemos também na condição inversiva para encontrarmos no corpo uma célula de trabalho que nos afaste de determinados riscos para a execução de tarefas específicas. Muitas vezes um grande homem terá de cumprir determinada tarefa, vamos dizer, no ensino; isso é, às vezes, comum. Não vamos cogitar do problema da inversão na faixa de prova, na faixa de sofrimento reparador que ocorre muitas vezes. Mas vamos pensar na inversão do seu ponto de vista mais elevado, mais alto; um grande homem que se tenha apaixonado pelos problemas da educação na Terra, desejando voltar a este mundo para uma obra educacional muito séria, muito extensa em benefício da coletividade que ele ama; ele

pode pedir aos seus instrutores para voltar num corpo de mulher e será, então, uma grande professora. Ela terá talvez conflitos íntimos muito grandes, mas ela terá compensações muito maiores na missão que cumpre. **O mesmo pode acontecer com a mulher que evolui muito e, às vezes, do ponto de vista da inteligência e que, desejando voltar à Terra para determinada tarefa do coração, junto da comunidade, é possível que esse espírito, que esteve longamente na fileira das reencarnações femininas e por isso mesmo obtém, e fixando em si mesma as qualidades femininas com muita intensidade, é possível que esse espírito afeiçoado às questões femininas venha no corpo de um homem para se isolar de compromissos que colocariam em risco o seu trabalho junto a comunidade.**(grifo nosso) Chico se refere a própria experiência.

Entrevistador: Mas então, se o homem teve muito mais chance de fazer experiências, de ter uma vida mais desvolta, mais ativa, ele teve também mais chance de se aprimorar. A mulher só neste século é que está podendo fazer alguma coisa. Ela não teve a menor chance de aprender.

Chico Xavier: Não. Nós devemos compreender que a misericórdia de Deus, a sabedoria de Deus institui leis que nos favorecem a todos, que nos beneficiam a todos e que a vida é sempre bela, e que a vida é sempre uma dádiva preciosa, seja em qualquer posição que estivermos. E verdade que a mulher tem sofrido muito nos séculos todos de nosso conhecimento. E a mulher tem sofrido tanto que, em determinada assembléia religiosa, há séculos passados, mas muito tempo depois de Nosso Senhor Jesus Cristo, em determinada assembléia religiosa, uma das questões que foram estudadas era aquela de se saber se a mulher era portadora de alma. Quer dizer que a mulher tem sofrido muito. Mas isso não impediu que a mulher fosse e seja a detentora dos poderes de criar a vida em nome de Deus. Homem nenhum na Terra até agora impediu a mulher do privilégio, da glória de ser mãe, e isso é muito importante. Ter um filho, ter filhos, isso é sublime na vida de um espírito e a mulher dispõe desse privilégio. Nós conhecemos os santos, os heróis, os grandes homens,

as grandes inteligências que se distinguiram no mundo masculino, mas nenhum deles apareceu sem o carinho da mulher, e é tão importante a tarefa da mulher que, quando a Divina Providência, através de poderes que nós não temos recursos para definir, necessitou de alguém para confiar o maior tesouro de Deus na Terra, que foi Nosso Senhor Jesus Cristo, esses poderes da Divina Providência que nós respeitamos todos, em todas as partes do mundo, quando temos a semente da fé desabrochada em nossos corações, esses poderes não chamaram nem Tibério, nem outros Césares, por exemplo, nem Augusto que era o César de então, não chamaram os filósofos gregos, chamaram uma jovem que se chamava Maria de Nazaré e em cuja personalidade nós todos reverenciamos, aquela que foi mãe de Jesus e que ficou sendo para nós todos, o símbolo de mãe para a humanidade, pelo menos na faixa do desenvolvimento cristão que abrange muitos milhões de criaturas humanas.”

Notas do autor:

1ª) Gostaríamos de registrar que, algum tempo depois deste capítulo estar escrito, chegou às nossas mãos um texto que relata uma experiência vivida por nosso ilustre confrade Divaldo Pereira Franco e por Chico Xavier. Tal relato foi registrado no livro *De Amigos para Chico Xavier*. Nele, Chico conta a Divaldo sobre sua vivência anterior na Espanha, a qual transcreveremos abaixo para apreciação judiciosa do leitor amigo:

“*Divaldo*: (...) eu levava-lhe os originais de um livro ditado pelo espírito Victor Hugo, porquanto havia algumas informações que eu gostaria de apresentar ao querido amigo, a fim de receber-lhe a opinião sempre valiosa. Um pouco antes do almoço na sua residência, conversávamos com ele e um grupo de pessoas de diferentes cidades. Havia um senhor espanhol, de Barcelona, que entretecia considerações sobre sua cidade. Chico referiu-se à Santa Casa de Misericórdia, sem onde teria estado internado em reencarnação anterior, citou a época e descreveu-a com detalhes, inclusive, a sua localização próxima a Monjuich, hoje cemitério e área onde teria estado internado em

reencarnação anterior, citou a época e descreveu-a com detalhes, inclusive, a sua localização próxima a Montjuich, hoje cemitério e área onde foram construídos estádio e ginásio para as olimpíadas que ali tiveram lugar há alguns anos.

Era tudo exato. Porém, o mais fascinante é que, inesperadamente, ele voltou-se na minha direção e pediu-me que lesse um trecho do livro – que estava datilografado, citando a página, pois tinha interesse de ouvi-la. Era exatamente o assunto que eu houvera reservado para apresentar-lhe. Ao terminar a breve leitura, ele disse: ‘Segundo depreendo, o assunto está claro e deve ser conservado conforme psicografado’. Posteriormente o livro foi publicado e chamou-se *Calvário de Libertação*, com prefácio do espírito Dr. Bezerra de Menezes, psicografado naquela noite pelo referido médium.”¹¹⁷

2ª) Quando este livro já se encontrava em sua fase final de revisão, chegou-nos, pelas vias da “coincidência”, o retrato do quadro das espanholas citado neste capítulo. Foi o maior presente que recebemos desde o início do trabalho. Quando mostramos as fotos para Arnaldo Rocha, este ficou extremamente emocionado, pois julgava que o quadro não mais existisse. Por isso agradecemos aos familiares que autorizaram a publicação.

Leitor amigo, este quadro encontra-se na próxima página.

¹¹⁷ MATTOS, Divaldinho de. *De Amigos para Chico Xavier*. Editora DIDIER, 09/06/ 1979.



As espanholas.

Tela pintada por Aida Fassanelo Guimarães.
À direita, Dolores tocando violão (Chico Xavier)

XVIII

Renúncia e Construção

“Trabalhemos juntos e unamos os nossos esforços, a fim de que o Senhor, ao chegar, encontre acabada a obra, porquanto o Senhor lhes dirá: Vinde a mim, vós que sois bons servidores, vós que soubestes impor silêncio aos vossos ciúmes às vossas discórdias, a fim de que daí não viesse dano para a obra!”¹¹⁸

*“E vi o céu aberto, e eis um cavalo branco; e o que estava montado nele chama-se Fiel e Verdadeiro; e julga a peleja com justiça. Os seus olhos eram como chama de fogo; sobre a sua cabeça havia muitos diademas; e tinha um nome escrito, que ninguém sabia senão ele mesmo. Estava vestido de um manto salpicado de sangue; e o nome pelo qual se chama é o Verbo de Deus. Seguiam-no os exércitos que estão no céu, em cavalos brancos, e vestidos de linho fino, branco e puro”*¹¹⁹

¹¹⁸ KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, capítulo XX. item 5.

¹¹⁹ JOÃO. In: Apocalipse, 19:11-14.

Este capítulo oferecerá a você, querido leitor, muitas surpresas, das quais esperamos que retire, tanto quanto nós, valiosos ensinamentos para o coração.

Ao anoitecer de 14 de fevereiro de 2004, recebemos, carinhosamente, na Capital das Gerais, o médium e palestrante, Divaldo Pereira Franco, para mais uma de suas maratonas de exposição doutrinária. Era grande a expectativa que reinava em nossos corações já que, por certo, teríamos vários reencontros entre amigos que, pela força do labor doutrinário, encontravam-se temporariamente distanciados.

Recebemos um convite do nosso querido presidente da União Espírita Mineira, o senhor Honório Abreu, para fazermos parte da equipe que iria receber nosso companheiro de ideal. Compunham essa comitiva nossos confrades Wagner Gomes da Paixão, Lenice de Souza Alves e nosso eterno amigo Arnaldo Rocha.

Arnaldo, dentro da sua característica pessoal que conjuga seriedade com alegria, saudou-nos, a princípio, com uma de suas famosas “frases de efeito”:

– Estou com muitas saudades do Divaldo, um amigo dos tempos inesquecíveis. Como dizia Chico, “*Divaldo é um trator na divulgação da Doutrina*”. Como poucos, ele dignificou a sua mediunidade, o que pode ser constatado pela obra que nos deixa. Abordo o assunto com alegria, pois acompanhei, junto com Chico, seus primeiros passos.

A querida Suely Caldas Schubert, em seu livro *Semeador de Estrelas*, publicou uma bela carta de Chico a Divaldo, na qual pode-se atestar a amizade existente entre eles. Sempre visando a uma maior comodidade do leitor amigo, transcrevê-la-emos ao final deste capítulo.

– Uma pequena observação, meu filho – finalizou Arnaldo – todas as cartas que Chico endereçava, naquela época, aos amigos, eram de próprio punho. Ele justificava que cartas datilografadas perdem o espírito de amizade e a valorização do interlocutor.

Em seguida a essa narrativa, participamos de uma cena que para sempre ficará marcada em nossa memória. Divaldo adentrou o recinto que nos abrigava, a Serraria Souza Pinto, em Belo Horizonte. Os olhares, então, se cruzaram e a emoção não tardou. Estavam ali, frente a frente, o mineiro de Tiradentes, Arnaldo Rocha, e o médium da maravilhosa Bahia de Todos-os-Santos.

Na efusão dos abraços, sorrisos e lágrimas, Divaldo não perde a pose ao soltar a primeira frase:

– Jamais me esquecerei do mês de março de 1948, na Rua Tupinambás, nº 330, em frente à residência da amiga Lucila Cavalcanti.

Enquanto Divaldo discorria sobre os detalhes, dando mostras de uma memória treinada, Arnaldo interrompeu-o, a seu modo: “Quando você estava tremendo igual vara verde diante do primeiro encontro com Chico...” (risos de todos).

Divaldo ainda brincou, perguntando: “*Arnaldo, que fizeste para ficar bonito?*”. Ao que Arnaldo respondeu, no mesmo tom: “*Só não pinte o cabelo como você*”.

Os dois faziam alusões aos decênios, em brincadeiras fraseológicas.

Nesse instante, Arnaldo não se contém e retira da bolsa uma foto do quadro pintado pela Aida Fassanelo Guimarães, com as três espanholas dançando (vide capítulo anterior). Quando Divaldo tocou na foto, disse saudoso:

– Arnaldo, pensei que não mais veria essa pintura. São mais de 40 anos que nos distanciam daqueles belos tempos de Pedro Leopoldo.

– Lembra-te de Chico nesse quadro? – disse Arnaldo, destacando a espanhola tocando o violão.

– Como não? – responde o seareiro baiano, estampando belo sorriso.

– Nossa *Alma Querida* gostava muito dessa tela... – disse Arnaldo, deixando transparecer a emoção.

O momento não propiciava longas conversações. Só mais tarde é que viríamos a trocar algumas confidências mais detalhadas sobre os fatos recém-acontecidos. Mesmo assim, para que a ocasião não fosse de todo perdida, perguntamos:

– Arnaldo, Divaldo participou, então, de momentos da mais pura intimidade de vocês em Pedro Leopoldo?

– Sim – respondeu-me eufórico – participou de muitos momentos que alimentaram bastante nossa amizade. Tive o prazer de levá-lo à primeira visita em Pedro Leopoldo. Recordo-me de uma noite, após nossa reunião no Luiz Gonzaga, em que fomos para a casa de Luiza, irmã de Chico, onde passamos a noite. Entramos para o quarto de Chico, em frente ao quarto do senhor João Cândido, e conversamos até às quatro da manhã. Fiquei surpreso, pois nesse dia Chico resolveu abrir o baú de recordações, verbalizando suas reminiscências. Discorreu sobre a espanhola do século XIX e também sobre Joanna de Castela e Aragão.

Em outra oportunidade, quando eu me encontrava em Belo Horizonte, Chico me disse ter relatado mais alguns episódios para o jovem médium Divaldo Franco, em Pedro Leopoldo, fato que fez com que o bom baiano se tornasse, gradativamente, um dos *Amigos para Sempre*.

Chico tinha um jeito todo especial para oficializar alguns pensamentos e quando ele se referia às existências passadas, assim fraseava: “aquelas nossas coisas”. No caso que lhe relatei agora, ele assim contou-me: “*Naldinho, Divaldo e eu conversamos muito sobre ‘aquelas nossas coisas’. Atendi à solicitação dos Benfeitores, pois como Eles disseram, em tempo certo, Divaldo poderá aproveitar as revelações*”.

– Arnaldo, Chico se referiu a alguma existência passada do Divaldo? – perguntei, não contendo a curiosidade.

– Não. Eu bem que perguntei, mas ele não respondeu. Um aspecto importante na personalidade de Chico era que ele só conversava sobre assuntos que edificavam, principalmente quando se tratava de um irmão, estando ele próximo ou não.

Costumo afirmar que, talvez, a tarefa mais árdua de um médium seja aprender a calar. Vivendo o mediano em um mundo atemporal, suas afirmativas podem suscitar ocorrências de natureza indesejável, adiantando verdades fora do tempo de assimilação de seu interlocutor.

Allan Kardec, no magistral *O Livro dos Médiuns*, questiona os Espíritos acerca da influência moral dos médiuns, nos seguintes termos:

“Os médiuns, que fazem mau uso das suas faculdades, que não se servem delas para o bem, ou que não as aproveitam para se instruírem, sofrerão as conseqüências dessa falta?

*Se delas fizerem mau uso, serão punidos duplamente, porque têm um meio a mais de se esclarecerem e o não aproveitam. Aquele que vê claro e tropeça é mais censurável do que o cego que cai no fosso .”*¹²⁰

– Hoje nós podemos, sem sombra de dúvida, continuou o orientador, afirmar que vários médiuns souberam exercer o seu mandato com fidelidade aos ensinamentos de Kardec e de Jesus. Citaremos como exemplo Eurípedes Barsanulfo, Yvonne Pereira, Zilda Gama, Chico Xavier, o nosso amigo Divaldo Franco, além de outros que foram fiéis aos seus compromissos no anonimato. Com o passar do tempo, eles serão compreendidos, servindo como verdadeiros exemplos vivos nesse novo tempo da regeneração. Nesse processo, a mediunidade se tomará cada vez mais comum e acessível a todos, para que, através dela, a Verdade resplandeça nos domínios dos corações.

Ainda no referido livro, Allan Kardec propõe exatamente essa questão:

“Não creias que a faculdade mediúnica seja dada somente para correção de uma ou duas pessoas, não. O objetivo é mais alto: trata-se da Humanidade. Um médium é um instrumento pouquíssimo importante, como indivíduo. Por isso é que, quando damos instruções que devem aproveitar à generalidade dos homens, nos servimos dos que

¹²⁰ KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, capítulo XX, item 226, 3ª pergunta.

*oferecem as facilidades necessárias. Tenha-se, porém, como certo que tempo virá em que os bons médiuns serão muita comuns, de sorte que os bons Espíritos não precisarão servir se de instrumentos maus*¹²¹.

Enquanto Arnaldo nos brindava com tão significativa narrativa, observávamos a fila de pessoas que se formava em busca de um atendimento do médium. Ao utilizarem a prerrogativa do autógrafo, buscavam, na verdade, estar mais perto do amigo.

No enlevo que essas lições ofereciam, levantamos outra questão, para continuar o aprendizado.

– Arnaldo, vendo esta multidão de pessoas que buscam um contato mais próximo com o Divaldo, e imaginando quantas outras dariam tudo para tal mister, fico cogitando se não seria isso uma grande carência, causadora de certa idolatria?

– Ah, meu filho, você tocou no ponto nevrálgico da senda medianímica. Tanto a carência de afeto continua a ser avassaladora, como também o desconhecimento da Doutrina Espírita, que ainda viceja.

Argüimos em seguida:

– Sendo Divaldo um ser humano como todos nós, ele deve passar por muitos obstáculos em seu caminho. O que você poderia nos dizer sobre o calvário dos médiuns?

– Como falamos anteriormente – respondeu-me com um sorriso –, o objetivo principal é a Evangelização do médium, em primeiro lugar. Se não for através deste pilar, o ideal de trabalho transforma-se num sobrepeso muito grande. Emmanuel nos ensina no livro *Seara dos Médiuns*, através da lição “*Na mediunidade*” que “*não é a mediunidade que te distingue. É aquilo que fazes dela*”.

A primeira lição a ser aprendida pelo iniciante é a de não buscar o destaque pessoal, pois a humildade deve ser considerada uma chave para a prática do amor genuíno.

Sendo a grande maioria dos médiuns almas

¹²¹ Idem, 5ª pergunta, página 285.

decaídas, o trabalho deve ser visto como oportunidade de crescimento pessoal e não, como julgam alguns médiuns, de crescimento “do semelhante”. Devemos compreender que para vencer esses “fantasmas” que rondam a mediunidade, o estudo contínuo e a prática do bem devem ser notas vivas no cotidiano do médium.

Enfim, a despreocupação com os resultados exteriores também deve ser um alerta permanente, pois as manifestações do ego podem enferrujar as sublimes oportunidades do instrumento.

Tendo esses cuidados, e ainda alguns outros apresentados pelo psiquismo do trabalhador, o Consolador Prometido se transforma em realidade nele, por ele e para ele.

Depois de um minuto de silêncio, voltamos a perguntar, buscando um outro enfoque:

– Arnaldo, e a renúncia?

– Meu amigo, recordo-me de uma das mais belas páginas de Humberto de Campos, encontradas no livro *Boa Nova*, através da psicografia de Chico, intitulada “*Os Quinhentos da Galiléia*”. Nela, Jesus responde a essa perquirição do candidato ao trabalho no amor:

“Amados... Enviei meus discípulos como ovelhas ao meio de lobos e vos recomendo que lhes sigais os passos no escabroso caminho. Depois deles, é a vós que confio a tarefa sublime da redenção pelas verdades do Evangelho. Eles serão os semeadores, vós sereis o fermento divino. Instituo-vos os primeiros trabalhadores, os herdeiros iniciais dos bens divinos. Para entrardes na posse do tesouro celestial, muita vez experimentar eis o martírio da cruz e o fel da ingratidão... Em conflito permanente com o mundo, estareis na Terra, fora de suas leis implacáveis e egoísticas, até que as bases do meu Reino de concórdia e justiça se estabeleçam no espírito das criaturas. Negai-vos a vós mesmos, como neguei a minha própria vontade na execução dos desígnios de Deus, e tomai a vossa cruz para seguir-me.

*Séculos de luta vos esperam na estrada universal. É preciso imunizar o coração contra todos os enganos da vida transitória, para a soberana grandeza da vida imortal”*¹²²

¹²² CAMPOS, Humberto de (Espírito). *Boa Nova*; (psicografia de Francisco Cândido Xavier); pelo espírito Humberto de Campos. Rio de Janeiro: FEB, 28ª edição; capítulo 29; pág. 192-193.

– Todos os médiuns – continuou a narrativa – passaram e continuarão passando pelos percalços possíveis e necessários, na verificação pessoal em nome da obra.

Jesus nos alerta no Evangelho de João que “*não é o servo maior do que o senhor. Se a mim me perseguiram, também vos perseguirão a vós*”.¹²³ Não podemos querer ser maiores que o Mestre, não é verdade? Por isso, o aprendiz deve estar atento, pois o testemunho é parte determinante do aprendizado.

Lembrando nosso Chico Xavier, ele sofreu horrores, inclusive dentro do movimento doutrinário, nos primeiros decênios de mediunidade. Aliás, como diziam alguns espíritos: “a mediunidade de Chico é esplendorosa, o médium apenas um matuto”.

Foram necessários muitos sacrifícios e renúncias da nossa *Alma Querida* para que ele vencesse seu mundo íntimo; no entanto hoje ele é unanimidade, não só pela mediunidade, mas, principalmente, pelo caráter evangélico com que revestiu seus dons.

Para citar outro exemplo, Chico, certa feita, confidenciou-me: “*Arnaldo, fico muito feliz com o lançamento dos livros, pois sinto como se eles fossem meus filhos, mesmo sabendo que os autores são os Espíritos amigos; mas temo muito pelas circunstâncias que aparecem após as publicações, pois elas gritam muito alto para acordar a minha vaidade diuturna*”. Sabendo que seria ovacionado, preparava-se em vigilância e oração para não cair nos despenhadeiros que o esperavam logo adiante, desafios esses que só o médium amigo conhecia. Quando Chico citava registros de existências passadas, sempre ressaltava os erros cometidos e associava-os às necessidades presentes, ensinando-nos que ele também era frágil como todas as outras pessoas. Recordo-me da passagem do jovem mancebo conversando com Jesus: “*Bom Mestre, que bem farei para conseguir a vida eterna? E Jesus disse-lhe: Por que me chamas bom? Não há bom, senão um só que é Deus. Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos*”.¹²⁴

¹²³ JESUS. In: João, 15:20.

¹²⁴ JESUS. In: Mateus, 19:16-17.

Arnaldo fez um ligeiro intervalo nas suas colocações, indicando que retomaria o assunto por outro ângulo, o que, de fato, não tardou:

– Nosso querido Divaldo, aqui presente, foi outro que, não fugindo à regra, também vivenciou muitos dissabores. Talvez um dos mais complicados foi o da resistência encontrada em alguns companheiros espíritas que, pela falta de estudo de *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec, faziam comparações entre as “forças” medianímicas dele com a mediunidade gloriosa do Chico.

Vou contar um fato, acerca da mediunidade de dois excelentes trabalhadores, ocorrido na década de 60, a fim de ilustrar nossa narrativa.

Arnaldo fez nova pausa, como se estivesse se preparando convenientemente para recolher de sua memória, com acerto, os fatos que nos contaria com a boa-vontade de sempre. Respeitamos os segundos de silêncio que logo cessaram.

– Certa oportunidade, o nosso amigo Wallace R. Leal – como já disse, um médium de excelente sensibilidade –, psicografou uma página que consta do livro *Remotos Cânticos de Belém* e que foi, inclusive, editada por jornais espíritas da época. No mesmo período, o nosso querido Humberto de Campos, através da psicografia de Chico, trouxe uma mensagem com tema semelhante, inclusive apresentando algumas coincidências, como o nome e o final da mensagem; obviamente, com o colorido e as peculiaridades pertinentes ao estilo e ao cabedal do escritor, além da contribuição pessoal do médium. Tal página recebeu o título “O Encontro Divino” (História do Cavaleiro Darsonval – Chico nos contou ser o espírito de José Xavier) e está registrada no livro *Contos e Apólogos*.

Então, Clóvis Tavares e eu questionamos o Chico sobre o fato e obtivemos uma resposta que ficou registrada, para o futuro, como mais uma bela lição: *“Amigos, nós precisamos estudar mais sobre a ‘universalidade do ensino dos espíritos’, contida na Codificação. Não podemos jamais esquecer que Allan Kardec analisava mensagens vindas através*

de vários médiuns, de localidades diferentes, como uma confirmação da universalidade dos ensinamentos dos espíritos e de sua própria autenticidade. Não podemos ser tutores do que não nos pertence”.

O mais interessante aconteceu algum tempo depois, pois o fenômeno se repetiu através da mediunidade de Chico Xavier e de Divaldo Pereira Franco: outras páginas recebidas que se assemelhavam muito, tendo sido um “Deus nos acuda” para descobrir de quem foi o plágio. Recordo de ter falado com Chico, em tom de brincadeira: “*Temos escutado tantas bobagens (acerca desse fato), que chego a pensar que o plágio foi dos espíritos*”.

Aqueles que não conhecem o mecanismo da mediunidade se perdem em conceitos equivocados. A questão que aqui relembramos em muito nos ajudou a entender o processo mediúnico. Confesso que nem sempre é fácil, mesmo com o estudo constante. Imaginemos as dificuldades por que passam alguns dirigentes espíritas por não estudarem o fenômeno com a atenção devida. Possivelmente, poderão ter posturas iguais às mencionadas nos episódios lembrados acima, nos quais idolatravam-se os médiuns afins em detrimento de outros medianeiros que laboravam na mais expressiva sinceridade. Vale ainda lembrar os ensinamentos de Allan Kardec convidando-nos a valorizar a essência dos ensinamentos. Não podemos trazer para o seio do movimento espírita a idolatria dos tempos do “bezerro de ouro”, a fim de que o fenômeno mediúnico, tão rico em espiritualidade, não seja “barateado” e vulgarizado. É uma falta de caridade crucificar trabalhadores do bem que oferecem a própria vida na divulgação da Boa Nova, esquecendo as doces palavras reeditadas por Jesus do Velho Testamento “*Vós sois deuses*.”¹²⁵

Se a idéia é patentear os ensinamentos dos Espíritos como obras personalizadas, estaria sendo esquecido o Evangelho de Jesus como o ensino maior da educação moral. Além disso, todas as frases, livros e tratados sobre o amor seriam meros plágios, e não interpretações em nível intuitivo dos indivíduos no maravilhoso processo de ascensão espiritual dos povos em todos os tempos da humanidade.

¹²⁵ JESUS. In: João, 10:28.

É preciso considerar que os registros estão gravados no Plano Espiritual Superior, competindo aos médiuns elevarem-se a fim de captarem as forças nêuricas que circundam a humanidade terrena.

Relembro, ainda, outro fato que podemos utilizar como exemplo. Nos livros *Evolução em dois mundos*, *Mecanismos da Mediunidade* e *Desobsessão* é o autor espiritual André Luiz quem dita as páginas para que Chico Xavier e Waldo Vieira as psicografem em parceria. Um estudioso do fenômeno conseguirá, sem o auxílio da leitura do “Prefácio”, no qual o autor espiritual distingue as partes ditadas aos dois médiuns, decifrar qual capítulo foi escrito por um ou por outro médium, uma vez que a seqüência dos ensinamentos ali ditada é revestida pelas características pessoais de cada um deles. Pergunto, então: esse mecanismo não seria, também, uma cópia, ou uma forma inusitada de plágio?

Faremos uma pequena interrupção no diálogo para brindarmos o leitor amigo com dois trechos idênticos psicografados, respectivamente, pelo Waldo Vieira em 1958 e o segundo por Chico Xavier em 1959.

*“Representando o sistema hemático, no corpo humano, o conjunto das energias circulantes no psicossoma, energias essas tomadas pela mente, através da respiração, ao infinito reservatório do fluido cósmico, é para ele que devemos voltar a maior atenção, de vez que se encontra intimamente associado ao estímulo nervoso ou aparelho de comunicação entre o governo do Estado simbólico a que nos referimos e suas províncias e cidadãos – os órgãos e as células”.*¹²⁶

*“Salientando-se que o sistema hemático no corpo físico representa o conjunto das energias circulantes no corpo espiritual ou psicossoma, energias essas tomadas em princípio pela mente, através da respiração, ao reservatório incomensurável do fluido cósmico, é para ele que nos compete voltar a atenção, no estudo de qualquer processo fluidoterápico de tratamento ou de cura.”*¹²⁷

¹²⁶ LUIZ, André (Espírito). *Evolução em Dois Mundos*. (psicografia de Waldo Vieira); pelo espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, capítulo XV; 1958.

¹²⁷ LUIZ, André (Espírito). *Mecanismos da Mediunidade*. (psicografia de Francisco Cândido Xavier); pelo espírito André Luiz. R. J: FEB, capítulo XXII, 1959.

Estávamos “tonto” com tantas colocações de tão valiosa importância. Arnaldo, porém, ainda buscou fôlego para arrematar:

– Para concluir, cito uma questão educativa para todos nós: no Velho Testamento, “nossos” pais sacrificaram os profetas. Depois, repetimos a dose com o Senhor Jesus e, logo em seguida, levamos os mártires do cristianismo para o cadafalso da dor. Na Idade Média, a mediunidade foi “queimada” inquisitorialmente, uma vez que os fenômenos mediúnicos continuavam a brindar a humanidade, preparando-a para os tempos que se aproximavam. Por fim, no século XIX, chega o *Consolador Prometido*, propondo-nos, através do pensamento racional/intuitivo, uma trajetória para a regeneração. A nova proposta de espiritualização também sofreu ainda os resquícios da Inquisição, com a perseguição das pessoas e a queima de livros, em Barcelona, no dia 21 de setembro de 1861. Até quando, podemos perguntar, o homem continuará refutando a mensagem divina e seus escudeiros? Até quando seremos motivos de escândalo? Até quando continuaremos fazendo parte da turba que desce ao túmulo no anonimato das próprias crueldades?

Lembremo-nos de Allan Kardec, apóstolo fiel, trazendo para a humanidade este farol de luz que é a Doutrina Espírita. O codificador também experimentou, em seu percurso, a visita de muitos testemunhos pessoais. Basta lembrar o trecho do livro *Obras Póstumas*, no qual o Espírito de Verdade orienta Allan Kardec acerca de sua iniciação no Espiritismo:

“(...) a missão dos reformadores é prenhe de escolhos eperigos. Previno-te de que é rude a tua, porquanto se trata de abalar e transformar o mundo inteiro. Não suponhas que te baste publicar um livro, dois livros, dez livros, para em seguida ficares tranqüilamente em casa. Tens que expor a tua pessoa. Suscitarás contra ti ódios terríveis; inimigos encarniçados se conjurarão para tua perda; ver-te-ás a braços com a malevolência, com a calúnia, com a traição mesma dos que te parecerão os mais dedicados; as tuas melhores instruções serão desprezadas e falseadas; por mais

de uma vez sucumbirás sob o peso da fadiga; numa palavra: terás de sustentar uma luta quase contínua, com sacrifício de teu repouso, da tua tranqüilidade, da tua saúde e até da tua vida, pois, sem isso, viverias muito mais tempo. Ora bem! não poucos recuam quando, em vez de uma estrada florida, só vêem sob os passos urzes, pedras agudas e serpentes. Para tais missões, não basta a inteligência. Faz-se mister, primeiramente, para agradar a Deus, humildade, modéstia e desinteresse, visto que Ele abate os orgulhosos, os presunçosos e os ambiciosos. Para lutar contra os homens, são indispensáveis coragem, perseverança e inabalável firmeza. Também são de necessidade prudência e tato, a fim de conduzir as coisas de modo conveniente e não lhes comprometer o êxito com palavras ou medidas intempestivas. Exigem-se, por fim, devotamento, abnegação e disposição a todos os sacrifícios.

Vês, assim, que a tua missão está subordinada a condições que dependem de ti.”¹²⁸

Complementando essas preciosidades oferecidas por Arnaldo, não custa ressaltar que, ainda nos séculos XIX e XX, podemos encontrar vários “mártires”, tais como Bezerra de Menezes, Eurípedes Barsanulfo, Yvonne Pereira, Cairbar Schutel, Bittencourt Sampaio, Chico Xavier, e tantos outros. Eles nos entregam, agora, um mandato a fim de seguirmos rumo ao nosso sacrifício, para que o Cristo continue a ser motivo de glória nos corações dos *Amigos para Sempre*.

Todos esses ensinamentos, que ora registramos, foram colhidos nos “bastidores” de nosso encontro na Serraria Souza Pinto, enquanto esperávamos pelo início da palestra do ilustre Tribuno. Finalmente, Divaldo Pereira Franco é convidado a assumir o seu lugar à mesa pelos dirigentes do evento. O salão se encontrava completamente lotado. O presidente da Aliança Municipal Espírita de Belo Horizonte, senhor Márcio Pacheco, cordialmente entrega a direção dos trabalhos da noite ao presidente da União Espírita Mineira, Honório Onofre de Abreu. Este, com a seriedade que norteia

¹²⁸ KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB. 31a edição. Segunda Parte: Minha Missão, 12 de junho de 1856, 9.282-283.

sua jornada, fez bela apresentação do médium, pintando-o como leal trabalhador de Jesus, junto à Doutrina Espírita, sem deixar de destacar os vínculos espirituais do médium amigo com o Movimento Espírita das Alterosas.

Antes de passar a palavra ao médium baiano, lembrou, uma vez mais, o papel de Minas Gerais, no que concerne à divulgação da Doutrina Espírita, e no resgate do Evangelho de Jesus em nossas vidas.

Quando o Tribuno, amigo de Chico Xavier e de todos nós, iniciou a explanação da noite em tomo do amor de Jesus, abraçamos Arnaldo Rocha, agradecendo por mais este presente recebido naquela oportunidade.

No instante da prece, rogamos à Maria Santíssima que nos inspirasse no momento da escrita dessas páginas tão marcantes aos Divaldo Franco em evento na Serraria Souza Pinto, ladeado por Carlos Alberto e A. Rocha nossos corações.



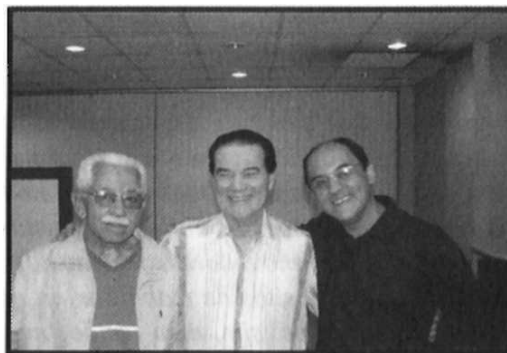
Divaldo Franco em evento na Serraria Souza Pinto,
ladeado por Carlos Alberto e A. Rocha



Palestra de Divaldo Pereira Franco em 1952



Divaldo Franco e Oswaldo Abreu em BH, na década de 70



Da esquerda para direita: A. Rocha, Divaldo Franco e Wagner Paixão na sede da União Espírita Mineira Juno/2005

Apêndice

Alguns dias depois, no instante em que registrávamos o encontro com Divaldo, neste livro, lembramo-nos da carta endereçada a Divaldo por Chico Xavier que, conforme prometemos, encontra-se transcrita a seguir, bem como dois poemas recebidos por Chico, endereçados ao médium baiano, e com os quais terminamos mais um capítulo da história dos *Diálogos e Recordações de Chico Xavier*.

Pedro Leopoldo, 3 de agosto de 1948.

Prezado amigo Divaldo,

Jesus nos abençoe a todos.

Recebi tua carta hoje e apresso-me a dizer-te do bem que as tuas palavras me trouxeram. Tive a impressão de receber notícias de um amigo de muito tempo, tal o carinho espontâneo de tuas frases acolhedoras e generosas.

Não tive, assim, qualquer dúvida em escrever-te à vontade, sem cerimônia, pedindo-te a mesma intimidade para comigo.

Espero, pois, não me trates por “vós”.

Sou apenas teu irmão mais velho e em se tratando de ti – irmão mais jovem, todavia mais iluminado –, cabe-me o dever de rogar-te desculpas pelo tom fraternal de minhas palavras.

Tuas notícias foram muito confortadoras para o meu coração. Falam-me de uma Terra nova, em que a juventude traz no espírito a divina semente do mundo regenerado. Entusiasma-me a dedicação de tua mocidade ao nosso idealismo, dentro da Consoladora Doutrina que nos irmana. Através de tuas expressões, ricas de bondade e ternura, sinto-te o coração ardendo em luz renovadora e peço ao nosso Mestre Divino abençoar-te os propósitos de trabalhar na edificação sublime do Amanhã. Estamos, sim, meu irmão, num grande combate. Combate pela felicidade humana na construção de nossa própria felicidade com o Cristo.

Lastimo haver renascido distante da terra abençoada em

que ressurgiste para a boa luta, mas, mesmo longe, seguir-te-ei os passos com os meus votos por tua vitória integral.

A atualidade precisa de corações valorosos quais o teu e espero que prossigas sem desânimo, campo afora.

Muito grato pelas tuas referências à minha apagada tarefa mediúnica. Nada tenho feito, meu caro. E espanta-me o devotamento dos Benfeitores Espirituais que, sem reparar minha deficiência e fragilidade, se utilizam de minhas pobres mãos para o serviço que lhes diz respeito. Podes crer que a caridade deles para comigo tem sido infinita e peço-te incluir-me em tuas orações para que eu, um dia, seja digno da amizade com que me tratam.

Emmanuel, André Luiz e o nosso grande Humberto hão de ajudar-te a vencer, com brilho, em todos os lances difíceis da nossa jornada.

Recolhendo tanto conforto em tua carta, espero não perder-te a amizade, portadora para mim de tanto estímulo. Sou empregado aqui numa repartição, cujos trabalhos nos compelem a viagens freqüentes. Será esta a razão da demora de qualquer notícia minha, mas escrever-te-ei sempre.

Peço ao teu bom coração distribuir minhas lembranças com todos os amigos do grupo em que te integras.

Quando te for possível, estimaria receber-te um retrato. Teria muito prazer, guardando-te essa lembrança. Pode ser? Desde já, agradeço, muito reconhecidamente.

Reafirmo-te minha gratidão imensa pela alegria em que tuas notícias me envolveram a alma e, na expectativa de que me proporcionas o contentamento de uma nova carta, pede a Jesus por tua paz e felicidade e abraça-te cordialmente o amigo e irmão muito agradecido,

Chico¹²⁹

¹²⁹ SCHUBERT, Suely Caldas. *Semeador de Estrelas*. Alvorada. 1ª edição. Salvador 1989.

Poesias para Divaldo Franco

*Bendize, filho, as dores que carregas
Para consolo das alheias dores...
Louva os dardos e os golpes remissores
Do caminho de luz a que te entregas!*

*Espinheiros... Pesares...Amargores...
Ambições... Ansiedades...Lutas cegas.
Eis o campo das sombras onde pregas
O Eterno Amor de todos os Amores...
Exaltando a aflição que te ilumina,
Não te afastes da cátedra divina –
A Cruz –, que, em nos ferindo nos socorre!*

*Quem com o Cristo padece e renuncia
Aprendendo e servindo, cada dia,
Com o Cristo encontra o Amor que nunca morre.*

Auta de Souza – 13/10/1953

Agora

*Agora, enquanto é hoje, eis que fulgura
Teu santo momento de ajudar!...
Derrama em torno compassivo olhar.
Estende as mãos aos filhos da amargura.*

*Repara! Aqui e além a desventura
Caminha ao léu, sem pão, sem luz, sem lar,
Acende o próprio amor! Faze brilhar
A tua fé tranqüila, doce e pura.*

*Agora! Eis o minuto decisivo!
Abre teu coração ao Cristo Vivo,
Não permitas que o tempo marche em vão.*

*E ajudando e servindo sem cansaço
Alcançarás subindo passo a passo
A glória eterna da Ressurreição!*

Auta de Souza – 18/05/1954

XIX

Histórias da Regeneração

**“O verdadeiros adeptos do
Espiritismo!... sois os escolhidos de Deus!
Ide e pregai a palavra divina”¹³⁰**

*“E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que
derramarei do meu Espírito sobre toda a
carne; e os vossos filhos e as vossas filhas
profetizarão, os vossos mancebos terão visões,
os vossos anciãos terão sonhos; e sobre os meus
servos e sobre as minhas servas derramarei do
meu Espírito naqueles dias, e eles profetizarão”¹³¹.*

¹³⁰ KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, cap. XX, item 4.

¹³¹ Atos, 2:17-18.

Enquanto nos encaminhávamos à União Espírita Mineira para uma atividade de confraternização entre os seus trabalhadores, refletíamos acerca dos objetivos da espiritualidade superior e da operacionalidade dos encarnados nas plagas das Gerais. Quantas realizações já foram efetivadas e quantas ainda se encontram por fazer pela divulgação da Doutrina Espírita como chama do cristianismo redivivo!

Na expectativa do encontro fraterno que nos aguardava, eis que deparamos com nosso amigo dos imortais *diálogos e recordações*, Arnaldo Rocha. Depois dos abraços de sempre, logo lhe arremessamos a indagação que já havia se tornado célebre entre nós:

– Querido Arnaldo, o que você traz hoje, em sua “algibeira”, para nos oferecer?

– Meu filho – respondeu-me solícito –, a única coisa que tenho é a certeza da minha insignificância espiritual.

Sem a intenção de elogiar, mas já o fazendo, interrompemos o velho amigo, dizendo:

– Penso que você possui muitas experiências que o público amigo gostaria de conhecer. Por isso mesmo, inicio nosso encontro com uma pergunta: Você poderia falar sobre o bi-centenário do nascimento de Allan Kardec?

– E, jovem amigo, você não perde viagem! Como a pergunta é direcionada para o preclaro codificador, não deixarei de contribuir, embora não me sinta autorizado.

Todas as vezes que o assunto é Allan Kardec, meu coração palpita célere. Foi o maior sábio deste milênio, na minha humilde opinião. Educador por excelência, fiel escudeiro da verdade, lâmpada acesa para a transformação do mundo. Apagou-se para que a voz dos Espíritos se fizesse inatacável. Allan Kardec é a chave para acessarmos a porta, que é Jesus.

Sendo a temática em torno do aniversário de nascimento do codificador, além de ressaltar a sua história pessoal na construção do novo tempo, devemos fazer

algumas reverências aos espíritos que reencarnaram com o mestre lionês, pois de alguma forma deram sustentação para a chegada do Consolador Prometido por Jesus, conforme o registro no versículo 16, do capítulo 14 do Evangelho de João, “*E eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre.*”

Dentre tantos colaboradores, citarei especificamente dois ilustres espíritos: o primeiro deles, Amélie Gabrielle Boudet, sua amada esposa, que também se apagou para que Allan Kardec revelasse ao mundo a doutrina de luz. O segundo a ser lembrado é seu professor, Johann Heinrich Pestalozzi, pai da Escola Nova. Esses dois espíritos ofereceram importante contribuição para o trabalho do professor Rivail. Foram eles assinalados pela misericórdia divina, por terem a oportunidade de se tornarem, através de seu trabalho, presenças marcantes na história da regeneração planetária, iniciada com a chegada de *O Livro dos Espíritos*, em 1857.

Sabemos que a Doutrina Espírita possui, na sua fundamentação, um tríplice aspecto: ciência, filosofia e religião. Fazendo a unificação dessa trilogia, encontraremos a síntese de uma proposta de educação espiritual. Por isso minhas eternas congratulações ao professor do mestre lionês, Pestalozzi, e à professora da sensibilidade pedagógica de Kardec, a querida “Gabi”. Não tenhamos dúvida de que, na conjugação do perfil desses três amigos, encontraremos exemplos marcantes para os educadores do coração.

Em vários trechos da codificação, aliás, os benfeitores espirituais fizeram alusões à educação da alma como meta principal da evolução espiritual. Analisemos três importantes abordagens como exemplificação:

“*Espíritas! Amai-vos, este o primeiro ensinamento; instrui-vos, este o segundo*”.¹³²

¹³² KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. In: O Cristo Consolador. Rio de Janeiro: FEB, capítulo VI, página 130

“Há um elemento, que se não costuma fazer pesar na balança e sem o qual a ciência econômica não passa de simples teoria. Esse elemento é a educação, não a educação intelectual, mas a educação moral. Não nos referimos, porém, à educação moral pelos livros e sim à que consiste na arte de formar caracteres, à que incute hábitos, porquanto a educação é o conjunto dos hábitos adquiridos.

Quando essa arte for conhecida, compreendida e praticada, o homem terá no mundo hábitos de ordem e de previdência para consigo mesmo e para com os seus, de respeito a tudo o que é respeitável, hábitos que lhe permitirão atravessar menos penosamente os maus dias inevitáveis. A desordem e a imprevidência são duas chagas que só uma educação bem entendida pode curar. Esse o ponto de partida, o elemento real do bem-estar, o penhor da segurança de todos.”¹³³

“(…) A educação, convenientemente entendida, constitui a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres, como se conhece a de manejar as inteligências, conseguir-se-à corrigi-los, do mesmo modo que se aprumam plantas novas. Essa arte, porém, exige muito tato, muita experiência e profunda observação. (…).¹³⁴

– Arnaldo – concluí, aproveitando o interregno do locutor –, poderemos então deduzir que o meio mais eficaz de promover a educação é pela força do exemplo?

– Sem dúvida, meu filho. Basta que se verifiquem os ensinamentos do próprio Evangelho de Jesus para tal constatação: *“a fé se não tiver obras é morta”*¹³⁵, ou ainda *“credes nas obras; para que conheçais e acrediteis que o Pai está em mim e eu nele”*¹³⁶. E através da moral que as barreiras são quebradas, é pelo amor em sua irradiação específica que o conteúdo verdadeiro penetra nas profundezas da alma do aprendiz. Sendo assim, necessitamos divulgar a proposta da educação pela força do exemplo dos educadores.

¹³³ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, pergunta 685 – comentário de Kardec

¹³⁴ KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB, pergunta 917 – comentário de Kardec

¹³⁵ TIAGO. In: Tiago, 2:17.

¹³⁶ JESUS. In: João, 10:38.

Não estamos excluindo a necessidade do conhecimento técnico, que também faz parte da pedagogia educativa; apenas ressaltamos a importância da associação entre os verbos saber e fazer. O conhecimento espiritual não pode jamais ser traduzido em assimilação restrita da cultura, pois é muito mais profundo.

O processo da educação terá, no futuro, as bases edificadas sobre o amor e sobre a intuição e, com o auxílio do conhecimento das Leis Divinas, bem como das leis humanas, o educando aprenderá a discernir entre o bem e o mal, implementando, no laboratório da vida, os caracteres da marcha ascensional, a partir da busca pessoal. Com isso, o saneamento de seu mundo íntimo ampliará suas percepções para que as revelações cheguem no justo momento, quer dizer, proporcionais ao investimento em si mesmo. Entendemos que Jesus, ao pronunciar a inesquecível frase “*E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará*”¹³⁷, apontava para nós a temática da Educação Evangélica. Ainda acerca desse tema, recordemos Emmanuel, no livro de mesmo nome, quando este nos diz:

*“Todas as reformas sociais, necessárias em vossos tempos de indecisão espiritual, têm de processar-se sobre a base do Evangelho. Como? – poder eis objetar-nos. Pela educação, replicaremos. (...) Há necessidade de iniciar-se o esforço de regeneração em cada indivíduo, dentro do Evangelho, com a tarefa nem sempre amena da auto-educação. Evangelizado o indivíduo, evangeliza-se a família; regenerada esta, a sociedade estará a caminho de sua purificação, reabilitando-se simultaneamente a vida do mundo.”*¹³⁸

¹³⁷ JESUS. In: João, 8:32.

¹³⁸ EMMANUEL (Espírito). (psicografia de Francisco Cândido Xavier), pelo espírito de Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB.

Quando o apóstolo Paulo, em sua Primeira Carta aos Coríntios, diz que “*a ciência incha, mas o amor edifica*”¹³⁹, ele aponta para a ascese espiritual, não desprezando, de forma alguma, os incentivos advindos do mundo externo. Ressalta, ainda, a aplicação do verbo ser e não do verbo ter, no plano temporal do mundo moderno. Com o passar do tempo, o homem vai mergulhando cada vez mais na ciência do espírito, aproveitando a letra sem morrer em seus predicativos.

– Arnaldo – exclamei com entusiasmo –, maravilhosa é a ciência da vida! Que belos exemplos legaram Pestalozzi (1746), Dona Gabi (1796) e Allan Kardec (1804).

– Sem dúvida – concordou com afetuoso sorriso. Eles seguiram, quando de suas reencarnações na Europa, os preceitos de Jesus registrados no Evangelho de João: “*a minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou*”¹⁴⁰.

Em seguida à concordância do amigo, lembramo-nos de outro tema, e, procurando dar novo encaminhamento à conversa, dissemos ao amigo termos muito carinho pelo quarto Romance ditado por Emmanuel ao Chico, o livro *Ave, Cristo!*. Perguntamos, então, a Arnaldo Rocha:

– *Ave, Cristo!* é um riquíssimo romance, que apresenta um conteúdo extremamente evangélico. Você fez, durante o nosso trabalho, várias menções sobre esta obra de Emmanuel. Não chegou o momento de brindar o leitor dos diálogos com algumas recordações dos *Amigos para Sempre*, contidas neste romance?

Nesse instante, olhando em nossos olhos e demonstrando uma necessidade de responder para muito além das palavras, o amigo de tantos encontros confessou:

– É o livro da minha vida! Já perpasséi muitas vezes suas milhares de frases, sentindo sempre descerrar em minha alma um verdadeiro caleidoscópio de revelações que fazem nascer tanto o amor, quanto muitas dores também.

¹³⁹ PAULO. In: I Coríntios, 8:1.

¹⁴⁰ JESUS. In: João, 4:34.

Em um de nossos *diálogos e recordações*, quando visitei Chico, já instalado em Uberaba, pude acompanhar o amigo em sua atividade de separação de correspondências. Conversamos por muitas horas até que em dado momento, silenciamos. Depois de algum tempo, Chico olhou para mim, e soltou uma de suas conhecidas frases de efeito: “*Naldinho, acabou a saliva?*”. E me lembro de ter respondido entristecido: “*Não, Chico*”. Em seguida, prossegui: “*É que estou fazendo uma releitura do Ave, Cristo! e sinto renascer em minha alma muitas lutas, como o espinho na carne, dito por Paulo. Durante a viagem de Belo Horizonte a Uberaba, ocorreu-me, intuitivamente, que a igreja de João Evangelista, na cidade de Lyon ou Lugdunum, nas Gálias, não poderia ter se dissipado no tempo. Foram tantos expoentes do Evangelho, como o próprio fundador Policarpo, Átalo de Pérgamo, Irineu e tantos outros que por lá estagiaram na divulgação do Evangelho, que imagino a continuação da obra dos primeiros séculos do Cristianismo em algum lugar nesse infinito de meu Deus*”.

O Chico, então, fez um apontamento que estava guardado em um escaninho empoeirado e esquecido: “*Naldinho, nesse exato instante um amigo espiritual foi autorizado a outorgar a informação que você captou por intuição. Revela, ainda, que essa grande assembléia do bem recebeu a incumbência dos altiplanos espirituais de preparar a mesma Lyon do século XIX, que recebeu, em seu solo salpicado de sangue dos mártires do Evangelho, o apóstolo fiel, Allan Kardec*”. Após esse brinde espiritual a mim revelado – por necessidade de trabalho, e não por merecimento – vivi um momento ímpar. Naquele momento, perguntei a Chico: “*Chico, poderíamos ainda deduzir que Lyon foi ‘transplantada’ para Minas Gerais? São tantos espíritos vinculados aos tempos de Apio Corvino, nosso Benfeitor Bezerra de Menezes, que participaram e continuam construindo a história do movimento espírita em Minas e no Brasil, que não consigo pensar sob outro ângulo. Será isso um devaneio do aprendiz das serras de um curral chamado Del-Rei, sonhando estar numa Sorbone,*

distante no tempo passado?”. E o Chico arrematou: “Nosso querido amigo espiritual, Pedro de Alcântara, confirma novamente que você está correto e que a intuição se revelou genuína, em plena reminiscência dos momentos majestosos vividos nessa colônia espiritual, situada nos céus da grande Belo Horizonte, estendendo-se pela Serra do Curral até a antiga Vila Rica. Informa ainda que, no momento certo, serão revelados, para a comunidade espírita, detalhes desse núcleo que interage perfeitamente com Nosso Lar. Nosso orientador ainda nos diz que essa Cidade Espiritual tem como principal missão preparar os servidores do Evangelho em diversos setores das atividades humanas que se harmonizam gradativamente com os mais recentes **Novos Horizontes** (grifo nosso)¹⁴¹ da regeneração”.

Fiquei admirado – continuou Arnaldo, sorrindo para este pobre repórter -, apesar da memória não me permitir recordar o diálogo em sua totalidade. O mais importante é o fato dessa colônia respaldar o trabalho de Emmanuel, de Bezerra de Menezes e de tantos outros mentores da Vida Maior; trabalho esse de esculpir, nas terras de Santa Cruz, dos séculos XIX e XX, novas páginas de luz, como verdadeiros baluartes da fé, num movimento de continuidade da expansão da Doutrina Espírita e do Evangelho de Jesus. Tal expansão ocorrerá pelas vias da mortificação do eu, na ascensão do Cristo no seio de suas ovelhas, da mesma maneira como um dia também o fez Allan Kardec.

Não conseguindo conter a ansiedade, aventuramos uma pergunta:

– Arnaldo, o Chico revelou outros personagens do livro *Ave, Cristo!* cujos nomes você ainda não tenha citado para nosso leitor amigo?

– Meu jovem, se eu já nem me recordo bem daqueles que já citei, ainda mais novos nomes! – respondeu-me em tom de gracejo. Entretanto, devo

¹⁴¹ A referência ao nome “Novos Horizontes” revelar-se-ia, mais tarde, através da psicografia do médium Wagner Gomes da paixão, como sendo a colônia espiritual situada sobre a capital mineira, conforme descrito na obra, *Em Novos Horizontes*, publicado pela união Espírita Mineira.

ressaltar que não são revelações de nossa *Alma Querida*. Foi o Senador, e não o Chico, quem nos esclareceu. Ao término de uma de nossas tarefas de intercâmbio espiritual, em que se apresentaram personalidades com dramas do século XVI pertinentes a alguns dos companheiros do Grupo, manifestou-se, através da psicofonia sonambúlica de Chico Xavier, o Espírito do grande educador Emmanuel, explanando sobre a Lei de Causa e Efeito, e explicando-nos as razões tristes de revolta e fixação mental de tais manifestantes. Tendo em vista o tema, o nosso Benfeitor identificou personagens do livro, sobre o qual você indaga, com alguns dos companheiros presentes. Mas, vamos por ordem que, talvez a memória acabe auxiliando.

Nessa época, Clóvis Tavares e eu aproveitávamos a abertura do inconsciente de Chico para nos prepararmos para os trabalhos doutrinários, principalmente no trato com os irmãos em necessidade no Além. Chico, vez por outra, indagava se estávamos anotando o que ele ia dizendo. Como eram muitas as informações, ele sugeriu, um dia, que as escrevêssemos na última página dos citados romances. Vamos, então, recordar: Ápio Corvino é Bezerra de Menezes. Quinto Varro e Quinto Celso, Frei Pedro de Alcântara. Basílio é Emmanuel. Blandina é Irma de Castro Rocha ou Meimei. Silvano é Joaquim Alves, fundador do “Lar Fabiano de Cristo”. Lívia, filha de Basílio, é Chico Xavier. Taciano é esse mísero que vos fala; Enius Pudens é o mesmo Enio Santos. Crispo é o Wallace Leal Rodrigues. Érato Marcelino é o Honório Onofre de Abreu, Rufo é o inesquecível médium da cidade de Sacramento, Eurípedes Barsanulfo. Rubens Romanelli foi o romano que, em missão nas Gálias, promoveu a prisão de Ápio Corvino. Alésio e Pontimiana repetiram o casamento na última encarnação: José Xavier e Geni. Flávio Súbrio é Antônio Loreto Flores, médium que viveu em Belo Horizonte e fundou duas casas espíritas. Lucila é a mesma Lucília, irmã de Chico. Marcelo Volusiano, o mesmo Carlos V, rei da Espanha no século XVI, filho de Filipe de Flandres e Joanna de Castela e Aragão.

– Arnaldo – falei admirado –, que tesouro precioso é a organização dos destinos do orbe terreno no nível espiritual! Poderemos depreender que, de certa forma, o retorno de todos esses espíritos, e mais a presença de entidades espirituais, formavam uma verdadeira plataforma de trabalho? E ainda: pelas irradiações pessoais, eles auxiliavam a abertura do psiquismo do médium Chico para a grandiosa missão que o aguardava?

– Sim, filho – respondeu sorrindo. São maravilhosos os fundamentos da realidade espiritual. Desse panorama aqui apresentado, partiu, de *Novos Horizontes*, uma plêiade de trabalhadores. Muitos deles conviveram conosco na saudosa Pedro Leopoldo, tendo à frente Francisco Cândido Xavier que, seguindo o mesmo diapasão moral de Eurípedes Barsanulfo, evangelizou a mediunidade nas terras mais irrigadas do Brasil, no seio da tradicional família das Minas Gerais do século XX, século este que findou há pouco.

Quando reverencio o trabalho de Chico, faço-o com conhecimento da sua trajetória educativa desde as remotas eras egípcias¹⁴² dos sonhos faraônicos e incluo-me na condição daqueles que emergiram das grandes dificuldades interiores pela força do exemplo dos Amigos Educadores.

Contudo, retomando o que falávamos acerca do livro *Ave, Cristo!*, a personagem Livia (nosso Chico), filha de Basílio (Emmanuel), já apresentava valores dinamizados ao longo do tempo que vieram consagrar o espírito de perseverança e fé. Por isso o povo recebe Chico Xavier no perfil cristão que todos sonhamos. Entende o motivo de ser este o livro da minha vida?

Tentarei ser mais claro. Os extremos se conjugam no amplexo de verdade e luz. Enquanto eu despertava para as realidades do Evangelho, pela dor e pelo sofrimento, muitos companheiros já expressavam o Divino Amor do Cristo no século III. Isso equivale a dizer que são dezessete séculos de distância... o que muito me constrange!

¹⁴² Arnaldo Rocha teria sido o faraó Quéops. Emmanuel, Chico e outros amigos estavam juntos nessa fase.

Ainda envolto nas reminiscências do século III, Arnaldo Rocha retoma a narrativa de suas lembranças vividas como Taciano e recordar-se de quando aceitou o chamamento do Cristo:

– Não posso, meu filho, deixar de homenagear, mesmo que singelamente, o benfeitor do meu coração que me resgatou, por amor, do vale da sombra. O mesmo benfeitor que veio confirmar as minhas intuições sobre a igreja de Lyon, Pedro de Alcântara. Na época desse resgate, narrado no livro *Ave, Cristo!*, ele foi meu pai e tinha o nome de Quinto Varro; no decorrer das tramas da vida, narradas na obra citada, acabou por assumir o mesmo nome daquele que se transformou em seu pai espiritual, Ápio Corvino (Bezerra de Menezes). Após morrer nos braços de Taciano, seu filho, reencarna novamente, na mesma história, como o garoto Quinto Celso, sempre com um só objetivo: o de ajudar-me a sair da sombra e ver Jesus. Aliás, ao recordar o diálogo do pai Quinto Varro no leito de morte com o seu filho rebelde, Taciano, sinto uma profunda dor.

Arnaldo, então, relatou um pouco da inesquecível passagem que aqui inserimos integralmente, a fim de que não se perca nenhum detalhe do que foi narrado pelo autor espiritual Emmanuel:

“És moço em demasia... Podes aceitar o Evangelho do Senhor e realizar obras imortais!...”

– Não posso, não posso!... – clamou o rapaz, abeirando-se do desespero – sinto que não me é possível fugir à verdade! Sou teu filho, sim, mas sou contra o Cristo...

(...) Nesse instante, provavelmente pelo excesso de forças que despendera, o moribundo caiu em perigosa crise hemorrágica.

Golfava o sangue, copioso, através da boca e das narinas, dificultando a respiração.¹⁴³

Taciano inclinou-se, então, com filial piedade para o agonizante, buscando socorrê-lo.

¹⁴³ Ressaltamos esse fato pois, no momento da inserção do texto acima, veio-nos à memória a cena do desencarne atual de Meimei, devido a problemas pulmonares, nos braços de Arnaldo, nos mesmos moldes acima descritos. Então formulamos a seguinte pergunta: A Lei de Causa e Efeito não ativou os registros mnemônicos de Arnaldo Rocha, para que seus reflexos, escondidos na poeira do tempo, fossem trabalhados com vistas ao seu despertar espiritual? – (nota do autor).

Sentia-se, enfim, tomado de compaixão. (...)

“Quinto Varro não mais enxergou o recinto (...). As paredes do cárcere (...) haviam desaparecido (...), o espaço, em torno, estava repleto de entidades espirituais.

Dentre todas (...) reconheceu, de imediato, o velho Corvino e o pequeno Silvano, que o olhavam afetuosamente.

O santo apóstolo que o precedera, na grande viagem da morte, sentara-se à cabeceira (...). Silvano (...) fazia-se seguir de algumas dezenas de crianças (...).

Dirigindo-se a Corvino, com palavras que o jovem patrício passou a tomar como sendo manifestação alucinatória, falou em voz baixa, estranhamente reanimado:

— Benfeitor querido, este é o filho de minh alma!...ê o doce menino, a quem me referi, em nossas antigas conversações, em Roma...Cresceu em outros braços e desenvolveu-se em outro clima!... O meu pai, tu sabes que longas e torturantes saudades me dilaceram o coração!... Tu sabes como suspirei por esta hora de compreensão e harmonia!... Contudo, ai de mim! Os que se amam profundamente, na Terra, costumam reencontrar-se no justo momento da grande separação... Oh! Pai querido, não me relegues à aflição que trago no peito opresso... Balsamiza meu espírito ulcerado, sustenta-me para a viagem da morte!... Dá-me forças, afim de que eu possa seguir em paz, avançando no caminho que o Senhor me traçou! Não permitas que os meus pés venham a vacilar na jornada nova! Daria tudo agora para ficar e desvelar-me pelo filho esquecido, no entanto, o nosso Divino Mestre honrou-me com o seu testemunho de confiança!... Devo partir, deixando na retaguarda o fatigado corpo que me serviu de tabernáculo!... Consola-me, porém, a certeza de que prosseguiremos ligados uns aos outros pelos laços sublimes do amor que, em toda a parte, é a herança gloriosa de Nosso Pai Celeste!...Perdoa-me a insistência com que me prendo a Taciano nos minutos supremos de minha despedida da Terra!... Ele ainda está moço e inexperiente... Não tem ainda suficiente altura espiritual para compreender o Evangelho, mas o futuro nos auxiliará a vê-lo triunfante... Abnegado Corvino, não o abandones!... Ajuda-o a refletir na grandeza da vida e a descobrir a luz do conhecimento cristão!...”¹⁴⁴

Arnaldo lembrou o diálogo do Espírito Ápio Corvino com o recém desencarnado Quinto Varro, pai de Taciano:

¹⁴⁴ EMMANUEL (Espírito). *Ave, Cristo!*, (psicografia de Francisco Cândido Xavier), pelo espírito de Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB. 21a edição. Primeira Parte, Cap.VII: Martírio e Amor. p.193.

“Varro, há mil meios mais seguros de auxiliar, acima das impressões infrutíferas da tristeza ou da aflição. Reergue-te! Taciano é filho de Deus. Muitos companheiros encarceram-se, após a morte, nas teias escuras da afetividade menos construtiva, quais pássaros embaraçados em visco de mel, e transformam-se em algozes carinhosos e inconscientes dos próprios familiares... Levanta o teu padrão de sentimento e caminhemos. Voltarás, decerto, a rever teu filho e estender-lhe-ás os braços robustos e generosos, mas, por agora, Jesus e a Humanidade devem ser as nossas essenciais preocupações de servidores do Evangelho.

A festa espiritual para receber esse valoroso cristão foi se ampliando até o momento que Varro, após sentida oração, rogou uma nova oportunidade junto ao seu filho aos Espíritos da Luz :

– Abnegado amigo, tuas palavras falaram fundo à minha alma. Recebo-as por incentivo caridoso à minha pobre boa vontade, de vez que não as mereço, de modo algum... Sei que a tua generosidade me descerra novos horizontes, que a tua bondade pode conduzir-me às alturas, entretanto, se é possível, deixa-me na Terra mesmo... Reconheço-me, por enquanto, incapaz de seguir adiante, mesmo porque minha tarefa não foi concluída. Alguém...

(...) Gostaria de renascer na carne e servir junto do filho que o céu me confiou...”¹⁴⁵

Um silêncio lacônico, mas muito significativo, envolveu nossos corações naquele instante que jamais esqueceremos.

– Meu filho – tomou Arnaldo, claramente emotivo –, inebriado com as lições ensejadas nesta história que conjuga amor e dor, tenho um desejo de expressar o que carrego há muito tempo em meu combalido coração. De toda essa família espiritual que vem caminhando há tanto tempo em busca da transformação pessoal pelo Evangelho do Cristo, represento aqueles que deliberadamente renegaram o bem...

¹⁴⁵ Idem, p. 198 a 202.

Afirmo não ter sido por acaso que a maioria dos *Amigos para Sempre* se foram para o Mundo Espiritual, ficando ao nosso lado uma diminuta parcela da família que foi levada ao sacrifício pelo amor da causa. Recordo-me – voltando a fazer alusão ao livro *Ave, Cristo!* – do episódio final da história, em que os cristãos foram levados ao suplício. Eu era o único que verdadeiramente não merecia o testemunho do Evangelho. Um dos cristãos, chamado Érato Marcelino, muito nos ajudou no momento do desespero. Chico confidenciou-me, na União Espírita Mineira, apontando para Honório de Abreu: “foi aquele rapaz que encorajou Taciano, para enfrentar o martírio.” Então, eu lhe pergunto: por que estava com eles? E por que voltei ao lado deles?

Minha história foi marcada pelo poder, comando de guerras, jogos e seduções, figurando personalidades destemidas para enfrentar, desde leões e inimigos, a situações em que a astúcia e o destemor impulsionavam verdadeiros feitos heróicos. O Faraó Quéops, General Senmut, arquiteto e escultor de Hatshepsut; general Beb Alib, do livro Semíramis; general de Ramsés II; Aníbal general cartaginês; Ciro, O Grande; general romano Tito Livônio; patrício e militar Plínio Severus, filho de Flamínio Severus, do livro *Há 2000 anos...*; patrício Taciano Varro do livro *Ave, Cristo!*; Prisco do livro *Esquina de Pedra*; Louis de Bouillon; Pepino di Colona; sultão Otomano Bajazet I; Fabian dAugier; Príncipe Felipe de Flandres; o Duque de Alba no século XVI; o general Potemkin, amante de Catarina da Rússia; Pablo Hernandez, vinhateiro de Barcelona... Todas essas personalidades registram o que eu gostaria de dizer. Graças a Deus e ao auxílio de Livia (Chico), pelo seu caráter evangelizado, que os desatinos não foram maiores.

Sugerimos ao leitor amigo recorrer a esta obra extraordinária, *Ave, Cristo!*, especialmente ao capítulo “*Sonhos e Aflições*”, a registrar valioso diálogo entre estes dois aprendizes, que culminaria nas seguintes reflexões:

“– *Blandina é também um amor que confia em nós. Se adotássemos uma conduta igual à daqueles que nos ferem, talvez lhe envenenássemos irremediavelmente o coração. De que nos valeria arrebatá-la aos braços maternos? Estaria presa, em espírito, a estas árvores da sua primeira infância...*”

A separação lhe faria ver uma heroína inolvidável na mãezinha que lançaríamos com o nosso gesto ao menosprezo, e a devoção que desejaríamos dela receber, pura e simples, provavelmente estaria transformada em desconfiança e dor... Se algum dia deve provar o fel da verdade, que o cálice de angústia lhe seja imposto por outras mãos...

Taciano fitou a pequena, de longe, e calou-se, de voz embargada pela comoção.

***Estaremos juntos!**¹⁴⁶ – esclareceu a moça, reanimando-o – o amor, acima de tudo, é entendimento, carinho, comunhão, confiança, manifestação da alma que pode perdurar sem qualquer compromisso de ordem material... encontrar-nos-emos em Blandina¹⁴⁷, que será nosso ponto de referência afetiva. Os dias passarão sobre nós como vagas de beleza e esperança e... quem sabe o futuro? Talvez o tempo...*

Antes, porém, que pudesse terminar a frase, a menina alcançou-os, com belo sorriso, a oferecer-lhes soberbo ramo de gerânios encarnados.

O genitor refugiou-se no silêncio e a pequenina dominou a conversação, contando graciosas aventuras.

Daí a instantes, o trio retomava o caminho de volta. (...).”¹⁴⁸

Novo silêncio se interpôs entre nós. Lembramo-nos, então, de que conjeturamos, em muitos momentos dos nossos Diálogos com Arnaldo Rocha, sobre a importância de registrar as experiências adquiridas destes Amigos do Cristo.

– Arnaldo – voltei a falar, decidido a não me deixar vencer por minhas próprias limitações –, se você me permite, gostaria de lembrar um pensamento do nosso Emmanuel. Quando Jesus retorna ao seio dos homens para revelar a vitória sobre a morte, no terceiro dia, espera surgir o sol, escolhe um jardim para enaltecer a poesia da esperança, e traz para junto de Si uma ovelha

¹⁴⁶ A afirmativa destacada, com grifo nosso, na fala de Livia, pode ter ressonância no encontro “casual” entre Arnaldo Rocha e o próprio Chico, na atual existência – vide capítulo 1 –, reaproximados por Meimei (afinal, Livia é Chico Xavier; Taciano é Arnaldo Rocha e Blandina é Meimei). – (nota do autor).

¹⁴⁷ Idem.

¹⁴⁸ EMMANUEL (Espírito). *Ave, Cristo!*. In: capítulo Sonhos e Aflições, (psicografia de Francisco Cândido Xavier), pelo espírito de Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB.

desgarrada, Maria de Magdala. Em Sua Divina sabedoria, poderia ter escolhido para presentear com a sua volta os corações já habilitados para conviver na morada do Pai como, por exemplo, Maria, sua mãe; Pedro, o edificador da estrutura mental do Evangelho; João, o sentimento enobrecido; mas, ao contrário, escolheu aquela que é tida por pecadora, entre as “Marias” do mundo. Esta simbologia reflete a importância do trabalho como uma fonte que irriga e transforma nosso mundo íntimo.

E, se você me concede ainda uma vênia – prossegui desassombrado –, ele escolheu você e, por isso, recebemos o apoio para brindar os nossos companheiros, que ficam na Terra, com alguns detalhes da *trajetória dos amigos* em direção a *Novos Horizontes* da Paz.

– Meu filho – interrompeu decidido –, já errei demais em acreditar na minha verdade, por isso prefiro confiar que o trabalho de *Recordar e Dialogar* com você foi muito mais uma oportunidade de aproximar o Cristo e os Seus Seareiros dos corações, que, como eu, perpassam pelo vale da dor em busca do Seu Amor, como ovelhas em busca do Pastor. Assim agradecerei a Providência Divina ter me encaminhado para integrar novamente a equipe dos *Amigos para Sempre*, ao lado de Chico Xavier que nos ensinou as lições de seu “*mandato de amor*”. Que Jesus abençoe nossa *Alma Querida* para sempre.

Após um forte abraço, Arnaldo pegou sua tradicional sacola, que transporta os livros da Codificação, e, como bom mineiro, foi se distanciando até sua imagem se diluir no meio dos outros amigos que se confraternizavam no cenário da União Espírita Mineira.

Por fim, o repórter das recordações ficou só. Confessamos que, nesse instante, nosso anseio era uma viagem ao deserto, como fez Paulo de Tarso, conforme o romance *Paulo e Estêvão*, para fazer profundas reflexões.

Visualizamos, pela retina psíquica, os primeiros registros de Chico e Arnaldo, dos tempos faraônicos até os dias em que Deus

os reaproximou e, por que não dizer, reaproximou todos nós, inclusive vocês que conosco viajam nesses papiros.

Vamos fechá-los por mais algum tempo, concluindo que a evolução é uma lei indestrutível, principalmente quando o espírito utiliza o fator determinante da vontade com vistas a transformar fontes e flores em manancial de vida, embelezando o jardim do próprio coração.

Abraços,

Para os Amigos para Sempre.

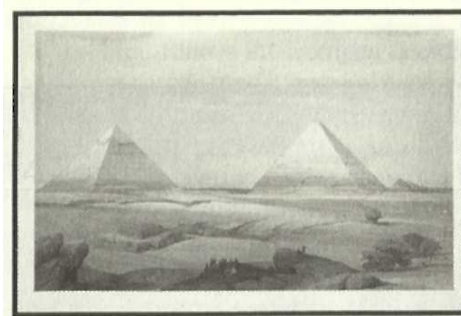


http://penelope.uchicago.edu/~grout/encyclopaedia_romana/gladiators/martyrdom.html

Apêndice

Quéops foi um faraó do Antigo Império reinou por volta de 2566 a.C. até 2589 a.C. Foi o segundo faraó da Quarta dinastia. Quéops foi filho do Rei Snéfero e, ao contrário de seu pai, foi lembrado como um faraó cruel e sem piedade. Quéops teve diversos filhos, um dos quais, Djéfera, foi seu sucessor imediato. Ele teve uma filha chamada Rainha Hetepheres II.

O faraó Quéops também foi o responsável pela construção da maior pirâmide de Gizé – que são as únicas das sete maravilhas do mundo antigo –, levando seu nome: a pirâmide de Quéops.¹⁴⁹



GIZÉ



¹⁴⁹ <http://pt.wikipedia.org/wiki>

*Deslumbrante caminho descerrara-se nos céus...
Embriagado de júbilo, Quinto Varro colou o filho
(Taciano) de encontro ao peito e, rodeado pela
grande assembléia dos amigos, avançou para o
alto, como um lutador vitorioso que conseguira
subtrairão pântano de sombra um diamante
castigado pelos cinzéis da vida, para fazê-lo
brilhar à plena luz....
Cá em baixo, a crueldade gritava, em regozijo. A.
chusma delirava na contemplação de corpos
incendiados, no sinistro banquete da carnificina
e da morte, mas, ao longe, no firmamento
ilimitado, cuja paz retratava o amor inalterá-
vel de Deus, as estrelas fulguravam, apontando
aos homens de boa vontade glorioso porvir...¹⁵⁰*

¹⁵⁰ EMMANUEL (Espírito). *Ave, Cristo!*, (psicografia de Francisco Cândido Xavier), pelo espírito de Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB. 21a edição. Segunda Parte, Cap.VII: Fim de Luta. P. 438 e 439.

XX

Alma e Coração

“Rejubilai-vos, diz Jesus, quando os homens vos odiarem e perseguirem por minha causa, visto que sereis recompensados no céu.”¹⁵¹

*“Porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus”.*¹⁵²

¹⁵¹ KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, cap. XXIV, item 19.

¹⁵² PAULO. In: I Coríntios, 1:18.

Felizes pelo convite do senhor Honório de Abreu para a realização de homenagem a Francisco Cândido Xavier, rumamos para a federativa com o objetivo de fazer uma entrevista com o *Amigo para Sempre*, Arnaldo Rocha, que foi publicada a *posteriori* no jornal “O Espírita Mineiro”.

– Olá, meu companheiro! Como vão você e sua família? – iniciou Arnaldo, alegremente, o diálogo.

– Graças a Deus, todos estamos em busca das condições necessárias ao cumprimento do nosso dever com a vida – respondi em meio ao abraço fraterno. E você Arnaldo? – arremessei de pronto a pergunta inicial. Está tranqüilo para o trabalho delegado pelo nosso querido presidente?

– Meu filho, confesso não me sentir à vontade por várias razões. A primeira delas é o desconforto que me causa qualquer situação de destaque. Nosso jornal, “*O Espírita Mineiro*”, representa para muitos corações uma mensagem viva da Doutrina Espírita, e só de imaginar as tantas pessoas necessitadas na expectativa de saborearem um néctar, mas, ao invés disso, receberem observações deste andarilho errante, isso realmente me corrói.

– Arnaldo – interrompi fraternalmente –, isso não seria um exagero de sua parte? Afinal de contas, o objetivo da entrevista não é enaltecer a sua pessoa, mas prestar um preito de amor ao Chico. Lembre-se de que, em junho próximo, completarão dois anos de desencarne do amigo; portanto, nada mais justo que o convite para que você ofereça recordações em forma de diálogos, para saciar a sede de tantos que necessitam da água da vida. Você, Arnaldo, é um arquivo vivo e não pode ser olvidado por causa de preciosismo que, diga-se de passagem, respeitamos.

– Foi por isso mesmo que acabei concordando. Mas, ainda assim, prefiro me manter na “calada”, como fiz em vários momentos da minha insignificante reencarnação. Recordo-me de dois fatos muito importantes que grifam o que estou tentando dizer. O primeiro aconteceu no lançamento dos livros *Instruções Psicofônicas* e *Vozes do Grande Além*. Chico insistiu para que o meu nome fosse incluído nas referidas capas,

fato que não aceitei de forma alguma, pois meu papel foi apenas de organizar e catalogar as informações e dados e colocá-los em forma de Livro. A realização desse trabalho se deu junto de Chico e de alguns companheiros naquelas maravilhosas reuniões, em Pedro Leopoldo, as quais jamais esquecerei. Por fim aceitei, desde que fosse só na contracapa.

O segundo fato ocorreu na inauguração do Colégio Espírita *O Precursor*, da União Espírita Mineira, há muitos anos... Chegamos na sede – que, ainda hoje, situa-se na Av. Olegário Maciel, em Belo Horizonte – Chico e eu, e fomos recepcionados por muitos amigos de doutrina e da sociedade da capital mineira, dentre os quais estavam: Rubens Romanelli, Martins Peralva, Maria Alluoto Beroto (Dona Neném), Bady Curi, Ademar Duarte, Noraldino Castro, Camilo Chaves e outros que a memória não autoriza mais lembrar, pois são cinquenta anos já passados... Nisso, o nosso ilustre senhor Ademar Duarte, membro conselheiro da União, além de reconhecido professor, aproximou-se, dizendo que os lugares na mesa diretora estavam reservados para o Chico e para mim. Confesso que fiquei chocado, pois eu era um maltrapilho perto de tantas celebridades da educação e da Doutrina. Jamais esquecerei a frase expressada por mim, que confesso, nascida no fundo do coração: *“Perdoe-me, Ademar, mas não posso aceitar a deferência. E não a aceito pelo simples fato de não me sentir à altura do cometimento. Já pensou naqueles amigos a observarem um neófito em Doutrina Espírita e um total desconhecido na área pedagógica sentado na posição mais importante?”*. No mesmo instante, Chico, que não havia participado do diálogo, mas registrava-o mediunicamente, deixou o outro grupo com o qual estava reunido e veio ao nosso encontro. Ao se integrar conosco, sem que ninguém tocasse no assunto, concordou com a minha posição, assim se exprimindo: *“Naldinho, compreendi e concordei, pois as dificuldades necessitam de tempo para serem trabalhadas”*. Foi uma frase que envolveu não só a mim, como também a todos os demais que, na hora, aquietaram-se.

Ao final do evento, o Dr. Camilo Chaves, outro amigo inesquecível, ao despedir-se de nós dois, voltou-se para mim e fraseou com sua costumeira educação: “*Apoio posturas como a sua, Arnaldo. São dignas do aprendiz do Evangelho*”. Hoje compreendo essas reações como mecanismo defensivo, mas afaço preferir agir assim no presente a escorregar no estrelismo ruidoso, que exige por consequência, a colheita amargosa no silêncio da senda individual. Afinal, Jesus nos ensina que “*os últimos serão os primeiros*”, não é verdade?

Sem ter nada a declarar, concordamos apenas com o olhar.

Retomando a exposição, o Amigo dos Diálogos e Recordações apontou-nos novos horizontes que, conseqüentemente, ampliaram a bela temática.

– Meu amigo – expressou-se, Arnaldo, no mesmo instante em que o ambiente se transformou num tesouro de espiritualidade –, ao contrário da negativa narrada, anteriormente, aceitei e me entreguei ao labor de dialogar com os irmãos desencarnados em sofrimento, através da confiança em mim depositada pelos Benfeitores espirituais. Costumo afirmar que é a única coisa que aprendi a fazer em Doutrina Espírita. Recordo-me do dia em que Emmanuel assim se expressou ao meu coração, através da psicofonia de Chico: “*Abrace, Arnaldo Rocha, essa tarefa como sendo a mais importante de sua vida. Devemos trabalhar pelo Evangelho, ofertando o melhor de nós, concedendo o tempo devido, apagando-nos para que Ele, O Cristo, cresça em Amor e Verdade sempre*”. Com esse ensinamento, busquei inspiração para tantos momentos que vivi, nesses quase 60 anos de Espiritismo.

Um dos pontos que mais sensibilizaram esse pobre coração para levar a tarefa a efeito foi a entrega dos cristãos primitivos ao trabalho do Cristo, mesmo em martírios sangrentos. As lições são irretocáveis, pois os testemunhos aconteceram naturalmente com vistas a fazer luz interior. O contrário se deu durante mais de dois milênios quando, estagiando como profíctes nas religiões tradicionais, buscávamos as luzes inebriantes e os aplausos entorpecentes, distanciando-nos, cada vez mais, da genuína simplicidade cristã. Temos muitos

exemplos registrados na história do Cristianismo que deveriam ser estudados nas comunidades de todas as religiões. Um belo exemplo foi o primeiro e mais marcante martírio de todos: o de Estêvão que, amparado por Jesus no momento extremo, pede perdão para Saulo de Tarso, seu algoz, conforme narrativa de Emmanuel no livro *Paulo e Estêvão*.

*“Nesse instante, ignorando-se alvo de tão singular atenção, o pregador do “Caminho”, saiu de sua impressionante imobilidade. Vendo que Jesus contemplava, melancolicamente, a figura do doutor de Tarso, como a lamentar seus condenáveis desvios, o discípulo de Simão experimentou pelo verdugo sincera amizade no coração. Ele conhecia o Cristo e Saulo não. Assomado de fraternidade real e querendo defender o perseguidor, exclamou de modo impressionante: – Senhor, não lhe imputes este pecado!...”*¹⁵³

Durante o intervalo que se fez em nosso diálogo, recordamo-nos de alguns textos oferecidos para este trabalho. Trata-se da tradução feita pelo amigo de Doutrina, Haroldo Dutra Dias, de algumas cartas da Igreja de Lyon do século IV, em grego, endereçadas às igrejas da Ásia.

Com a intenção de sensibilizarmos o leitor amigo, quanto à grande fé que movia esses pontífices cristãos a ponto de se entregarem desassombradamente às mais ignominiosas formas de tortura física e psicológica, em nome do Cristo, brindaremos você com breve resumo desses martírios.

Acta dos Mártires

O cristão **Sancto** foi torturado por longos e penosos dias. Seus torturadores queriam dele nomes, lugares, indicações que os levassem a outros cristãos; entretanto, tudo o que ouviram de sua boca foi a declaração em latim: “Sou cristão”. Como os açoites e ferros não surtiam os efeitos desejados, foram-lhe aplicadas chapas de cobre em brasa sobre os membros, de tal forma que seu corpo praticamente perdeu a forma

¹⁵³ EMMANUEL (Espírito). *Paulo e Estêvão*, (psicografia de Francisco Cândido Xavier), pelo espírito de Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB.

humana. Mesmo assim, em nada fraquejou. Após alguns dias, os algozes resolveram recomeçar as torturas do seu ponto inicial. Surpreendentemente, as novas aflições pareceram devolver a Sancto sua forma física e a recuperação dos movimentos de seus membros. Para os torturadores o fraquejar ou a morte dele assustaria profundamente os demais cristãos. No entanto, nada disso sucedeu. Sancto ainda teve que assistir ao estrangulamento dos irmãos de fé que, diante de sua coragem, também não se deixaram quedar. Após tudo isso, foi conduzido ao circo e jogado às feras que dele se aproveitaram o quanto quiseram; todavia, mais uma vez, não expirou. A turba expectadora, então, exigiu a cadeira de ferro em brasa onde o cristão foi posto, por fim, sem que exclamasse um gemido sequer, conservando, ainda, um semblante de fé, que tanto impressionava a quantos o vissem.

Átalo de Pérgamo foi outro cristão que a todos impressionou por sua grande demonstração de fé. O povo pagão exigia sua presença no anfiteatro, devido ao fato dele ser muito conhecido e por ser romano. Após ser exibido ao povo de maneira humilhante, foi levado ao cárcere, torturado com todo o tipo de instrumento de suplício para, finalmente, após alguns dias, ser novamente conduzido ao pátio onde foi, por último, posto na “cadeira de ferro fervente” – objeto de martírio que a plebe adorava – onde, enquanto era queimado, juntamente com outro impressionante cristão, Alexandre (que também não soltou um gemido sequer durante o mesmo ritual de dor a que foi submetido), exclamou, a viva voz e em latim: “Vede. Devorar homens é o que fazeis. Nós, porém, não somos antropófagos e não praticamos crime algum”. Interrogado, ainda, sobre o nome de Deus, replicou: “Deus não tem nome como os homens”.

O martírio do fundador da igreja de Lyon, **Policarpo** é outro fato que marcou a trajetória dos cristãos primitivos, pela sua demonstração de fé e em virtude das manifestações espirituais que o cercaram. Após um sonho em que vira seu travesseiro em chamas, Policarpo deduziu e anunciou que seria martirizado em

breve, em uma fogueira. Com efeito, passados alguns dias, é levado pelas autoridades romanas – que muito se impressionaram com a gentileza, cordialidade e grandeza de caráter daquele velho senhor – para ser interrogado e concitado a negar Jesus. Porém, na entrada do teatro, o cristão ouviu uma “voz do céu” a lhe dizer; “Sê forte, Policarpo! Sê homem!”. Após ter sido ameaçado de ser lançado às feras caso não jurasse pela fortuna de César, Policarpo deu uma maravilhosa demonstração de como deve proceder um cristão. Afirmando sua fé, diz que nunca renunciaria ao “rei” que o havia salvado, Jesus Cristo. Disse ainda ao Procônsul que, se o mesmo quisesse, poderia lhe conceder um dia para lhe falar de Cristo, tempo suficiente para convencê-lo da doutrina cristã. O preposto de César, então, respondeu para Policarpo que ele tentasse convencer às massas, ao que foi respondido: “A ti eu considero digno de escutar a explicação. Com efeito, aprendemos a tratar as autoridades e os poderes estabelecidos por Deus com o respeito devido, contanto que isso não nos prejudique. Quanto a esses outros, eu não os considero dignos, para o me defender diante deles”. Então, o nobre cristão é condenado a ser queimado vivo. Uma vez colocado na fogueira, recusou-se a ser pregado no poste, alegando que Deus lhe daria forças para suportar o suplício sem fugir, sendo, então, amarrado. Com o fogo aceso, novo prodígio pôde ser testemunhado: as chamas como que formaram uma abóboda ao redor de seu corpo, não como se “queimassem carne”, mas como se “assassem pão”. Além disso, um cheiro de perfume impregnou todo o local, advindo do corpo do mártir. Impressionados, os algozes resolvem aplicar um golpe de misericórdia através de punhal. E, segundo os registros, da ferida “jorrou tanto sangue, que o fogo se apagou”.¹⁵⁴

Arnaldo retoma a temática central.

– Esses exemplos representam nossos desafios interiores, pois as feras já nos foram apresentadas no

¹⁵⁴ Adaptação da tradução feita por Haroldo Dutra Dias desses fatos históricos, a partir dos manuscritos em grego datados do Século IV provenientes das comunidades cristãs da Gália. – (nota do autor).

circo da consciência e as torturas foram a nós revelada pela Doutrina Espírita, em Espírito e Verdade, para que as labaredas de fogo transformem o grito do povo na aurora e na mansuetude do “vinde a mim”. Nós, por tão pouco, abandonamos o trabalho, reclamamos dos desafios, esquecemos da fé, criamos dissensões... e os nossos exemplos vivos acabam enterrados pela indiferença.

Tenho admiração pelo mártir da Independência do Brasil – o alferes Tiradentes – que, em nome do ideal do qual se investiu em sua romagem terrena, entregou-se passivamente para que a liberdade definitiva fosse instituída. A partir do sacrifício pessoal, traria o desenvolvimento histórico da nação inspirando outros mártires do anonimato.

Recordo-me de que, nas primeiras reuniões de materialização de que participamos junto ao Chico, o primeiro espírito a materializar-se foi o inesquecível Joaquim José da Silva Xavier. Alto, forte, de voz grave, conversou conosco por mais de um quarto de hora. No início da manifestação o assombro foi pelo fenômeno em si; depois, a estupefação decorreu da identificação do Patrono da Independência. Ele estava ali, diante dos meus olhos, a uma distância de apenas alguns centímetros. Nessa inesquecível reunião, o alferes Xavier fez uma bela palestra, explicando, doutrinariamente, a importância do livre arbítrio na construção do próprio destino. O seu desempenho, na personalidade do general romano Mario, definiu muitos sofrimentos na esteira do tempo.

Humberto de Campos escreveu, através de Chico, que esse espírito fora brindado por Ismael a proclamar, através das faculdades psicofônicas de Dom Pedro I, a inesquecível frase: “Independência ou Morte”. Como encarnado, o sonho foi frustrado em face da importância do seu testemunho no sacrifício, que certamente teve mérito maior.

Voltamos o olhar para o relógio e não conseguimos encontrar-nos no tempo, apesar de lembrarmos ser o dia 21 de abril, o dia de Tiradentes. Com isso, a recordação da Conjuração Mineira e do mártir, Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, foi inevitável.

Então, conjecturei com Arnaldo sobre uma possível ligação do sobrenome Xavier da família querida, que testemunharam até o fim o amor ao ideal de servir. Arnaldo dilui a pergunta, com o seu jeito mineiro, ‘*nomes podem ser apenas coincidências*’.



Joaquim José da Silva Xavier

(12/11/1746 – 21/04/1792)

www.sejus.df.gov.br/...tiradentes_r1_c1.jpg

São tantos exemplos que entramos em êxtase. Mas apontamos, também e não poderia ser de outra maneira, a trajetória vitoriosa de Emmanuel, deixando para traz as algemas fomentadas pelo seu próprio passado.

O Benfeitor de Chico Xavier e de todos nós espíritas, Emmanuel, revolve das cinzas imperiais por outras vias na atualidade, depois do traspassar de Chico, para levantar a chama da vida, de forma definitiva, na regeneração. Acreditamos que isso é o que ele gostaria de nos dizer.

Postergar significa ainda uma vinculação ao vôo da águia e aos césores.

– Arnaldo, como foi belo o martírio de Nestório – do segundo romance psicografado por Chico Xavier, ditado por Emmanuel, o livro *50 Anos Depois* – junto de Policarpo, sendo recebido por Lívia no plano espiritual. Não podemos esquecer, ainda, dos últimos instantes de Basílio – no livro *Ave, Cristo!* – na mesma igreja de Lyon!

– Sim, meu jovem! Cada história tem o seu enredo; mas as mortes de Públio Lentulus Sura¹⁵⁵, Públio Lentulus Comelius, Nestório e Basílio nos revelam profundos ensinamentos sobre a lei de causa e efeito e a libertação pelo Evangelho. Afinal, todas elas tratam da

¹⁵⁵ Arnaldo Rocha catalogou algumas vidas de Emmanuel que serão estudadas em outra obra.

mesma alma em evolução, ou seja, esse Espírito benéfico e amoroso que todos admiramos com nossos mais sinceros sentimentos, Emmanuel.

Como não podia deixar de ser, transcreveremos, a seguir, para melhor entendimento e embevecimento do leitor, trechos do martírio cristão de Emmanuel, em duas oportunidades: primeiramente, quando na personalidade do escravo Nestório, descrita no livro *50 Anos Depois*; em seguida, como o cristão Basílio, no livro *Ave, Cristo!*.

O martírio de Nestório – Livro 50 Anos Depois:

(Recebendo a **visita de Célia**) “– *Célia, tua vinda a este cárcere representa para nós a visita de um anjo. Não te impressione a nossa condenação, que aos olhos de Deus deve ser útil e justa. Dizia a inspiração de Paulo que a morte é o nosso último inimigo. Venceremos, pois, mais essa etapa, com Jesus e por Jesus. Apesar disso, não te esqueças de que a dádiva da vida é um bem precioso que o Céu nos confia. Para a alma fervorosa, o melhor sacrifício ainda não é o da morte pelo martírio, ou pelo infamante opróbrio dos homens, mas aquele que se realiza com a vida inteira, pelo trabalho e pela abnegação sincera, suportando todas as lutas na renúncia de nós mesmos, para ganhar a vida eterna de que nos falava o Senhor em suas lições divinas!*”

O Drama: *Policarpo, o venerável pregador da Porta Nomentana, transportado do Esquilino para o Capitólio, a fim de reunir-se aos companheiros, traçou no ar uma cruz com a mão calosa e encarquilhada... Então, todos os irmãos de fé, em cujo número se contavam algumas mulheres, se prosternaram e, contemplando o céu romano, formoso e estrelado, começaram a cantar hinos de devoção e de alegria. Esperanças versificadas, que deviam subir a Jesus, traduzindo o amor e a confiança daqueles corações resignados, que viviam embevecidos nas suaves promessas do seu Reino...*

Aos poucos, as vozes se elevavam, harmoniosas e argentinas, nas estrofes de hosana e de esperança! Seres espirituais, imperceptíveis, ajoelhavam-se junto dos condenados, a cujos ouvidos chegavam os ecos suaves das citar as do invisível...”¹⁵⁶
(...)

¹⁵⁶ EMMANUEL (Espírito). *50 Anos Depois*; (psicografia de Francisco Cândido Xavier); pelo Espírito Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 21ª Ed; cap. 7; pág. 139 a 160.

“Por vezes, os gritos de “cristãos às feras” e “morte aos conspiradores”, explodiam sinistramente da turba enfurecida.

Ao fim da tarde, quando os últimos raios do Sol caíam sobre as colinas do Célio e do Aventino, entre as quais se ostentava o circo famoso, os vinte e dois condenados foram conduzidos ao centro da arena. Negros postes ali se erguiam, aos quais os prisioneiros foram atados com grossas cordas presas por elos de bronze.

Nestório¹⁵⁷ e Ciro (pai e filho) confundiam-se naquele pequeno grupo de seres desfigurados pelos mais duros castigos corporais. Ambos estavam esqueléticos e quase irreconhecíveis. (...) Enquanto os gigantes africanos preparavam os arcos, ajustando-lhes flechas envenenadas, os mártires do Cristianismo começaram a entoar um cântico dulçoroso. Ninguém poderia definir aquelas notas saturadas de angústia e de esperança.

Debalde, as autoridades do anfiteatro mandaram intensificar o ruído dos atabales e os sons estrídulos das flautas e alaúdes, a fim de abafar as vozes intraduzíveis do hino cristão. A harmonia daqueles versos resignados e tristes elevava-se sempre, destacando-se de todos os ruídos, na sua majestosa melancolia.

(...) As primeiras setas foram atiradas ao peito dos mártires com singular mestria, abrindo-lhes rosas de sangue que se transformavam, imediatamente, em grossos filetes de sofrimento e morte, mas o cântico prosseguia como um harpejo angustiado, que se estendia pela Terra obscura e dolorosa... Na sua melodia misturavam-se, indistintamente, a saudade e a esperança, as alegrias do céu e os desenganos do mundo, como se aquele punhado de seres desamparados fosse um bando de cotovias apunhaladas, librando-se nas atmosferas da Terra, a caminho do Paraíso...

(...) Com o peito crivado de setas que lhe exauriam o coração, e contemplando o cadáver do filho que expirara antes dele, dada a sua fraqueza orgânica, Nestório sentiu que um turbilhão de lembranças indefiníveis lhe afloravam ao pensamento já vacilante, confuso, nas vascas da agonia. Com os olhos sem brilho pelas ânsias da morte arrebatando-lhe as forças, percebeu a multidão que os apupava, escutando-lhe ainda os alaridos animalescos... Fitou a tribuna imperial, onde, certo, estariam quantos lhe haviam merecido afeição pura e sincera, mas, dentro de emoções

¹⁵⁷ Reencarnação anterior de personagem do livro Há Dois Mil Anos, Públio Lentulus Cornelius.

intraduzíveis, viu-se também, nas suas recordações confusas, na tribuna de honra, com a toga de senador, enfeitado de púrpura... Coroado de rosas aplaudia, também ele, a matança de cristãos que, sem os postes do suplício nem flechas envenenadas a lhes traspassarem o peito, eram devorados por feras hediondas e insaciáveis... Desejou andar, mover-se, porém, ao mesmo tempo sentia-se ajoelhado junto de um lago extenso, diante de Jesus Nazareno, cujo olhar doce e profundo lhe penetrava os recônditos do coração... Genuflexo, estendia as mãos para o Mestre Divino, implorando amparo e misericórdia... Lágrimas ardentes queimavam-lhe as faces descarnadas e tristes...

Aos seus olhos moribundos, as turbas furiosas do circo haviam desaparecido...

Foi quando um vulto de anjo ou de mulher caminhou para ele, estendendo-lhe as mãos carinhosas e translúcidas... O mensageiro do céu ajoelhou-se junto do corpo ensangüentado e afagou-lhe os cabelos, beijando-o suavemente. O antigo escravo experimentou a carícia daquele ósculo divino e seu espírito cansado e enfraquecido adormeceu de leve, como se fora uma criança. Era Livia.”¹⁵⁸

O Martírio de Basílio – Livro Ave, Cristo!’.

Despedida do pai, Basílio, da sua filha, Livia. “O velho afinador abraçou Livia, cujos olhos se mantinham velados de pranto que não chegava a cair, e falou emocionado:

*– Adeus, minha filha! Creio não mais nos veremos nesta vida mortal. **Esperar-te-ei, porém, na eternidade...**¹⁵⁹ (grifo nosso) Se te demores na Terra, não te sintas a distância de meus passos. Permaneceremos juntos, em espírito... Somente a carne mora à sombra do túmulo... Se fores ultrajada, perdoa... O progresso do mundo feito com o suor dos que padecem, e a justiça, entre os homens, é um santuário levantado pela dor dos vencidos... (...)*

Ergueu os olhos para o Alto, como quem indicava no Céu a última pátria que lhes restava e concluiu:

¹⁵⁸ EMMANUEL (Espírito). *50 Anos Depois*. (psicografia de Francisco Cândido Xavier), pelo espírito de Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB. 28ª edição. Primeira Parte, Cap. VII, p. 153 a 156.

¹⁵⁹ O trabalho do educador Emmanuel junto ao seu pupilo Chico Xavier, no século XX, expressa um valor inestimável, em nível de aperfeiçoamento nas expressões legítimas do amor. Nota do autor.

– Um dia, reunir-nos-emos, de novo, no lar sem lágrimas e sem morte!... (...).

(...) O delegado imperial esboçou uma carranca de descontentamento e, fixando Basílio, inquiriu:

– E vós? Que dizeis?

O liberto encanecido sustentou-lhe o olhar penetrante e replicou, sereno:

– Ilustre legado, estamos a serviço do Cristo, que nos recomenda a abstenção de qualquer julgamento leviano, para que não sejamos levianamente julgados. O Evangelho não abona a revolução.

– Que insolência! (...) – Aos cavaletes!

Com a passividade que lhes era característica, os seguidores do Crucificado penetraram o lúgubre aposento. Vários instrumentos de martírio ali se enfileiravam.

(...)

(...) – Miseráveis! confessem agora! Onde se açoitam os cristãos insubmissos?

– Cristianismo e insubmissão não se conhecem! – Redargüiu Vestino, com calma.

– Nada temos a dizer – ajuntou Basílio, resignado.

– Horda de corvos! – trovejou Egnácio, possesso – por todas as divindades infernais! Desenrolem a língua ou o pagarão muito caro o atrevimento!...

Fez um sinal imperativo e as cordas retesaram-se.

Os dois apóstolos atormentados sentiram que o tórax e a cabeça se desligavam, que os braços se separavam do tronco.

Geram semi-asfíxiados, mas não se lhes arrefeceu o bom ânimo.

– Confessem! confessem! – repetia o alto dignitário romano, de espírito conturbado pela cólera.

Mas, porque a revelação tardasse, indefinidamente, mandou que as cordas se esticassem, mais e mais.

O peito dos supliciados arfava, dolorosamente.

Ambos cravavam o olhar no teto, qual se buscassem, debalde, a contemplação do Céu.

Pastos o suor escorria-lhes do corpo a estalar-se.

Em determinado momento, Basílio desferiu um grito inesquecível.

– Jesus!...

A imprecção escapara-se-lhe do imo dalma, num misto inexprimível de dor, amargura, aflição e fé.

Os olhos do velho afinador arregalaram-se nas órbitas, enquanto Vestino apresentava análogos fenômenos de angústia.

Rompida a base do crânio e rebentadas várias veias entre os ossos quebrados e a carne em dilaceração, o sangue, em golfadas sucessivas, lhes borbotou da boca entreaberta.

A morte fora rápida.

Estranha placidez estampou-se nas duas fisionomias dantes torturadas.

Chocaram-se, então, na sala, a perplexidade dos ímpios e o mudo heroísmo dos filhos do Evangelho.”¹⁶⁰

Ao citarmos anteriormente o livro *Ave, Cristo!*, principalmente no tocante à morte dos personagens Quinto Varro e Basílio, quisemos ressaltar que a narrativa do autor espiritual Emmanuel nos conta que, naquela hora extrema, ambos tiveram a visão de alguns dos famosos mártires do Cristianismo primitivo da Igreja de Lyon, que vieram recebê-los no seu vitorioso retorno ao plano espiritual.

Voltando ao nosso encontro com o *Amigo para Sempre*, Arnaldo Rocha, eis que ele prossegue, emocionado:

– Amigo – sorriu desenhando lágrimas nos olhos –, estamos renascendo dos escombros que nós mesmos edificamos e por inobservância da lei que derribamos. O Evangelho nos aponta o caminho “eis a hora”; nossos Benfeitores deixaram os exemplos que hoje estão mais do que claros em nossa consciência. Vou narrar para você – abaixou o rosto e depois continuou – um fato que não ousei comentar, pois nunca quis me posicionar como “chiquista”, mas a consciência nesse momento acusa a necessidade já que estamos falando de entrega ao trabalho.

No ano de 1958, minha segunda esposa Neuza havia viajado e aproveitei para ficar com nossa *Alma Querida* em Pedro Leopoldo. Como sempre, ele me hospedou e dormi na mesma cama que sempre me

¹⁶⁰ EMMANUEL (Espírito). *Ave, Cristo!*. (psicografia de Francisco Cândido Xavier), pelo espírito de Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB. 21ª edição. Segunda Parte, Cap. IV. P. 301 a 307.

acolheu durante muitos anos, que fica ao lado da do Chico, em seu quarto. Dormi e lá pelas duas horas da madrugada acordei com o médium chorando convulsivamente. Ele estava assentado em seu leito. Aproximei-me, toquei fraternalmente em seu joelho e balbuciei, respeitoso: “calma, meu querido, calma. Se você quiser falar o que foi, diga. Mas se não quiser falar nada, não tem problema. Calma!”. O Chico chorou assim por mais ou menos meia hora. Quando acalmou, ele me disse: “*Naldinho, as pressões são muitas e constantes, mas eu já expliquei para os Espíritos, que são contrários a Jesus, que, nesta existência, eu doei o meu corpo para que, a serviço dos nossos Benfeitores, Minas Gerais se torne um pólo irradiador da Doutrina Cristã para o mundo!*”.

Após a narrativa ficamos em um respeitoso silêncio. O que dizer? Pensamos. Muito a refletir, concluímos. Todas as dificuldades foram verdadeiros cutelos nos ombros daquele que dignificou o Espiritismo das terras das Gerais para o mundo. Ele, Francisco de Paula Cândido, foi verdadeiramente um mártir do Espiritismo Evangélico.

Chico se entregou, entre lauréis de espinhos, no silêncio dos grandes, como fez Maria de Nazaré: *eis aqui a serva, cumpra-se em mim conforme a tua palavra*¹⁶¹.

O narrador, então, retomou a palavra depois de um suspiro e encerrou o diálogo no tom fraterno que caracteriza o seu coração de amigo.

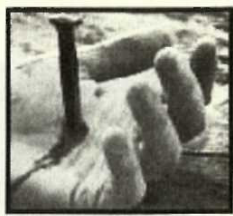
– Emmanuel afirma que o planeta Terra será um mundo regenerado por volta de 2057. O que fazer, a não ser seguir o Cristo? Meu tempo na carne está findando, pois afinal são oitenta e duas primaveras... ou vocês acham que ficarei por aqui só contando histórias! (nós dois rimo-nos muito desta demonstração de jovialidade do *Amigo Arnaldo*). Tenho que continuar escrevendo o livro da minha redenção. Para vocês que ficam na carne, se assim posso expressar-me, peço que façam o que a vida permite fazer, com outorga da consciência, mas façam com *Alma e Coração*.

¹⁶¹ JESUS. In: Lucas, 1:38.

Despedimo-nos, mais uma vez, como sempre, sentindo nosso coração repleto de sentimentos e ensinamentos cristãos.

Recolhemo-nos e por fim oramos a Deus, como fez o jovem cristão, após a morte de Basílio, para que os *Amigos* estejam *sempre dialogando e recordando*, aprendendo e ensinando, juntos aos filhos, que somos todos, do Evangelho de Jesus Cristo, que eternamente será decantado em versos e prosas em nome do Amor Universal.

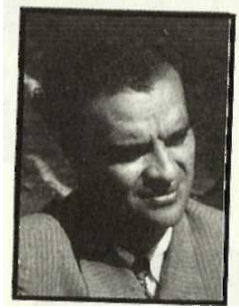




“O mais moço dos cristãos presentes, Lúcio Aurélio, de rosto imberbe, quase menino, avançou para os cavaletes empapados de sangue e, enfrentando a estupefação dos algozes, orou em voz alta:

– Senhor, digna-te receber com amor os teus servos e nossos inolvidáveis amigos! Ampara-os na glória de teu Reino! Foram eles nossa orientação na dificuldade, nossa coragem nos dias tristes, nossa luz no meio das sombras! O Mestre, permite possamos imitar-lhes o exemplo de virtude e coragem com o mesmo denodo na fé! Vestino! ‘Basílio! admiráveis benfeitores! De onde estiverdes, não nos abandoneis!’ Ensinai-nos, ainda, que só pelo sacrifício conseguiremos construir com Jesus o mundo melhor!..¹⁶²

¹⁶² Idem, p.296.



Fotos dos Amigos para Sempre: Chico Xavier e Arnaldo Rocha.



XXI

Riqueza no Céu

“Ora Jesus, vendo ali sua mãe, e que o discípulo a quem ele amava estava presente, disse a sua mãe: Mulher, eis aí o teu filho. Depois, disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. E desde aquela hora o discípulo a recebeu em sua casa”¹⁶³

¹⁶³ JESUS. In: João, 19:26-27.

Querido leitor, esse capítulo marcará nossa despedida de você, que se nos tomou um verdadeiro *amigo*, após tantas notas de aprendizados e vidas que percorremos, juntos, até aqui. Assim o encerraremos através da narrativa de um diálogo inesquecível para nosso coração aprendiz.

São dezoito horas, segundo o horário de verão. Subíamos a escadaria da União Espírita Mineira preparando-nos para mais uma noite repleta de revelações sobre a Verdade que se manifesta, em tempos de misericórdia.

É esse o tempo de oração por todos os que sofrem, sob o auspício de Maria de Nazaré.

Durante a nossa subida, degrau por degrau, sentimo-nos invadidos por cariciosa vibração a adentrar as mais recônditas esquinas do nosso psiquismo; então, perguntamos a nós mesmos, em profunda reflexão: “Quanto a fazer... Como trilhar?”.

Nesse solilóquio, foram-se apresentando, em nossa mente, cenas ordenadas do passado que nos fizeram começar a sentir o peso da responsabilidade que está entre o papel, a pena e o campo mental, instrumentos que necessitam estar afinadíssimos para que os devaneios ou a imperícia não adornem a essência da proposta que, como mero repórter, deveremos levar até ao público.

Com a sua sacolinha de livros em punho, trajando calça de linho branco, camisa de tergal quadriculada e sapato marrom, chega o *Amigo para Sempre*, Arnaldo, em seu caminhar maroto e esguio.

– Olá, meu filho! Que surpresa agradável! Abraçamo-lo com fraternidade e cheios de júbilo.

– Como será o trabalho desta noite, querido Arnaldo? – indaguei, ansioso, por mais novidades que, como sempre, auxiliam-nos a renovar conceitos e a enriquecer cada vez mais nosso mundo interior.

Num sussurro um tanto entristecido, respondeu o amigo:

– O que esperar desse pobre homem que já atinge a senectude com uma memória que anda tão desgastada?

Imediatamente sentimos que o momento estava um tanto quanto difícil para o querido amigo que, “religiosamente”, realiza sua tarefa de auxiliar a si mesmo a partir do auxílio à dor do próximo. Buscamos, então, antes de reiniciarmos nosso trabalho, dar-lhe uma nota de alegria para, só depois, retomarmos nossos assuntos de sempre:

– Arnaldo, conforme temos pesquisado, com base nos *Diálogos e Recordações* sobre as vidas do Chico, poderíamos concluir que a formação do seu psiquismo se deve às experiências bem sucedidas, várias por sinal, em outros países, culturas diversas, tudo isso associado ao patrimônio conquistado nas vitórias auferidas sobre si mesmo com o auxílio da mediunidade?

– Pelo que ele próprio nos ensinava, tenho a convicção que sim. Recordo-me dos tempos de ouro, em que a nossa amizade era temperada com ensinamentos de alto teor cultural, moral e espiritual. Nosso passatempo era nos reunirmos perto da Fazenda Modelo, onde Chico trabalhava, para essas palestras educativas. A fazenda ficava em um campo muito belo – que deleitava os olhos de todos, por tantas flores e pássaros, bem como em virtude do cântico de uma cascata ao fundo – campo este no qual sentia-se a presença insofismável dos amigos espirituais, nos diálogos do *Amigos para Sempre*: Rômulo, Clóvis Tavares, Wallace, Ênio, Dr. Camilo e o Professor Cícero. Recordo-me da sua entrada, idealizada pelo Dr. Rômulo. A chamada catedral gótica, estruturada por uma plantação de bambus formando um verdadeiro túnel esverdeado. (vide capa deste livro)

Ficávamos relembando fatos da História, pois todos nós estávamos sempre em busca do estudo da vida, enquanto Chico ficava a observar-nos, à espreita e a incentivar-nos ao encontro da Verdade, com o seu bom humor, nascido de uma fonte inesgotável de alegria. Vez por outra ele entrava em cena, dizendo: “*os Amigos Espirituais, aqui presentes, afirmam que esta nota da História está correta, ou está próxima da verdade*”; outras vezes, dizia: “*a história conhecida não é a verdadeira*”.

Alguns desses apontamentos nos deixavam com “a pulga atrás da orelha”. Ele, por exemplo, só entrava em cena depois que a discussão chegava ao final e quando era chamado a contribuir. Não éramos como mariposas atrás de revelações, pois elas vinham naturalmente, no tempo certo e depois de muitas pesquisas. No entanto, vale dizer que, por várias vezes, Chico nos concitava a consultar livros históricos ou doutrinários para resolver questões que, em verdade, sentíamos que eleja sabia. Não entro no mérito de ser ele ou os benfeitores espirituais quem resolvia as questões. O que ressaltado é a postura educativa e amorosa de uma verdadeira mãe que ficava feliz pelo desenvolvimento dos seus rebentos. Outra coisa que me deixava encabulado era a forma com que Chico se dirigia aos espíritos. Sempre dizia: “O Espírito Emmanuel, O Espírito Meimei, O Espírito Bezerra, etc”; ele não falava só “Emmanuel” ou “Meimei” ou “Bezerra”... ele tinha uma atitude de reverência incrível!

Aliás, gostaria de abrir um parêntese aqui para contar um fato: nós alugamos uma sala em Belo Horizonte para reuniões semanais de estudo doutrinário. Em cada reunião estudávamos um livro da Codificação Espírita: na primeira semana do mês o *Livro dos Espíritos*, na segunda *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, na terceira *O Céu e O Inferno* e na quarta o *Livro dos Médiuns*. Nossa *Alma Querida* brindava-nos, uma vez por mês, com sua vinda a Belo Horizonte. Não havia um coordenador fixo, fazíamos rodízio, cada semana um dirigia. Quando Chico vinha de Pedro Leopoldo, pedíamos carinhosamente que ele desenvolvesse as temáticas da noite. Jamais esquecerei Chico ensinando Evangelho, no quadro negro, nem de sua desenvoltura humilde e esclarecedora. Em determinados momentos ele silenciava para, em seguida, dizer: “*O Espírito Emmanuel, aqui presente, solicita a nossa atenção para este trecho do Evangelho, pois Jesus nos ensina a (...)*”. Chico Xavier jamais procurava os louros para si.

Mas, voltando à sua pergunta, Chico e eu tínhamos uma profunda admiração pela médium Taylor Caldwell, sobre cuja capacidade mediúnica conversávamos bastante. Hoje concluímos que, conforme já é de conhecimento do grande público, a mediunidade da companheira vinha sendo trabalhada há várias encarnações sob o guante do sofrimento, para que se tornasse sutil e maleável aos Benfeitores Espirituais em sua última romagem. Diga-se de passagem, *Alma Querida* era um apaixonado pelo livro *Médico de Homens e de Almas*, e sempre que tocávamos nesse assunto, ele assim se expressava: “*Esta é a verdadeira história de Lucas*”. Tempos mais tarde, Chico nos confidenciou que a médium foi mãe de Lucas, tendo, por isso, apresentado uma escrita com tanta riqueza nos detalhes da história do evangelista.

Outra bela obra da autora é *Um Pilar de Ferro*, narrativa que faz uma descrição magistral em torno da República Romana (citada em um capítulo anterior).

Tínhamos um amigo que também expressava valor nesse território mediúnico: era o querido Wallace Leal Valentim Rodrigues. Ele era possuidor das faculdades da psicometria e do desdobramento, o que ensinava ao médium entrar em contato com o campo mental dos Benfeitores. Possuía, também, a faculdade de acessar o passado, na qual o fator anímico requer maior cuidado, demandando recolhimento ou quase total isolamento para que não haja interferências externas na literatura em desenvolvimento. Wallace trouxe para nós uma bela obra, *Esquina de Pedra*, cuja história reporta o cristianismo nascente.

Existe, entretanto, um fato que é pouco conhecido. Em um dado momento da vida de Chico, após o término do livro *Renúncia*, Emmanuel iniciou, junto ao médium, a psicografia de um romance sobre a vida de Constança, a futura Catarina II da Rússia. Em 1952, Chico nos contou que, por circunstâncias pessoais, o trabalho teve que ser interrompido e que ele iria rasgar as 618 páginas já recebidas. Na mesma hora eu lhe retruquei: “Não faça isso, pois eu posso guardar para você”. Resposta precisa: “Só se você a colocar sob sete chaves”. Adivinhe, então, o que aconteceu, meu filho?

Como repórter, não deixamos por menos:

– As “sete chaves” não poderiam cair em nossas mãos?

Rimos juntos. Passado o instante de descontração e como Arnaldo havia citado o livro *Renúncia*, recordamo-nos do Padre aí Damiano (Emmanuel) e de Alcíone, perguntando em seguida, a fim de não perder o ensejo:

– Alcíone é uma entidade muito especial... Vocês tiveram oportunidade de falar com o Chico sobre ela?

– Como não? Chegamos a questionar o Chico.

– Ele nos informou que Emmanuel afirmou que Célia, *alma Santa pelas virtudes*, personagem principal do romance *50 Anos Depois*, retorna na figura de Alcíone para auxiliar aos corações amados, dentre eles Ciro, que no romance *Renúncia* é conhecido pelos nomes Pólux e Carlos Clanagan.

“Minhas experiências rolaram devagarinho para os arcanos do Tempo, a morte do corpo arrastou-me a novos caminhos e, no entanto, jamais pude esquecer a meiga figura de anjo, em trânsito pela Terra.

Mais tarde, pude beijar-lhe os pés e compreender-lhe a história divina”.¹⁶⁴

Porque o diálogo prosseguia célere, lançamos outra pergunta:

– Chico estava na história deste livro?

– Não, respondeu Arnaldo, incisivo, *neste período da História Chico se encontrava na corte francesa.*

Após um breve hiato, Arnaldo pareceu olhar através do tempo e pôs-se a abrir seu coração para nós, como se, subitamente, estivesse movido de “íntima compaixão” por este pobre narrador-repórter, como fez o Bom Samaritano da inesquecível parábola de Jesus.

– Meu filho, nessa época, Chico me contava muitas coisas, com extrema confiança. Coisas que não seriam ditas apenas para atender a quimeras. Certa feita, depois de animada conversa, ele confidenciou-nos que a

¹⁶⁴ EMMANUEL (Espírito). *Renúncia*, (psicografia de Francisco Cândido Xavier), pelo espírito de Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB. 30a edição. Velhas Recordações, p.8.

minha impulsividade escorregava no tempo, desde o período de Hatshepsut, cavalgando pelo Egito, até os dias atuais, conforme relatos anteriores. Nesse momento recorde-me do século XII – precisamente o personagem Pepino di Colona.

Nosso querido Clóvis Tavares cita, na página 166 do livro *Trinta Anos com Chico Xavier*, uma reunião inesquecível, realizada no inverno de 1952 em que o detalhamento dessas “vidas” foi revelado para todo o grupo dos amigos, por um Benfeitor espiritual:

“Estudávamos, numa noite de inverno, em 1952, em doce intimidade, certos aspectos pouco lembrados das leis do carma e da reencarnação. Amigos carinhosos e mais íntimos já nos haviam escrito páginas fraternais e educativas. Foi quando se apresentou, claramente visível ao nosso querido Chico, um luminoso Benfeitor Espiritual que, além de nos elucidar facetas dos problemas em foco, ilustrou suas palavras relatando episódios de uma história real dos tempos medievais de que foram participantes alguns companheiros de nosso grupo, nas primeiras décadas do século XIII, ao tempo de Francisco de Assis.

O sábio instrutor nos forneceu, resumidamente, o romance de duas famílias italianas, cujos componentes – e eram muitos – foram nomeados: Pierino di Colonna, Priscilla, Pipino, Carlotto, Lucia, Lucrezia, Fra Martino, Giovannina, Gina, Lucullo, Francesca e outros. Falou-nos o amoroso Mensageiro, ainda, que algumas personagens dessa história verdadeira mantiveram relações pessoais, nas proximidades de Mevânia, com o Pobrezinho de Assis, dele havendo recebido confortadoras bênçãos espirituais. Um parente distante da família Colonna – acrescentou – chegou a ser famoso seguidor e talvez o mais íntimo amigo de S. Francisco, o meigo Frei Leão, “pecorella di Dio”.¹⁶⁵

Arnaldo, quase sem nos dar tempo para registrar tantas informações, continuou:

– Após a narrativa, uma intuição brotou dentro de mim e a verbalizei, em alto e bom som, para que Chico expusesse mais detalhes da história: “*Emmanuel*

¹⁶⁵ TAVARES, Clóvis. *Trinta Anos com Chico Xavier*. São Paulo: IDE. 5a edição, p.166 a 167.

*estava presente nessa época de Giovanni di Pietrâ di Bernardone?”¹⁶⁶ Porém, antes que ele pudesse responder, confesso que fiquei meio envergonhado pela curiosidade; mas, ao mesmo tempo, senti uma compulsão pela verdade dos fatos que não trazia qualquer tipo de mácula. A resposta veio adornada por uma vibração inesquecível e acompanhada pelas lágrimas de ternura saudosa da *Alma Querida*: “*Sim, Arnaldo! Não só Emmanuel, mas uma boa parcela dos Amigos para Sempre, estava bem próxima de Francisco de Assis. Fizemos uma inesquecível amizade. Este querido Benfeitor nos informa, ainda, que fazíamos parte da família di Colonna: Pierino di Colonna, que era nosso querido Clóvis Tavares; o casal Pepino e Lucrezja, que eram, respectivamente, você e eu,¹⁶⁷ e, por fim, Francesca, nossa querida Meimei, seguidora de Clara. No caso de Emmanuel, ele era um cardeal de muita influência junto ao papa*”.*

Clóvis e eu ainda conversamos com Chico sobre a comunidade franciscana. Lembramos por exemplo do Frei Leão, amigo muito próximo de Francisco de Assis, do qual sempre fomos grandes admiradores. Chico nos disse que ele foi um seguidor de Jesus. Em seguida, levantei a hipótese do apóstolo de Sacramento, Eurípedes Barsanulfo, ter sido um dos franciscanos. Depois do pequeno silêncio já conhecido por nós, Chico volta-se para nós e arremata: “o Espírito Emmanuel, aqui presente, confirma a afirmativa de Naldinho”.

Nesse momento da narrativa, sentimo-nos presos à cadeira, e Arnaldo também parecia estar genuflexo perante do painel recordativo que se descerrava para nós. Todavia, não tardou para que nosso Amigo para Sempre prosseguisse com a história de sua conversa com o médium amigo:

– Solicitamos, então, a Chico, se seria possível discorrer mais sobre a personalidade do cardeal João de São Paulo (Emmanuel), ao que ele respondeu: “*Era um cardeal ligado ao Papa Inocência III*. Este cardeal auxiliou no processo da recepção de Francisco de Assis

¹⁶⁶ Arnaldo se refere a Francisco de Assis.

¹⁶⁷ Os personagens Pepino di Colonna e Lucrezja eram Arnaldo e Chico Xavier.

no Vaticano. Teve, ainda, o privilégio de ter-lhe feito a ‘tonsura’, cerimônia religiosa em que o prelado, conferindo ao religioso o primeiro grau de clericalato, corta, circularmente, o cabelo na parte mais alta da cabeça.

Novamente nossa memória nos beneficiou com a bela narrativa do escritor Ignacio Larrañaga, acerca do diálogo entre Francisco e o cardeal citado que redundou em sua sensibilização quanto à proposta do novo discípulo do Cristo. Reproduzi-lo-emos, em seguida, para o deleite do amigo leitor.

“Em seu foro íntimo, o cardeal estava cem por cento de acordo com os ideais de Francisco. Mas, conhecendo os bastidores da cúria romana, tinha medo de que o pedido de Francisco fosse negado, e queria preparar-lhe o ânimo para lhe evitar uma profunda frustração. Seria terrível, pensava, que também este novo profeta partisse para a contestação.

– Além disso, continuou o cardeal, já sabes o que se passa, e isso é história humana em todos os níveis, e não só nos palácios e cúrias. Para começar uma empresa grande e original ou para aprová-la, como é o caso, há sempre mais razões para deixar de fazer do que para fazer. Temos medo do incerto e do desconhecido. Preferimos a segurança do conhecido a incerteza do desconhecido. Queremos evitar o fracasso a todo custo.

Por tudo isso, eu te proponho uma solução: Por que não vos incorporais numa Ordem religiosa austera, que tenha as características da vida que desejais viver? Que te parece, meu filho?

Houve um silêncio prolongado, mas não angustioso. O pobre de Deus olhava para o chão. Não era a primeira vez que lhe faziam essa proposta, nem seria a última. Deixou passar um momento e repetiu com voz apagada e grande naturalidade: E temerário demais.

– Nós não temos, nada, começou a falar calmamente. Não temos estudos nem preparação intelectual. Não temos, casas, nem propriedades. Não temos influências políticas. Não temos base para sermos recomendados. Não podemos impressionar porque não oferecemos utilidades apostólicas palpáveis nem eficácias sonoras. Parecemos uma estranha Ordem da Santa Ignorância ou da Santa Impotência...

A intensidade de sua voz foi crescer aceleradamente. Não podemos oferecer Igreja, universidades para formar combatentes para a defesa da verdade. (...)

Nisso, chegando ao clímax mais agudo, o Pobre Deus ficou em pé, levantou os braços e a voz, e ajuntou: Justamente por isso, porque somos impotentes e fracos como o Crucificado, porque chegamos ao paralelo total inutilidade e da inservibilidade como Cristo na Cruz, por isto o Onipotente vai revestir de onipotência a nossa impotência.

Da nossa inutilidade o Todo-Poderoso vai arrancar energias imortais de redenção; e por meio de nós, indignos inúteis, ignorantes e pecadores, vai ficar bem claro diante de todo o mundo que o que salva não é a ciência, o poder ou a organização, mas só Deus é Salvador. Vai ser a vitória nosso Deus e não da diplomacia.

O cardeal levantou-se sem dizer nada e retirou-se para que Francisco não visse as lágrimas em seus olhos. De regiões olvidadas renasciam-lhe antigos ideais adormecidos havia muito tempo.

Entrou outra vez no escritório e disse: ‘Francisco de Assis vai para a capela e reza!’ Enquanto isso ele pegou o carro cardinalício e foi rapidamente para o palácio de Latrão.

Pediu audiência papal em caráter urgente. Santo Padre, disse-lhe o cardeal, Deus é testemunha de quão sinceramente lutamos todos estes anos pela santidade da Igreja. Estávamos esperando um enviado do Senhor para restaurar ruínas e ressuscitar mortos. O esperado chegou, Santo Padre. Bendito seja Deus! Observei sua vida e perscrutei sua alma. E um homem forjado na montanha das bem-aventuranças e suas cordas vibram em uníssono com as de Cristo.”¹⁶⁸

Ofereceremos ao leitor, ainda, o final do discurso do cardeal perante a sessão papal que decretou a abertura das portas tradicionais para a luz de um novo tempo na terra dos corações.

¹⁶⁸ LARRAÑAGA, Inácio. *O Irmão de Assis*. Edições Paulinas; 14ª Edição.

“Então, levantou-se a figura venerável do cardeal São Paulo e disse: Irmãos do Sagrado Colégio Cardinálicio, gosto de ver que julgais friamente. Acho que é nosso dever cortar as fantasias artificiais. Só que... (e fez uma breve pausa) temos que ser conseqüentes e tomar cuidado para não cortar o laço da coerência. Se Vossas Eminências opinam que não se deve aprovar esta forma de vida por ser impossível de praticar, eu pergunto: – Que está pedindo esse Pobrezinho de Deus a não ser cumprir ao pé da letra e integralmente o Evangelho do Senhor Jesus?”

Se esse programa for impraticável, continuou, então sejamos conseqüentes! O próprio Evangelho é também uma utopia, e seu autor um outro fantasista. Mas, se o Evangelho é impossível, que sentido tem a Igreja? Que significa e para que serve o colégio cardinálicio e o próprio papa? Que estamos fazendo aqui? Tiremos a conclusão: todos nós somos uns impostores.

Um raio não teria causado maior efeito. Os cardeais ficaram em silêncio, olhando para o chão. Era óbvio. Daí para frente, quem levantasse a voz para impugnar aquela Regra, seria um embusteiro. Nem o dialético mais audaz podia agarrar nas mãos aquela brasa ardente. O próprio debate estava encerrado.”¹⁶⁹

Retornando à conversa, ao mesmo tempo reveladora e consoladora, Arnaldo, sorrindo do seu jeito peculiar, prosseguiu sua narrativa daquela inesquecível conversa com nosso querido médium. Disse Arnaldo:

– Eu fiquei tão impressionado com a revelação da *Alma Querida* que fui logo exclamando: “Chico, que magnífica oportunidade! Estávamos reencarnados em uma época tão conturbada ao lado de um Espírito Superior!”. Aí, o Chico, com aquela calma só dele, disse: “*Tranqüilize-se, Arnaldo, pois esses ensinamentos ficaram guardados sob os escombros do tempo. Tínhamos uma relação bem próxima com o ‘discípulo amado’ (fazendo alusão à reencarnação do apóstolo João Evangelista na personalidade de Francisco de Assis), relação esta que nos foi oferecida pelo Alto, com o fim de inocular em nossas almas a semente da genuína Caridade que, desde então, passou a ser nossa meta concreta de vida, definindo, nos milênios*

¹⁶⁹ Idem. p.164.

que nos esperam, os sacrifícios necessários para jamais esquecermos de Cristo Jesus”.

Nesse instante, Arnaldo se levantou da cadeira, deu um suspiro aliviado, um sorriso engraçado, pegou o copo d'água que esperava sobre a mesa e perguntou-nos: “Está assustado, frustrado ou feliz?”. E, antes que tentássemos responder alguma coisa, continuou seu relato:

– Quando o assunto è Francisco de Assis, nossos corações entram em júbilo! O Verdadeiro Apóstolo de Jesus! Foi por isso que o próprio Mestre, quando encarnado na Terra, atribuiu-lhe o título de “discípulo amado”. Sua presença na Idade Média foi de importância imensurável aos olhos dos homens, pois ela se revestiu de simplicidade e amor, concitando-nos, a todos, a reviver o Cristianismo em sua genuína feição.

Mas não podemos esquecer um vulto que passou despercebido pelo grande público: Dona Maria Picalli a querida mãe do prelado de Assis. Encontramos poucos registros sobre sua personalidade, mas há quase unanimidade sobre um ponto: o seu bondoso coração. Era casada com Pedro Bernardone, o mais rico comerciante de Assis, na Itália. Pedro era homem acostumado a impor suas idéias, de espírito aventureiro e nômade. Para se defender de salteadores, resolveu, durante uma viagem, atravessar os Alpes rumo à França, onde possivelmente conheceu a futura esposa, Sra. Pica.

Após o casamento partiu para França em busca de mercadorias, época em que nasceu o seu filho. Conta a História que, quando começaram a surgir complicações no trabalho de parto, um peregrino apareceu e incitou as pessoas que a acompanhavam naquele momento a levarem-na até a estrebaria, a fim de que a criança pudesse nascer sob o amparo de Jesus. E assim aconteceu.

Sem suspeitar da chegada de Pedro, Pica batizou a criança com o nome de João, em homenagem a João Batista, fato que causou muito assombro a seu marido. Logo ele promoveu a mudança para Giovanni Francesco di Bernardone; Francesco pelo entusiasmo com os negócios feitos em França e Bernardone por ser o sobrenome de seu avô.

Arnaldo dá uma pausa na narrativa, bebe mais um pouco de água, olhando para um vazio no tempo. Procuramos, nesse momento, compreender as cenas que passavam em sua retina espiritual.

Em seguida, ficamos extasiados ao nos lembrarmos de um texto lido na noite anterior sobre Dona Pica. É uma linda narrativa do Padre Inácio Larrañaga a respeito da subestimada e quase oculta “Dona Pica”, agora revelada como sendo uma alma tão elevada. O relato deste eclesiástico, certamente inspirado pelas potestades espirituais, aqui transcrito, descreve, de forma emocionante, um momento crucial da vida do inesquecível Francisco de Assis, quando ele se encontrava aprisionado pelo próprio pai no porão de sua casa, em razão do seu comportamento “exótico” e voltado para os pobres e necessitados. Sinta-se à vontade para se emocionar, leitor amigo, caso queira.

“A Mulher de Sua Vida

A silhueta de dona Pica, feita de doçura e de fortaleza, desvanece no fundo do silêncio. Passa fugazmente como um meteoro pelas páginas dos velhos cronistas. Aparece, resplandece e desaparece. E daquele tipo de mulheres capazes de sustentar o mundo em suas mãos, mas sabe fazê-lo sem dramas, na simplicidade e no silêncio.

Por um paradoxo da história, embora as fontes nos transmitam apenas fugazes vestígios de sua figura, estamos em condição de apresentar, por via dedutiva, a radiografia completa de dona Pica. O método vai ser indireto: entrar na alma de Francisco e colher em seu inconsciente, traço por traço, a efígie cativante da mulher a quem tanto deve o franciscanismo.

(...) Havia uma afinidade profunda entre mãe e filho e circulava entre eles uma corrente cálida de simpatia e de comunicação. Há filhos que não parecem fruto de suas mães. Mas às vezes são tão parecidos que não há entre eles nenhuma outra separação senão uma sutil membrana de cristal: reflexos, impulsos, reações, ideais, são idênticos em tudo.

(...) De qualquer maneira, ela transmitiu ao filho tudo que havia de grande em seu coração de mulher, não só pelas vias biológicas, mas também por palavras e por atitudes de vida. Se não empurrou o filho expressamente pelos caminhos de Deus, pelo menos o animou e estimulou. A mãe de Francisco também é mãe do franciscanismo.

A Última Bênção de Mãe

É difícil imaginar uma situação humana tão desconfortável como a do filho e a de sua mãe nesse momento. Os dois estavam entre a espada e a parede.

Por um lado, dona Pica estava de acordo com Francisco, em sua intuição feminina e com sua maneira de mãe nobre, simpatizava, no fundo, com a posição do rapaz e até se sentia feliz, porque o filho tinha consagrado a vida a Deus e aos pobres.

Mas não podia aprovar a maneira como seu filho estava levando adiante essa consagração, abandonando a casa e vivendo como um esfarrapado. Por outro lado, como esposa fiel, dona Pica estava ao lado do marido, e sofria infinitamente pela amargura de Pedro, desejando com ardor uma reconciliação efetiva e afetiva entre pai e filho.

Recorrendo a meios de persuasão mais sensíveis, fazia ver a Francisco que algumas coisas não estavam bem. Com lágrimas nos olhos, suplicava-lhe que voltasse para casa e acedesse pelo menos em alguns pontos aos desejos de seu pai.

Se a mãe se sentia mal, pior o filho. Para um filho tão sensível como Francisco, deve ter sido terrível encontrar-se entre as lágrimas de uma mãe tão amorosa e tão querida, de um lado, e do outro urgido pela vontade peremptória de Deus seu Senhor. Para o Irmão, foram dias angustiosos.

É o drama de todo profeta: homens de emotividade forte arrepelados pela voz de Deus, vêem-se obrigados a soltar fortes ataduras, como se o predestinado, colocado na cruz, fosse estirado por dois pólos contrários. A quem obedecer?

Que terá acontecido no porão daquela casa entre mãe e filho? Partindo do desenlace, podemos imaginar a cena. A mãe suplicava com carinho. O filho recusava com carinho. A mãe insistia com lágrimas. O filho resistia com os olhos brilhando. A mãe começou a perder a força das palavras. O filho, sempre com doçura, foi crescendo na

inspiração. Foi um combate único na história humana.

Pouco a pouco, a senhora foi ficando indefesa e sem palavras. Suas lâmpadas foram se apagando e soltou ao ar todas as suas grinaldas. Dona Pica calou-se e passou de contendora, a ouvinte, de mãe a discípula. A nobre mãe começou a ser um pouco “filha” de seu filho. Começou a nascer no berço dos ideais de Francisco, a esquentar-se ao sol de seu filho.

Quando Francisco falava de Jesus, suas palavras pareciam melodias imortais ou cantigas de ninar, e a mãe foi caindo e rolando pelos abismos de um sono sem sonhos, de onde renasceram seus antigos ideais, nunca esclarecidos e nunca realizados, de entregar-se por completo a um Amor imortal. Francisco tinha razão.

Ela sabia muito bem o que dão e o que não dão o amor e a maternidade, sabia que a primavera dá beijos e o outono, despedidas. Francisco tinha razão. Abrir de par em par as portas, deixar Jesus entrar, perder-se em Deus, encher o coração com a beleza divina, não deixar nada para a morte devoradora, na nudez completa e na solidão completa ser livres, não ter nada para dar tudo, cantar a última canção e morrer à brisa do crepúsculo, morrer de uma morte que não é desfazer-se, mas completar-se. Francisco tinha razão. Voltar pelo atalho vespertino e repartir amor entre todos os esfomeados, caminhar com Jesus através de mundo e de milênios, como o mistério infinito gravado na fronte e distribuindo a paz na voz, nos olhos, nascer outra vez com Jesus, voltar. Francisco tinha razão...

Na manhã seguinte, a nobre mãe procurou por toda a casa as ferramentas adequadas e desceu as escadas do porão. Sem dizer uma palavra, abriu o cadeado do calabouço; depois quebrou o cepo que prendia os pés de Francisco e soltou as algemas de suas mãos.

Ela sabia muito bem que estava atraindo sobre sua cabeça as iras do iracundo mercador, mas também já não se importava com mais nada. Também ela estava contagiada pela gloriosa liberdade de Francisco.

Quando se viu livre, sem dizer nada e profundamente emocionado, o rapaz ajoelhou-se aos pés da mãe como quem quer receber uma bênção. Dona Pica lhe disse: Pássaro de Deus, voa pelo mundo e canta.

Depois colocou as mãos sobre a cabeça do filho e acrescentou: Filho de minha alma, que as asas de Deus te cubram e te protejam como estas mãos. Leva o meu sangue e a minha sombra até o fim do mundo. Abre e percorre os caminhos que eu não posso percorrer. Coloca as minhas lâmpadas nas noites e os meus mananciais nos desertos. Recolhe as dores do mundo e esparge a esperança em toda parte. Que tua morte seja uma festa e tua vida um parto. Que te acalantem os ventos e te dêem sombra as montanhas. Cobre a terra de piedade e transforma as urnas em berços. Eu te amo, sangue de meu sangue e filho de meu espírito. Quando tua carne nua e transitória receber o beijo da irmã não amada, eu estarei te esperando, em pé, embaixo do grande arco da Aurora para sempre.

Dizendo isso, ela ergueu Francisco. Abraçaram-se prolongadamente sem dizer nada. Subiram em silêncio as escadas do porão. Francisco olhou longamente o estabelecimento comercial como quem olha pela última vez. A mãe acompanhou-o até a porta e o Irmão saiu caminhando devagar. Nunca mais pisaria aquela soleira. Dona Pica acompanhou-o com o olhar até que ele desapareceu numa curva da rua. Tê-lo-ia seguido com prazer até a morte. O Irmão chegou à sua casa de São Damião.”¹⁷⁰

– Meu filho – retomou o narrador dos *Diálogos e das Recordações* –, temos muito o que aprender com as mulheres. Elas se apagam constantemente para que os seus filhos nasçam, cresçam e frutifiquem na vida. Veja que maravilhoso exemplo dessa extraordinária mulher. Apagou-se, para que o “Irmão Sol”, em perfeito consórcio com a “Irmã Lua”, entoasse o hino da paz, do perdão e da morte renascente, proporcionando lágrimas de redenção e vida perene. Lembremo-nos também:

de Lívia, do livro *Há 2000 Anos...*, calando os seus sonhos, para que a alma de sua alma pudesse hoje nos ensinar o Espiritismo Evangélico;

de Célia, a Alcione, santificando a renúncia para soeguer as almas caídas;

¹⁷⁰ Ibidem.

de Abigail, esperando com amor o despertar de Paulo de Tarso;
de Joanna de Cusa, apascentando os corações pela compreensão dos ensinamentos do Senhor;

de Maria de Magdala, domando os próprios impulsos, pela fé na Boa Nova, irradiada pelo Amor do Pastor da Vida;

de nossa *Alma Querida*, Chico Xavier, que apagou-se no retrato íntimo de mulher, para que a Luz dos Espíritos brilhasse em nossas almas de filhos do calvário;

e da maior de todas as damas, Maria de Nazaré, que o próprio título dado pelos filhos do calvário, sensibiliza o desabrochar dos nossos mais puros pensamentos e sentimentos: A Rosa Mística, A Nossa Mãe Santíssima.

Nessa hora, percebemos, mais uma vez, nos olhos vivazes de Arnaldo Rocha, lágrimas a gotejarem qual orvalho que desliza suavemente de singela pétala. Ele, então, finalizou.

– Sinto que o tempo vem nos oferecendo tantas lições que devemos, meu jovem amigo, abraçar as oportunidades. Caminhar pelo sendal da vida, aprendendo e ensinando novas lições, são notas conhecidas, mas o desafio maior é o de silenciar a própria voz, para que a Doce Voz do Pastor encontre ressonância, ecoe nos domínios dos corações e a paz se faça soberana no Amor de Cristo.

Foi a nossa vez de soltar um profundo suspiro; buscamos Arnaldo com um olhar, até então, inédito em nossa relação: um olhar de filho, não mais o de um simples repórter.

Durante nossa despedida, nosso coração ficou do tamanho da pétala da menor de todas as rosas.

Sentimos, por fim, que o nosso trabalho estava se encerrando.

Refletindo nos fatos que marcam a vida a projetar-se para a imortalidade gloriosa, registramos em nossos pobres olhos de repórter, aquele amigo – que conquistou para sempre o nosso coração – descendo as escadarias da União Espírita Mineira.

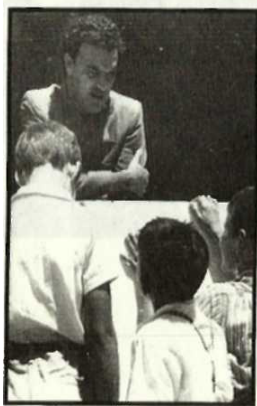
As lágrimas se tornaram incontidas. Então, em nossa tela mental apresentou-se a necessidade de rebobinar o filme e arquivá-lo na cinemateca da nossa existência.

Surgiu em seguida uma intuição: “o trabalho só começou, pois a partir de agora devemos trabalhar assiduamente, para que as cenas sejam projetadas nos corações dos amigos que sempre amaram e continuam a amar o nosso querido Chico Xavier”.

Resolvemos, então, guardar as lágrimas, como ele o fez em mais de quatrocentas obras, e lutar para que este “filho”, que ora pode ser lido, fosse entregue de papel passado, nas mãos e nos corações de todos os *Amigos para Sempre*.



FIM



*Obrigado, “Alma Querida”!
Este preito de amor e gratidão
é por você,
e para você,
agora e sempre.*

